

2024

REFLEXÕES

Livro XXXVIII

LUIZ BANCI

Diário da Amazônia

Roger Casement



A Viagem do Putumayo

A formação do país – até as encostas andinas – não deixa nada à imaginação. O olhar cai sobre fileiras intermináveis de árvores que emparedam um vasto fluxo de águas descoloridas e, por trás das árvores, não se escondem regiões do desconhecido – no sentido humano – nem tribos estranhas ainda não descobertas, nem a sensação de mistério, nem memoriais lendários de um período passado de habitação humana. O índio desapareceu sem deixar traços. Pelo menos é assim no Brasil – no Peru e na Bolívia ainda é diferente.

Mesmo o mais atrasado dos povoados brasileiros, a 3.200 quilômetros de distância do Pará, tem sua imitação barata da vida de cidade na foz do Amazonas: bares, bilhares e cafés, colarinhos brancos e até chapéus vindos de Paris, enquanto o povo – os que na África poderiam, de fato, ser chamados de “nativos” – é ali representado, em proporções diversas de mistura de sangue importado com o tronco aborígene, por canoeiros, lenhadores, extratores de borracha e outros ainda mais indolentes que, vestidos de calças e camisa, esperam as notícias políticas da capital, juntamente com os jornais provincianos do Pará e de Manaus, discutem o último escândalo social ou pecadilho moral dos amigos, servem como jurados, celebram “festas” e votam para deputado e senador.

Todos são igualmente cidadãos de uma grande federação democrática baseada mais no princípio francês (“Liberdade, Fraternidade, Igualdade”) do que na definição americana de democracia (“com exclusão dos negros”). No Brasil, a cor da pele chega a ter valor de casta – o sangue índio é valorizado, e com muita

REFLEXÕES XXXVIII

razão, creio eu. [...]

8 de agosto de 1910

Meu caro Bulmer¹,

Aqui estou eu de volta ao Pará! [...] Estou a caminho do Peru, Amazonas acima – uns 4.800 quilômetros de distância pelo rio! Estarei no meio da floresta durante quatro meses a fio, talvez por seis meses – e não creio que receberei cartas por muitos meses, pois estarei longe de postos e da civilização o tempo todo. [...]

1. John Bulmer Hobson (1833-1969) era um dos líderes nacionalistas da Revolta da Páscoa de 1916 e membro das organizações revolucionárias Irish Volunteers (Voluntários Irlandeses) e Irish Republican Brotherhood (Irmandade Republicana Irlandesa).

11 de agosto de 1910 – Pará

Caro Spicer,

[...] O Pará continua o mesmo – os jornais daqui, por falar nisso, receberam um telegrama de Londres dizendo que “a imprensa daquela capital aplaudiu o ato do governo de mandar o cônsul britânico no Rio de Janeiro” nessa viagem a Putumayo – assim, presumo que algo deva ter sido mencionado no parlamento.

Os mesmos jornais brasileiros traziam uma notícia interessante que tem a ver, até certo ponto, com toda essa questão. Um telegrama do Rio afirmava que o governo havia escolhido o tenente-coronel Rondon para chefe do Serviço de Proteção aos Índios da Floresta. Isso diz respeito às tribos brasileiras – e creio que Rondon é homem muito capaz. É bom ver que uma dessas repúblicas começa a perceber seus deveres e responsabilidades para com as tribos indígenas [...]. Meus olhos estão enfraquecendo e me incomodando um pouco.

A bordo do SS Hilary no rio Amazonas

14 de agosto de 1910

Caro Tyrrell, [...] Estou a caminho de Manaus, onde esperamos

REFLEXÕES XXXVIII

chegar no dia 16.

Depois disso não há nada certo quanto ao modo e aos meios de ir adiante. A comissão da *Peruvian Amazon Company* espera que haja um barco da Companhia para transportá-la por mais 1.900 quilômetros até Iquitos – de onde prosseguirão até Putumayo em outro barco da Companhia. Posso ir junto, como “convidado pagante” –, mas a perspectiva não me agrada. Eu, Bertie e os outros homens da comissão somos bons amigos. Ao mesmo tempo em que trabalho com eles tanto quanto possível, espero conseguir melhores resultados permanecendo tão imparcial quanto puder.

Illustrated London News, 20 jul. 1912

[...] O clima é pavoroso – e a comida, quando deixarmos este vapor-correio, ainda pior. Meus olhos estão muito ruins – é por isso que escrevo a lápis. Já mostravam sinais de fraqueza pouco antes de eu vir, mas tinham melhorado quando fiquei em casa. Ao chegar ao Pará, os sintomas voltaram e o médico a bordo disse que posso vir a desenvolver oftalmia crônica. O pior é que não há médicos aonde vamos e não é nada animador pensar em um colapso completo da vista nos ermos da floresta amazônica.

[...] Acho pouco provável que eu continue com a Comissão durante toda a visita. Muito do seu trabalho tem a ver unicamente com o lado econômico e financeiro das “propriedades” da Companhia e com a busca de novos campos de lucro – e falam de ficar por aqui até o próximo mês de março. Acho bastante provável que eu volte muito antes disso. Mas tudo depende, é claro, do que eu vier a encontrar e de quanto me sentir capaz de melhorar as coisas.

Pelo que pude concluir pessoalmente, não há dúvidas de que os informes de Hardenburg e Whiffen não mentem; no geral, são verdadeiros. Tudo o que se pode esperar é que tais coisas monstruosas não estejam mais ocorrendo, e que seja possível tomar medidas para assegurar que não voltem a acontecer; mas aí é que está a dificuldade. Bastará encontrar as coisas mais ou menos toleráveis e até mesmo razoáveis durante o período de nossa estada no Putumayo.

REFLEXÕES XXXVIII

Mas salvaguardar o futuro, quando não houver praticamente nenhum tipo de administração a não ser o da própria Companhia e de seus agentes mestiços – sem o menor senso de justiça quando se trata de lidar com as pobres e dóceis tribos de índios da floresta – é outra coisa muito diferente. No que diz respeito à Comissão e seus membros, tenho plena confiança neles.

16 de agosto de 1910

A Bordo do SS Hilary em Manaus

Sir,

Tenho a honra de relatar que o coronel Bertie, chefe da Comissão designada pela Peruvian Amazon Company, me informa que está de volta à Europa partindo deste porto no SS Hilary e passará a chefia da Comissão para o senhor Barnes.

A decisão do coronel Bertie deve-se às recomendações do doutor J. V. Watson, médico a bordo, que considera que no seu estado de saúde não se justifica prosseguir para o interior, pois está sujeito às intempéries e dificuldades de uma viagem dessa extensão nesta parte do mundo.

Comissão de Inquérito Da esquerda para a direita: Tizón, E. S. Bell, H. L. Gielgud, W. Fox, L. H. Barnes (os quatro últimos fazem parte da Comissão) e sir Roger Casement.



Notas de Conversa com o Senhor Víctor Israel, Comerciante de Iquitos, a Bordo do SS Huayna, Ancorado na Foz do Javari, na Noite de 24 de agosto de 1910 – Rumo a Iquitos

24 de agosto de 1910

O senhor Israel é um judeu maltês – cidadão britânico – de mais ou menos 31 anos de idade. Veio para Iquitos há onze anos como mascate, mas desde então se aventurou em empreendimentos maiores. O senhor Israel veio comigo a bordo do Hilary – provavelmente o melhor exemplo de peruano que tínhamos a bordo. Estivera em Londres tentando colocar no mercado um negócio de

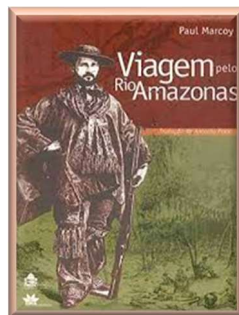
REFLEXÕES XXXVIII

borracha. Ele “tem um rio” perto de Iquitos, uma concessão do governo peruano onde tem cem trabalhadores livres, segundo afirma –, mas “nenhum índio”. Conversava frequentemente com o coronel Bertie e todos os membros da Comissão Amazônica e, entre todos os passageiros a bordo do Hilary, era provavelmente o que víamos com mais frequência. Sentávamos à mesma mesa no Hilary, e a bordo do Huayna descobri que o cabineiro havia me colocado em uma mesa ao lado dele.

Tinha ideia do que havíamos vindo fazer na região e, de vez em quando, fazia comentários, geralmente favoráveis, sobre as coisas em Iquitos. Entretanto, às vezes, criticava os métodos peruanos, do mesmo modo como no Brasil se ouvem estrangeiros criticar os métodos do país. Suas críticas, porém, partiam sempre do ponto de vista do interesse pessoal de um comerciante – nunca de uma perspectiva que se pudesse dizer humanitária ou altruísta. O que é perfeitamente natural. Ele veio para cá para ganhar dinheiro no comércio, ou o que se chama de comércio nessas regiões, e se preocupa apenas com esse aspecto da vida.

Desde que saímos de Manaus, e enquanto navegávamos lentamente pela vastidão deserta do Solimões, conversamos muito sobre “comércio” e a colonização da Amazônia. Ele é o único passageiro do Huayna que fala bem inglês e com quem tenho algo em comum. Expresso surpresa diante da ausência de qualquer sinal de vida humana nesse imenso jardim tropical, e às vezes me indago em voz alta para onde teriam ido os antigos índios que habitavam a região – embora eu conheça bem a resposta. Emprestei-lhe Bates e Wallace e agora ele está lendo *Viagem pelo Amazonas em 1851*, do tenente Herndon, que trata de uma região que ele conhece melhor. Ontem à noite depois do jantar, veio conversar comigo na porta da cabine e falou durante muito tempo sobre o problema dos trabalhadores.

Já havia tocado no assunto várias vezes, mas nunca de maneira tão completa como na noite passada, e suas observações mostram bem claramente o que a Comissão da Peruvian



REFLEXÕES XXXVIII

Amazon Company tem de enfrentar. Vou anotar tudo enquanto está fresco na memória. Ele lamentou a impossibilidade de encontrar ou trazer trabalhadores, coisa que no Brasil, como já mencionei, deve-se principalmente à política fiscal do governo, que torna as necessidades básicas da vida um verdadeiro luxo. Segundo ele, isso não se aplica ao Peru, cujos custos são muito mais baixos do que no Brasil. Assim, em Iquitos, embora a 3.500 quilômetros Amazonas acima, com uma taxa de transporte altíssima, os alimentos custam muito menos do que na costa marítima do Brasil. Ele citou, entre outras mercadorias, arroz e batatas vendidos a preço razoável em Iquitos.

Aponte que, a meu ver, a maior barreira à introdução de mão de obra estrangeira barata na Amazônia, maior mesmo que as taxas ou o preço elevado dos fretes, seria a oposição das pessoas do local que já tinham estabelecido, há muito tempo, um sistema de exploração da zona da borracha, que seria ameaçado pela mão de obra estrangeira barata – e, mesmo que o governo brasileiro pudesse ser convencido a permitir a importação de alimentos baratos, etc., etc. para fazer frente a esse novo método de desenvolvimento, a oposição local no Peru e em Manaus derrubaria inevitavelmente qualquer método em desacordo com o uso e a tradição locais. Ele concordou e começou a falar sobre a abundância da “mão de obra indígena” nos rios peruanos.

Tribos selvagens, ainda não subjugadas, que obstruíam a civilização e o desenvolvimento, podiam ser encontradas perto de Iquitos. Havia ainda “inumeráveis tribos selvagens” ao longo dos vários afluentes do Amazonas, tais como o Caquetá, o Napo, o Ucayali e o Putumayo – e aí começou imediatamente a explicar as possibilidades de explorá-las, e deu como exemplo o caso de Julio Arana como um dos resultados de maior sucesso.

Essas tribos em estado primitivo não eram úteis para ninguém – não serviam para o homem branco e, antes de ser possível retirar qualquer coisa de seus rios, tinham de ser conquistadas e postas para trabalhar. Era preciso dinheiro para garantir as exportações necessárias a fim de atingir os objetivos.

REFLEXÕES XXXVIII

O governo peruano daria uma concessão da região conquistada e encorajaria sua ocupação. Era o único método para subjugar a *Montaña* – a grande região de floresta, cruzada por muitos rios que se estendem das florestas dos Andes até a fronteira do Brasil – toda essa região tem borracha, mas não tem mão de obra, a não ser as tribos indígenas, e a única maneira de começar a exploração é forçar os índios a trabalhar.

[...] “De modo que o seu sistema de conquistar os índios selvagens”, retruquei, “em vez de resolver o problema da mão de obra, acaba por aumentar o despovoamento e deixar vocês à mercê dos mestiços, que custam mais caro”.

O senhor Israel continuou a explicar que o indivíduo bem-sucedido que tivesse a sorte de dispor dos meios para conquistar uma determinada região tornava-se rico e era isso que todo homem queria – ficar rico.

Pedi detalhes de como se efetivava a “conquista”. Era claro que os índios não abandonavam voluntariamente a liberdade na floresta para viverem alegres extraindo borracha para os cavalheiros que haviam penetrado nas profundezas de sua floresta virgem. Como se estabeleciam as preliminares desse “comércio” ou arranjo de mão de obra?

“Ah! É claro que há luta”, disse. “Eles resistem, matam grupos, queimam casas – mas no fim acabam se submetendo.”

“E o governo peruano aprova?”, perguntei.

“É claro que aprova – é a única maneira de civilizar essas tribos. Como é que você faria isso?”

Expliquei que, nas relações entre súditos britânicos e povos não civilizados, nosso governo não admitia guerras particulares com fins individuais – e que em nossas colônias da África, por exemplo, os direitos tribais dos nativos e os direitos à terra eram reconhecidos pelo governo e os colonizadores brancos não podiam tomar terras dos nativos – nem o próprio governo; e citei o exemplo do sudeste da Nigéria, onde, quando eu era representante oficial, nosso governo comprou dos chefes nativos o terreno para construir a Casa

REFLEXÕES XXXVIII

do Governo em Old Calabar.

Isso nos levou a uma discussão um tanto longa a respeito dos métodos da colonização britânica e das garantias legais que já tinham sido e que ainda estavam sendo criadas por nosso governo colonial para proteger os nativos e, acima de tudo, os seus direitos sobre sua terra. Salientei que esses direitos formavam a base de todo o progresso econômico. Independentemente de ser o caso da África, da Europa ou da América; até que um povo tivesse criado raízes no solo e tivesse aprendido que lavrar a terra era uma marca de todo o desenvolvimento social e econômico, “enriquecer” rapidamente e explorar os recursos naturais, como esses do vale do Amazonas sobre os quais estávamos discutindo, significava trabalhar na direção contrária. O “filibusterismo”¹ vegetal jamais poderia tomar o lugar da agricultura.

[...] Ainda assim, evitei apontar que a terrível história de invasão, roubo e escravidão (tive o cuidado de não chamá-la assim) não iria resolver nada.

Ficou claro que o senhor Israel enxergava a questão toda apenas à luz do interesse próprio e que ele mal podia conceber qualquer outro ponto de vista.

Logo depois nossa conversa veio a um fim abrupto quando, para sustentar seu argumento, ele me perguntou: “O que você faria, suponhamos que o governo lhe oferecesse uma grande extensão de terras de florestas neste local, habitado por índios selvagens, e você não pudesse fazer nada com ela ou com eles até que tivessem sido conquistados? O que você faria?”

Perguntei-lhe se queria que eu realmente lhe desse uma resposta pessoal. Ele disse que o que queria saber era: “Como eu lidaria com esse presente?”

Respondi que, se eu fosse um peruano, provavelmente agiria da mesma forma que os demais peruanos, mas como não era um sul-

¹ **Filibusterismo**: obstrucionismo: método de retardo ou impedimento de um Congresso, para bloquear a aprovação de uma lei ou um ato particular.

REFLEXÕES XXXVIII

americano, e sim alguém criado em outra escola de pensamento e de acordo com uma regra de conduta oficial entre governantes brancos e povos subjugados, só havia uma forma de responder à pergunta.

“De que forma?”

“Eu não só não poderia, mas jamais aceitaria qualquer território como presente mediante tais condições”.

“Ah”, disse ele com veemência, “então não há mais o que discutir sobre a questão. Não há possibilidade de acordo; os nossos pontos de vista são muito divergentes.”

“Penso que sim”, eu disse. “Enxergamos o assunto a partir de diferentes percepções a respeito da relação de um homem para com o outro”.

E assim encerramos a conversa sobre “como desenvolver mão de obra na Amazônia”, que me interessou muitíssimo mais do que o senhor Israel deve ter percebido na ocasião.

Sexta-feira, 26 de agosto de 1910

Notas na Fronteira do Brasil com o Peru, a Bordo do Huayna

Esta manhã navegamos desde a foz do Javari – trechos rasos em que o rio chega a ter apenas de seis a sete metros de profundidade e a correnteza é muito forte – e não chegamos a Tabatinga até lá pelas onze da manhã. Há um posto militar brasileiro e, embora estivéssemos a uns catorze metros da costa (em treze braças de água), tivemos que chamar o comandante militar para fazer sua visita de cortesia. Sua dignidade não lhe permitiu embarcar em uma das duas deploráveis canoas amarradas na margem enlameada do rio. Ele veio de uniforme branco, acompanhado de um indivíduo em trajes civis. O barco do navio com o primeiro oficial foi enviado para buscá-lo.

Vários soldados (negros) de calças cáqui e vermelho da farda brasileira estavam na plataforma acima da marca mais alta do nível do rio; acho que atinge uns nove metros nesse local. Havia três canhões cobertos com lonas e uma construção de tijolos ou barro

REFLEXÕES XXXVIII

cuidadosamente caída de branco que era evidentemente o depósito de munições. O comandante levou para terra uma caixa de cerveja e duas de vinho: contrabando! Eu diria que ele é um caboclo, mestiço de índio brasileiro e de português.

Continuamos a navegar até Letícia, até cerca de 12h30min, onde o SS *Esperanza do Amazonas* está no seco. Bateu num banco de areia submerso há uns dez ou doze dias – e está encalhado até agora, sustentado por escoras para não virar. O barco ficará aqui até outubro ou novembro. A carga destinada a Iquitos está sendo transferida a um pequeno barco a vapor peruano mais leve. Esse barco, segundo me disse Víctor Israel, pertenceu a ele e se chamava *Melita*. Agora seu nome é *Clara* e é propriedade de uma firma brasileira de extração de borracha no Javari.

Em Letícia, o comandante veio a bordo em uma canoa remada por quatro soldados peruanos vestidos num tipo de calção de algodão azul. Três deles tinham as pernas nuas. O timoneiro era um homem de aspecto rude. Todos eram *cholos* ou mestiços de índio e tinham boa aparência. Um deles era um jovem esplêndido. Dei a um deles, um rapazote com cara de índio, cigarros para todos e ele me agradeceu gentilmente com um simpático sorriso juvenil.

Sentaram-se para esperar pelo oficial que estava na popa conversando e se divertindo. Em uma hora e meia acho que não disseram uma palavra sequer. Havia um olhar resignado, paciente e dócil em todos aqueles rostos fortes da cor do bronze. O capitão Buston me disse de passagem: “todos eles caçados em grupo”. Daí me contou que na última vez em que estivera em Iquitos, em março de 1910, as autoridades estavam capturando todos os índios e *cholos* jovens a fim de mandá-los para a região do rio Napo e do Putumayo, em recrutamento forçado, apertados como carneiros em pequenos barcos. Isso para enfrentar a ameaça de guerra com o Equador por conflitos de fronteira na região do Napo-Putumayo – então no auge. Para escapar ao aprisionamento, contou-me o capitão, muitos dos homens do lugar tinham fugido para a floresta, de modo que foi impossível encontrar estivadores para descarregar o *Huayna* e o trabalho teve de ser feito pela própria tripulação.

REFLEXÕES XXXVIII

O capitão afirma que a captura de índios, nativos, ou *cholos* habitantes de Iquitos, para as chamadas necessidades “públicas”, é feita abertamente. Ele afirma que homens eram mandados para o Putumayo, até 150, apinhados em barcos minúsculos como o *Melita*, ancorado ao lado do *Esperanza*. Eram agarrados nas ruas de Iquitos, recebiam a primeira de três mudas de uniformes de algodão azul, eram levados para treinamento e depois mandados para a “fronteira”.

O barco *Liberal*, de propriedade de Arana (de má fama, segundo os jornais que li a respeito da questão do Putumayo), partiu do Javari para Tabatinga às sete da manhã de ontem. A alfândega brasileira relatou que havia muitos homens doentes a bordo, soldados de Putumayo, em estado febril. Conforme disse o capitão, vitimados principalmente pela fome. Esperávamos alcançar o barco hoje em Letícia, achando que poderia ter ficado para tentar arrastar o *Esperanza* dos bancos de areia, mas quando vimos este último no seco, a quilha muitos metros acima do rio que baixava cada vez mais, empoleirado na coroa de um banco de areia, perdemos a esperança de encontrar o *Liberal* no porto. O barco seguira para Iquitos às doze horas do dia 25. Esse é o barco, segundo me informaram, em que seguiremos de Iquitos para Putumayo. A alfândega brasileira no Javari nos informou que o barco transportava 45 toneladas de borracha-da-índia, vinda de Putumayo. Isso representa quase 45 mil libras na Inglaterra. Pergunto-me que tipo de valor em mercadorias, ou pagamento de qualquer espécie, chegou até os uitotos e outros índios que coletaram as 45 toneladas.

Se fôssemos realmente uma Comissão com autoridade e poder para investigar de fato e colher provas sob juramento e dispuséssemos de intérpretes adequados e guias com algum conhecimento local de homens, lugares e transações, que estranhas revelações a respeito de “suprimento de mão de obra” da *montaña*, “propriedades da borracha” e “trabalho dos índios” poderíamos trazer à luz. É possível descobrir certas coisas, e sem dúvida descobriremos, mas receio que tocaremos no assunto apenas superficialmente. E poderemos melhorar alguma coisa? Será difícil. Estamos

REFLEXÕES XXXVIII

enfrentando quatrocentos anos da conduta dos sul-americanos com os povos conquistados.

[...] Caoutchouc tinha a princípio o nome de “borracha-da-índia” porque vinha das Índias, e sua primeira utilidade para os europeus foi eliminar ou apagar algo escrito. Chama-se agora borracha índia, porque elimina ou apaga os índios.

Sábado, 27 de agosto de 1910

Ancorado no Marañón

[...] Israel me contou no café da manhã que sua concessão ou “rio” fica no Ucayali, cerca de dois dias e meio de viagem acima de Iquitos. Já fez o levantamento de 75 mil hectares e desmatou grande parte. É impossível estabelecer a extensão total da concessão até que o levantamento esteja completo. Ele calcula em quatro ou cinco vezes a área já levantada – por volta de 300 mil hectares. A 2,5 acres por hectare, isso chega perto de 750 a 938 mil acres – ou possivelmente 1 milhão de acres. Uma área do tamanho de Donegal ou Galway, e quase do tamanho de Mayo, mas, infelizmente, – segundo o levantamento feito, não há índios – totalmente desabitada a não ser pelos cem trabalhadores contratados. As seringueiras, ele afirma, são da espécie *Siphonia elastica* – boas seringueiras do Pará. Duvido muito. Fico pensando como é que ele conseguiu essa concessão.

O capitão Buston comentava ontem depois do jantar que em Iquitos ninguém sabe como Israel conseguiu enriquecer nos últimos tempos. De acordo com o capitão, ele chegou aqui uns onze anos atrás e foi mascate com uma lojinha durante algum tempo –, mas ultimamente andava gastando muito e se atirando a coisas muito maiores. O médico do barco, doutor Watson, que esteve em Kumasi a serviço da Costa do Ouro e conhece Lagos, Old Calabar, etc, acha que todos, peruanos e brasileiros, são ladrões. Escravizar os índios, diz ele, é o menor de seus crimes –, mas admite que fala mais por preconceito do que propriamente por conhecimento.

Esta é apenas sua terceira viagem para Iquitos no Huayna. O capitão Buston faz essa viagem há anos. Diz ele que todos os índios

REFLEXÕES XXXVIII

foram escravizados – é trabalho forçado do começo ao fim –, e que tanto os índios como as seringueiras são considerados propriedade pessoal do dono da terra.

Diz ele que crianças índias são constantemente roubadas ou trazidas dos rios até Iquitos para ser vendidas ou oferecidas como presente. Ele mesmo transportou muitas vezes crianças com famílias peruanas. As crianças são tratadas relativamente bem enquanto as coisas vão bem com a família –, mas se acontecer de perderem dinheiro, as crianças escravas são imediatamente sacrificadas.

Nunca, em caso nenhum, segundo ele, volta para seus lares na selva – são abandonadas ou possivelmente vendidas se as famílias não têm como se sustentar.

Perguntarei em Iquitos para ver que tipo de contrato, se é que existe algum, foi feito pela Arana & Co. com os trabalhadores de Barbados. Pelo menos deve haver alguns registros. John Brown exige trinta libras que a Companhia lhe deve e afirma que mais de cem trabalhadores de Barbados continuam trabalhando em lugares inacessíveis, “mantidos como escravos”. Provavelmente, quase com certeza, é mentira, mas pode haver ainda alguns deles em postos remotos como Morelia ou Abisinia.

Madrugada de 28 de agosto de 1910

No Caminho de Loreto para Caballococha (lago do Cavalo) com destino a Iquitos

[...] O Huayna, é claro, é totalmente inadequado para este tipo de navegação – sob todos os pontos de vista, tanto de manobra como de acomodação para passageiros. O salão fica embaixo, no porão – e há apenas um banheiro para todos os homens. Havia 23 até o Javari e depois, com mais um funcionário da alfândega (um guarda brasileiro) e os três pilotos, eram 27 homens para tomar banho (frequentemente duas vezes ao dia) em uma diminuta caixa suja que mal dava para a gente se virar.

O capitão Buston afirma que muitas caixas de sardinhas vão de fato para Iquitos, e que ele tem uma grande quantidade a bordo; pedi para ver o manifesto de carga do navio e ele me prometeu mostrá-lo.

REFLEXÕES XXXVIII

Vi um sumário feito pelo primeiro oficial. Há 560 caixas de rifles, etc. e também grande quantidade de munição. Tudo para o Equador! Mas eu quero ver exatamente o que a Peruvian Amazon Company importa para pagar sua mão de obra e sua borracha. Quarenta e cinco toneladas de borracha no oeste da África custariam (exceto no Congo), no valor real dos nativos, 4,50 soles peruanos por quilo, ou, digamos, aproximadamente 11 mil libras em mercadorias. Sob alguns aspectos, essa situação é pior do que a do Congo, apesar de afetar uma população bem menor.

[...] Esta manhã o rio está coberto de grama, mato, lixo e troncos de árvore – alguns grandes – boiando rio abaixo. Ontem estava limpo e não havia nada disso. O nível das águas de um de seus afluentes deve estar subindo. Um homem que trazia um carregamento de abacaxis em uma canoa, ao meio-dia, disse que o nível estava subindo. Devo tentar marcar o efeito dessa variação em um tronco na costa, perto da qual estamos situados, a aproximadamente trinta ou 35 metros.

Não há dúvida de que com coragem e resolução podem-se ganhar algumas horas todos os dias. Até nossa partida esta manhã, às 5h45min, ficamos ancorados 106 horas desde que saímos de Manaus, às cinco da tarde do dia 17. Penso que em umas trinta dessas horas ociosas poderíamos ter seguido em frente com tanta segurança como em qualquer momento das 24 horas. Seriam de 290 a 320 quilômetros a mais; em outras palavras, estaríamos agora perto de Iquitos e chegaríamos lá ao meio-dia. Deveríamos chegar hoje a Iquitos, de acordo com a tabela de horário da Companhia. Mas já saímos de Manaus com três dias de atraso. O capitão está sempre pronto para parar e agarra qualquer pretexto para lançar âncora. Acho que mais de uma vez os pilotos só conseguiram que ele levantasse âncora e fosse em frente exagerando a profundidade do rio, verificada pela pesquisa de som no barco monitor.

Nosso piloto chefe, Noronha, é um paraense típico – meio índio, bem-humorado, de bom gênio – sempre sorridente – e amigo da bebida. Disseram-me que ele vem “de uma das melhores famílias do Pará” e sua irmã é casada com um inglês de nome Jennings. Recebe um conto por mês – cerca de 66 libras pela atual taxa de câmbio.

Nenhum dos pilotos recebe menos que cinquenta libras por mês e a regra é um conto de réis. É mais do que o dobro do que recebe o capitão comodoro da linha Booth e cerca de cinco vezes o salário de um primeiro oficial. Os salários e o dinheiro brasileiros estão entre os absurdos desta terra.

Terça-feira, 30 de agosto de 1910

A Bordo do SS URIMAGUAS

(Passamos Pebas às Quatro da Manhã)

O Urimaguas aproximou-se às 11h20min do domingo à noite e ancorou ao lado. Mandaram-me perguntar se eu desejava seguir com eles. Respondi que sim e roguei-lhes que ficassem até as 5h30min da manhã. Tudo isso levou tempo. Houve grande alvoroço no Huayna e todos os passageiros queriam vir.

No fim, vieram outros quatro – inclusive Israel – e deixamos o Huayna às 6h20min –, mas tivemos de retornar, pois um dos passageiros afirmava que tínhamos levado duas caixas que eram dele. Voltamos a todo vapor em obediência aos sinais urgentes, e circundamos a popa, mas não esperamos que o cabineiro-chefe viesse a bordo para identificar as caixas, pois Israel e o “advogado” afirmaram que elas não estavam conosco – e, apesar dos assobios, gritos e gestos agitados, voltamo-nos novamente rio acima e nos afastamos a toda velocidade. Navegamos muito tempo à vista do Huayna e ultrapassamos o pequeno barco a vapor depois de mais de uma hora.

A tripulação do Urimaguas era composta na maioria de índios ou cafuzos – um menino uitoto de nome Ise Koroké, ao que parece, é ligado a Gielgud. Ele fala umas poucas palavras em espanhol – e é um belo rapaz – aparentando uns quinze anos – forte, peito poderoso, amplo e robusto, rosto inocente sempre pronto a sorrir e aqueles olhos peculiares, estranhos e selvagens, que falam de ancestrais caçadores (e possivelmente caçados).

O Urimaguas não traz notícias. Saiu de Manaus no dia 19 do mês corrente. Entrou no rio Juruá e parou algumas vezes para pescar. Não chegaremos a Iquitos antes de 10 de setembro – dia do meu

quadragésimo sexto aniversário! Será ou não um bom augúrio? Importa-me apenas poder ajudar a endireitar o que está profundamente errado aqui – e trazer alguma mudança de visão.

As margens do Amazonas peruano, ou Marañón, como é chamado aqui, são muito mais densamente povoadas do que as do rio brasileiro. Além disso, são nativos verdadeiros. A partir de Tabatinga, passamos por fileiras de cabanas cobertas de folhas de palmeira. Algumas bem cuidadas – cada uma delas com canteiros de mandioca e milho ou de batata-doce – e quase todos os habitantes aparentando ter puro sangue índio. Andam vestidos – homens, mulheres e crianças –, o que é uma estupidez, pois um corpo magnífico da cor do bronze em vestimentas sujas e saias arrastando na lama é um grande erro. Além disso, a moral se vai quando as roupas vêm.

Quarta-feira, 31 de agosto de 1910

Iquitos

Encontrei-me com o prefeito da província de Loreto no dia de minha chegada. O senhor Cazes foi meu intérprete durante todo o tempo. Esse cavalheiro, um tal doutor Paz Soldán, foi recentemente nomeado para suceder o prefeito Zapata, mencionado mais de uma vez nas denúncias de Hardenburg. Nos documentos de Hardenburg está claro que Zapata é suspeito de ter sido subornado pelos irmãos Arana. Nenhuma acusação como essa poderia ser feita contra o atual prefeito. Eu achei o doutor Soldán um homem aparentemente correto, embora de modo algum familiarizado com a verdadeira situação do vasto território que deve governar. A província de Loreto, aquela região conhecida no Peru como a *montaña* do Amazonas, é quase tão grande quanto a França.

O doutor Soldán assegurou-me que as declarações publicadas no *Truth* eram “fábulas” criadas por chantagistas. Disse que a Casa Arana havia prestado serviços notáveis ao Estado e era muito bem-conceituada na opinião do governo. Ao perguntar a quem deveria dirigir-me no Putumayo caso achasse que a condição dos súditos britânicos de lá exigisse intervenção ou proteção, deu-me os nomes dos três agentes principais da *Peruvian Amazon Company*,

assegurando-me que eram todos “cavalheiros honrados”. Salientei que já estava ciente do caráter desses cavalheiros, mas que havia pedido informação sobre uma autoridade peruana e não sobre um agente da Companhia. Foi somente então que deu a entender que o *comisario*, ou o magistrado que representava oficialmente o Peru no Putumayo, era um tal *señor* Burga, cunhado de Pablo Zumaeta. Como esse era o indivíduo mencionado mais de uma vez nos documentos de Hardenburg a soldo da Companhia, essa referência a ele como principal “autoridade” não era nada animadora.

Quinta-feira, 1º de setembro

(46º Aniversário de Casement)

[...] Um tal *monsieur* Vatan, um comerciante local francês que foi agente consular da França em Iquitos, veio ver-me. Fora recomendado e apresentado pelo senhor Cazes, que fala muito bem a seu respeito. Apesar de *monsieur* Vatan nunca ter visitado Putumayo, passou catorze anos na vizinhança e atuou, durante um tempo, no comércio da região do rio Napo, de onde se pode estabelecer rápida comunicação por terra com o Putumayo.

A declaração de *monsieur* Vatan, feita confidencialmente, foi de caráter geral. Não entrou em detalhes, mas falou que acreditava que o sistema que vigorava em Putumayo era idêntico ao da escravidão. Declarou que a maior parte das histórias contadas sobre essa região era verdadeira, que o tratamento dos índios pela companhia Arana Hermanos era como tinha sido descrito, e que tudo aquilo era uma vergonha para a civilização, mas que ele temia não haver nenhuma solução; ou, caso houvesse, seria muito lenta e levaria muitos anos. Se essa companhia britânica mudasse repentinamente o modo de negociar com os índios e tratasse sua relação comercial com eles de forma mais honesta, ainda que poucos, os estabelecimentos no Putumayo desmoronariam, pois as pessoas com dinheiro investido lá seriam arruinadas e haveria uma “revolução” com a qual o governo peruano lidaria por meio de medidas ainda mais drásticas do que aquelas que estavam sendo usadas contra os índios.

Declarou que os “pagamentos” feitos aos índios eram “ridículos” e que o sistema inteiro era de completa escravidão. *Monsieur* Vatan

impressionou-me com sua inteligência e honestidade, e os Cazes me asseguraram que ele era um dos residentes estrangeiros mais confiáveis em Iquitos. Eu disse ao senhor Barnes o que *monsieur* Vatan me relatou e espero poder reunir confidencialmente esses dois cavalheiros antes de deixarmos Iquitos.

Visita de Bishop e Walker a Casement

Na tarde daquele mesmo dia, dois barbadianos que tinham acabado de chegar a Iquitos vindos de Putumayo se encontraram comigo. Tinham chegado apenas dois dias antes no *SS Liberal*, o qual trazia 23 soldados peruanos inválidos e 45 toneladas de borracha de Putumayo. Ambos estavam há muito tempo a serviço da Companhia e foram recrutados em Barbados por um tal senhor Brewster em nome da *Arana Hermanos* em 1905, como pode ser visto nas referências aos despachos da Companhia.



Foram convencidos a me procurar por um homem de Barbados residente de Iquitos que está sempre em contato com o senhor Cazes, o qual lhe havia informado sobre o meu desejo de encontrar e de falar com qualquer barbadiano em Iquitos que tivesse trabalhado no Putumayo. Quando os dois homens de fato se apresentaram, o senhor Barnes e o senhor Cazes estavam comigo e ouviram tudo o que foi declarado.

Eles mesmos interrogaram os dois homens e ficaram tão impressionados quanto eu com a aparente veracidade de seus relatos. Um deles, Nellis Walker, fala muito bem tanto do modo como era tratado quanto das condições que ele mesmo observou, mas sua experiência é quase toda em El Encanto, uma das duas estações-matrizes (a outra é La Chorrera), sob a gerência do senhor Loayza, de quem, segundo consta, geralmente falam bem.

O outro homem, Frederick Bishop, de modo igualmente simples e direto, contou uma história completamente diferente, confirmando muito do que o capitão Whiffen tinha afirmado e revelando uma situação deplorável, não apenas no passado, mas que persiste até

hoje. Confirmou os maus-tratos aos homens de Barbados mais ou menos como John Brown descreveu em sua carta ao comissário de Montserrat, e declarou que ele mesmo havia, mais de uma vez, açoitado, por ordem dos agentes da Companhia, índios que não haviam trazido uma quantidade suficiente de borracha. Como o homem falou de modo corajoso e sincero, e afirmou que não teria medo de repetir perante as pessoas que acusara tudo o que estava me dizendo, eu disse que o colocaria a meu serviço e que ele poderia me acompanhar, junto com os demais membros da Comissão, em nossa viagem a Putumayo. Prometi protegê-lo e trazê-lo comigo de volta a Iquitos, e minha decisão de contratar esse homem foi calorosamente aprovada pelo senhor Barnes – que ouviu todo o seu depoimento – e pelos demais membros da Comissão.

Dificuldades para Conseguir um Intérprete

Tomei medidas para garantir um intérprete das línguas indígenas nativas que fosse absolutamente confiável. Acredito que isso seja essencial. A Comissão só consegue tais intérpretes na medida em que os agentes da Companhia os colocam à sua disposição em cada estação. Esses intérpretes, pela própria natureza do caso, estariam entre os empregados de maior confiança dos próprios agentes e, se esses homens cometeram crimes contra os índios, nada que lhes seja prejudicial virá à luz.

O senhor Barnes diz que não tem nenhuma esperança de conseguir um intérprete por intermédio da Companhia e me pediu para tentar conseguir um. Mas, aparentemente, pouquíssimas pessoas em Iquitos conhecem as línguas uitoto ou bora, os dois principais dialetos que encontraremos. *Monsieur Vatan*, o comerciante francês, sabe de um homem, um índio, que fala bem espanhol e que dizem conhecer sete das línguas nativas. O homem está trabalhando a algumas centenas de quilômetros de Iquitos, rio Napo acima, e enviei o barco a vapor *Argentina* (com certa despesa) para tentar encontrá-lo. Esse barco deve retornar a Iquitos em cinco ou seis dias, e então espero que todos possam seguir para Putumayo ou embarcar no *Liberal*, barco a vapor da Companhia.

Sexta-feira, 2 de setembro de 1910

[...] A Comissão foi mencionada pela imprensa local. Há, na verdade, quatro jornais diários em Iquitos, a saber: El Loreto Comercial, El Oriente, El Heraldo e La Nacional. Dizem que os dois primeiros são os mais importantes; ontem me descreveram o último como sendo, em sua natureza, um órgão de chantagem. Percebe-se pela leitura dos jornais que antes da chegada da Comissão supunha-se que ela havia sido oficialmente enviada e organizada pelo governo de Sua Majestade; contudo, uma retificação no El Oriente do dia 1º do mês corrente cai noutro extremo. Quando nos reunimos para discutir coletivamente o melhor procedimento a ser adotado durante nossa estada em Iquitos e em nossa visita próxima ao Putumayo, chamei a atenção dos membros da Comissão para a afirmação categórica de que suas obrigações eram de teor “exclusivamente mercantil e industrial”. Asseguraram-me que nenhum deles fornecera a afirmação, da qual nem sequer tinham conhecimento, o que deturpava e limitava indevidamente o escopo do inquérito baseado em instruções detalhadas enviadas pela Peruvian Amazon Company em Londres. Mostraram-me uma cópia dessas instruções que são sui cientemente claras e abrangentes para permitir uma investigação completa e justa sobre a verdadeira situação em Putumayo.

Sábado, 4 de setembro de 1910

[...] Guerrido se encontrou comigo (por sugestão do senhor Cazes) e foi interrogado em minha presença pelo senhor Barnes e pelos membros da Comissão.

Não participei ativamente desse interrogatório. Quando o homem se apresentou, terminado o interrogatório de Bishop, pedi para o senhor Barnes incumbir-se de seu interrogatório, visto que estou autorizado somente a investigar as declarações de súditos britânicos e a sua relação com os agentes da Companhia. [...]

As provas – se for esse o termo – de Bishop e de Juan Guerrido deixaram uma impressão dolorosa em nossas mentes. É evidente que, se a verdadeira situação do Putumayo e de seus afluentes for

REFLEXÕES XXXVIII

trazida à luz, será necessária uma investigação minuciosa, e, nas circunstâncias em que nossa jornada está sendo realizada, parece provável que conseguiremos expor apenas uma pequena parte do que, de fato, ocorre.

Tudo tinha sido preparado para a chegada da Comissão, certamente demonstrarão muita cortesia e gentileza a mim e aos comissários. O barbadiano Frederick Bishop disse a mim e ao senhor Cazes que, quando o capitão Whiffen esteve em Putumayo, todos os seus movimentos eram conhecidos e, para onde quer que fosse, tudo era “arrumado” antes de sua chegada. Bishop afirma que o mesmo procedimento foi adotado no caso do senhor H. L. Gielgud, que, se recordarmos, visitou o Putumayo em nome da empresa dos auditores de contas Deloitte, Plender, Grifths & Co. e a quem o senhor Arana se referiu em sua declaração aos acionistas da Peruvian Amazon Company. Não mencionei o nome do senhor Gielgud. Bishop o viu na reunião, enquanto prestava seu depoimento perante a Comissão reunida, e depois disse ao senhor Cazes e a mim que “conhecia aquele jovem cavalheiro e o tinha visto Putumayo acima”. Então, disse que, antes de o senhor Gielgud chegar à estação, todos os prisioneiros foram enviados para a floresta sob a escolta armada dos *muchachos de confianza* [...] e mantidos escondidos até que o visitante partisse.

Sexta-Feira, 9 de setembro de 1910

[...] No dia 9 de setembro interroguei mais quatro homens de Barbados: Walcott, Ford, Jones e Labadie. Os três primeiros falam pouco, mas Labadie contou a história de Carlos Miranda, na estação Sur, decapitando uma mulher velha. [...] “Miranda havia apanhado a cabeça e, segurando-a pelos cabelos diante dos índios reunidos, testemunhas forçadas dessa tragédia, disse para que a olhassem bem, pois era aquilo o que aconteceria a todos os índios maus.”

Soube que outros três homens trabalhavam no barco a vapor *Liberal*, a embarcação da Companhia então no porto, que estava sendo preparada para nos transportar durante o longo trajeto até Putumayo.

Sábado, 10 de setembro de 1910

[...] F. Bishop disse que outro homem de Barbados, chamado Gibb ou Gibbs, que havia sido empregado na Peruvian Amazon Company, Putumayo acima, está aqui em Iquitos e perguntou se eu queria que Gibbs viesse falar comigo. Disse-lhe para trazê-lo.

O Liberal retornou após descarregar o Huayna esta manhã e o barbadiano Stanley S. Lewis encontra-se a bordo como membro da tripulação. Este é o homem que José afirmou na noite anterior que poderia nos dizer “muito” sobre o que ocorria em Putumayo e sobre como os índios eram tratados. [...]

Durante o almoço, o senhor Cazes relatou que Lewis tinha vindo ao escritório e estava para retornar. Solicitei que me procurasse no consulado após seu retorno. [...].

Domingo, 11 de setembro de 1910

Ao chegar esta manhã, Bishop afirmou que nem Gibbs nem Lewis viriam me encontrar. Eles “não quiseram”. Disse-lhe que era insensato, e ele então falou que lhes tinha dito que eu estava aqui para ajudar os barbadianos, mas eles não vieram. Parecia que estavam com a consciência pesada e que sabiam que tinham errado. Eu disse que aquilo não parecia bom e que, se estavam assustados, seria melhor que viessem e falassem francamente comigo, justamente como ele, Bishop, tinha feito, pois aquela era a coisa certa a fazer e que ele tinha agido corretamente... Sem dúvida, todos os barbadianos estiveram conversando entre eles na noite passada e na noite anterior, desde a entrevista com os quatro homens na noite de sexta-feira. Mais tarde, poderei obrigar Lewis e Gibbs a falar, mas se tentasse fazê-lo agora causaria mais dano do que benefício. No momento, estão melhor empregados no Liberal, e ousou dizer que encontrarei meios para induzi-los a falar quando estivermos a bordo da embarcação.

Segunda-feira, 12 de setembro de 1910

O barco que eu tinha fretado para subir até Copal Urco voltou hoje sem o intérprete. Dizem que esse homem está em Aguarico, quase no Equador, e que a viagem, longa e cara, é inútil. Devo subir o rio

REFLEXÕES XXXVIII

Putumayo sem um intérprete, confiando no barbadiano F. Bishop, que diz saber “um pouco” de uitoto, mas nada de bora. Entretanto, consegui encontrar um mestiço peruano para intérprete e guia da Comissão. Este homem foi enviado a mim pelo *monsieur Vatan*, como sendo leal e confiável. Disseram que ele conhece uitoto e bora, e que passou uns dois anos a serviço da Peruvian Amazon Company em Putumayo. Dizem que deixou o emprego voluntariamente (assim como Juan Garrido), pois tinha se recusado a atirar em dois chefes indígenas que o chefe da estação havia mandado matar. O último chefe da estação (aposentado e um membro altamente respeitado da aristocracia local) está agora em Iquitos, onde nasceu, pois é peruano e antigo funcionário da Arana Hermanos. Não entrevistei esse homem, mas pedi que fosse enviado ao senhor Barnes, chefe da Comissão, visto que este me pedira para tentar conseguir um intérprete. Agora o senhor Barnes tentará contratá-lo, e suponho que deveremos confiar em seu depoimento.

Seu nome é Viacara, e afirmou ontem aos membros da Comissão que deixou Putumayo há dois anos, mas acredita que hoje a situação ainda seja exatamente a mesma. Ele acusa Miguel Flores de ter enforcado um homem em seu quarto. Apesar de Flores ter sido “rebaixado” na Companhia, ainda está empregado. Viacara diz acreditar que muitos índios uitotos se apresentariam e descreveriam como eram tratados se fossem convencidos por alguém de sua confiança. A Comissão irá transcrever a declaração de Viacara e me fornecer uma cópia.

Agora, esperamos partir ao Putumayo na próxima quarta-feira, dia 14 deste mês, e chegaremos em La Chorrera mais ou menos no dia 23. Aquela estação será nosso quartel-general por algum tempo e proponho fazer uma jornada a pé até as várias seções que lhe fornecem borracha e onde sei que os barbadianos ainda são empregados. Segundo me informaram, muitos desses homens estão em Atenas e Sabana; ambas as seções têm nomes diabólicos e “chefes” acusados de crimes horríveis. Tudo estará preparado para a nossa visita, de modo que será pouco provável pegar qualquer transgressão em flagrante. Contudo, poderemos encontrar os nativos com pouco alimento, por exemplo, e tentar descobrir a

REFLEXÕES XXXVIII

causa. Além disso, poderemos verificar se foram açoitados, pois, como não usam roupas, não será difícil ver as marcas do chicote em suas peles despidas.

Tenho esperança de que alguns barbadianos se apresentem e confessem para se salvarem. Alguns desses homens são acusados de crimes atrozes. Dizem que um deles, King, atual padeiro do senhor Loayza, gerente de El Encanto, cometeu mais de um assassinato.

Tentarei aterrorizar esse homem até confessar, pois ele sabe, como súdito britânico, que assassinato é um crime sério. Apesar de estar em meio a uma floresta anônima, numa terra de posse contestada, disputada por duas ou três repúblicas sul-americanas, imagino que ele não apreciará a visita de um oficial britânico enviado especialmente para investigar sua relação com os seus verdadeiros empregadores [...].

Enviarei notícias de La Chorrera ao senhor Cazes sobre meus deslocamentos de tempos em tempos, mas é improvável que qualquer informação de interesse possa ser recebida durante o período em que estiver de fato no “território” da Companhia. Como todos os meios de saída e de comunicação estão em suas mãos, supõe-se que as cartas enviadas pela sua agência não estejam em segurança. Portanto, é provável que esta seja minha última notificação oficial até que retorne a Manaus ou ao Pará, provavelmente em dezembro próximo.

Esta noite, Bishop me contou que disse a Lewis e a Gibbs que eles foram tolos por não terem me procurado e que Gibbs lhe contou coisas horríveis que tinha visto (e feito) com Normand. Também falou que viu pessoas sendo mortas de diversas maneiras e até mesmo sendo queimadas vivas. Além disso, Bishop disse que Gibbs tinha medo de vir até mim e me contar essas coisas, e tinha medo da Companhia, já que ainda estava a seu serviço e não sabia o que fariam com ele.

Bishop disse que o velho barbadiano Carlton Morris, que vive em Iquitos e é chamado de “cônsul” de Barbados, deseja vir e falar a sós comigo, não na frente do senhor Cazes. É sobre os jovens de Barbados que foram trazidos para cá para trabalhar como

REFLEXÕES XXXVIII

empregados, que, além de serem maltratados, não são pagos, e também para saber se ele conseguiria fazer com que o governo barbadiano os impedisse de virem até aqui.

12 de setembro de 1910 – Iquitos

Últimas Cartas ao Ministério das Relações Exteriores

Meu caro Tyrrell,

Escrevo apenas mais algumas linhas para dizer que espero partirmos (a comissão e eu) a Putumayo no próximo dia 14 deste mês [...]

[...] De modo geral, as declarações feitas aqui em Iquitos são doentias e confirmam o caráter infame do tratamento dado aos índios, alegado por Hardenburg.

[...] Acredito que tenho a Comissão toda do meu lado e que agora chegaremos à região de Putumayo mais instruídos e com uma visão muito mais clara da situação.

Certamente tudo está preparado e pronto para nós; disso nós já sabemos. Uma das testemunhas disse que “se pudessem erguer arcos de rosas para receber esses cavalheiros” (ele era um espanhol) “eles o fariam”. Pelo que vejo, os empregados da Companhia em Putumayo são “criminosos demoníacos”.

[...] O suposto “comissário” de Putumayo é uma farsa e, sem dúvida, é um agente da Companhia.



Correios em Iquitos

Estamos todos sendo muito cautelosos e agindo em segredo (como se fôssemos nós os criminosos), pois é óbvio que os canalhas estão suspeitando de nós, principalmente de mim. Uma noite, convidei dois dos principais criminosos para jantar e brindei a sua saúde com champanhe de Iquitos, e disse coisas agradáveis! O jantar custou-me doze libras – mas imagino que o brinde me sairá mais caro qualquer dia. Quase me engasguei com o brinde, mas foi uma atitude sábia, pois sei que suspeitavam de mim. O fato de eu

REFLEXÕES XXXVIII

ter mostrado que não sabia de nada ajudou um pouco. Estou muito cansado de tudo isso. Contudo, fiquei contente por ter vindo, e se continuar com saúde até dezembro espero partir são e salvo.

O Putumayo é “um livro lacrado”; mesmo em Iquitos é surpreendente como quase todos parecem estar ou com medo ou “envolvidos”. Nenhum tipo de embarcação trafega naquele rio, exceto os barcos da companhia, ou os do governo, o que é praticamente a mesma coisa. E a distância é enorme, de aproximadamente 1.600 quilômetros até o porto principal, e não é lá que as atrocidades ocorrem, mas nos postos de onde a borracha vem.

Não estou bem de saúde, nem Barnes, o chefe da Comissão; ambos estamos com febre e meus olhos não estão bons, mas ouço dizer que em Putumayo é mais fresco e mais saudável do que aqui em Iquitos. Está fazendo mais de 32 graus todos os dias (e à noite quase isso), sem falar dos enxames de mosquitos.

13 de setembro de 1910- Iquitos

Caro Spicer,

Envio cópias de algumas das declarações que coletei desde que cheguei a Iquitos, no dia 31 de agosto. Seis delas são dos homens de Barbados, uma de um espanhol, que encaminhei à Comissão. O registro das declarações é meu mesmo, mas Cazes, que foi o tradutor, diz que está tudo correto.

A declaração de Bishop foi feita diante de toda a Comissão; uma parte diante de Barnes, de Cazes e de mim, e uma parte somente diante de mim. Contratei-o como guia e intérprete por doze libras por mês e “tudo resolvido”. Partiremos amanhã pela manhã. Não tenho tempo para escrever apropriadamente, mas acho correto enviar o mapa e essas declarações a você, já que esta será minha última oportunidade de escrever (exceto em uma embarcação da Peruvian Amazon Company em Putumayo) até eu voltar. São 1.600 quilômetros daqui até La Chorrera. Já que tudo pode me acontecer lá em cima, também é bom que você tenha em mãos estas declarações para que saiba como a situação nos parece, antes de

REFLEXÕES XXXVIII

iniciarmos a viagem. Agora tenho toda a Comissão ao meu lado. Estão tão convencidos quanto eu da necessidade de mudança, e trabalharemos juntos. Assim que alcançarmos La Chorrera, estação-matriz de Putumayo, pretendemos passar rapidamente em Atenas e Sabana [veja o mapa] para tentar verificar a privação de alimentos imposta aos índios de lá por Martinengui. Bishop diz que teremos grande dificuldade de ver as transgressões, tais como açoitamento ou algo do gênero, sendo cometidas, pois eles serão extremamente cautelosos, mas isso os índios nos contarão se um bom intérprete for encontrado e, de qualquer forma, veremos os cortes e as cicatrizes em suas costas e nádegas.

Adolfo Gibbs.
Um dos trinta barbadianos que serviram de testemunha durante a investigação em Putumayo.



[...] Viajarei com a Comissão a princípio por dois ou três meses, provavelmente; até então, suponho que terei todas as declarações dos homens de Barbados. Acredito que alguns desses homens cometeram crimes graves, muito piores do que o açoitamento do qual Bishop é acusado, e pode ser difícil fazê-los falar. Hoje Adolfus Gibbs me procurou e contou sua história. Estava muito assustado, e já se recusou a vir duas vezes, mas provavelmente acredita estar mais seguro comigo do que com a Companhia.

Seu depoimento não foi incluído, porque ainda está incompleto e acabei de registrá-lo. Sua declaração é sobre Abisinia e Morelia, onde testemunhou o assassinato de um chefe indígena (sua cabeça foi decepada por Jiménez, chefe de Morelia) e as inúmeras açoitadas sofridas pelos índios por coletarem uma quantidade insuficiente de borracha no ano passado. Eu o verei mais vezes porque é o operador das caldeiras do Liberal, o barco da Companhia em que partiremos amanhã a Putumayo.

Há outro barbadiano acusado de transgressões a bordo, que tem se recusado veementemente a vir, mas espero que também fique com medo e venha me dizer a verdade a bordo do barco.

REFLEXÕES XXXVIII

Está difícil conseguir um cozinheiro; nenhum dos nativos de Iquitos parece estar disposto a ir a Putumayo. Estou escrevendo um diário, e a última parte da declaração de Bishop é, na verdade, uma página de meu diário. Essa declaração só está sendo enviada a você no caso de eu me perder ou desaparecer, ou algo assim, ou se morrer de febre lá em cima; meus documentos serão alterados muito antes de alcançar Iquitos, ou ficarão à mercê das pessoas que temem a nossa visita. Penso que já estou sendo visto com grande suspeita, mas, como tenho a comissão ao meu lado, estaremos bem. O prefeito local, doutor Paz Soldán, não sabe nada sobre Putumayo. Acredita apenas nas histórias contadas a ele pelas pessoas interessadas. Veio de Lima e ficou em Iquitos somente por um ano, mas nunca esteve em Putumayo.

Espero ter saído de Putumayo e voltado a Iquitos, rio abaixo, até meados de novembro ou começo de dezembro, talvez mesmo antes. A Comissão provavelmente permanecerá por mais tempo, pois tem pilhas de outras coisas para fazer. O tempo de minha estada dependerá da minha saúde. Desde que cheguei a Iquitos estive doente e meus olhos estão muito fracos. Aqui em cima tem feito um calor sufocante e há mosquitos dia e noite. Estive doente durante três dias, assim como outros também estiveram. Só Deus sabe como será em Putumayo.

Aparentemente, pelos depoimentos, não há lá nenhum homem decente com exceção de Tizón. A estação de La Chorrera abrange praticamente todas as seções do Igaraparaná (“o rio muito claro”), inclusive aquelas em direção ao Caquetá, enquanto a estação El Encanto compreende todas as do Caraparaná (o “riacho claro”), e essa será a última estação que visitarei.

Há poucos homens de Barbados lá, segundo me informaram. Disseram-me que as piores estações são aquelas que ficam na direção do Caquetá e que são as mais perigosas de se visitarem por conta dos índios, os boras ou poras, que são mais fortes do que os uitotos, ou mais dispostos a resistir ao delicado processo civilizatório imposto pela Peruvian Amazon Company. É, de fato, um lugar encantador. [...]

31 de agosto a 14 de setembro

Conversas com Cazes

No momento em que nos conhecemos, o senhor Cazes disse não saber de nada, ou muito pouco, a respeito do que estava ocorrendo em Putumayo. Aquele rio “era um livro selado”; ninguém chegava ou partia dele exceto os agentes da Companhia e seus barcos a vapor. Uma vez, três homens de Barbados se queixaram a ele, por ser o cônsul, sobre a condição de seus empregos em Putumayo, alegando serem ilegalmente forçados a caçar os índios. Cazes parece não ter tomado nenhuma medida para verificar ou obter mais informações sobre esse assunto obviamente importante, mas falou com Julio C. Arana (isto deve ter sido em 1908 ou antes) e disse que não deveria haver mais queixas.

Arana prometeu fazer qualquer coisa que Cazes desejasse em relação aos barbadianos e enviou alguns dos insatisfeitos de volta para Barbados. Para quem no começo não sabia praticamente nada, o passar dos dias tem-me deixado cada vez mais em condições de deduzir a verdade, e Cazes admitiu mais de uma vez, de modo fortuito, que sabia muito sobre as condições de Putumayo.

Ele também diz ter informado o Ministério das Relações Exteriores de “tudo o que sabia” (que eu sabia ser praticamente nada e ajudou muito pouco o Ministério). Deduzi que J.C. Arana tinha se encontrado com Cazes mais de uma vez em Londres e lhe pedido que ficasse do lado da Companhia por causa da controvérsia criada pelo periódico *Truth*. Cazes me disse ter falado a Arana que isso ele não faria; disse-lhe que o que sabia não favorecia à Companhia.

Tentou tomar um rumo neutro e, por não contar tudo o que sabia ao Ministério das Relações Exteriores, acabou não o ajudando. Ele iria manter essa atitude se eu não tivesse entrado em cena em Iquitos, pois percebeu que a verdade certamente viria à tona comigo e com a Comissão. O melhor que ele poderia fazer era ficar do lado do governo de Sua Majestade e garantir sua aprovação com a indubitável ajuda que ele tem me dado desde então. Quando eu lhe falara anteriormente sobre a escravidão dos índios, conforme Nordenskiöld afirmou, ele disse que não era verdade: “somente em

Putumayo, onde os brancos faziam tudo o que queriam”.

Pouco tempo depois, ele me contou que tinha comprado uma “propriedade” e as *cuentas* [as contas] que os índios deviam ao antigo proprietário. Logo, diversos comerciantes foram até ele e se ofereceram para comprar suas *cuentas* e assim obter a posse dos índios devedores. Cazes recusou-se a fazer isso, não porque era contra o sistema em si, mas porque, nesse caso, os aspirantes a compradores queriam levar os índios imediatamente com eles para o Brasil, e, como os índios tinham esposas e famílias perto de Iquitos, Cazes não quis separá-los e, assim, recusou essas ofertas e acabou perdendo mais de quatrocentas libras, e ainda não foi bem-sucedido nem com a propriedade nem com os índios. Algumas vezes, noto que escapa de seus lábios e de outros em Iquitos uma aceitação inconsciente desse sistema de escravidão por atacado. Todos se referem aos “seus índios” quase como se fossem gado ou ovinos, ou mesmo seringueiras. Por exemplo, o problema que Cazes teve uma vez com a Arana Hermanos por causa de “uma propriedade” que ambos reivindicavam, mas que Arana havia invadido. O lugar era Pensamiento. Cazes disse que Arana queria colocar suas mãos ali principalmente para vigiar os índios de Putumayo que fugiam para o Napo (onde não seriam homens livres, mas escapariam de algumas atrocidades e sofrimentos impostos a eles em Putumayo). Essa disputa “legal” por Pensamiento entre David Cazes da Companhia de Comércio de Iquitos e a Arana Hermanos revela um aspecto muito interessante acerca da administração legal peruana. [...]

Estou inteiramente convencido de que cada palavra da carta de Nordenskiöld dirigida à sociedade antiescravista é verdadeira. Toda a população indígena está escravizada na *montaña* sobre a qual a seringueira, planta demoníaca, cresce e pode ser explorada. Quanto mais selvagem o índio, mais cruel a escravidão. Quando se torna “civilizado” e aprende a ler, escrever e a estudar a *cuenta* com seu *patrón*, ele deixa de ser um índio e se transforma num “peruano” e, ele próprio, num escravocrata. Quanto às leis, todas essas repúblicas sul-americanas têm excelentes leis no papel, mas nenhum senso de igualdade em relação ao homem que está atrás do papel. As leis são

REFLEXÕES XXXVIII

livros belos e simples. Qualquer tolo poderia virar as páginas e aplicá-las. Um tolo honesto faria um juiz ideal. Mas essas pessoas não são honestas nem tolas, e para se obter justiça no Peru ou no Brasil, ou em qualquer outro desses Estados latinos do Novo Mundo, deve-se subornar e mentir, enganar e corromper, aterrorizar e ameaçar, de modo que essa justiça comprada deixará o solo semeado por injustiças.

[No dia de 14 de setembro, Casement e a comissão embarcaram no Liberal, navio capitânia a vapor da Peruvian Amazon Company, e partiram de Iquitos, rio abaixo, em direção ao Brasil. Depois de cruzarem a fronteira, continuaram até a foz do rio Içá, nome brasileiro do rio Putumayo, e se dirigiram rio acima, cruzando novamente a fronteira, para o interior do território disputado pelo Peru e pela Colômbia.

[O Liberal fez uma parada inesperada em um lugar chamado Indostán, um posto da Companhia, abaixo de La Chorrera, diante do qual passaram na manhã de 21 de setembro. Ao chegar à costa, Casement encontrou um jovem índio chamado Bolívar acorrentado nas dependências externas de uma habitação, bem como algumas meninas indígenas febris, a quem deu quinino e alimento. A partir de referências subsequentes de Casement sobre esse incidente, fica claro que ele registrou o que aconteceu. Os eventos de Indostán foram confirmados subsequentemente pelo relatório dos comissários.]

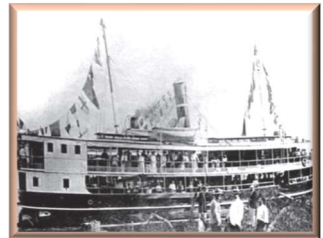
A Comissão chega a Putumayo em setembro de 1910 a bordo do barco Liberal, de propriedade de Julio César Arana.

La Chorrera

**Sexta-feira, 23 de setembro de 1910,
2h15min**

Avaliando a Situação na Chegada

Perguntei hoje ao capitão Camino Reigada se ele poderia dispensar o tripulante Stanley S. Lewis para me acompanhar junto da Comissão, como nosso empregado. Imediatamente ele fez objeções (com sinais de alarme e suspeita, em minha opinião), alegando que,



REFLEXÕES XXXVIII

pelos regulamentos portuários de Iquitos, ele tinha o compromisso de trazer de volta cada um dos membros da tripulação, sob pena de multa. Perguntei-lhe de quanto seria essa multa e ele ficou de procurar no manual de regulamentos. Disse-lhe que meu pedido, é claro, dependia exclusivamente da possibilidade de dispensar o tripulante como também de sua vontade de deixá-lo partir – e que, se ele precisasse muito de seus serviços a bordo, levá-lo comigo estava fora de questão – e, da mesma forma, se os regulamentos portuários de Iquitos eram como ele afirmara, o assunto estava encerrado.

1. Casement fez a primeira entrevista com Lewis a bordo do Liberal, no dia 20 de setembro. Em seguida, fez uma nova no dia 22, e subsequentemente em La Chorrera, no dia 24 de setembro, na presença de Tizón e da Comissão. Mais tarde, em dezembro, Lewis prestou testemunho diante do prefeito de Iquitos.

Quando relatei isso a Bishop (e aos senhores Barnes e Fox), Bishop disse que o senhor Macedo já estava tramando pelas nossas costas; que hoje de manhã, enquanto eu falava – por intermédio de um trabalhador de Barbados – a um numeroso grupo de índios que esperavam, à porta de um armazém, para receber suas rações, o senhor Macedo tinha mandado Lawrence, o cozinheiro, ficar atrás de mim para ouvir o que eu dizia. Minhas perguntas tinham sido totalmente inocentes, feitas em voz alta e dirigidas a todo o grupo, como as que qualquer viajante faria sobre os costumes e hábitos de um povo desconhecido. O barbadiano com quem eu falava apontou para um índio jovem, provavelmente um *muchacho de confianza* que, segundo ele, já “matara muitos homens”, mas que ainda “não estava civilizado”! O senhor Fox ficou por perto o tempo todo e o próprio senhor Macedo ficou por ali, com um sorriso forçado –, mas sem entender o que se dizia – por isso o cozinheiro!

La Chorrera. Fotografia tirada pelo cônsul dos Estados Unidos em Iquitos, Stuart Fuller, durante a viagem da Comissão consular ao rio Putumayo e seus afluentes de agosto a outubro de 1912.



REFLEXÕES XXXVIII

Diz Bishop que todos os homens gostariam de vir comigo e acham que não estarão seguros depois da minha partida. Diz ele que um dos barbadianos, justamente o homem com quem eu começara a conversar por acaso à porta do armazém – Donal Francis –, gostaria muito de vir embora conosco. Que o seu serviço é executar as tarefas horríveis de sempre e ele está cansado disso, e ele disse também que tem uma “esposa” índia que está para dar à luz e ele está ansioso para tirá-la dali. (Eu disse a Bishop que talvez pudesse levar comigo o homem e o outro barbadiano, mas, quanto à “esposa” índia, tinha quase certeza de que não poderia fazer nada – sendo peruana, os agentes daqui iriam querer retê-la e eu nada poderia fazer a respeito). [...]

Um guia de Barbados e carregadores com os muchachos de confiança.



Eu disse que em todo caso pretendia pedir emprestados os serviços desse rapaz, pois o senhor Barnes e Fox já me haviam pedido para arranjar um barbadiano para eles, porque o intérprete está doente, e Garrido também vem se queixando e talvez não continue, e que eu achava que esse jovem daria um bom criado. Bishop diz que todos gostariam de ir embora – estão assustados – e acrescenta que o senhor Macedo está mais assustado ainda! Que situação!

Eu disse aos senhores Tizón e Macedo que desejo falar com todos os barbadianos hoje na estação, se for conveniente; e eles concordaram e me mandarão os homens às três horas. [...]

Já de início, estamos frente a frente com grandes dificuldades, e não parece haver saída. Qualquer interrogatório honesto dos cinco barbadianos aqui em La Chorrera trará à luz um estado de coisas que não pode ser tolerado, e tanto Tizón como Macedo vão, de pronto, fingir que há evidências tão graves de desmandos (dos quais não tinham nenhum conhecimento), cabendo às cortes peruanas investigar as acusações. Se, por um lado, eu der a entender aos barbadianos que vou apenas fazer um interrogatório superficial para saber se estão satisfeitos, bem tratados, ou infelizes, etc., eles

REFLEXÕES XXXVIII

podem responder com a verdade, sem revelar nada real, e isso inutiliza seus testemunhos para quaisquer objetivos de reforma. Se, por outro lado, eu induzisse esses homens a falar, com a promessa de proteção, é claro que suas acusações envolveriam Macedo e sem dúvida muitos outros nas seções neste momento, e eu não teria como fazer de conta que meu interrogatório foi inteiramente cordial. Além disso, Tizón ou Macedo pode insistir em estar presente – desde o começo achei que um ou outro *deveria* estar presente – e daí a confusão estaria criada, e os barbadianos seriam mantidos praticamente prisioneiros ou ameaçados disfarçadamente – ou algo pior –, a menos que eu os levasse comigo até o final, e mesmo assim haveria o perigo muito real de Tizón ou Macedo escrever para Iquitos para que “um inquérito” fosse realizado ali para tomar os depoimentos de todos assim que chegassem.

Na certa é o que vai acontecer. E que tipo de “inquérito” seria esse? Obviamente, algo destinado apenas a encobrir Macedo & Co. e lançar a culpa sobre os barbadianos. Eles seriam os bodes expiatórios, tanto para justificar Macedo, como eximir as autoridades peruanas e destruir também qualquer evidência concreta dos crimes em larga escala que são tolerados há anos nesta região infeliz. Estamos cercados de criminosos por todos os lados. Nosso anfitrião à cabeceira da mesa, um assassino covarde, os rapazes que nos servem, e todas as suas artimanhas. Atravessar este distrito fazendo de conta que estamos de olhos vendados e aceitando o significado superficial das coisas que vemos destruirá nossos objetivos – pois não podemos, mais tarde, apresentar, como provas confiáveis, rumores e histórias contadas em segredo, com homens a postos para evitar bisbilhoteiros, comportando-nos como criminosos com medo de serem descobertos. Entretanto, se não agirmos assim, vejo que quase de imediato estaremos diante de uma parede cega, pois é óbvio que estes homens, que sabem perfeitamente que são culpados e malignos, não vão ficar sentados e assistir calmamente construirmos ponto a ponto um caso chocante contra eles. Vão fazer de tudo para se protegerem, e isso, é claro, só poderá tomar uma direção, isto é, “acusar” os barbadianos ou dizer que, como essas acusações gravíssimas estão sendo apresentadas à Comissão, *e a mim*, torna-se dever imperativo de uma Corte de

REFLEXÕES XXXVIII

Inquérito Peruana investigar as acusações, e tudo vem a dar no mesmo.

Vão desacreditar e aterrorizar os barbadianos para que neguem tudo – na realidade, seria suficiente pô-los na cadeia em Iquitos, demonstrando assim minha total incapacidade de protegê-los, para conseguir que digam tudo o que a corte de investigação deseja.

E aqui estou eu, com o relógio marcando quase três da tarde, esperando para interrogar os peões barbadianos deste baluarte do vício. Como é que vai ser? Um verdadeiro interrogatório abrangendo o terreno de suas relações com a Companhia e os deveres que lhes cabia desempenhar, ou simplesmente uma simulação que me permita “livrar a cara” e assegurar a Tizón que os homens “parecem satisfeitos e todos dizem que são bem tratados e pagos em dia”, etc.? [...]

Casement Entrevista Cinco Barbadianos

Sete da noite. Decidi convidar o senhor Tizón para acompanhar minha entrevista com os barbadianos – dos males o menor. Convidei também o senhor Barnes e, assim estabelecido, fiz os homens entrarem um de cada vez. A porta da sala estava aberta para a varanda principal da casa. O senhor Macedo plantou-se junto à porta durante algum tempo, mas como não dei sinal de convidá-lo a entrar, ele teve que sair e ficou andando de um lado para o outro na varanda a maior parte do tempo.

Os barbadianos apresentados foram os seguintes:

1. Donal Francis – Um mentiroso. Contratado em 1905. Mentiu o tempo todo.
2. Philip Bertie Lawrence – Não disse nada (jamaicano). Contratado por Juan B. Vega como cozinheiro. Criado em Chorrera. Todo o tempo em Chorrera.
3. Seaford Greenidge – Viu muito pouco. Padeiro em Chorrera.
4. James Chase – Viu muito e contou o que viu [...]. Afirmou de maneira dolorosamente tímida, e por isso mesmo convincente, que

REFLEXÕES XXXVIII

tinha visto índios mortos a tiros e açoitados até a morte – não mortos exatamente sob os açoites, mas mortos logo depois, em consequência dos açoites – e mortos a tiros, depois de serem açoitados ou mesmo sem terem sido açoitados.

Embora o senhor Tizón interrompesse várias vezes, neste estágio, o homem permaneceu firme em seus testemunhos, e quando lhe foi perguntado se ainda havia açoitamentos em Abisinia, disse que sim – e daí para agradar ao senhor Tizón, que interveio, disse que não era “tão ruim como antes” – mas, mesmo assim, ele tinha visto índios açoitados até bem recentemente – e sempre pelo mesmo crime – por não trazerem borracha ou não trazerem o suficiente. [...]

5. Stanley Sealy – Abisinia. Viu muito e contou o que viu. Falou o tempo todo como um homem e senti-me comovido com seu rosto negro e feio torcendo-se de um lado para o outro, seus dedos fechando-se e abrindo-se convulsivamente, com a verdade crua fluindo de seus lábios. Diz que ele próprio açoitou índios – muitas vezes – muitas e muitas vezes, sempre obedecendo a ordens do chefe, que decidia qual índio seria açoitado.

Era sempre por não trazer borracha – às vezes 25 chibatadas, outras doze, algumas seis; e algumas até mesmo apenas duas – dependendo de quanto faltava para atingir a cota. Os índios “se deitavam eles mesmos” para receber os açoites – “Como um cão, hein?”, comentei. As costas – ou melhor, as nádegas – ficavam laceradas – muitas vezes com cortes profundos – e assim a narrativa horripilante continuou. Os índios não viviam felizes e traziam a borracha porque tinham medo. Recebiam comida “nas seções”, mas não quando coletavam borracha no mato. Ele tinha visto mulheres açoitadas como os homens e um menino açoitado em Sabana. [...]

Eu disse ao senhor Tizón exatamente o que pensava de tudo quando a última testemunha se retirou – e ele teve de admitir que tudo soava podre e infame e *deveria ser varrido de vez*, mas disse que nem todas as estações eram como Sabana. [...]

Sábado, 24 de setembro de 1910 – oito da manhã

Testemunho de Joshua Dyall

Bishop me disse que Dyal, o homem mencionado no testemunho que John Brown deu ao governador de Barbados, chegou ontem à noite. Pedi-lhe que o trouxesse ao meu quarto hoje de manhã para falar com ele, se possível, antes que Macedo o interpelasse. No entanto, temo que Macedo já tenha se adiantado, de modo que terei que lidar com uma testemunha bem preparada. A gente se move aqui abertamente acautelado em uma atmosfera clara de crime, suspeita, mentira e desconfiança e, ao fundo, os assassinatos covardes e revoltantes dos índios indefesos. Se há um povo indefeso na face desta Terra são estes selvagens nus da floresta, meras crianças crescidas. Até mesmo suas armas mostram a natureza incruenta de suas mentes tímidas e de seu caráter gentil.

Dyall veio às oito ou 8h30min e eu fiz Barnes ficar para ouvir seu testemunho. Era um dos personagens mais revoltantes. O homem é um bruto, mas foi empregado por brutos ainda maiores. Como seus testemunhos são gravíssimos, pois ele admitiu que assassinou cinco índios com as próprias mãos, dois a tiros, e bateu em dois até matá-los “esmagando seus testículos” com um pedaço de pau por ordem e com a ajuda de Normand, o último, açoitou até morrer, achei prudente que apresentasse sua evidência completa diante da comissão e do senhor Tizón. Assim, pedi a Tizón que se reunisse com todos eles em meu quarto ao meio-dia para ouvir a leitura de um testemunho extremamente grave. Dyall veio e eu li sua evidência, na realidade um testemunho que ele confirmou. E daí chamei Frederick Bishop e Stanley Lewis e todos eles prestaram testemunhos sobre atos que haviam testemunhado, atos ilegais que eles mesmos haviam cometido por ordem de seus chefes da estação, e a natureza do sistema de “troca” que deviam impor aos índios. A meu ver, seus testemunhos, especialmente os de Bishop, eram suficientes para convencer qualquer homem justo de que aquilo que se vinha fazendo não poderia nunca ser chamado de “comércio” ou “permuta”, em nenhum sentido civilizado ou aceitável do termo.

Um dos castigos descritos por Dyall, aplicados aos índios que não

REFLEXÕES XXXVIII

conseguiram trazer a borracha exigida por Normand, era levantá-los bem alto por uma corrente amarrada ao pescoço e deixá-los cair subitamente, de modo que perdiam os sentidos e tinham de ser erguidos, puxando-lhes os braços em várias direções. Ele fez uma demonstração em nossa frente. (Bishop já me havia relatado exatamente a mesma coisa de seqües onde trabalhara, e descrito o caso de um índio que perdeu os sentidos e caiu decependo a própria língua. Ele se ofereceu para afirmar e “provar” seu testemunho em qualquer lugar e diante de seja quem for.)

Em vão o senhor Tizón procurou atenuar os testemunhos dos três homens, mas eles não mudaram ou retiraram nada, e eu pedi tanto a ele como à Comissão que perguntassem o que quisessem. Disse que, de minha parte, a menos que os testemunhos fossem recusados, era obrigado a aceitá-los: talvez não em todos os detalhes, mas no geral, como acusações muito graves contra todo o sistema, revelando um estado de coisas totalmente errado que não se poderia permitir que continuasse. Recusei-me a admitir que açoiar índios por não conseguirem atingir a quantidade de borracha requerida, mesmo quando tinham “aceitado adiantamentos” de mercadorias, pudesse ser tolerado por um momento sequer e, a meu ver, o modo de lidar com os índios como fora descrito era pura escravidão.

Não vinha ao caso quem havia iniciado o sistema, se colombianos ou peruanos; a Companhia era uma instituição civilizada, havia herdado as exigências dos fundadores desse método e devia eliminar completamente esse sistema e estabelecer um método de negociação legal, civilizado e humano. Quanto aos barbadianos, eles acusaram a si mesmos, o que, em grande parte, prova a verdade de seus testemunhos. Eu não conseguia ver que motivo induziria um homem a se acusar de crimes graves e covardes, como fizera Dyll, a menos que estivesse fazendo uma confissão.

Se eles eram culpados de atos criminosos, como acredito que fossem, os verdadeiros criminosos não eram eles, mas os homens que lhes tinham dado ordem para fazer tais coisas e, se fosse o caso de punir alguém, eu procuraria defender esses homens, buscando conselho e ajuda legal.

Conversa Particular de Casement com Tizón

Tizón se achava em situação extremamente embaraçosa e confessou mais tarde que estava disposto a aceitar as acusações dos homens “no geral” e não desejava confrontá-los com os homens que acusavam. Nada de bom viria de acusar Fonseca, Montt, etc. cara a cara – nós não éramos um corpo judicial e não há ninguém na região de Putumayo com poder de investigar atos criminosos, e não houve uma administração efetiva no passado, em virtude da disputa de fronteiras com a Colômbia, pelo Peru, e assim atos lamentáveis são cometidos com impunidade.

Mais tarde, à noite, no curso de uma longa conversa, ele praticamente jogou a toalha, dizendo que o sistema era escravidão, que tinha de ser abandonado e que esses criminosos, que eram homens perigosos, capazes de tudo com suas armas, seus *muchachos* e seu poder local, poderiam armar os índios selvagens e fazer qualquer coisa.

Ele se confessa temeroso das consequências de insistirmos em acusar esses homens face a face, tendo o homem negro como acusador; diz que eles não aceitarão tais acusações a não ser de um tribunal e que “tudo pode acontecer”. Se a Comissão confiar nele e a Companhia lhe der apoio, ele promete livrar-se desses homens, de todos aqueles que a Comissão e ele mesmo julgarem necessários, e se incumbirá de abolir o açoite por razões “comerciais”, e de providenciar para que um método muito mais humano e civilizado seja adotado nas seções onde a força foi ou ainda é a regra. Apelou que eu usasse minha influência junto à Comissão para que ela concordasse com essa solução. Eu disse que iria depender deles e da ideia que formassem durante nossa jornada iminente da habilidade e sinceridade dele, de sua habilidade para levar a efeito as reformas esboçadas e, é claro, de sua sinceridade, na qual, de minha parte, eu estava desde agora pronto a acreditar. Ele me agradeceu calorosamente repetidas vezes e disse que a ação do governo britânico mandando para cá um homem com a minha experiência, tato, etc., etc. (*ad ini nitum*) era algo auspicioso e propício e que era graças a mim que as coisas seriam endireitadas. (Opinião dele!) [...] Nossa conversa durou até a meia-noite.

Domingo, 25 de setembro de 1910- La Chorrera

Relatei a Barnes e a Bell o que Tizón me dissera na noite anterior. Responderam que, se ele repetisse seu depoimento diante da Comissão, concordariam em não confrontar os barbadianos com os chefes das estações acusados. Os chefes diretamente acusados são Montt (Último Retiro), Fonseca (Sabana), Normand (Matanzas). Agüero, da estação Abisinia, também é acusado, mas o itinerário proposto para nossa primeira jornada é ir para o norte até Último Retiro, Atenas e Sabana e voltar para cá.

Diante disso, eu disse ao senhor Tizón que desejava que ele se reunisse com os membros da comissão para discutir certas questões, ali pelas quatro da tarde de hoje, pois estava muito quente. Já eram quase 4h45min quando nos encontramos em meu quarto. [...]

Encontro entre a Comissão e Tizón

Falei bastante durante o encontro. Expliquei que o senhor Tizón não achava aconselhável confrontar os chefes das estações, que visitaríamos em breve, com acusadores negros que haviam sido seus empregados. Por outro lado, afirmei que esse confronto era o único meio a nosso dispor para estabelecer a verdade, ou não, dos testemunhos dos barbadianos contra seus patrões. De minha parte, eu reconhecia o peso das objeções do senhor Tizón, mas não podia permitir que se dissesse que eu deixara de pôr à prova, da única maneira possível, a declaração desses empregados britânicos da Companhia. A Comissão e o senhor Tizón estariam dispostos a aceitar sem comprovação as declarações dos barbadianos?

Esses homens as haviam feito de boa-fé para mim – um funcionário de seu governo imperial enviado especialmente para investigar as relações deles com a Companhia – e, de minha parte, estava disposto a aceitar esses testemunhos a menos que os agentes da Companhia pudessem provar o contrário em nossa presença. Em vez disso, pediam-me que não os submetesse ao único teste disponível, visto que não havia ali nenhum tipo de autoridade peruana, nem tribunal, nem magistrado, nem qualquer corpo judicial aos quais os homens, ou eu mesmo, poderiam apelar em seu

REFLEXÕES XXXVIII

favor.

Esses homens se autoacusavam dos mais graves dos crimes – matar e açoitam índios por ordem de homens pagos pela Companhia Britânica e seus empregados – alguns deles em lugares a poucos quilômetros de distância. Eu não podia permitir que se dissesse mais tarde que eu aceitara testemunhos sem investigar, e que eram, portanto, unilaterais e sem valor. Eu estava preparado para levar o assunto às últimas consequências e, se necessário, telegrafar imediatamente pedindo assistência legal. E se esses barbadianos fossem acusados e levados a julgamento – como seriam em qualquer país civilizado –, eu estava pronto para defendê-los, pois, embora culpados, não eram nem de longe tão culpados como os homens que lhes haviam dado ordens para que cometessem tais crimes. Afirmavam que eram compelidos a agir, pressionados pelo medo, e eu acreditei neles. Salientei que os verdadeiros criminosos, em minha opinião, eram os agentes supremos ou os cabeças desse sistema perverso de escravização dos índios, do qual extraíam lucros, fechando os olhos para as consequências inevitáveis da aplicação de tal sistema nas condições de ilegalidade – ou de ausência completa de leis – que prevaleciam em Putumayo. [...]

Qualquer inquérito, para ser honesto, deve começar lá com os índios, os produtores da borracha-da-índia. Era óbvio que, a menos que os índios fossem interrogados, a Comissão ficaria no escuro, e poderia obter impressões irreais.

Depois de muita discussão – em grande parte irrelevante – com Barnes e Bell em defesa de meu ponto de vista, o senhor Tizón concordou abertamente, na presença da Comissão, que todos os agentes incriminados seriam despedidos, enquanto a Comissão estivesse ali. Ele não questionaria mais tarde os testemunhos dos barbadianos; praticamente os aceitara, e agiria como se estivessem comprovados. Repetiu enfaticamente essa declaração. Pleiteou ajuda e apoio com insistência, assegurou sua sinceridade e boa-fé e apelou para que apoiássemos a autoridade dele na posição difícil em que se achava. Eu lhe disse que percebia com muita clareza a situação dele e que estava satisfeito. Era o melhor que se poderia conseguir. Não havia Lei, nem Autoridade em Putumayo, conforme

a Companhia informara em carta ao Ministério das Relações Exteriores.

Em Londres, fomos informados categoricamente de que as acusações contra a Companhia não procediam, porque o governo peruano mantinha uma administração eficiente em Putumayo, mas aqui estava o senhor Tizón admitindo que nada poderia ser feito, nem mesmo investigar os gravíssimos testemunhos fornecidos por súditos britânicos contra cidadãos peruanos, pois esta era “uma região muito peculiar”, e praticamente fora da jurisdição da autoridade civilizada.

Casement Ataca o Sistema

Em deferência aos desejos do senhor Tizón, cuja validade admito plenamente, abandonei hoje, portanto, a única oportunidade possível de provar ou descartar as acusações feitas pelos homens de Barbados. Devo insistir agora que a Comissão e o senhor Tizón admitam que eu agi assim porque tentar provar as acusações seria em si mesmo perda de tempo, considerando que não havia nenhuma autoridade a quem apelar. Seria, além do mais, altamente perigoso para a negociação, como asseverava o senhor Tizón, com o risco de pôr a perder todo o bem que ele esperava conseguir agindo com prudência e sem alarde para demitir os incriminados. Mas a dispensa desses homens não seria suficiente. Devo insistir que o sistema de coletar borracha debaixo do terror de açoites e outros castigos ilegais deve cessar e cessar de imediato. Com isso o senhor Tizón concordou. Ele baixaria imediatamente uma circular para todos os agentes, advertindo-os de que quem quer que açoitasse ou maltratasse os nativos seria despedido e entregue à justiça peruana, para ser julgado. [...]

Tizón Promete Agir

Era óbvio que seria necessário muito mais do que circulares com instruções. O senhor Tizón assegurou enfaticamente que agiria com rigor, não se limitando apenas a distribuir circulares. Os culpados seriam demitidos e os açoites como castigo na colheita da borracha, imediatamente abolidos, onde quer que ainda fossem praticados.

REFLEXÕES XXXVIII

Tive de me contentar com isso, e me declarei inteiramente satisfeito, isto é, dentro das limitações evidentes impostas pelas circunstâncias peculiares do caso. O senhor Tizón é o único elemento de bem neste caso todo. Assumi essa tarefa e promete cumprir seu dever, e isso é tudo o que se pode exigir dele. Apresentará provas, diz. Afirmou, além disso, que se falhasse pediria demissão; que, se a Companhia não lhe concedesse o poder necessário, não ficaria um só dia a mais.

[...] Sentia-se fortemente tentado a descer o rio no *Liberal*, no dia seguinte, para revelar tudo, mas não podia fazê-lo por amor a seu país, cuja honra nacional estava comprometida em grande parte, e por consideração a razões humanitárias evidentes. Se a Companhia não o apoiasse, ou, em razão das acusações, a Companhia viesse a desaparecer, e ele percebia que os destinos do país estavam nas mãos da Comissão, as condições dos índios de Putumayo seriam muito piores do que antes. No lugar de uma Companhia britânica poderosa, capaz de insistir em mudanças, restariam apenas bandos de facínoras espalhados pelo país, que “se organizariam para formar companhias”. Não iriam embora, mas se uniriam em vinte companhias de piratas e assaltantes, no lugar de uma única existente hoje.

[...] O homem é um misto de fraqueza e boas intenções, mas as raízes do mal são muito mais profundas do que o seu esforço inócuo de reforma pode alcançar. Tenho certeza disso, mas mesmo assim seu esforço é o único que se apresenta; é um início, um esforço pessoal e sincero, de um cidadão peruano honrado, de endireitar um estado de coisas, tarefa que ninguém, fora do Peru, pode se propor realizar.

[...] Os Zumaetas, os Dublés e – o que é ainda pior – os Aranas seriam eliminados, mas, ó céus!, eles são a Companhia, a companhia local. Os acionistas e a diretoria em Londres são apenas o manto de respeitabilidade e a garantia do dinheiro. Arana e sua gangue em Iquitos são a verdadeira *Peruvian Amazon Company*. Quando ele descobrir que não virá mais dinheiro de Londres, a Companhia deixará a região, mas Arana e sua horda de rufiões infames permanecerão – os Mirandas, Macedos, Agüeros, Fonsecas, Montts, Normands, Argaluses, Flores, Alcortas – e todo o resto

abominável. Que Deus tenha compaixão dos índios! Pobre Tizón também. Ele me disse ontem, ao entardecer: “É preciso rezar, um anjo para me ajudar. De onde devem vir os homens bons?” [...].

Fui me deitar muito triste e cansado depois da longa conversa com Tizón, acho que perto de trinta minutos depois da meia-noite.

Segunda-feira, 26 de setembro de 1910 – La Chorrera

Um Índio Bora Doente

[...] Os índios boras, que estavam aqui para descarregar mercadoria, etc., foram embora no Liberal, a mando de Miguel Flores, acho. Logo ele! Só fiquei sabendo que esse era o famoso Flores depois que já havia partido. Um novo índio bora apareceu – doente, emaciado – caminhando vagarosamente. Comentei com Gielgud: “Parece uma mulher”. Isso enquanto ele estava de cócoras na margem. Então, ele se levantou e foi até a “botica” em busca de remédio. Fui atrás e perguntei a Whiteman, o atendente, se o índio não estava doente. “Está, sim. É a barriga dele.” O índio bateu na barriga murcha e encovada, como a de um cachorro faminto, e me olhou com olhos patéticos quando me debrucei. Disse alguma coisa em sua língua nativa, evidentemente pedindo ajuda. Não lhe deram nada. Disso sou testemunha. O “doutor” ficou tomando café o tempo todo e nem sequer se moveu, enquanto o assistente, no dispensário, também não lhe deu nada. Por fim, o homem teve de voltar para o barco. Todos os outros boras vestiam calças e camisetas para serem vistos por nós! Este homem não tinha nada. Eu dei ao *muchacho de confianza* de Flores – o rapaz que fotografei no sábado, chamado Jay – um conjunto de pijamas. Não sabia então que esse mestiço miserável era Flores. Será possível, Miguel Flores? Ele estava de volta a Abisinia com esses homens e uma pilha de *winchesters*.

Quando o barco estava a ponto de desatracar, uma jovem mestiça muito bonita aproximou-se com relutância, e mandaram que subisse a bordo; o último incidente! Será que a moça não queria ir? Estaríamos assistindo a um dos “incidentes” desse Putumayo cheio de incidentes? Seria ela, talvez, a esposa de um dos colombianos do Caraparaná – de David Serrano – ou de outro qualquer? Perfeitamente possível, mas não tínhamos como afirmar nem

perguntar. [...]

Dúvidas sobre a Comissão

Por que é que os próprios membros da Comissão nunca interrogam ninguém? Nada fazem. Ficam sentados nos quartos lendo ou se ocupam dos aspectos puramente comerciais e econômicos da estação e dos assuntos da Companhia. Não procuraram saber por que os índios boras foram açoitados. Três dos sete homens aqui da estação apresentavam profundos vergões vermelhos nas nádegas e coxas. [...] Aqui, já na primeira estação em que paramos, é evidente que os índios são açoitados. Ninguém diz uma só palavra a respeito – tudo é considerado natural – um estado de coisas aceito e é impossível determinar as razões. É uma prova da total ausência de leis, da ilegalidade extrema, pois as marcas são profundas, mas todos parecem aceitá-las como coisa corriqueira. [...]

Casement Redefine sua Missão – A Busca de Provas

Nessa mesma tarde, à hora do chá, enquanto o filhinho de três anos do senhor Macedo brincava na porta de meu quarto – comigo e com a babá índia e outra menininha, não uma babá, mas evidentemente filha de peruanos, uma linda criança de cinco ou seis anos –, Bishop, vendo-me acarinhar o menino e olhar para a menina, cuja mão eu segurava, disse a Barnes e a mim: “O pai dessa menina, senhor, foi morto por seus próprios *muchachos* há alguns meses”.

Barco Veloz, embarcação da Companhia Arana. Fotografia de Silvino Santos durante a viagem da Comissão consular. Marcial Zumaeta, secretário e cunhado de Arana, está a bordo da embarcação.



Percebi a importância do fato, mas só agora atinei plenamente com seu significado. Barnes estava apressado e pedia com insistência algo que estava comigo, e não fiz perguntas. Mas aí está o que temos: os *muchachos*, armados e treinados para matar seus infelizes conterrâneos, ou ainda, índios boras assassinando uitotos e vice-versa para satisfazer os caprichos ou assegurar os lucros de seus

REFLEXÕES XXXVIII

senhores, que, ao final, se voltam contra eles (por uma variedade de motivos) e os matam. E é a isso que chamam “civilizar” índios selvagens!

Que coisas infames e escandalosas existindo sob a administração de uma companhia britânica que nega com indignação que haja uma só palavra verdadeira nas acusações que lhe foram feitas. Ora, neste exato momento, encontro em minha própria porta, brincando com os filhos do gerente-chefe da companhia na estação principal, a prova viva desse extraordinário estado de coisas: um agente branco assassinado não pelos canibais e selvagens que ele tenta submeter aos benefícios da civilização, mas pelos próprios “rapazes” que já tinha civilizado e utilizava como agentes para o melhoramento de seus irmãos selvagens.

É evidente que os *muchachos* civilizados e armados são mais perigosos para a civilização que os pobres índios selvagens da floresta, desarmados, presas fáceis dos civilizadores. [...] Que Deus me guie a fazer o certo. Que Deus me ajude a ajudar esses seres infelizes!

Manhã de terça-feira, 27 de setembro de 1910- La Chorrera

Uma Ordem para Bishop

[...] Pedi a Bishop que dissesse aos barbadianos que ficaram aqui que eu poderia precisar novamente de seu testemunho e, nesse caso, deveriam ter em mente seu dever com Deus e com as leis de seu país e lembrar que eu havia sido enviado pelo governo imperial para lhes dar assistência. Tinham o dever com seu país e sua cidadania de falar com honra e destemor, apenas a verdade saída de seus lábios poderia ajudar esses índios infelizes e promover mudanças. [...]

[Mais tarde, naquela manhã, Casement e a Comissão deixaram La Chorrera a bordo do Veloz e dirigiram-se para Igaraparaná. Pararam brevemente em Victoria e Naimenes, passaram a noite a bordo e chegaram à estação de Occidente na manhã seguinte.]

III.

Occidente

Quarta-Feira, 28 de setembro de 1910 – Occidente

Chegamos aqui cerca de nove da manhã, sendo recebidos ao desembarcar por Fidel Velarde, chefe da estação, Manuel Torrico, seu auxiliar, e Rodríguez e Acosta, que deixáramos em Naimenes ontem, às seis da tarde. Tinham vindo a pé esta manhã. Evidentemente não é longe por terra, pois La Chorrera mesmo fica a apenas sete, talvez oito horas, de distância por terra. Velarde é um tipo asqueroso, pior, se isso é possível, do que Miguel Flores, que me causara péssima impressão em La Chorrera. Preciso examinar o “registro criminal” de Velarde.



Casas de Occidente

Como eu passei a noite deitado em uma tábua, além disso meio torta, e também tinha chovido, dormi pouco ontem e assim, logo depois de desembarcar, fui me deitar no melhor quarto de hóspedes em uma grande cama de ferro, que Tizón gentilmente colocara a meu dispor. Dormi o dia todo.

A Produção de Borracha em Occidente

A Comissão decidiu o caminho que pretende seguir de agora em diante e também o que farão enquanto estiverem aqui. Não participei dessas deliberações, que dizem respeito apenas aos negócios da Companhia, mas observei Velarde sentado lá com uma cara de criminoso condenado. Membros da Comissão me disseram mais tarde que o haviam examinado e que ele produzira a pior impressão possível. Achavam que ele estava mentindo e disseram isso a Tizón. O homem não conseguiu dar-lhes nenhuma ajuda em sua missão “econômica e mercantil”. Informou que havia, em

REFLEXÕES XXXVIII

Occidente, 530 coletores de borracha ou trabalhadores na lista de empregados, não incluindo *muchachos* e “empregados domésticos”. Os primeiros são rapazes índios armados, mantidos em cada fortaleza; os últimos, usados sobretudo para fins de sexo e para carregar água do rio.

Fardos de borracha no depósito em Occidente



Não expressei minha opinião sobre o número de 530 trabalhadores listados, simplesmente porque não tenho “nenhuma opinião” a respeito. É mentira. Não há dúvida de que existam 530 índios inscritos, cujo dever é trazer a cada três meses cerca de trinta quilos de borracha sob pena de castigo, assassinato ou morte súbita, mas preciso provar isso de forma satisfatória diante dos membros da Comissão, antes de questionar abertamente os “fatos” que eles pensam estar obtendo. Segundo me consta, Velarde disse-lhes, confirmado por Gielgud, que essa estação produz cinquenta toneladas de borracha por ano. Vamos ver como isso funciona. Digamos que trinta quilos de borracha por homem a cada três meses cheguem a 120 quilos por ano; vezes 530 “trabalhadores”, daria 63 600 quilos. A quantidade real de borracha coletada por homem, portanto, deve ser menor do que trinta quilos por quarto de ano.

Entretanto, hoje, no depósito, pesei uma das cargas de um homem; chegou a 33,5 quilos, o que, segundo me disseram, não representa a quantidade total de um *fábrico*, ou casulo de borracha.

O cepo, ou tronco, também está lá. Nada mais. O depósito ocupa todo o andar térreo da casa-grande e nos dois lados mais longos é cercado de prateleiras, onde fica a borracha, conforme o “trabalhador” índio vai trazendo a cada dez ou quinze dias. Para ser preciso, disseram-me, não é o índio que traz a borracha. Embora trabalhe na coleta, ele próprio é “coletado” quando está na hora de trazer a borracha. Os 530 trabalhadores ficam espalhados em toda a estação do senhor Velarde, e são coletados quinzenalmente por

REFLEXÕES XXXVIII

bandos armados de *muchachos* comandados por ele, Rodríguez ou Acosta. São trazidos até a estação, cada homem (ou família), com sua carga de borracha, que é então pesada aqui. Se estiver correta, o homem escapa de volta ao seu lar na floresta para começar nova coleta quase que imediatamente. Se a carga não atingir o peso, ele é açoitado ou colocado no cepo. Esse, em termos mais suaves, é o sistema. Ao final do *fábrico*, que corresponde a cinco dessas coletas, não recebe pagamento pelos trinta quilos, ou seja qual for a quantidade exata que tenha coletado, mas um “adiantamento” do próximo *fábrico*, o que significa que é registrado nos livros desse estabelecimento comercial como devedor. Não lhe perguntam se quer um adiantamento ou o que gostaria de receber, ele se dá por feliz de escapar com a pele intacta, ou levando a mulher e a filha. [...]

Velarde tinha feito convites para uma grande dança índia em nossa honra. Nossa vinda já era conhecida há muito tempo.

O manguaré², ou tambor índio, vinha soando quase o tempo todo no alojamento dos *muchachos*, exatamente como os tambores nativos no Congo Superior. Eu diria que o sistema é idêntico. Essas batidas e ribombos diziam: “Venham para o baile”, “Venham para o baile”, e à noite as batidas continuavam, por vezes, durante longos períodos. Fiquei até tarde esquadrinhando papéis em busca dos antecedentes desse Velarde. Só fui dormir depois das três horas da madrugada, após repassar 240 páginas de documentos datilografados. Descobri que ele é um dos “principais criminosos” de Putumayo. [...]

² **Manguaré:** par de tambores de origem pré-colombiana, utilizados pelas tribos de Putumayo para se comunicarem entre si na floresta. Feitos de troncos de árvores escavados, o menor (macho) tem geralmente cerca de 1,20 metro e o maior (fêmea), cerca de 1,65 metro. A batida dos tambores transmite mensagens rítmicas a grandes distâncias através da floresta, para conclamar os indígenas para conferências tribais e para anunciar danças. A cabeça dos batedores é feita de borracha rústica endurecida.

Quinta-feira, 29 de setembro de 1910

Uma Dança Índia

O manguaré é um instrumento de comunicação feito com troncos de árvores ocós. Os índios golpeiam com paus de borracha. índios golpeiam com paus de borracha.



Os índios começaram a chegar para a dança a partir das onze da manhã. Homens, mulheres, meninos, meninas e crianças “carregadas nas costas”, não crianças de colo, a maioria das mulheres completamente nuas, pintadas de vermelho e amarelo, por vezes artisticamente, com penugens nas pernas. Os homens são todos menores que o normal, alguns esqueléticos, ou pelo menos desnutridos, braços e pernas miseráveis, alguns vestidos apenas com o *fono*³, sua roupa de trabalho nativa, mas outros em “roupa de gala”, isto é, com uma camisa suja de algodão e um par de calças xadrez. [...]



A meu ver, os homens nus usando *fono* têm uma aparência muito melhor do que os pobres espécimes de camisa e calça. A dança começou irregularmente em grupos e procissões e, gradativamente, aumentou e se desenvolveu. Fotografamos muito, Gielgud e eu. Visitamos o alojamento dos índios (a casa dos *muchachos*) onde eles dançavam à tarde e à noite. Vi muitos homens, e meninos também, cobertos de cicatrizes e chamei a atenção dos outros para o fato, e todos viam o que eu via. Alguns dos homens estavam marcados a ferro com as marcas comerciais dos Aranas nas nádegas nuas e na parte superior das coxas, bem como um menininho de uns dez anos. Chamei Bishop para verificar e tentei fotografar o menino.

³ **Fono:** é uma estreita tanga de casca de árvore que cobre a genitália, usada pelos índios das tribos da Amazônia.

REFLEXÕES XXXVIII

Outro menino apresentava vergões vermelhos recentes nas costas. Mais do que nunca a Comissão se convenceu de que Velarde havia mentido ontem. Ele tinha declarado que, desde que assumira o controle em janeiro, ninguém havia sido açoitado em Occidente e que apenas um “trabalhador” (isto é, um índio da floresta) havia fugido.

Tizón assegurou-me que pretendia fechar Abisinia e Matanzas, as duas estações piores, e abrir ali apenas postos de troca, em que a borracha seria usada como dinheiro. Aprovei com entusiasmo. As estações teriam de ser vigiadas, naturalmente. Já havia tomado essa decisão antes mesmo de minha vinda, mas estava apressando-a: a necessidade de mudanças, e mudanças imediatas, era tão evidente. Eu disse a ele que seu plano era excelente. Nessas duas seções, onde provavelmente se cometeram os piores crimes contra os índios no longo período sem lei e de anarquia, ele abolirá inteiramente a coerção e deixará os índios livres para ir ou não até a estação. Se, como Tizón espera, eles agora quiserem coisas, tentarão obtê-las trazendo borracha, e o acerto será uma transação comercial autêntica. As mercadorias terão preços fixos e a borracha um valor local prefixado. [...] O sistema atual não é apenas escravidão, mas extermínio. O escravo era bem cuidado e alimentado para ter forças para o trabalho de seu patrão. Esses pobres servos índios não tinham patrão que os alimentasse ou cuidasse deles; simplesmente estavam aqui para serem forçados a ferro e fogo a coletar borracha.

Os índios dançaram até às cinco da manhã. Dava para ouvir seus cantos. Não lhes deram nada para comer, apenas alguns presentes ocasionais de sardinhas e salmão. Muitos dos índios trouxeram presentes: pássaros, aves que haviam caçado, frutas e até mesmo uma pequena paca viva. Isto tudo era apresentado cortesmente a Velarde ou a algum outro dos cavalheiros, enquanto chegavam. Não se viam belos cocares de penas; haviam desaparecido, se é que os uitotos chegaram a tê-los.

Índios uitotos



REFLEXÕES XXXVIII

Nossa estatura provocou comentários durante a dança. Muitas vezes, bandos de homens e meninos nos rodearam sorridentes. Um índio idoso chegou a medir Barnes, que tem quase 1,90 metro, com uma vara fina que trouxera para servir de bastão na dança da floresta. O índio quebrou a ponta na altura de Barnes, e levou embora a medida provavelmente do homem mais alto, entre os brancos ou quaisquer outros, que já estivera no Putumayo. Mediu também Gielgud e a mim – ambos mais baixos do que Barnes – e voltou a Barnes para medir definitivamente sua altura, como descrevi.

Menino com as “marcas de Arana” nas nádegas em consequência das chibatadas recebidas.

Penso que os índios já perceberam que alguma coisa está acontecendo. Este baile é muito diferente dos anteriores. Todos os tratam bondosamente, até mesmo Velarde e os “outros”, sem dúvida uma experiência inédita. Vinham rodear-nos repetidamente, encarando-nos e sorrindo. Fox é o mais popular entre eles, dançando, marcando passo e brincando com as crianças.

A hilaridade cresce. Bishop me assegura que esta não é uma dança como as outras. Viu índios nas danças, permitidas apenas uma vez em cada *fábrico* – isto é, menos do que quatro vezes por ano –, receberem socos e pontapés e soube de *blancos*, excitados com a bebida, que saíram, à noite forçando mulheres e meninas a cometerem atos abomináveis, chegando a estuprar prisioneiros no cepo. Parece-me que Bishop enrubesceu; outro dia chegou a chorar quando me contava uma dessas histórias sujas. O mesmo aconteceu comigo, quando ouvi o relato de Dyall dos atos cruéis que ele mesmo cometera. Conta Bishop que mais de uma vez foi tirado da cama tarde da noite pelo chefe de sua estação para interromper uma dança em casas de índios próximas à estação. Achei que fosse porque estavam atrapalhando o sono do chefe. “Não, senhor”, disse-me. “Mandaram-me parar a dança porque, se passassem a noite dançando, os índios não poderiam trabalhar o *caucho* no dia

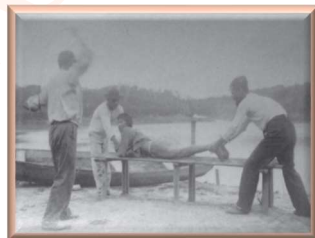


REFLEXÕES XXXVIII

seguinte.”

“Pobres índios!” Tudo aquilo de que gostam, tudo o que para eles significa vida, e o pouco de alegria que esta floresta sombria no fim do mundo pode oferecer a um povo perdido, não é deles, mas pertence a esse bando de assassinos mestiços. Suas esposas e filhos são brinquedos usados para o divertimento desses rufiões. Os índios pais de família são trazidos, sob a guarda de patifes armados, para receberem açoites nos corpos nus diante dos olhos aterrorizados de suas mulheres e filhos. Vemos aqui, diante de nós, homens, maridos e pais que carregam a marca indelével de chibatadas nas nádegas e coxas, e aplicadas para quê e por quem? Por não recolher uma infame cota de borracha, contrária à lei, que lhes é imposta não por um governo, como no caso da pilhagem que acontece no Congo, mas por uma associação de vagabundos, a escória do Peru e da Colômbia, reunida aqui pelos irmãos Aranas e transformada em uma companhia inglesa, liderada por um corpo de cavalheiros ingleses insensatos – tolos – ou coisa pior. [...]

Índio recebendo chibatadas nas nádegas em La Chorrera,



Juro por Deus que enforcaria todo esse bando de miseráveis com as minhas próprias mãos, com o maior prazer, se tivesse poder para tal. Nunca tive prazer em caçar; na realidade, deixei totalmente de atirar por detestar a ideia de tirar uma vida. Eu mesmo nunca dei a vida a ninguém, e meu celibato me faz frugal no que concerne à vida humana. No entanto, eu seria capaz de exterminar a tiros esses criminosos infames com muito mais facilidade do que se atirasse num crocodilo ou matasse uma cobra.

Sexta-feira, 30 de setembro de 1910 – Occidente

Nota sobre os Colombianos

Essa história de apresentar os colombianos como “os homens maus do lugar” vai longe. Foi o que Arana deu a entender aos acionistas; o que o governador de Loreto me declarou abertamente em Iquitos, e

que Tizón repete de forma constante. Em Chorrera, por exemplo, ao deplorar o cruel sistema estabelecido pelos colombianos, o qual Arana foi obrigado a tomar mais ou menos como modelo de seus métodos mais “humanos”, disse que os dois primeiros conquistadores da região, Crisóstomo Hernandez e Benjamín Larrañaga³ (mais tarde absorvidos por Arana), haviam cometido crimes atrozes, e que Hernandez era um “tigre”. Além disso, quando Dyall, o barbadiano, relatava sua primeira viagem a Matanzas, em 1904, com Normand e Roman Sanchez, Tizón interferiu de imediato: “Mas Sanchez era colombiano”.

3. Crisóstomo Hernandez e Benjamín Larrañaga são citados geralmente como os primeiros caucheiros a entrar nas regiões de Putumayo e introduzir o regime de exploração da população indígena. Ambos de nacionalidade colombiana, Larrañaga era veterano da campanha de Rafael Reyes em Putumayo, nos anos 1870, para apanhar chinchona (quinino) e, em cerca de 1895, com o filho Rafael e um grupo de exploradores da borracha, fundaram o primeiro estabelecimento em La Chorrera e, em “cooperação” com os indígenas aimenes, começaram a extrair borracha.

O negócio se expandiu rapidamente, mas os problemas começaram quando Larrañaga, depois de entregar pessoalmente um carregamento de borracha no Pará, foi enganado e perdeu todo o dinheiro, sendo obrigado a fazer sociedade com a família Morey, comerciantes ricos de Iquitos, e com um agiota judeu de nome Jacobo Barchillón. Em 1897, começou a negociar com os irmãos Arana e endividou-se cada vez mais até que sua operação se tornou propriedade dos peruanos. Apesar de estabelecer novas parcerias com Arana, nunca conseguiu escapar de seus credores peruanos. Crisóstomo Hernández foi forçado a abandonar suas propriedades em Caquetá, em 1897, por ter cometido uma série de crimes não especificados. Fugiu para Putumayo e refugiou-se entre os uitotos, mas em pouco tempo havia “conquistado” muitas tribos e instalado um reino de terror. Foi morto a tiros por um de seus próprios homens e o negócio ficou principalmente no controle de Arana.

No entanto, se os barbadianos foram contratados por Arana como “trabalhadores agrícolas” ou “trabalhadores”, e se Arana os entregou

a “criminosos” colombianos, cujas “propriedades” veio a adquirir, e cujo sistema havia mantido, se não incrementado, não posso deixar de concluir que ele é tão culpado como esses “rufiões” colombianos, e, para o governo britânico, é o único responsável pelo uso que fizera de trabalhadores recrutados em uma colônia britânica.

Capitães Índios Falam com Bishop

[...] Esta manhã, Bishop veio me procurar, ali pelas 7h30min, para dizer que durante a noite alguns dos chefes índios tinham vindo falar com ele para implorar-lhe que intercedesse junto a mim, ou me contasse como eram maltratados. O chefe era um índio idoso, um capitão que os funcionários daqui chamam de Francisco, mas cujo nome indígena é Caimanabesa.

Bishop me assegurou que esse homem e outro, que apontou, tinham lhe declarado que os açoites por causa da borracha não tinham parado, mas continuado até há bem pouco tempo e, mais recentemente, tinham sido substituídos por golpes nos ombros e nas costas com a parte plana dos machetes⁴. Esta forma de tortura, embora muito dolorosa, não deixa marcas. Havia também uma nova forma de castigo. Quando estavam lavando a borracha na beira do rio, eram vigiados por um dos *racionales*⁴ (que título!) e, ultimamente, estes e seus *muchachos* enfiavam a cabeça dos índios debaixo d’água até quase afogá-los.

Apontaram particularmente Acosta como agente dessa nova “disciplina”, e Francisco disse que nos últimos meses um dos índios, chamado Feraze Pinaima, da “nação” Inonia dos uitotos, cujo capitão era Friapponaima, tinha sido afogado por Acosta dessa maneira. Contei isso imediatamente a Barnes e Bell e insisti para que interrogassem o índio.

4. *Em outro degrau na hierarquia em Putumayo, os racionales eram*

4 **Machete:** faca de lâmina espessa; facão de mato, grande e pesado; sabre com dois gumes.

REFLEXÕES XXXVIII

mestiços que sabiam ler e escrever. Recebiam um pequeno salário da companhia.

Depois do almoço, Tizón falou comigo na varanda sobre suas esperanças e temores, mais sobre as esperanças, o que é o correto, se pretende ter sucesso. Assegurei-lhe incondicionalmente meu apoio pessoal, e que exerceria ao máximo minha influência onde fosse possível, para fortalecer sua luta contra esse sistema perverso. Contei-lhe, então, o incidente com Francisco e pedi-lhe que entrevistasse Barnes e Bell. Foi o que ele fez; decidiu mandar buscar Francisco para examiná-lo em particular por intermédio de seu próprio intérprete “de confiança” (o seu homem de Iquitos). Durante a entrevista com Francisco Barnes e Bell, pediram a Bishop que falasse para o *capitán* dizer ao seu povo que, se alguém tivesse sido chicoteado ou maltratado, deveria procurar a Comissão onde quer que estivesse, durante os próximos um ou dois meses, e apresentar-lhe os fatos.

À tarde, um *capitán* índio veio e me abraçou, encostando a cabeça no meu peito e me segurando pela cintura. Fez o mesmo com Barnes, que estava por perto. Ficamos comovidos. Eu sabia bem o que isso significava.

Tomei banho no rio, enquanto “Andoques” e Barnes caçavam borboletas. Não me sentia bem e me recolhi sem jantar.

Sábado, 1º de outubro de 1910 – Occidente

Entrevista com Stanley Sealy

A Comissão e Tizón dirigiram-se para a região noroeste para ver os “trabalhadores” índios daquela estação fazendo incisões nas seringueiras daquela parte da propriedade. Eram guiados por Rodríguez (conhecido como Juanito), Acosta e Torrico, que conhecia os trabalhadores. Fiquei em casa escrevendo e dormindo – não muito bem – e tentando evitar meu anfitrião, Fidel Velarde, que vinha me perguntar como eu estava. Tomei café sozinho com Bishop, esperando. Fiz Stanley Sealy entrar para continuar a descrever com mais detalhes suas experiências no serviço da Companhia, o método utilizado, suas obrigações e, então, como era

de seu desejo, redigi uma declaração sobre o que ele havia testemunhado durante uma comissão, liderada por Jiménez, de Morelia até Caquetá, nos últimos dias de maio ou início de junho de 1908. Chase fazia parte da comissão, conforme me disse, e poderia confirmar ou não o que estava declarando. Com Chase fora, acompanhando a Comissão na floresta, anotei a declaração de Stanley em particular, longe de bisbilhoteiros.

É o relato do crime mais hediondo de que ouvi falar, algo absolutamente diabólico. Anotei sua declaração, a qual nunca poderei esquecer, praticamente palavra por palavra. Foi uma declaração simples e sincera capaz de convencer qualquer pessoa no mundo de língua inglesa, acho eu, da absoluta boa-fé e simplicidade desse homem. Decidi que devo confirmar essa declaração na presença de Tizón e da Comissão, convocando novamente Chase e Sealy.

Até que surja essa oportunidade, nada direi.

Interrogando os Membros da Comissão

A Comissão retornou cerca de uma da tarde. Havia encontrado apenas dois índios extratores de borracha e visto apenas três seringueiras. Pareciam surpresos. Eu disse a Barnes que o fato de ele estar surpreso me deixava perplexo.

Admirava-me de que ainda não tivesse percebido que essa história de trabalhadores índios era uma mentira. Não havia trabalhadores; não havia indústria em Putumayo. Havia apenas a floresta selvagem habitada por índios selvagens, que eram caçados como animais e forçados a trazer borracha, por quaisquer meios, e açoitados ou mortos se não o fizessem. Era esse o sistema.

Ele estava surpreso que nenhum dos homens brancos da estação que o acompanharam soubesse onde estavam as árvores – as chamadas *estradas* – ou onde os índios estavam trabalhando. Eu lhe disse que não estava surpreso. Os índios sabiam por extrema necessidade onde as árvores se espalhavam e conseguiam a borracha à custa de muita caminhada, miséria e fome, por meio de uma busca constante, que se estendia a áreas cada vez mais amplas,

à medida que se exauriam as fontes de suprimento mais próximas. Os brancos da estação não davam a mínima para onde estavam as árvores; sua única preocupação era onde estavam os índios, isto é, vigiar para que não “escapassem”. Era evidente, aponte, que o único sistema era a pura pirataria e o terrorismo e, se fosse suspenso o açoite, cessaria o suprimento da borracha.

Era quase evidente que as reservas de borracha da floresta estavam se exaurindo, pois as “seções” mudavam continuamente de lugar. Esta mesma, Occidente, por exemplo, ficava rio acima alguns anos atrás. Fora transferida recentemente. Naimenes acaba de ser aberta. Há uma lista de estações abandonadas no mapa da própria Companhia, abandonadas ou transferidas. As estações estavam seguindo as seringueiras. Percebi que Fox ficou desapontado com a mostra miserável de seringueiras que encontrou, exauridas ou golpeadas à exaustão. Eu disse que não fiquei. Gielgud admite que o suprimento caiu muito ultimamente, ou pelo menos acha que é assim; nunca sei se ele é preciso, ou se tem certeza das coisas que lhe pergunto. Ele sempre se mostra meio hesitante, não intencionalmente, mas nunca apreendeu o significado de certas coisas, aceita tudo e nunca questionou relatórios (a não ser em livros de contabilidade). Ainda assim, ele avalia a produção atual da “propriedade” em quatrocentas toneladas. O prospecto da Companhia indica 470 toneladas em 1905, 644 toneladas em 1906, quase o mesmo em 1907, e cerca de 390 toneladas em seis meses, até 30 de junho de 1908.

Domingo, 2 de outubro de 1910 – Occidente

Um Passeio pela Floresta

Como a Comissão vai sair novamente hoje em direção à outra parte da floresta para ver alguns dos “trabalhadores” extraindo borracha, resolvi acompanhá-los. Seguimos a pé, um grupo numeroso. Adorei a caminhada. A floresta é extremamente pobre, pequenas árvores anãs, apenas uma seringueira avistada nos seis quilômetros de marcha, com cortes fundos no tronco, e quase morta. Chegamos a uma pequena clareira de mandioca na floresta com um *manguaré*, e, do outro lado de um pequeno riacho, havia uma casa de índios.

Ali estavam duas mulheres e crianças (todas completamente nuas) preparando pão de mandioca, e apareceram quatro índios (nus a não ser pelo *fono*). Almoçamos ali depois de ver os quatro homens trabalharem a borracha. Apenas dois deles trabalharam de fato: um deles, um rapaz entre dezoito e vinte anos, e o outro, um homem idoso. Quando vi o homem pela primeira vez, ele vinha subindo em direção à casa, com um bebê de seus dois anos agarrado aos seus ombros nus, parecendo bem um macaquinho. As nádegas nus do homem, as coxas, a parte inferior das costas e os quadris profundamente marcados por chibatadas. Todos percebemos isso. Olhei para as costas dos quatro índios: todos apresentavam marcas de açoites, marcas que nunca desaparecerão, embora as do homem mais velho fossem muito piores.

Conversa sobre Açoites

Como a conversa antes do almoço se relacionava aos sinais de açoites que vemos em toda parte, eu disse que achava que 90% dos índios apresentavam marcas de açoite ou, pelo menos, haviam sido açoitados. Tanto Bell como Fox acharam o número exagerado. Durante a dança, disseram, tinham observado muitos traseiros. Afirmei que tinha feito o mesmo e não achava que 90% fosse um exagero. Continuamos a divergir sobre a percentagem. Deixei-os à margem do riacho observando os dois índios que trabalhavam a borracha e voltei para a casa, que ficava a apenas alguns metros, porque estava com fome. Enquanto comia uns biscoitos, pedi a Sealy que perguntasse aos homens presentes – nove no total – se tinham sido açoitados. Todos responderam unanimemente que sim. Eram homens e meninos. O único elemento do sexo masculino na casa que nunca havia sido açoitado era um menino de cinco ou seis anos. Assim, mesmo nessa pequena enumeração aleatória, minha estimativa ficava abaixo da realidade, pois todos os homens adultos ou quase adultos tinham sido açoitados. Informei isso a Bell, quando nos encontramos para o café. Isso diz tudo, ou seja, nenhum teste preciso pode ser aplicado, a menos que examinemos a parte posterior de todo índio do sexo masculino que encontrarmos. E, então, há também as mulheres que são açoitadas com frequência, de acordo com Bishop, Sealy e Chase, que juram que é verdade.

O próprio Bishop açoitou mulheres. Sealy diz que açoitou apenas homens, mas “muitos, muitos homens”. Chase diz que açoitou apenas uma vez, mas viu centenas sendo açoitados – muitíssimos.

Lavando Borracha

A meu ver, os homens lavaram bem a borracha, o que não é tarefa fácil. A borracha é posta de molho ligeiramente, pisada com os pés em recipientes curvos de madeira estendidos através do riacho, macetada com machetes de madeira enquanto água é derramada o tempo todo. Mais de uma vez derramou-se água quente de uma panela que um dos homens conservava sobre o fogo.

Ao lavar a borracha, as cicatrizes nas costas do homem mais velho ficaram ainda mais proeminentes e tornaram-se, uma vez mais, assunto da conversa. [...]

Finalmente, quando a borracha ficou pronta, lavada e enrolada no formato de duas enormes salsichas com cerca de um metro de comprimento, retornamos à casa, tomamos café e preparamo-nos para a volta. Os outros voltaram no barco que tinha descido o rio para nos apanhar, mas eu decidi voltar a pé e Gielgud me acompanhou; assim como Rodríguez e os índios. [...] À noite eu estava exausto e me recolhi cedo, depois de uma breve partida de *bridge*. [...]

Segunda-feira, 3 de outubro de 1910

Outras Entrevistas

[...] Perguntei a Tizón e à Comissão se poderiam reunir-se, pois eu desejava apresentar-lhes novos fatos. [...] Era difícil fazer a reunião em casa, onde éramos observados o tempo todo. [...] Sugeri, então, a casa dos índios nos fundos da estação, e fomos até lá fingindo examinar as plantas, a cana-de-açúcar, etc., munidos de redes de caçar borboletas, câmeras, etc. como se estivéssemos saindo para uma caminhada. E foi desse modo que a Comissão, enviada pela Companhia e seus principais agentes, teve de fazer uma reunião em uma das principais estações da própria Companhia. [...] Eu disse a Sealy e Chase para virem conosco, como se fossem criados, e

REFLEXÕES XXXVIII

Garrido⁵ foi convidado por Bell. [...]

Chamei Sealy e Chase de imediato e disse ao primeiro que relatasse o que fizera a “Comissão”⁶, chefiada por Jiménez, enviada ao Caquetá, em maio ou junho de 1908. [...] Então Garrido, apresentado por Bell, negou praticamente tudo o que havia relatado à Comissão diante de mim e do senhor Cazes, em Iquitos, em setembro. Não acrescentou quase nada. Uma figura mesquinha e vil, um patife desprezível. É claro que lhe “fizeram a cabeça”. [...] Esclareci que [...], como a Companhia não podia tomar medidas para contestar as acusações contra seu agente, e negava-se a fazê-lo, era minha obrigação considerar válido o testemunho dos barbadianos e chegar a “conclusões independentes e imparciais” a respeito das relações existentes entre súditos britânicos e agentes da Companhia, conforme as instruções que recebera, com base no único testemunho disponível, isto é, o dos próprios súditos britânicos. Estava impedido de fazer perguntas a outros empregados da Companhia, ou de fazer qualquer tentativa para verificar as acusações. Cabia aos agentes responsáveis da Companhia provar que eram falsas, se desejassem me convencer de que esses súditos

5. Casement se refere a Juan Garrido também como Guerrido.

*6. A palavra “comissão” era usada pela **Peruvian Amazon Company** para descrever os grupos organizados e enviados para atravessar a fronteira até a Colômbia perseguindo índios foragidos.*

britânicos não estavam dizendo a verdade à autoridade consular, enviada para investigar o estado de coisas que afetavam esses homens em suas relações com a companhia.

Cheguei à única conclusão possível: que os homens eram controlados por uma organização sem lei, sem lei nenhuma de cima a baixo, que lhes tinha atribuído a execução de um trabalho totalmente ilegal e os tinha deliberadamente transformado em criminosos; que minha tarefa não tinha nada a ver com o trabalho da Comissão; que eu estava aqui para fazer uma coisa apenas. E só poderia fazê-lo usando os meios a meu alcance, ou seja, interrogando os súditos britânicos que encontrasse a serviço da

REFLEXÕES XXXVIII

Companhia, o que estava autorizado a fazer, e tirar minhas próprias conclusões com base no único testemunho de que dispunha e, poderia acrescentar, na evidência fornecida pelo bom senso e pelo que meus olhos viam.

Como chefe da Comissão, o senhor Barnes estava de pleno acordo, e observou que a própria Comissão devia a mim e às declarações de minhas testemunhas a maior parte das informações que havia obtido até aqui, ou seja, observou que os agentes da Companhia (com exceção do senhor Tizón, é claro) tinham sonogado informações e mentido deliberadamente, como fizera Velarde aqui mesmo nesta estação, sobretudo no caso do capitão Francisco, cujas acusações contra Acosta – de ter recentemente afogado um índio, de índios serem açoitados e ele mesmo ter recebido golpes nas costas com um machete e de ter sido ameaçado com o revólver – só tinham chegado ao conhecimento da Comissão por meu intermédio e de Bishop.

[...] Todos concordam. Só há uma explicação possível: a existência de um reino do terror e a absoluta ignorância em que Tizón foi mantido.

[...] Hoje levei a guerra para o campo inimigo. Acho que isso tinha de ser feito, e praticamente toda a Comissão concordou comigo, o que, infelizmente, nos deixa numa situação desesperadora. O pobre Tizón é a única esperança nessa situação. Arana, tenho certeza, é um patife, o pior dos patifes desse sindicato do crime. Usei essas mesmas palavras – “sindicato do crime” – mais tarde, ao comentar os eventos da manhã com Bell e Barnes. Bell concordou de imediato, e Barnes já pensa exatamente como eu. Percebo que Bell ainda tem certa predileção por Arana, mas ela está desaparecendo diante da lógica impiedosa destes dias em Occidente, “a melhor estação da Companhia”, a de maior produtividade, cinquenta toneladas por ano, ou um sétimo de toda a “colheita” de borracha de Putumayo, de acordo com Gielgud, o especialista da Companhia.
[...]

Perguntei ao senhor Tizón, em nosso encontro de hoje: “Por que, quando esses crimes vieram a público em Iquitos, há quase três

anos, a autoridade local não fez nada para investigar?”. Respondeu-me que, primeiro, o então governador lhe havia recusado autoridade para seguir até Putumayo, como desejava, alegando que o Peru não poderia intervir, uma vez que o distrito era objeto de litígio com a Colômbia e não se sabia a quem o território pertencia legitimamente (!). Em segundo lugar, disse, fora aberto um “inquérito” em Iquitos.

Observei que Iquitos fica a 1.930 quilômetros de distância e que nenhum inquérito poderia investigar nada de importante, exceto por intermédio dos índios, aqui, no próprio local. Eles eram as testemunhas. Apenas eles poderiam testemunhar; eram eles que “produziam” a borracha, eles é que eram açoitados, eles é que eram ultrajados e mortos, eles é que tinham sido espoliados de tudo, desde sua masculinidade, de suas esposas e filhos, até suas pobres vidas desesperadas – esses miseráveis “eram os bens ativos” dessa poderosa companhia inglesa.

Sinceramente, sinto pena do homem. Afinal, é evidente que sou convidado do chefe da estação local, apesar das tentativas de Tizón em afirmar o contrário. Aqui em Occidente, durmo na cama de Velarde, e os lençóis, as fronhas, etc. são marcados com suas iniciais. Uma prova divertida disso ocorreu logo após nosso encontro.

A Roupas Lavada de Casement

Minha roupa lavada foi trazida por Sealy. Perguntei-lhe como faria para pagar e a qual das mulheres do numeroso grupo de empregadas domésticas poderia dar um presente como pagamento. Ele respondeu simplesmente: “A esposa do gerente, senhor, lavou a roupa”. “Oh!”, respondi. “Você quer dizer a senhora Velarde? Não fica bem dar-lhe uma lata de carne. Ela mesma lavou a roupa?”

A cara enfarruscada do barbadiano abriu-se num sorriso agradável: “Ele tem quatro ou cinco mulheres, senhor”. E nós dois rimos abertamente. Rimos, tanto eu quanto Sealy, que fora forçado, dois dias antes, a me informar, com o rosto muito ruborizado, de seus vários arranjos maritais em Putumayo. Sealy, no entanto, teve uma esposa de cada vez. É reservado aos chefes da estação e aos agentes mais graduados deste estabelecimento comercial o privilégio de

tratar matrimônio e borracha da mesma maneira, como taxa sobre o “produto bruto” do distrito.

Aqui está este Fidel Velarde, que recebe apenas “dois soles por arroba” com a bagatela de “quatro ou cinco esposas”, uma das quais gentilmente lava a minha roupa, enquanto Normand, na distante Matanzas, com seus 20% sobre o *peso bruto*, tem um harém de pelo menos uma centena de servas. Conteí a história a Barnes e Bell; eles explodiram de tanto rir, mas a roupa deles também é lavada pelo mesmo processo. Não podemos escapar aos arranjos locais e eu disse que tanto fazia que Tizón afirmasse que eu era convidado dele ou da companhia. Na realidade, eu era convidado dos infelizes índios. Eles é que pagam tudo, a comida que comemos e o vinho que bebemos, as casas em que nos hospedaram e o barco que nos leva rio acima – tudo isso vem de seus corpos emaciados, semimortos de fome, e bem flagelados. Não há como fugir disso; somos hóspedes de uma fortaleza de piratas, onde *winchesters*, cepos e chicotes – sem mencionar os crimes hediondos no *background* – fazem a vez de mercadorias, e uma escravidão sem limites toma o lugar de transações comerciais.

Pesadelos de Casement

Sinto-me doente. Meu pesadelo ontem à noite foi uma criatura composta de todos esses criminosos, uma espécie de Velarde-Agüero-Flores, indescritível, de olhos injetados, sentada à porta do meu quarto, esperando por mim.

Só isso. Apenas esperando. Não é de admirar que eu começasse a gritar em meu sono horrível e acordasse a casa inteira. De tarde, enquanto os demais dormiam – todos nós cansados, preocupados e contrariados –, visitei os cepos com Sealy, e tirei novas medidas, enquanto ele explicava o mecanismo e funcionamento. [...]

E agora, para a cama. São 3h40min e estou cansado. Acordei à uma hora da madrugada (ou mesmo antes), peguei meu lápis para registrar os acontecimentos do dia. Foi um dia muito infeliz. A traição de Garrido, por exemplo, mostra como é forte a influência do mal que nos rodeia. Imaginem esse homem renegando tudo o que voluntariamente havia se proposto a dizer à Comissão quando

REFLEXÕES XXXVIII

estávamos em Iquitos. Não que tivesse grande importância como evidência; agora só tem valor como evidência de que Garrido foi “comprado” ou intimidado, ou, ao menos, corrompido desde sua vinda para o distrito. A atmosfera do lugar como um todo é atroz. Agora, nossa única preocupação – tanto minha como da Comissão – é fazer tudo para que a verdade não vaze. Nós, que estamos em busca da verdade, procedemos como se fôssemos desonestos e criminosos, fazemos reuniões em segredo e, constantemente, nos comprometemos a ser “prudentes” e “silenciosos” e a não demonstrar a nossos anfitriões o que pensamos deles ou das coisas que vemos a todo momento. Fazemos teatro o dia todo e quando investigamos, dentro do possível, um crime apavorante, como o que foi relatado esta manhã, fingimos estar caçando borboletas. E toda essa precaução está, agora, incorporada em nós por causa... dos índios!

Em Londres, a Companhia negou-se a investigar por causa do governo peruano e daí, quando venho ao local com ordens do governo peruano, vejo que isso não tem valor algum, pois não há funcionários peruanos. E, finalmente, quando digo que está tudo bem, vamos proceder por conta própria, exatamente como todos aqui vêm fazendo há anos, só que eles vêm escravizando e matando, e vamos, nós também, prosseguir por conta própria, apenas investigar para descobrir a verdade, eis que aparece o pobre índio! Se investigássemos, mesmo por alto, qualquer dessas acusações terríveis de maus-tratos aos índios, destruiríamos os índios! A única chance de salvá-los é continuar a fazer de conta, a fingir que nada vemos e confiar a Tizón a tarefa de demitir os chefes locais um por um, introduzir “reformas” e varrer completamente o sistema, o que só será possível desde que a companhia seja protegida e nada da verdade venha à tona. É praticamente impossível. Já disse mais de uma vez que pessoalmente farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar, mas muitos fatores podem impedir a concretização da esperança de reforma.

Em primeiro lugar, não vejo como a Companhia possa continuar a existir. A diretoria inglesa se demitirá, e daí? Arana retorna a seu próprio vômito. Os Zumaetas, os Dublés e todo o resto do bando de

REFLEXÕES XXXVIII

salafriários apertam ainda mais as garras em torno do que resta dos índios de Putumayo. *Après moi le deluge* torna-se o moto de cada um desses bandidos. Unidos resistem, e divididos roubam cada um por si, em seu pedaço de floresta, mas todos juntos contra os índios e o mundo exterior, peruano ou colombiano, até que a última gota de *Jebe debil* tenha sido arrancada do coração desta miserável floresta, e o último dos uitotos e boras tenha sido queimado vivo ou

7. Jebe era o nome mais comum da borracha no Peru, derivado de uma palavra nativa usada pelas tribos do leste do Equador. Seu emprego foi relatado por La Condamine. Hevea é a classificação de Linneus para a árvore e é a forma latinizada da palavra hevé apresentada por Fusée.

transformado em um *muchacho de confianza* civilizado e tenha assassinado seu patrão. Dito assim parece incrível e irreal, um tremendo exagero. Não é nada disso. Não é mais inacreditável do que aquilo que ouvimos todos os dias e gradativamente começamos a aceitar como verdade pura e simples. Pelo menos de minha parte, não vejo razão para duvidar da veracidade de nenhum dos crimes imputados a esses homens, e a lógica do sistema, agora evidente a nossos olhos (para mim sempre esteve aparente), não admite outra conclusão.

Terça-feira, 4 de outubro de 1910

Meninas Índias

Mais ou menos às oito da manhã, Sealy veio dizer que “Juanito” (Rodríguez, o colombiano) tinha acusado Chase de se meter com as moças que carregam água, ou melhor, com uma delas. São elas as únicas pessoas que vi efetivamente fazendo alguma coisa em quase sete dias na “melhor estação” do distrito de Chorrera. É um grupo de meninas índias de seios bem desenvolvidos e camisas coloridas, que durante o dia vão e vêm do rio carregando latas de querosene cheias de água para vários fins: banheiro, despensa, cozinha, etc. Diz Sealy que uma delas queria levar uma lata para o senhor Gielgud lavar fotolitos e Chase interveio. Então, Rodríguez acusou Chase de tentar “seduzir” a moça e acusou os dois, ainda, de contarem mentiras para mim, o cônsul. Daí ele veio imediatamente

REFLEXÕES XXXVIII

me contar. Eu lhe disse para não dar importância ao assunto e dizer a Chase que fizesse o mesmo. Falei imediatamente com Bell, que achou o fato muito sério – uma tentativa de corromper testemunhas ou intimidá-las – e que Tizón deveria ser avisado. Eu não via nenhum objetivo em preocupar Tizón com o que não passava de uma briga entre empregados.

Os barbadianos podem muito bem estar tentando obrigar as moças a dormirem com eles, mas neste lugar, esta é, sem dúvida, a regra a seguir. Todos eles têm mulheres nativas, e é claro que as moças que carregam água se destinam a fins imorais. Em qualquer organização normal, trabalhadores nativos seriam pagos para esse trabalho, e homens seriam contratados. Aqui todos os homens trabalham na borracha e a função das mulheres é outra. [...]

Casement Visita Barnes e Bell

Escrevi quase o dia todo, e de tarde fiz uma visita a Barnes e Bell em seu quarto, que fica ao lado do meu, e discutimos vários aspectos da situação que, a meu ver, e acho que eles concordam, não poderia ser pior. Afirmam repetidas vezes que Velarde mente para eles, que ele é absolutamente indigno de confiança e, no entanto, quando precisam de informações têm de recorrer a ele ou a seus subordinados. Não podem nunca interrogar os índios. [...] Mencionei o método de buscar os índios nas casas da floresta e fazê-los caminhar até aqui, que Sealy e outros afirmaram ser a prática costumeira. Barnes não sabe de nada e confessa que perdeu o interesse pela coisa, que está “podre de cima a baixo”. Bell limita-se quase somente ao seu interesse particular, o lado puramente comercial; Fox, à borracha; e Gielgud, bem, no seu caso não observei nenhum ramo particular de interesse a não ser os da Companhia de modo geral, o que está absolutamente correto. [...]

Escrevi quase que o dia todo. Isso é necessário para ter certeza do caminho a seguir. [...]

Conversa com Tizón e Outros Comissários

[...] Conversei com Tizón das 6h30min às sete. De novo, uma conversa interessante. Discutimos várias coisas: a esperança de

REFLEXÕES XXXVIII

continuidade da Companhia, a casa de Iquitos, etc. Disse-lhe que, se o verdadeiro estado de coisas vier à tona agora, a Companhia não dura um dia sequer, e também que eu não via como ele iria fazer reformas, sendo que a casa de Iquitos estava completamente contra ele, e nas mãos de homens como Zumaeta, Dublé, etc. Disse-lhe francamente que achava que ele era o “único homem honesto na Companhia” – ou o único que encontrara – e que, se não fosse por ele, eu arrumaria as malas e iria embora imediatamente (e acho que a Comissão também!). Disse que os atos de Arana junto à diretoria e tudo o que vi aqui me convencem do fato de que ele havia enganado a diretoria e disse que não confio nele de jeito nenhum.

No final, Tizón concordou com tudo e disse: “Se eu seguisse meu coração, iria embora imediatamente. Gostaria de ver a Companhia desaparecer e Arana e todos os outros banidos da vida pública”, mas voltou aos índios. Se Arana permanecesse – o que é certo – e a companhia se fosse, os índios ficariam em condições muito piores. [...]

Pensei demoradamente no assunto depois do jantar, enquanto os outros jogavam *bridge*. [...] Eu fizera uma boa jogada, cortando com a dama, e voltei para o quarto. Lá reexaminei tudo o que aconteceu nesse espantoso emaranhado de mentiras, enganos e meias histórias, nenhuma das quais nos foi permitido verificar da única maneira possível, ou seja: interrogando abertamente os empregados da Companhia. Nem a Comissão, em suas funções puramente comerciais, nem eu, investigando a posição de súditos britânicos, podemos proceder a qualquer exame efetivo. A Comissão tem de se basear nas declarações que lhe fazem esses agentes, todos obviamente envolvidos. Afirmam que não há livros, praticamente nenhuma prova documental. Quando a Comissão solicita determinado relatório ou papel necessário para elucidar assuntos em discussão, o senhor Velarde diz que foi enviado para La Chorrera. [...]

E assim vão as coisas! Para onde quer que se voltem em busca de informação – eles, que são enviados pela Companhia para auxiliar e aconselhar – se deparam com dissimulação, declarações falsas, ou ausência total de evidências documentais que venham a solicitar, e

que deveriam ser fornecidas voluntariamente e de imediato. Aqui não há livros de ponto, dizem, nada a não ser *blancos* refestelados nas redes, *muchachos* ociosos (ausentes muitas vezes), que entram e saem da floresta armados, mas nem o mínimo sinal de trabalho nessa assim chamada fábrica. Ninguém trabalha. Até mesmo os rapazes que servem às mesas vão para suas redes às nove da manhã e ficam enfiados lá, até três de uma vez, brincando uns com os outros⁸.

Tudo isso é altamente insatisfatório e agora, além de tudo, vem o pedido de demissão de Garrido, depois da revelação de sua falta de caráter na segunda-feira. Dizem que está claro que “fizeram-lhe a cabeça”. Digo o mesmo, mas, pensando no assunto, vejo a coisa ainda pior.

Mais Tarde, Depois do *Bridge* – Conversa com Barnes e Bell

[...] Aqui estamos todos tateando no escuro. Até aqui a única “evidência” de caráter direto e aberto foi a dos barbadianos, em declarações feitas a mim, seu cônsul, acreditando no meu poder e capacidade de protegê-los. Eu era responsável pela segurança desses homens. Haviam confiado em meu direito óbvio de solicitar-lhes que dissessem a verdade, dentro de suas possibilidades. Mais de uma vez haviam demonstrado e expressado grande temor das consequências, e foi sua confiança e crença em mim que os levaram a falar em primeiro lugar, a se oferecerem para confrontar seus chefes da estação face a face e, finalmente, a nos acompanharem na viagem. Mas eu não tinha poder nenhum para protegê-los, não havia lei ou autoridade de qualquer espécie neste país. [...]

Os três barbadianos que estão conosco serão aconselhados a não se envolver com nenhuma mulher sob qualquer pretexto, a se comportar como verdadeiros Galahads⁹ da virtude negra (!) e dormir perto de nós, com seus winchesters e revólveres carregados.

8. O sentido dessa observação, de caráter geral e não específico, feita por Casement a respeito dos meninos indolentes nas redes, foi deturpada na entrada de 4 de outubro dos Black Diaries:

“Chuva torrencial ontem à tarde e à noite. O rio subindo de novo. Às nove horas para o banho. Encontrei ‘Andoques’, o menino claro e outro menor, na rede, perto do banheiro fazendo às claras o que Condenhor disse certa vez dos meninos de Roma e Johnston, dos meninos da Niassalândia. Os outros empregados observando tudo praticamente enquanto os três meninos brincavam uns com os outros, com risos e chacotas! Bela moralidade bestial para uma companhia cristã”.

9. Galahad, ou Galaaz, é o cavaleiro lendário mais puro da tábua redonda do ciclo arturiano.

Isso me levou a apontar outra conclusão a que chegara. [...]

Quarta-feira, 5 de outubro de 1910 – Occidente

Resumindo a Situação

[...] É óbvio que nada deterá esses facínoras. Se agora têm certeza, o que é bastante provável, de que Tizón é honesto, de que compartilha nosso modo de pensar e nos acompanha em tudo, eles devem saber que a garantia de permanência em seus postos lucrativos depende de iniciarem uma conspiração bem-sucedida contra ele. Para isso, devem prejudicar de alguma forma o principal objeto de seus temores – eu mesmo. Foi apenas por meu intermédio e em razão da lealdade e confiança que esses três ou quatro homens negros ignorantes depositam em seu cônsul que a verdade veio à tona. Muito tarde, ontem à noite, nós três concordamos que a situação era realmente inacreditável, algo em que ninguém seria capaz de acreditar. Bell (cético a princípio) não cessa de rir de um aspecto disso tudo: que eles, uma comissão de especialistas, enviados por uma poderosa companhia inglesa para defender seus interesses, fossem forçados a agir como criminosos, a esconder o que pensam, a deixar de fazer mesmo as perguntas indispensáveis, e forçados a declarar que, de todos os agentes da Companhia que conheceram até aqui, apenas um, Tizón, parece ser honesto. [...]

São nove da manhã e nem sinal do barco que partiu há dois dias e deveria ter retornado ontem. Tizón diz que deu ordens claras para seu retorno imediato. Ou aconteceu um acidente (bastante

REFLEXÕES XXXVIII

provável), ou o barco está retido em Chorrera, devido a alguma manobra diabólica de Macedo.

[...] Tanto Barnes como Bell afirmam não precisarem de mais evidências do verdadeiro estado das coisas. Eu os convenci plenamente e posso afastar-me, certo de que nada os levará a modificar sua posição atual. Como eu mesmo estou convencido, vejo apenas a probabilidade de graves contratempos para todos, se continuarmos a buscar evidências em condições de tanto perigo, como as que nos cercam hoje. Seria loucura ir até Matanzas, até o arquiassassino Normand. [...] Ninguém entra naquela parte da floresta a não ser em grupos numerosos e bem armados.

Gostaria muitíssimo de ver as coisas com meus próprios olhos, de poder registrar os métodos usados lá, nessa “apropriação industrial” e “comercial” dos índios, mas como? A Comissão dificilmente irá a Matanzas ou Abisinia, dizem, pois as estradas são longas e estão inundadas. Para mim, pessoalmente, seria na verdade um prazer, mas me sinto alarmado quanto aos resultados – os resultados possíveis – até mesmo quanto ao assassinato de barbadianos, quase debaixo de nossos olhos. Naturalmente, seria obra dos “canibais” ou “selvagens”; do “marido injuriado” ou coisa parecida. Não haveria evidências de um crime. Além disso, esses homens nunca foram punidos pelas mais aterradoras ofensas perpetradas contra a humanidade. Nenhum deles. Estão aqui há anos cometendo os crimes mais hediondos, como nós todos acreditamos agora.

Foram denunciados abertamente em Iquitos, há três anos, com inúmeras testemunhas andando pelas ruas daquela capital, pedindo para fazer declarações diante de um tribunal. E o que aconteceu? Nada, absolutamente nada. [...]

Enquanto escrevo, os outros estão lá fora atirando em um alvo que representa um soldado austríaco. É bom manter as aparências, o que fazemos muito bem, embora o fato de estar sempre escrevendo no quarto seja suspeito. Não posso evitar. Tento escrever à noite, mas este clima nos cansa demais, e eu geralmente desisto e vou dormir. O pobre Barnes está doente. Toma quarenta grãos de quinino diariamente e está com péssima aparência, magro e

emaciado⁵. Gielgud, que ainda não chegou aos trinta anos, parece muito saudável. Entretanto, temo que ele seja inútil para qualquer objetivo sério. Imagino que toda a questão não lhe pareça importante.

Carregadoras de Água

Levantei às 5h15min. Vi primeiro uma moça sair do quarto de Torrico, perto do meu, na mesma varanda. Quando me viu, à minha porta, ela fugiu de um salto. Fiquei na varanda e vi quatro moças ou mulheres saírem da casa de Velarde (onde dormem ele, Rodríguez e, conluo, Aquileo Torres), e, ao mesmo tempo, quatro das carregadoras de água apareceram em nossa varanda para apanhar as latas vazias e descer ao rio. Ao mesmo tempo vi mulheres às portas dos quartos dos criados, do outro lado. [...]

Temos aqui um séquito feminino considerável, que não se dedica a nenhum trabalho útil, a não ser as pobres carregadoras de água, que começam às 5h30min e carregam água às vezes até às oito da noite. São elas ou alguma dessas escravas que lavam nossa roupa. Ontem à noite, Sealy trouxe a roupa lavada de Gielgud e de Tizón, e perguntei a Gielgud (de propósito) como é que ele pagava a lavagem de roupa. “Oh!” respondeu, “eu não pago. Considero como uma das coisas que a Companhia proporciona.” Assenti e perguntei ingenuamente como é que a Companhia remunerava as mulheres que lavavam a roupa. “Oh!”, disse. “Elas recebem alimentos. Não são pagas. Recebem presentes, latas de sardinha e outras coisas.” “Entendo”, disse, “mas se elas são empregadas da Companhia e contratadas como tal, com certeza existe alguma regra ou escala de pagamento.” Ele não respondeu. Isso diante de Tizón e de todos os demais, um pouco antes do jantar; e é isso que ele acha “tão bom”.

Conversa com Sealy

[...] Nesse momento (dez da manhã) Sealy está limpando meu quarto. Eu lhe disse que, quando partíssemos para Último Retiro,

⁵ **Emaciado**: muito magro.

REFLEXÕES XXXVIII

eu queria que os três homens dormissem próximo de nossos quartos, e expliquei que não deviam tomar liberdades com as índias, que era perigoso, e também, a meu ver, imoral. Se fossem feitas acusações contra eles a esse respeito, ou mesmo coisas piores, não só eu estaria impedido de protestar, como o seu testemunho seria desconsiderado e poderiam dizer que, na realidade, tudo que me haviam contado era mentira.

Era indispensável, portanto, que se comportassem com decência, firmes em sua honra e lealdade comigo e seu governo. É reconfortante perceber, nesse ambiente abominável, que esses africanos simples e ignorantes são dotados de hombridade suficiente para compreender os apelos feitos à sua honra e a seus corações. Deus abençoe seus rostos negros.

[...] Estou me tornando a *bête noire* do espetáculo. Cada vez que procuro esses pobres cavalheiros é com um novo crime em meus lábios, ou em meus olhos. E nada posso fazer para evitar.

Análise dos Outros Membros da Comissão

O elemento mais desconcertante da Comissão é Gielgud. Está fortemente comprometido com esse estado de coisas maléfico e não perde uma oportunidade de defendê-lo. Diria sem dúvida que é para defender a Companhia, mas na realidade defende um sistema que, para qualquer pessoa dotada de discernimento, é indefensável. Naturalmente há muitas pessoas neste mundo capazes de defender qualquer coisa já existente, simplesmente porque existe, e seu tipo de estrutura mental não lhes permite imaginar um estado de coisas diferente. Sua maneira de pensar é aplicável a essas circunstâncias, esquecendo que circunstâncias são em grande parte engendradas pelo homem.

O que está acontecendo e vem acontecendo há anos pode talvez não ser o certo nem o melhor, mas é o melhor nessas circunstâncias e, assim, por que não lucrar com isso?

Esse é o ponto de vista de Gielgud, se pudermos dizer que ele tem um ponto de vista formado. Seu poder de observação está longe de ser acurado e, a meu ver, ele nem sequer consegue pensar com

REFLEXÕES XXXVIII

clareza. Pode não haver nada errado com seu coração, mas sua capacidade mental é claramente deficiente quando se trata de um problema humano dessa importância, quando coração e cabeça devem contrabalançar um ao outro. Assim, hoje antes do almoço, ele e Fox vêm procurando encontrar pontos positivos neste sistema de escravidão. Dizem no mesmo fôlego que se trata de escravidão e, logo a seguir, de “uma transação comercial”, que o índio “deve” dinheiro à companhia. E isso diante de todos os lanhos e cicatrizes, sem falar dos assassinatos que testemunhamos ou de que fomos informados nesses últimos dias. Gielgud passou por este distrito há um ano, dormiu no mesmo quarto que ocupo agora e achou que tudo estava “em ordem”, talvez rudimentar, mas perfeitamente adequado ao ambiente. Voltará a essa atitude mental amanhã mesmo, se as revelações que tenho de reforçar quase que todos os dias cessarem, e quem lhes dará continuidade quando eu for embora? Por isso disse a Barnes ontem, à meia-noite, que eu nunca lhe perdoaria se ele voltasse atrás na promessa de condenar a coisa toda de fio a pavio, quando tivesse retornado à Inglaterra. Ele me havia afirmado que eu podia contar com ele, mesmo se ele fosse o único que estava tão convicto quanto eu.

Fox está completamente deslocado neste ambiente, um homem de coração extremamente bondoso e pleno de comiseração, mas incapaz de apreender adequadamente uma situação complexa como essa. Ele enxerga até certo ponto, mas não o suficiente. Assim, enquanto fica horrorizado com as histórias de Jiménez, com a história de Sealy sobre a “velha senhora” que foi queimada, ou sobre o menino que foi degolado, acha que se trata de “atrocidades isoladas” – isso é o que concluo – e porque vê índios que dançam, que cantam, que sorriem como crianças, acha que isso é prova de que são felizes e “não apenas maltratados”.

É a mesma história do Congo que se repete, com o mesmo tipo de defensores de mentalidade lógica ou que não dão a mínima importância ao assunto. Uma coisa não pode ser ao mesmo tempo escravidão e contrato voluntário. Quando contestei, nessa conversa com Gielgud e Fox, por exemplo, se o arranjo de “pagar” adiantado aos índios depois de cada *fábrica* era comércio legítimo ou se era

REFLEXÕES XXXVIII

um pretexto, dentro ou fora da lei, para açoitá-lo o índio que tivesse levado as mercadorias e não tivesse recolhido o “preço acertado”, ele hesitou. Não defendeu os açoites, mas sustentou a validade do “contrato”. Retruquei que não existia nenhum contrato, nenhuma prova de que os índios aceitavam voluntariamente as mercadorias ou assumiam a obrigação de pagar por elas com trinta quilos de borracha ou de outra maneira qualquer. Tanto ele como Gielgud imediatamente me disseram que “eu estava presumindo” essas coisas, argumentando com base em suposições. Respondi que meu argumento admitia a verdade simples, mas, quando mesmo a maneira mais simples de prova se fazia necessária, diziam-nos que fazer perguntas aos índios, na tentativa de provar qualquer declaração que lhes dizia respeito, prejudicaria todo o *show* e criaria o “caos”.

Assim, não se pode verificar se houve açoitamentos fazendo perguntas diretas aos índios, cujas costas cortadas de cicatrizes estavam à mostra, porque significaria acusar os brancos e também expor o índio a retaliações depois de nossa partida. Assim, para qualquer lado que nos voltássemos encontrávamos as mesmas dificuldades para testar as acusações da única maneira possível. Via-se algo que seria questionado pela razão, pelos princípios e pelo bom senso de cada um, sem que fosse permitido interrogar. Nada seria mais fácil do que testar esse modo de “pagamento” dos índios, por exemplo, se estivessem preparados.

O senhor Gielgud estaria preparado para testar o sistema? No próximo *fábrico*, por exemplo, ele me deixaria perguntar, ou ele mesmo se disporia a perguntar aos índios se eles queriam “adiantamento” ou pagamento, ou se preferiam não ganhar nada e ser liberados da obrigação de extrair borracha? (Esse adiantamento é chamado de uma ou outra maneira, de acordo com a linha de argumentação desenvolvida em sua defesa. Às vezes, é um pagamento de borracha entregue ou mesmo “vendida”. E quando se aponta evidência do emprego do açoite, ou do cepo, ou mesmo de assassinato, o fato torna-se um adiantamento que não foi cumprido, e o emprego do açoite, um tanto bárbaro, etc., é o modo rude usado com um devedor relapso.) Essas não foram exatamente suas

REFLEXÕES XXXVIII

palavras, mas é a teoria de defesa em que, sem dúvida, acreditam. No mesmo fôlego, concordam que o sistema é ruim, que o povo é escravizado e, no momento seguinte, que não é assim tão ruim; e que condená-lo tão radicalmente é um exagero, porque o faço sem “provas”, e com base em suposições¹⁰. E eu disse: “Então tudo bem, estou preparado para *provar* minha suposição

*10. Acusações de exagero, feitas principalmente por peruanos, foram dirigidas a Casement durante todo o tempo da investigação em Putumayo e surgiram em parte porque as pessoas simplesmente não conseguiam engolir a escala de horrores descrita por ele. Em 1913, quando o **Foreign Office** tentou se eximir da situação embaraçosa resultante da investigação de Casement, começou a insistir que muitos dos relatos eram exagerados. Os *Black Diaries* foram claramente adequados para enfatizar a tendência e a habilidade de Casement para o exagero, o que se vê claramente na sua aparente fascinação por falopletismografia (medição de pênis).*

Quando quiserem, mas vocês vacilam por dois motivos: um, porque isto é o Peru, e outro, porque não é o Peru, não há nenhum tipo de autoridade, e é impossível promover qualquer investigação desse porte, porque resultará em acusações criminais – deve, na verdade, resultar em acusações criminais – e vocês têm de evitar fazê-lo, uma vez que não há ninguém para prender os criminosos ou punir o crime que possam trazer à luz”.

Que raciocínio incrível, se é que se pode chamá-lo de raciocínio! Na verdade, é perda de tempo e esforço tentar convencer essa Comissão, excetuando-se Barnes, já convencido, e Bell. Este ainda se apega a uns resquícios do lado “comercial” do argumento e ao dever de “fazer o índio trabalhar” (para seu próprio bem; é sempre para o seu próprio bem que o homem é escravizado. São palavras minhas, não de Bell). Mas acho que ele está convencido de que o sistema é “escravidão” pura e simples e tenho esperança de que ele o denuncie como tal.

Não faço nenhuma objeção a Gielgud tentar defender sua companhia. É certo e demonstra lealdade, mas um inglês educado em uma universidade inglesa deveria ser capaz de sentir o cheiro do

certo e do errado em um caso como esse. O que encontramos aqui é carniça – uma pestilência – um crime contra a humanidade e o homem que o defender está, conscientemente ou não, alinhando-se com as mais baixas extrações da humanidade e propagando uma moléstia moral que a religião, a consciência e tudo o que temos de honra e dignidade devem denunciar sem concessões. Considero Tizón, o ex-funcionário peruano que ignorava muito do que estava acontecendo até chegarmos a Chorrera, muito mais compreensivo, muito mais humano, de mentalidade muito mais elevada do que esse produto de uma universidade inglesa.

Princípios de Certo e Errado e Ocultação

A batalha tem de ser renovada a cada dia e, quando penso que venci e estabeleci de uma vez por todas o princípio que deve guiar a investigação, um ou outro dos membros da Comissão (não Barnes, que está firme comigo desde Iquitos) se afasta e volta aos argumentos leopoldianos: conveniência, “o único modo”, “o início das coisas”, etc. [...]. Dizer como Fox que o sistema não é totalmente ruim, que há alguns pontos positivos, é quase o mesmo que dizer que a natureza humana não é inteiramente má. [...] É claro que não. Mas não se poupa um criminoso, ou se tenta prolongar um crime, ou o que tenha a ver com um crime, porque o criminoso é um ser humano e tem um coração humano. O que vemos aqui é bom ou ruim, decente ou indecente, defensável ou indefensável. Estamos lidando com princípios básicos do certo e do errado, e todo argumento em favor dessa coisa condenável tem origem na cobiça e mantém-se apenas pela ocultação dos fatos.

Somos confrontados com a dissimulação a cada passo. Quando eu disse que os índios eram escravos, Gielgud e Fox objetaram e queriam minhas “provas”. Eu disse, então, a Gielgud: “Apresentarei provas muito em breve se você, isto é, se a Companhia me permitir verificá-las”. A isso ele respondeu que o pedido deveria ser dirigido ao governo do Peru. [...] Se meus olhos podem condenar o que veem, tudo o que qualquer homem sensato, que pensa com honestidade, vê aqui o leva a condenar o sistema que buscam defender. Não desejo ser injusto com Gielgud, nem mesmo em

pensamento, e assim tento às vezes provocar discussão, a fim de permitir-lhe recuperar terreno, mas é um trabalho árduo e desanimador. Talvez eu seja excessivamente beligerante. Tento ser cauteloso e mesmo inquisitivo. [...]

Mercadorias em Adiantamento para os Índios

No que diz respeito às “mercadorias” que adiantam para os índios, ou com as quais lhes pagam em cada *fábrico*, pode-se encontrar aqui mesmo e de imediato a prova mais simples de seu valor real, de sua utilidade para os índios e de seu valor relativo ao da mercadoria que o índio é obrigado a fornecer em troca, por assim dizer. Esta estação produz cinquenta toneladas de borracha por ano (mais ou menos) no valor de, digamos, 10 mil libras. Onde fica o depósito em que eu posso verificar as mercadorias estocadas para cobrir o próximo *fábrico* de, digamos, um quarto do total, ou a entrega de 2,5 mil libras em borracha? (Na realidade não existe nenhum depósito de mercadorias. O que há é um quartinho, onde dormem em redes o servente, Gurusi, e Garrido, com a menor variedade de quinquilharias que já vi. Ganha de qualquer depósito do Congo em Bula Matadi, ou *Domaine de La Couronne*)¹¹. [...]

Defeitos da Comissão

[...] Solicitei ontem a Barnes e Bell, como chefes da Comissão, que fizessem um inventário do que há no depósito. Recusaram-se, creio que por preguiça. Acho que Bell alegou que poderiam descobrir que mercadorias vinham para Occidente consultando “os livros” em Chorrera. A tarefa de fazer este levantamento não levaria mais que meia hora. Dei uma olhada no depósito mais de uma vez, mas não posso simplesmente entrar lá e fazer o balanço. Ficariam todos ofendidos e certamente perguntariam: “O que você está fazendo aqui?” Mas, se quisesse, a Comissão poderia e deveria fazer esse inventário. Uma única inspeção, juntamente com um pagamento visível feito a um desses “530 trabalhadores” por um fornecimento de borracha de 75 dias, acabaria com muitas dúvidas e provaria

11. *Área de concessão no Congo Belga, sob controle direto de Leopoldo II.*

REFLEXÕES XXXVIII

Rendas da área eram destinadas diretamente ao rei, sem qualquer forma de controle ou prestação de contas. Durante a investigação de Casement no Congo, em 1903, testemunhas em Impoko lhe asseguraram que as piores atrocidades tinham sido perpetradas naquela área. Bula Matadi (derivado do nome do profeta Francisco Bullamatare) era um povoado dentro do domínio e significa “quebrador de pedras”, apelido originalmente dado a Henry Morton Stanley, o primeiro homem a explorar e reclamar a posse da parte interior da África central para Leopoldo II. Stanley orgulhava-se de seu nome tribal africano. Vinte anos mais tarde, porém, a frase viria a significar “administração branca abusiva” e, em vez de “quebrador de pedras”, “quebrador de homens”.

quem está exagerando ou argumentando com base em “suposições”.

Mas toda verificação é negada ou não é fornecida, e eu não posso ficar disputando com a Comissão. Meu desejo mais intenso e constante é convencê-los, mas é muito duro ficar só, ser o único a querer chegar ao fundo dessa coisa toda. Ver ingleses como Gielgud mais ansiosos em defender do que reformar, mais rápidos em ver o bem, em vez do mal, em algo indubitável e inteiramente mau, é um profundo desapontamento. Para mim, esse defensor se torna até certo ponto *particeps criminis*.

Mais do que nunca, eu desejaria que o coronel Bertie tivesse vindo conosco. Como desejo ter-lhe pedido, implorado que viesse! Quando lhe disse, em Manaus: “Por favor, convença os outros da importância desse ponto de vista”, ele me respondeu: “Mas são fatos, não opiniões que desejamos”. Eu respondi: “Sim, mas muito, muitíssimo depende do ponto de vista de um homem sobre esse tipo de coisa. Os fatos podem corresponder à verdade ou ser manipulados. Há princípios básicos a manter e, uma vez que se renuncia a eles, torna-se possível aceitar qualquer coisa, e lá se vão os seus fatos”.

[...] Na situação atual não existe, na realidade, chefe da Comissão. Cada um segue seu próprio caminho. Não se faz nenhuma busca coletiva além de um certo ponto, e o que se tem feito até aqui deve-se muito à minha insistência constante para que haja uma linha de investigação.

Putumayo Pior que Congo

Na verdade, a escravidão em Putumayo, no dizer de Hardenburg, e que me fez rir quando li a respeito um ano atrás em *Truth*, é um crime maior do que o do Congo, embora em escala menor, pois afeta alguns milhares de seres humanos, enquanto a outra afetou milhões. A outra era escravidão dentro da lei, com juízes, polícia e funcionários, em geral homens de berço e mesmo de educação elevada, a serviço de um sistema iníquo, investido de autoridade monárquica e direcionado, em certo sentido, para os assim chamados fins públicos. Era ruim, excessivamente ruim e, mesmo com todas as suas chamadas garantias, foi condenado e está em vias de desaparecer, graças a Deus.

Mas o que se vê aqui é escravidão sem lei, onde os feitores são facínoras covardes por natureza, a escória das prisões, e não existe nenhuma autoridade dentro de 1.930 quilômetros, e nenhum meio de punir os crimes mais vis. Às vezes, a justiça congoleza intervinha e um bandido especialmente sanguinário era sentenciado, mas aqui não há nem cadeias, nem juízes, nem lei. Todo chefe da estação é juiz e lei ao mesmo tempo, e cada uma das seções nada mais é que uma grande prisão, com os índios na roda do moinho e os criminosos como carcereiros. Como Barnes e Bell disseram ontem à noite, é “inacreditável”. E, no entanto, aqui estão dois bondosos ingleses, não defendendo o sistema – eu nunca diria isso –, mas procurando desculpá-lo de certa forma, incapazes de perceber a enormidade da situação, ou de compreender seu significado atroz.

Começo a pensar que o mundo – isto é, o mundo do homem branco – é feito de duas espécies de homens: os que fazem concessões e os irlandeses. Poderia acrescentar: e os negros. Graças a Deus sou irlandês, não tenho medo de “presumir”, e não me esquivarei da acusação de “exagerar”. Que seja. Insistirei até o fim em fazer as denúncias atingirem o alvo, e se esses infelizes índios de Putumayo, profundamente ultrajados, encontrarem finalmente alívio de sua carga cruel, será graças aos irlandeses da Terra. [...] Aqui, em uma de suas principais estações comerciais, a Companhia não tem em estoque mercadorias suficientes para fazer frente à demanda de um

REFLEXÕES XXXVIII

armazém em Banyan de décima categoria, com exceção de, digamos, baía de Delagoa¹². O depósito de borracha, por outro lado, é vasto. Ocupa todo o porão da parte maior da casa – da parte bem maior da casa – enquanto o quarto em que ficam as mercadorias tem apenas cerca de quatro metros quadrados, e toda a mercadoria depositada caberia facilmente em um baú.

A explicação fornecida por Bell é esta: quando o *fábrico* está completo, isto é, quando a última produção de borracha, correspondente ao período (75 dias) pelo qual foram pagos, é entregue pelos índios, todos entram na casa da estação com o produto, que é mandado para Chorrera por barco. Pergunta-se, então, aos índios que forneceram a borracha, aqui em Occidente, o

12. Atualmente baía de Maputo.

que querem “como adiantamento” para o próximo período ou *fábrico*. Eles retornam às suas chácaras e trabalham (sob a supervisão e direção de um grupo de funcionários que visita os vários assentamentos na floresta para obrigá-los a cultivar a terra) em seus pequenos terreiros de *yuca*, mandioca, etc., de modo a garantir o suprimento de alimentos, enquanto as mulheres são retidas na estação para limpar as “plantações”, como a de cana-de-açúcar, desordenada e raquítica, que vemos aqui. As mercadorias que os índios pedem vêm no barco em seu retorno de Chorrera e são, finalmente, entregues aos índios como “adiantamento” (não em pagamento; note-se a diferença) pelo qual ficam presos ao compromisso de entregar uma determinada quantidade de borracha. Esta é, em suma, a declaração de Torrico – não em seu todo – relatada por Bell. [...] O restante diz respeito ao transporte da borracha até Chorrera, ao trabalho das mulheres aqui, e ao dos homens em suas próprias chácaras.

A meu ver, revela o modo mais extraordinário de conduzir os negócios de uma companhia inglesa que se pode imaginar, sem falar da invasão total dos direitos naturais do índio.

Quinta-feira, 6 de outubro de 1910

Seguindo para Puerto Peruano

[...] Saída de Occidente às 9h20min e chegada a Puerto Peruano às sete da noite, onde dormimos. Como passei o dia todo enclausurado no barco, não pude escrever muito, a não ser apoiando-me nos joelhos, vez ou outra. De Puerto Peruano a Último Retiro, no Veloz. Dia de caçar borboletas [...].

Último Retiro

Sexta-feira, 7 de outubro de 1910 –

Chegada a Último Retiro

[...] O rio fica estreito por aqui, com aproximadamente trinta metros entre as margens devastadas. A sede da estação ergue-se como uma fortaleza no ápice do monte a aproximadamente quinze ou vinte metros do nível da água. A sede foi construída como um navio, com proas voltadas para o rio: em uma proa alta, rodeada por estacas, fica a sala de jantar, toda aberta; as pontas das estacas formando um baluarte a aproximadamente meio metro acima da varanda. As salas têm cerca de quatro por quatro metros, no máximo; medirei depois para assegurar-me. Em uma dessas salas, com uma portinhola aberta, fica o armazém, que conta com uma variedade de mercadorias ainda menor do que aquela coisa miserável em Occidente. Conteí treze “jerrys”¹ para a civilização superior do alto do Igaraparaná! Alguns polvorinhos, quatro ou cinco redes e alguns badulaques. Tentarei levantar o estoque olhando pela proa. É um lugar minúsculo, menor que qualquer um dos outros.

1. Garrafas de um tipo de bebida alcoólica local.

O “pessoal” foi agrupado no convés da varanda, perto do cepo, principal objeto à vista, e nos cumprimentou com “*buenos días, señores*” à medida que subíamos a escada rústica. Todos me pareceram absolutos salafrários. [...] Os índios aqui constituem espécimes melhores que os de Occidente: são mais robustos, têm os membros mais vigorosos de uma forma geral e rostos mais alegres.

Há muitos deles nos arredores. A casa indígena é uma estrutura bem pequena, com o chão vazado, a aproximadamente três metros do solo, onde ficam mulheres, etc., e a parte de baixo é ocupada por muitos outros índios, principalmente mulheres e crianças. As mulheres predominam e muito. Estão por toda parte. Contei sete concubinas ao mesmo tempo do lado de fora, três na varanda onde o “pessoal” reside. [...]

Sábado, 8 de outubro de 1910 – Último Retiro

A Comissão Interroga Jiménez

Enquanto escrevo nesta manhã do dia 8, a Comissão interroga Jiménez (chefe da estação em Último Retiro) sobre os métodos de “comércio” empregados aqui. Fox é o único a fazer perguntas; são perguntas sensatas que Tizón transmite, traduzindo as respostas de Jiménez. Mas estas são contestáveis. Se Fox for além e interrogar os *outros* (índios aqui e acolá), chegará à verdade. Mas não por meio deste homem. Ele pergunta quanto ao “pagamento” dos índios – Que Deus nos proteja! – e ao tratamento de índios doentes, casos de varíola e assim por diante. Os doentes ficam isolados, e são os próprios índios que os isolam. [...]

Crichlow

Bishop veio dizer que Crichlow, um barbadiano, disse-lhe ontem à noite que o outro chefe da estação, Alfredo Montt, ao saber da nossa vinda, mandou remover as ossadas de quatro *muchachos* mortos em janeiro passado. Também disse que, alguns dias antes, um homem chamado Solar havia vindo de Chorrera com uma carta de Macedo para Jiménez, e que ele, Crichlow, foi então chamado em particular por Jiménez e informado de que, se não dissesse nada ao cônsul, teria um aumento de salário. Esse homem foi então enviado a Atenas para advertir Montt. Contou isso ontem à noite, discretamente, a Bishop. Perguntei a este se Crichlow falaria a verdade quando interrogado por mim, ou se iria mentir por causa do suborno. Bishop disse que Crichlow não queria falar, que estava ansioso para ganhar algum dinheiro agora: tinham lhe prometido uma boa “gratificação” por seu silêncio e ele estava ansioso para ir

embora para Barbados com algum dinheiro. Respondi que já veríamos isso e que, em todo caso, o dever dele era contar-me a verdade a todo custo. [...]

Índias às Margens do Rio

[...] Descemos em direção aos “lavatórios”, recentemente construídos para nossa vinda, conforme nos informou Gielgud. Um dos *racionales* dava ordens para a colocação de toras com o intuito de criar uma escada no declive até esta casa, que está situada sobre um pequeno riacho. [...]

Encontrei dezoito mulheres, agachadas e portando machetes, limpando o chão, duas delas adultas e completamente nuas. Havia uma terceira, uma menina também nua como quando nasceu. As quinze restantes (esposas de *muchachos* ou do mato) vestiam-se com saias de *cushuca* e fios de contas ou moedas. Como são pagos esses seres? Não por meio do armazém, com certeza.

Nove dos índios homens portam palhas ou gravetos atravessando o tendão do nariz. Todos vestem *fonos*, embora alguns meninos menores permaneçam nus.

Ontem à noite, no jantar, onze capitães e *muchachos* sentaram-se ao redor dos baluartes, observando-nos enquanto comíamos. Estavam alegres e pareciam não ter medo de Jiménez. Bishop diz que ele tem feito mais pelos índios desde que Montt partiu. Ouvi Tizón dizer que o lugar ficava “em desordem” quando Montt estava aqui, mas Montt está em Atenas.

O Estoque do Armazém

Fiz um inventário do estoque do armazém da melhor forma possível. A Comissão foi para lá depois de interrogar Jiménez e eu fiquei junto à porta, olhando para dentro. Eles mal olharam as armas, manejaram uma ou duas, e então saíram, mas meus olhos de lince e espírito de Sherlock Holmes fizeram o resto. Não gastaria nem cinco minutos para retirar cada artigo dali e também para avaliá-los. Todas as coisas não valem nem cinco dólares juntas, nem nada perto disso, tirando as armas.

REFLEXÕES XXXVIII

Aqui está o inventário do estoque:

- Vinte e sete armas e rifles winchesters;
- Treze rifles *snider* e pistolas (seis com baionetas);
- Cerca de 140 cartuchos de winchester;
- Quinze urinóis de ferro esmaltado, treze com tampas, dois em uso;
- Três globos de vidro para lâmpadas à vela;
- Cerca de dez pratos de ferro esmaltado;
- Um jarro de ferro esmaltado;
- Uma panela de ferro esmaltado;
- Cerca de cinquenta polvorinhos (**Polvorinho**: objeto usado para guardar pólvora) de 110 gramas;
- 75 caixas de fósforos;
- Doze redes de algodão;
- Algumas drogas de diferentes tipos, uma ou duas latas e embrulhos de papel;
- Três rolos pequenos de pavio de algodão.

Isso para suprir as necessidades diárias e semanais de uma estação já fundada há muitos anos, “empregando” entre cinquenta e sessenta pessoas, de uma maneira ou de outra, com mais de 400 mil metros quadrados de terreno descampado ao redor, três casas e só o diabo sabe quantas concubinas.

Há com certeza mais concubinas que artigos vendáveis neste armazém, mas suponho que estas senhoras não se vendam. Elas dão tudo de si: como a sua virtude, não têm preço.

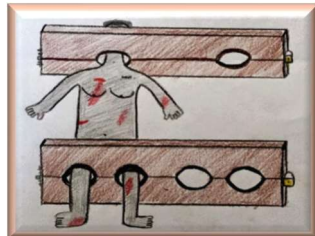
A Comissão está agora “inspecionando” lá fora, e Gielgud faz fotos alegres de nativos interessantes com rostos pintados e gravetos no nariz. O que eu gostaria é de obter uma fotografia de todo o pessoal feminino deste estabelecimento e também seus nomes, ocupações, salários e custo à Companhia ou à população de índios que nos

REFLEXÕES XXXVIII

cerca [...]. Não seria uma coisa difícil de se fazer. Este lugar é como uma toca de coelhos, cheio de mulheres, mas isso jamais será feito.

Visita ao Cepo

Assim que possível, quero testar o cepo publicamente. Trata-se do mesmo cepo em que Dyall ficou confinado por uma noite inteira a mando de Montt. Tem dezenove buracos muito estreitos, e posso facilmente imaginar que colocar as pernas de um homem grande ali e sentar-se sobre a trave pesada, deixando-o assim preso, seja uma verdadeira tortura, como descrito por Dyall e demonstrado por suas pernas profundamente marcadas. Prenderei a mim mesmo nele e Bishop e Sealy também! Estou convicto de que aquela besta brutal do Montt deveria pagar, e muito, por ter posto o infeliz do Dyall em tal caixa de tortura por toda uma noite, deixando suas pernas laceradas, e depois pendurando-o na trave por meio de uma corrente.



Fui ao cepo por volta das 10h30min e o experimentei em Sealy. Muita gente reuniu-se ao redor. O tronco não se fechou sobre suas pernas por pouco, a medida interna sendo, penso eu, de menos de sete centímetros, mais perto dos cinco. Pusemos então um índio robusto, que coube de forma justa. Ele conseguia mover o pé um pouco para cima e para baixo, pois a sua perna era mais fina perto dos tornozelos. [...] Enquanto fazíamos isso – Barnes, Bell, Fox, Gielgud e eu – o índio começou a falar em uitoto e suas palavras jorraram.

O que disse nos foi traduzido parcialmente por Sealy e Chase. Mostrou-nos as coxas e nádegas, exibindo largos vergões em ambas, descendo até a parte de trás das coxas e disse que foi assim punido por não trazer o *caucho*. Disse também que eram postos neste cepo, onde ficavam até morrer de fome; que morriam ali; que muitos, que todos, tinham sido chicoteados. Muitos haviam morrido naquele cepo. O seu semblante ferido atestava aquilo tanto como suas palavras.

REFLEXÕES XXXVIII

Um menino uitoto veio engrossar o coro, levantando a camisa. Ele tinha só uma ou outra marca menor, mas nos disse que também havia sido chicoteado. Muitos foram reunindo-se ao nosso redor. Bruce sorria dizendo: “Foi chicoteado por não trazer *caucho*”, como se isso justificasse qualquer coisa.

Respondi: “Sim, e eu preferiria mendigar a viver disso”, enquanto apontava para os membros escarificados do pobre e velho *capitán*. Então, acrescentei de modo que todos pudessem ouvir: “Isto aqui não foi feito para servir como lugar de detenção, mas sim como instrumento de tortura”.

Por tais buracos passariam somente as pernas emaciadas desses pobres uitotos, a quem até mesmo as tribos vizinhas chamavam de “pernas de mosquito”. Os barbadianos gostaram do que aconteceu. Finalmente uma prova em primeira mão, um índio de fato ousando manifestar-se. O homem havia entendido a situação e desabafado. Todos riam, mas de maneiras diferentes. Eu sorri de satisfação, porque este esqueleto destemido tinha encontrado sua voz, assim como o menino de semblante inocente ao seu lado, e porque os traseiros de ambos, incontestavelmente marcados com o sinal da “Casa Arana”, foram exibidos ostensivamente perante a Comissão. Comentei (com Chase), em alto e bom tom, com o meu dedo medindo a profundidade exata: “Diga a ele que, da próxima vez que não trouxer *caucho* suficiente e vir a ser chicoteado por isso, que espalhe uma camada de *caucho* de dois centímetros em todo o seu traseiro e pernas e que deixe que lhe desçam o chicote dessa forma!”.

Todos urraram, mas o golpe foi certo. O “pessoal”, vendo seu ídolo difamado de forma tão ultrajante, ainda mais perante os índios, que há tanto tremiam sob o domínio daquele monstro, não sabia se sorria ou se protestava diante de tal depreciação do cepo. Protestar, eles não ousavam; então riram também.

Eu então disse: “Já que estamos discutindo este instrumento de tortura, sugiro que a Comissão marque sua visita a Último Retiro queimando-o publicamente. É o que eu faria se estivesse no comando”. Todos ficaram sérios, somente o velho Fox aprovou, e

REFLEXÕES XXXVIII

ele, de fato, levantou a questão mais tarde junto aos membros, como uma sugestão oficial, mas eles acharam “mais prudente” não fazer algo assim tão inflamado quanto queimar o cepo. Isso acenderia um pavio. Com tanta gente reunindo-se ao redor, pensei que era melhor parar. A situação estava ficando vergonhosa.

O senhor Tizón, coitado, veio para perto e eu fui embora.

Almoço

Durante o almoço, vimos um bando de mulheres transportadas para o outro lado, para começar, sob os olhares de um dos patifes, a preparar o caminho para a visita de amanhã da Comissão, que deverá ir a uma localidade nos arredores. Havia um homem armado: o animal a controlar e as mulheres a trabalhar. Depois esses porcos do submundo criticam os índios, porque seus homens recusam-se a trabalhar nas plantações! Esses porcos que se refestelam nas redes e esperam pela vinda da borracha, que nunca levantaram a mão para trabalhar e que não ganhariam sequer seis dólares por dia em qualquer comunidade decente, estes são os senhores e mestres destas pessoas infelizes – de seus corpos e almas –, exercendo uma tirania mais que feudal em nome de uma grande companhia inglesa, neste vasto território habitado por seres dóceis e tímidos, submetidos à fome e ao chicote, humilhados como cães que lambem as mãos que os açoitam.

Outra queixa dos barbadianos sobre a comida. Bishop implorou-me para permitir que ele desse uma lata da minha carne a uma menininha muito magra trabalhando lá fora. Eu disse que sim, naturalmente, mas ele perdeu-a de vista, a coitadinha.

Interrogando Crichlow

Depois do almoço, chamei Edward Crichlow e pedi a Barnes e Fox que estivessem presentes durante o interrogatório. Ele falou francamente. Minhas advertências daquela manhã haviam surtido efeito. Os detalhes que deu de algumas das bestialidades cometidas por Fidel Velarde e Aurelio Rodríguez ao açoitarem índios – homens, mulheres e crianças, o último, capaz de estendê-los em um cepo duplo, um para pernas e o outro para cabeça e braços, e

também sobre um outro cepo, que podia ser regulado para cima e para baixo, de modo a servir à estatura de crianças – eram revoltantes. Ainda bem que Fox estava presente.

Onças

Logo antes do jantar, dois *muchachos* entraram armados na sala de jantar para falar com Jiménez. Eram figuras muito estranhas. Um pálido e magro, com longos cabelos negros envolvendo seu rosto fino e cadavérico. Sua voz, muito alta e abrupta, parecia com chinês. Pareciam fantasmas em uma ópera. Começaram a contar agitado de seus feitos a Jiménez, que riu, e contou-nos que tinha havido outro pânico por causa de um “tigre”. O líder dos rapazes estava à espreita de um pavão, ajeitando sua mira do alto de uma árvore, quando uma onça surgiu por detrás dele. Levantando-se com um grito, ele atirou no ar e pulou dali. A onça foi para um lado e o índio para o outro, de modo que ele felizmente pôde estar aqui para contar a história.

Duas belas peles de puma secavam do lado de fora da casa.

“Recentemente abatidos”, afirmou Jiménez. Na hora do jantar, os *capitães* contaram-nos de um índio que, mesmo armado e com um machete, fora morto recentemente por uma onça, e também de um homem da chácara (na clareira do outro lado do rio), que vira uma mulher sendo devorada por uma onça, provavelmente a mesma, não chegando a tempo de salvá-la.

Vamos todos à floresta amanhã – a mais ou menos 2,5 horas daqui – e levaremos armas, tentando encontrar alguma dessas numerosas panteras ou onças, – aqui naturalmente chamadas de “tigres”.

A comissão decidiu partir na terça-feira de volta a Puerto Peruano de barco, seguindo então a pé (por sete horas) e dali para Entre Ríos e para o “país de O’Donnell”. Quem diria que um nome tão formidável seria assim enlameado?! Que esse nome irlandês que evoca bravura, honestidade, coragem e cavalheirismo seria ostentado por um bandido peruano, cujo objetivo é perseguir esses índios desafortunados, seus “concidadãos”, e roubá-los de tudo o que possuem para ganhar dinheiro com o seu sangue? A única coisa

REFLEXÕES XXXVIII

que me anima é que esse Andrés O'Donnell tem o nome menos sujo do bando – o registro menos infame. Não é muito, mas, em terra de cego, quem tem um olho é rei, e é vantagem por aqui poder dizer que “O'Donnell não matava índios com as suas próprias mãos, como todos os outros”.

Sealy veio lembrar-me do pedido que fiz a ele em Occidente para que, quando alcançássemos Último Retiro, me apontasse o outro homem encarregado do chicote em Sabana quando ali estive. “Aqui está”, disse ele, “é aquele cozinheiro, Zumarán.” Mirei a cozinha e vi um subalterno diminuto, de pijama azul, um dos membros da gangue que Bell nos disse ontem parecerem “todos eles salafrários”. Aquele era o carrasco e antigo companheiro do pobre Sealy, e agora nosso cozinheiro. Quando olho para o rosto decente e afável de Sealy, semblante de um negro honesto, e vejo como ele ri de orelha a orelha, por puro deleite, quando esfrego publicamente algo na cara desses covardes, tal como fiz nos cepos hoje cedo, pergunto-me como ele conseguiu evitar de afundar-se completamente no estado animal deste seu meio.

Depois de dizer que Zumarán seria o outro açoitador em Sabana enquanto ele era o carrasco, contou-me que Jiménez chamara Crichlow de lado à tarde, após ter sido interrogado por mim, e que haviam conversado em particular, sendo que Crichlow não queria dizer o que lhe fora dito. Eu perguntei a Bishop se isto era verdade e ele disse que Crichlow tinha falado que Jiménez lhe pedira para não dizer nada contra ele, que sempre o havia tratado bem – o que era verdade – e que então passou a falar das mulheres da estação, pedindo a Crichlow que tomasse conta delas e que mantivesse “os olhos atentos para que ninguém mexesse com elas”.

Isso é exatamente o que eu esperava. Disse a Bishop que ele e os outros dois homens não deveriam, de modo algum, dormir separados, mas que permanecessem todos juntos no quarto em que ficam. O que Jiménez tivesse dito a mais a Crichlow, este se recusara a relatar, mesmo a ele, segundo Bishop. Ele havia admitido que Jiménez dissera algo a mais, porém se recusou a dizer o quê.

O Fim de um Longo Dia

Estou cansado agora, depois de um dia muito longo de trabalho árduo, quase ininterrupto, em meio a muito calor. Porém, maior é o nojo causado pela presença dessa besta chamada Jiménez à mesa e pela necessidade de tratá-lo com civilidade mínima, ele e qualquer um dessa gangue de covardes sujos. O riso de Bruce hoje cedo junto aos troncos, ao dizer que um homem havia sido “chicoteado por não trazer *caucho*”, fora a maior exposição de egoísmo e a mais íntima covardia que já presenciei. É um jovem doentio, pálido e manco, que enrubesce com facilidade, e tem a pele desbotada, com perfil e nariz como os de Lefroy², o assassino de minha juventude, exatamente como ele. Tenho me perguntado de onde viria tal semelhança. Agora achei.

Recolhi-me cedo e tentei dormir ao som das passadas de um sentinela, que guardou a varanda durante toda a noite. Acredito que o sentinela seja Zumarán, o salafrário de aparência peculiar, possivelmente a pior forma de rosto que já encontramos até agora na vasta coleção de criminosos deste circo de horrores.

2. *Referência a Percy Lefroy Mapleton, jovem jornalista britânico conhecido como “assassino da estrada de ferro”. Envolveu-se com o assassinato de duas pessoas num trem que seguia de Londres a Brighton.*

Domingo, 9 de outubro de 1910 – Último Retiro

A Comissão Visita uma Aldeia de Índios

Partimos em direção ao que se chama de “nação” dos índios meretas para ver as árvores de *Hevea*. Devemos ter andado por duas horas e meia. A trilha comum da floresta fora preparada ontem pela força das muitas mulheres e poucos homens que vimos partir durante o almoço.

Enquanto embarcávamos no batalon para cruzar o rio, vimos dois índios idosos trazendo-nos mais equipamento de acampamento, ambos nus, exceto por seus *fonos*. Suas nádegas estavam muito escoriadas e duas grandes marcas no traseiro de um dos homens pareciam queimaduras. Eram as cicatrizes de um corte

REFLEXÕES XXXVIII

especialmente profundo, causado por uma chibatada. Todos nós as vimos, mas quebrei silêncio e disse, sem me policiar: “Dois vergalhões totalmente incontestáveis, devo dizer”.

Os dois traseiros tão instrutivos embarcaram e agacharam-se ao nosso lado, enquanto seus proprietários idosos pediam-me um cigarro. “*Chigarro, Chigarro*” tornou-se a saudação com que somos recebidos aonde quer que vamos, mas especialmente eu, já que distribuo cigarros generosamente. Aquelas pobres almas, jovens e velhos, amam o fumo e Deus sabe quão pouco prazer lhes é permitido. Sempre que recebem um presente, afagam-nos a mão ou o ombro afetuosamente e dizem “*bigara, bigara*” (“bom, bom”). Usam o termo agora para tudo e somos constantemente saudados com gritos de “*bigara*”. Eu então os batizei hoje de manhã de os “*begorrahs*”³. Pronunciam isso exatamente como a palavra irlandesa *begorrah*. O nome colou, e Barnes e todos os outros referem-se a nossos pobres anfitriões índios como os *begorrahs*. Brincamos muito com a palavra durante todo o dia.

À medida que marchávamos pela trilha, víamos provas constantes do trabalho feito ontem em nosso benefício: lugares acidentados que se tornaram planos e, retorqui, quando nos apercebemos do fato, “à custa, temo eu, de suas superfícies lisas terem se tornado

3. *Begorrah!*: interjeição usada na Irlanda que significa “Oh, meu Deus!”.

ásperas”, batendo de leve em meus quadris. Certamente venho me tornando o *enfant terrible* da Comissão, mas quero justamente esfregar estes traseiros altamente reveladores nas suas caras até que admitam que é a chibatada atrás – e não o “adiantamento” à frente – que angaria cada *fábrica* de borracha.

O caminho havia sido, de fato, aberto para nós: havia árvores cortadas, mudas e troncos cobrindo as partes encharcadas e pontes sobre vários córregos, com corrimãos de corda de cipó, aos quais podíamos nos agarrar para nossa segurança. Para atravessarmos um rio profundo e largo, afluente do Igaraparaná, encontramos grandes árvores derrubadas e três pontes resistentes, assim construídas à custa do intenso trabalho desse povo infeliz. A estrada toda cobria

uns bons dez quilômetros, acredito eu, de floresta rica em árvores de *Hevea*, em sua maior parte brotos e algumas boas palmas, também com gritos de pássaros, tucanos e papagaios e a mais variada exibição de asas de borboleta que já vimos.

Salientei, mais de uma vez, em conversas com aqueles ao meu redor, que não conseguia imaginar como seria pago todo o trabalho pesado de preparar a nossa trilha. Estava claro que não havia a menor intenção de remunerar essas pessoas, pois nada havia no armazém para fazê-lo, e mesmo o pretexto de “alimentá-las” mal poderia ser mantido, dada a falta generalizada de comida. Talvez supusessem que essas trabalhadoras seriam renumeradas com os urinóis de ferro esmaltado (com tampa) que tínhamos visto no armazém, mas mesmo assim ficava claro que haveriam de dividir um urinol para cada dúzia de senhoras. Fui certamente bem sórdido hoje, lidando com minhas armas de forma bastante truculenta, mas é que o utensílio de ferro esmaltado figurava de forma tão proeminente no minúsculo armazém que acabou pagando o preço por sua obviedade.

Crichlow, Sealy e Chase também vieram conosco – todos armados com winchesters – assim como o “pessoal”, o cozinheiro e o cortejo geral de patifes que abrem o caminho por onde passamos. Crichlow disse uma vez: “Esta estação já foi cheia de índios, a maior parte deles já foi morta”. Disse isso bem alto, para apreciação geral, mas suponho que somente Barnes e eu, que íamos à frente, o ouvimos.

No caminho, cruzamos com um pequeno grupo liderado por um capitão carregando um macaco morto, abatido há pouco e atado. Este foi imediatamente entregue a Jiménez, que os instruiu a levá-lo à estação, juntamente com um pão de mandioca que uma das mulheres carregava. Tais “presentes” desses pobres fugitivos, abatidos por eles mesmos em sua própria floresta selvagem, ou feitos por suas esposas pacientes a partir dos frutos do cultivo de mandioca em suas pequenas glebas, são outra parte do tributo infundável entregue por eles a cada um desses baluartes de extorsão.

A Chegada à Aldeia dos Meretas

Encontramos várias das mulheres responsáveis pelo processo de

desbaste de ontem retornando às suas “casas”, presumo eu, depois de terem passado a noite na floresta, na casa dos índios meretas. Assim que chegamos, não fizemos nada a não ser comer o almoço preparado para nós pelo cozinheiro e por aqueles que haviam seguido na frente. Fotografei o montante da tribo ou nação dos meretas, estimada por Jiménez, num total de sete cabeças. Havia dois homens de olhar dócil e brincos de latão e miçangas. Os membros de suas pequenas famílias viviam todos juntos nessa única casa, cercada por uma pequena plantação de mandioca. Não fomos mais ver seringueiras, já que Fox vira o suficiente na trilha até ali, de modo que, pouco depois do meio-dia, iniciamos o retorno sob um sol escaldante, chegando ao rio sob uma pancada de chuva e trovões. Nadei até o outro lado, enquanto o resto embarcou no batalon e assim seguiu. Estava muito quente e Bell adoeceu por causa disso.

Crichlow Pede para Deixar Último Retiro em Busca de Indenização

Crichlow veio contar-me que gostaria de deixar Último Retiro comigo e não continuar mais. Perguntei-lhe por que e ele respondeu, com um olhar astuto: “Para prestar o meu depoimento, senhor”. Evidentemente, ele espera poder vingar-se da Companhia por maus-tratos sofridos e, sem dúvida, buscar reparação. É certo que ele tem direito a indenização pelos graves maus-tratos e abusos que sofreu nas mãos de Aurelio Rodríguez e Velarde numa época em que a Companhia já estava constituída e, portanto, legalmente responsável. No entanto, ele não teria a menor chance em qualquer ação cível apresentada em Iquitos; isso está bastante claro. Imagino que sua esperança seja que, se for comigo, ou melhor, tiver o meu governo como respaldo, suas alegações contra a Companhia serão apoiadas. De fato, não há dúvida de que todos os barbianos têm direito a indenizações junto à Companhia, já que foram forçados a executar serviços ilegais, submetidos a punições ilegais e sujeitos a quebra de contrato no que tange à provisão de alimentos. Tudo isso está claro para mim, mas produzir provas é outra coisa. Mesmo com provas, conseguir estabelecer o direito à indenização junto à justiça estaria fora de questão.

A sede de Iquitos ganharia qualquer processo cujo foro fosse a cidade, o que é evidenciado, se é que alguma prova faz-se aqui necessária, pela pena de detenção de quinze meses desse homem, expedida sem direito a julgamento, mediante uma simples carta de Loayza e Juan Vega em Putumayo, e pela necessidade de gastar 29 libras (recebidas na própria prisão!) com um advogado local para apresentar sua defesa.

Disse a Crichlow que, se realmente quisesse ir e me pedisse para auxiliá-lo, eu o faria, mas que teria que discutir a questão com o senhor Tizón para então aconselhá-lo sobre o que fazer.

A Conversa com Gielgud

Pedi a Gielgud que discutisse a questão comigo. Demonstrei a ele a perigosa posição em que a companhia inglesa se encontrava, no que diz respeito a todos esses homens ainda em seu emprego. Não havia nenhuma dúvida – e ele agora sabia tão bem quanto eu – de que os homens tinham sido empregados de forma ilegal, tratados de forma ilegal (vide a vergonhosa tortura de Dyll aqui em Último Retiro) e frequentemente expostos a grande perigo (vide a recente incursão à Colômbia ou o fuzilamento de Rochipo por Allan Davis, sob ordens de Agüero). Este homem, Crichlow, era sui cientemente astuto para entender tudo isso: esperava obter, em Barbados ou onde quer que fosse, uma audiência para apresentar seu caso, durante a qual poderia recorrer às suas declarações feitas a mim no cumprimento do meu ofício, e dessa forma expor publicamente como os negócios da Companhia eram conduzidos nesta região, e da forma mais danosa possível à Companhia. Era minha opinião que esses homens teriam direito a compensação e era provável que, quando eu entregasse meu relatório, o Ministério das Relações Exteriores também fosse dessa opinião, e talvez então informasse à Companhia. Quanto a isso, eu, é claro, não teria como saber, mas afirmei que iria apoiar pessoalmente as alegações feitas pelos homens, caso elas fossem encaminhadas a mim. Ele concordou plenamente com tudo – do princípio ao fim – e admitiu com franqueza que a posição da companhia, *vis-à-vis* seus empregados britânicos, estes barbadianos, não era sustentável, e que a melhor solução seria, sem dúvida, um pedido de indenização, ou algo

REFLEXÕES XXXVIII

parecido, aqui e agora. Em função disso, levantei a seguinte questão: estariam eles dispostos, ele próprio e o senhor Tizón, como representantes da Companhia, a ouvir o testemunho de Crichlow e também de Bishop, aqui mesmo, onde as provas poderiam ser obtidas, para apoiar ou refutar suas alegações e, caso as julgassem procedentes, a comprometerem-se ambos, como representantes da Companhia, a assegurar aos dois homens, em minha presença, que a questão seria encaminhada à direção em Londres, juntamente com seu parecer de apoio às alegações, de modo que, posteriormente, um montante apropriado pudesse então lhes ser pago a título de indenização? Tal montante não poderia ser fixado no presente momento. Eu não tenho nenhuma autoridade para requerer indenização para esses homens, nem para fazer mais nada além de descobrir a natureza exata de sua relação com a companhia e de investigar se eles estavam em situação de perigo, e, em caso afirmativo, por quê. Mas estava claro para mim que muitos desses homens estavam, ou tinham estado recentemente, em situações de perigo.

A eles haviam sido delegadas, com frequência, funções da mais incrível ilegalidade, sob ameaças e coação. Eles haviam até mesmo colocado suas vidas em risco para desempenhar tarefas ilegais e que, sob nossas leis, implicariam pena de morte. E tudo isso feito por ordem de uma companhia britânica!

O senhor Gielgud reconheceu plenamente a situação como lhe foi exposta, sem contestar nem tentar defender as circunstâncias atuais ou recentes, e me agradeceu por ter expressado minha opinião tão claramente. Eu disse que não teria como calar Crichlow se ele partisse dali e optasse por criar um escândalo horrível contra a Companhia, o que ele teria total condição de fazer; isso estava bastante claro, uma vez que ele sempre poderia declarar que dera seu depoimento ao cônsul-geral britânico especialmente enviado para conduzir tal investigação, e que fora justamente esse agente que o havia “tirado” do país.

Depois de uma longa conversa assim conduzida, Gielgud disse que discutiria a situação com Tizón e que acreditava ser possível que ambos chegassem a um acordo justo e correto para todos os

envolvidos. Não havia desejo nem intenção de se “comprar” o silêncio dos barbadianos. Seria admitido como verdade o que esses homens tinham declarado. O que eles haviam sofrido ou suportado seria da mesma forma reconhecido. A única questão agora seria tentar fazer o correto e o exigido em tais casos mediante a aprovação final do Ministério das Relações Exteriores e da diretoria. Ficou claro que, para discutir-se a questão com mais propriedade em Londres, a investigação preliminar e o reconhecimento da admissibilidade deveriam ser conduzidos aqui.

A Necessidade de Salvar a Companhia

Dessa forma, encerrei o assunto e Gielgud deixou-me em melhor estado de espírito, penso eu, do que ele pôde desfrutar nos últimos dias. Está claro o que estamos fazendo: tentaremos poupar a Companhia do escândalo horrível de uma exposição pública do que vem ocorrendo aqui, dos idos de, digamos, 1907, até os dias de hoje, até o presente mês, para salvá-la. Salvar a companhia da forma como ela opera não é do nosso interesse, nem meu nem de Tizón, mas ela é a maior garantia que temos de controle para efetivar o tratamento mais humanizado dos índios que ainda restam. A destruição deles durante os últimos poucos anos foi anormal. Esta região, às margens do Japurá, sempre foi, ou tornou-se já faz muito tempo, propício terreno de caça para portugueses e outros escravizadores de índios. Vide o relato do tenente Maw, no qual conta o que ouviu, em 1827, ao descer o Amazonas vindo do Peru⁴. Já desde aquela época, as expedições portuguesas subiam o rio Japurá para capturar escravos, e os métodos por ele descritos há quase um século são exatamente os mesmos usados por Jiménez e essa companhia inglesa nos dias de hoje, no ano de 1910. Mas, se pudermos manter as atividades como uma companhia inglesa de fato, e não meramente como a Arana Hermanos registrada em Londres, então mudanças radicais poderão ser feitas e a atual situação vergonhosa poderá ser encerrada de forma mais ou menos rápida.

4. Henry Lister Maw foi um tenente naval britânico que empreendeu uma viagem ao longo do norte do Peru, adentrando o Brasil em 1828, via

REFLEXÕES XXXVIII

*Tabatinga, seguindo rio abaixo até Belém do Pará. Ficou chocado com a sina dos índios civilizados que encontrou escravizados e em situação de total indignidade. No ano seguinte, John Murray publicou **Journal of a Passage from the Pacific to the Atlantic: Crossing the Andes in the Northern Provinces of Peru, and Descending the River Marañon or Amazon**. Casement certamente se impressionou com a jornada de Maw e faz várias referências a ela em sua obra. Em muitos sentidos, Casement era como um sucessor de Maw.*

A maior dificuldade será manter a gangue ativa, evitar que toda a diretoria renuncie imediatamente. Eles deverão sofrer a maior pressão possível por parte do Ministério das Relações Exteriores e de outras organizações influentes, de modo a induzi-los a perseverar mesmo diante de prejuízos, a fim de repararem, ainda que de forma mínima, os danos que inocentemente ajudaram a infligir a este povo infeliz e implacavelmente perseguido. Aqueles que ganharam dinheiro com a escravidão dos índios deverão agora ser instados, ou, se possível, impelidos a até mesmo perder dinheiro, a fim de redimirem os índios que ainda restam. Isto é o que todos tentamos. Tizón, penso eu, talvez mais que qualquer outro, exceto eu mesmo. Gielgud, embora admita a existência de um direito moral pleno e de uma necessidade irrefutável, teme que o corpo de acionistas esperneie. E eu idem. E resta também o próprio Julio Arana! Ele é uma zona de perigo. Se descobrir que não pode mais enganar a companhia inglesa, ele então a destruirá e recomeçará a pirataria de antes e de agora, em condições ainda piores, com o governo peruano por detrás dele a tentar extrair a última gota de borracha, até que não haja sequer um índio vivo para obtê-la em toda esta selva asfíxiante. Deus ajude essas pobres criaturas! Somente Ele pode ajudá-las.

[...] Se a Companhia cair, como temo ser forçosamente o caso, então tudo estará perdido. A última esperança desses pobres seres desaparecerá para sempre, assim como suas árvores verdes, seus céus azuis, seus rios impetuosos, seus incontáveis sinais na floresta, até que deliberada e carinhosamente matem uns aos outros. Melhor assim! Morrer de uma vez e acabar logo tudo. Não apenas acabar com isso, mas também vingar-se da única maneira que lhes

deixaram esses criminosos carniceiros que os trataram de forma tão atroz. Com vocês todos mortos, estas florestas não valem nada e esses milhares de quilômetros regados pelos afluentes do Alto Amazonas retornarão às bestas selvagens, e, dessa forma, as bestas humanas que as infestaram durante os últimos vinte anos voltarão às suas vidas sórdidas e mesquinhas nas ruas de povoados peruanos e colombianos sem a borracha e sem as peles⁵ e terão, enfim, de trabalhar para ganhar seu sustento.

5. Antes do advento da borracha, a caça para obtenção de peles com o uso de armadilhas foi um importante meio de sustento nas fronteiras do Amazonas.

Carregadores Índios Famintos

[...] Após a conversa com Gielgud, avistamos vários índios na outra margem do rio, homens com “caixas de coleta” nas costas, presas, como normalmente era feito, por tiras de fibras nas testas. Pobres seres aqueles, mancando caminho afora e sentados enquanto aguardavam as canoas. Foi-nos dito que eles teriam vindo de Occidente com o resto da comida que deixamos para trás, cargas pesadas demais para a lancha trazer. Havia três canoas repletas deles, que continuaram chegando até às seis ou sete da noite. Quando uma dúzia ou mais havia chegado, chamei Bishop e descobrimos que estavam em trânsito já há dois dias. Pareciam mortos de fome e pedi a Bishop que perguntasse o que eles tinham recebido de ração em Occidente para empreender essa jornada.

Bishop respondeu: “Não receberam nada, senhor; não vê que esses índios estão famintos? Eles jamais recebem comida antes de tais jornadas. Seja em busca de borracha, em expedições ou em qualquer outro tipo de viagem, eles têm que achar comida como bem conseguirem, ou então pegar com seus amigos. Por isso mascam a coca⁶. Eles dizem que, com a coca, podem ficar dois dias sem comer”.

Eu disse: “Não importa, pergunte a eles mesmo assim”. Ele então lhes perguntou em uitoto. A algazarra foi geral. Um “oh!” e dois outros homens viraram-nos suas nádegas marcadas, um menino

REFLEXÕES XXXVIII

também, e deparamo-nos com os mais gigantescos vergões e cicatrizes que eu já vi.

Chamei Fox e Gielgud. Um dos homens, um capitão sentado no baluarte, nos disse, ou melhor, disse a Bishop, complementando suas palavras com gestos: “Pedimos a Velarde uma lata de sardinhas para o trajeto. Ele respondeu mandando que comêssemos nossas partes íntimas”. Levando as duas mãos lá embaixo, fingiu fazer o que Velarde propusera. Fiquei satisfeito que Fox, Gielgud e Barnes fossem testemunhas desse “recital”.

Casement Alimenta os Índios Famintos

Dei a esses pobres coitados famintos uma lata de carne ou peixe para dividirem entre cada dois homens. Havia cerca de vinte índios, o que me levou a um rombo no meu estoque, mas nunca distribuí comida com tanto prazer em toda minha vida. Eles literalmente devoraram a comida, com os mais altos gritos de “*begorrah*” que já ouvi e risos de puro deleite. Agacharam-se todos ali mesmo, por toda a varanda, na porta de meus aposentos, por toda parte, em duplas, arrancando as tampas das latas e engolindo, num piscar de olhos, línguas de ovelhas, arenques, salmões e outros tipos de carnes preparadas.

Todos nós aproveitamos o espetáculo, quase tanto quanto eles. Um garoto engoliu o papel-manteiga que envolvia uma língua de ovelha dentro da lata, e outro abriu a lata com seus próprios dentes.

6. A folha da Erythroxylum coca ainda é largamente usada em toda a região dos Andes e do Amazonas para diminuir a sensação de fome e fadiga. As folhas geralmente são misturadas com pequenas quantidades de limão e lentamente mastigadas. Da folha é destilado o alcaloide da cocaína, que é usado pela medicina moderna como um bom anestésico em cirurgias nos olhos, ouvidos e garganta. A planta, entretanto, é mais conhecida como matéria-prima no comércio internacional multibilionário das drogas ilícitas.

Os “*begorrah*s” irrompiam, criando um fluxo alegre de eructações (arrotos). Era somente um lanche, mas era uma surpresa bem-vinda.

REFLEXÕES XXXVIII

Seu porta-voz, um jovem *capitán*, apresentou-nos o resto das acusações contra Velarde. Ele teria ficado “intimidado” (suas próprias palavras) quando estávamos lá, mas agora já poderia chicoteá-los outra vez e fazer com eles o que bem quisesse, como forçá-los debaixo d’água para afogá-los. Aqui estava, mais uma vez, proferida por esses homens, a mesma acusação, com Tizón a apenas um passo ou dois de distância. Eu estava satisfeitíssimo, e Bishop traduzia tudo com igual prazer. Fox disse que quase chorou ao ver esses pobres seres lacerados e emaciados, obedientes e gentis – como crianças – e completamente escravizados por esses vilões execráveis. Gielgud também sentia uma indignação sincera e, pela primeira vez, tive o prazer de ouvir dele uma censura autêntica e absoluta. Ele disse que Velarde deveria ser enforcado, ou entregue a esses mesmos homens e chicoteado por eles até a morte. Eu disse que gostaria de chicotear tal bruto eu mesmo, mas que ele era somente um entre vários, e que o sistema a que esses pobres servos haviam sido submetidos pela Arana & Co. tinha introduzido estes malfeitores e os empregados, juntamente com seus métodos, há vários anos em condições altamente lucrativas. Era inútil denunciar Velarde individualmente como vilão; seria necessário dar cabo de todo o sistema de escravidão e então substituí-lo por algum tratamento racional e minimamente legal dos índios.

Jiménez

Jiménez e o “pessoal” mantiveram distância, assistindo à visão extraordinária de homens brancos interessados e preocupados com os índios. Crichlow, bem inocentemente, creio eu, sempre fala do “pessoal” como “homens normais”, em oposição ao gerente. Toda essa gangue aqui seria enforcada em qualquer país em que houvesse polícia, apenas tendo as fotografias como provas; todos, talvez com exceção de Jiménez. Embora mau, atroz, como bem sabemos que ele pode ser, seu rosto acaba por nos cativar. Ele é pardo, robusto e forte; nunca se esquiva, é inteligente e nos responde com clareza e precisão. É corajoso e decidiu cumprir o seu papel, no qual me parece bem eficaz. Embora seus feitos em Abisinia, Morelia e a caminho de Caquetá o representassem indubitavelmente como um malfeitor terrível, ele é, na verdade, um malfeitor cativante, e a

REFLEXÕES XXXVIII

comissão ficou favoravelmente impressionada com ele. Mas, se o mantivermos aqui por ter virado uma página em sua vida, como dispensar os outros? Eles poderiam queixar-se alegando não terem feito nada pior do que Jiménez.

Jiménez tira uma boa porcentagem de lucros aqui, com suas 25 toneladas (*más o menos*) de borracha, fornecidas pelos “260 trabalhadores” de seu distrito. Pergunto-me se os 21 índios trazidos do além-Japurá, nos confins da Colômbia, estão assim contabilizados. [...]

Segunda-feira, 10 de outubro de 1910 – Último Retiro

Olho Dolorido ao Amanhecer

Levantei-me às cinco da manhã. Meu olho (o esquerdo) estava muito dolorido e inchado outra vez, de modo que tive de enfaixá-lo. Saí às 5h30min e vi os pobres índios de ontem à noite varrendo a estação! Foi servido arroz na noite anterior por ordens de Gielgud. Fico me indagando se alguém teria reparado neles se minhas latas de alimento não tivessem causado tanto alvoroço. Se eu, um estranho, lhes dei toda essa comida, estimada por estas bandas em talvez duas libras (pois foram aproximadamente quinze latas), então as pessoas que os haviam recrutado forçadamente e os usado como animais de carga, sem jamais considerar pagar-lhes, teriam que proporcionar-lhes ao menos uma refeição.

Pensamentos Iniciais

Todos retornaram para o outro lado do rio e para suas casas às sete. Dei cigarros ao capitão e a alguns outros, e alguns poucos polvorinhos e um saco de balas de chumbo. Ficou alegre como uma criança, praticamente abraçando o saco.

Vi um menino e realmente pensei em levá-lo para casa comigo e tentar atrair o interesse dos missionários e do movimento antiescravidão no destino dessas pobres pessoas. Iniciar uma missão aqui talvez ajudasse muito, mas isso só poderá acontecer mediante duas condições: que a Companhia (me refiro à parte inglesa dela) seja suficientemente forte para aniquilar Arana e para

despedir seu bando de assassinos, colocando em seu lugar homens decentes; e que ela continue ativa, mesmo mediante prejuízo, como deverá ocorrer por alguns anos.

Apenas nessas circunstâncias seria possível estabelecer aqui uma missão, porque uma missão no presente sistema significaria apenas mais vítimas⁷.

Casement Descreve Alguns Métodos pelos quais São Tratados os Povos Nativos

Todos foram embora (exceto Bell) para visitar seringueiras na floresta. Os índios, que iam para suas casas em Occidente, foram pressionados a carregar parte da comida, mesas, etc. Tizón havia cuidado bem deles, dado a cada um duas latas de sardinha e dez quilos de arroz. Eram quase trinta homens, ou assim me disse. Esse é, naturalmente, um tratamento muito excepcional, devido às circunstâncias estranhas da nossa presença e da de Tizón, que partilha do nosso ponto de vista. Mas, obviamente, nem em sonho fala-se em salário. Pagar-lhes não passou pela cabeça de ninguém, exceto a minha.

7. Primeira menção de Casement a uma missão, o que ele claramente pensava ser a única forma real de proteger os índios. No começo de 1912, ele tentou levantar fundos para estabelecer uma missão em Putumayo por meio do Fundo de Missão do Putumayo. Finalmente, quatro missionários franciscanos foram enviados ao local no final de 1912, permanecendo na área durante três anos.

Mesmo no Congo eles receberiam algum pagamento, de qualquer tipo que fosse, além da comida. Essa Companhia não tem meios de pagar a ninguém com o conteúdo de sua *provedura* ou armazém, mas, mesmo assim, impõe diariamente tarefas onerosas (para muito além da extração da borracha) às pessoas ao seu redor. E eles executam as tarefas, esses seres pacientes e humildes, com sorrisos e cumprimentos e falas gentis a seus opressores: desde a construção destas casas enormes (esta mesmo tem, sem dúvida, 41 metros de comprimento e é tão forte quanto um velho navio de três andares), até a limpeza de grandes áreas de floresta, plantações de *yuca*, de

outros grãos para fazer farinha, cana-de-açúcar, etc., e da construção de estradas e pontes, enfrentando grandes dificuldades para chegarem mais facilmente até elas.

Eles ainda fornecem “esposas”, mantimentos, caça, frequentemente junto com a própria comida, recém-feita para suprir suas necessidades urgentes. É uma mão de obra disponível para desempenhar toda forma concebível de demanda. Tudo isso os índios fornecem sem receber qualquer remuneração, nesse mundo de coisas para além da borracha, que é a pedra fundamental do empreendimento. [...]

Casement Apresenta o Balanço à Comissão

O grupo que fora à floresta voltou contando de cenas de excruciantes surras. “As piores até agora”, disse Barnes. Um deles, um menino de dez ou onze anos, “completamente retalhado” por Montt, e outro, o velho de semblante amável de quem Fox gostava tanto, aquele que vimos trazendo o macaco abatido, ontem na estrada. Fizeram-no baixar a calça de algodão xadrez – pagamento por trinta quilos de borracha – e ele estava terrivelmente coberto por cortes, dizem Fox e Barnes. Fox está furioso e enjoado; disse-me que estava feliz por eu não ter ido, que tudo aquilo teria me deixado doente. E eu retorqui que estava feliz porque eles tinham visto aquilo, e que talvez agora Barnes começasse a aceitar minha estimativa de que 90% eram submetidos a surras. “Mais para 100%”, disse ele.

Fox mais tarde me confessou que estava ficando doente com tudo aquilo, completamente nauseado, e que queria ir embora. Ele havia chamado Tizón na floresta para ver um pobre menininho a quem mandou escalar uma árvore para buscar espécimes para ele, e foi então que percebeu as marcas terríveis nas pernas e costas do pobre rapazinho. Quando o menininho respondeu “Montt, Montt” como a causa das suas lesões, Fox disse a Tizón que, se o bruto aparecesse ali agora, lhe daria um tiro. Esse era o nosso próximo anfitrião em Atenas, dali a alguns dias. Bell, conversando comigo durante o almoço, também está muito mais convencido que antes: “A mais pura escravidão, do princípio ao fim”, admite ele.

Gusmán Toma Banho no Rio

Um homem chamado Gusmán chegou de Occidente com mais três de nossas cargas nas costas de índios, enquanto Bell e eu almoçávamos. Não conseguindo acompanhar os pobres coitados que chegaram ontem à noite, ele dormiu na floresta. Sua “esposa”, naturalmente, o acompanhou. Essas criaturas nunca vão a nenhum lugar sem suas “esposas”. O cozinheiro que sai à frente todas as manhãs para preparar o almoço da Comissão desfila com seu rebanho de índios e índias, carregando os utensílios, enquanto porta seu winchester, seguido de perto por sua “esposa”. O rifle e a esposa, armada, vão junto com esses civilizadores. Gusmán, logo depois de chegar, foi até o rio lavar-se – o único banho que os *racionales* tomam. A água é bela, profunda e transparente, e os indiozinhos, meninos e meninas, muitas vezes também nadam ali como patos. Gusmán lavou-se às margens do rio e eu por acaso avistei seu corpo nu. Sua “esposa”, vestida com sua *cushma* [tipo de túnica] longa, ficava a seu serviço, segurando-lhe uma das mãos para firmá-lo enquanto ele se ensaboava, lavando seus pés e executando todos os serviços de banho como uma criada.

Isso numa praia ampla e aberta, a cerca de 36,5 metros da frente da casa. Não havia nada de errado ali, mas isso demonstra claramente como essas mulheres índias são vistas. Chamei Bell para que viesse ver, e ambos ficamos observando o homem branco totalmente nu, assistido pela “esposa”, uma menina vestida.

Bell disse: “Naturalmente, é uma escrava, não há nada a fazer”.

Quando terminou de servir seu senhor e mestre, ela, de *cushma* e tudo, saltou no rio e ficou nadando! As índias, vejo eu, geralmente fazem isso, pulam no rio vestidas e desvestem-se na água. Os homens e meninos são extraordinariamente recatados, tanto vestidos quanto nus. Quando vão banhar-se, eles cuidadosamente ocultam com as mãos as partes expostas após removerem seus *fonos* estreitos de pano vegetal. É certo que esses índios estão, em todos os sentidos, exceto um (o da brutalidade e força bruta), em lugar incomparavelmente mais alto na escala humana do que qualquer um dos agentes da Peruvian Amazon Company que já encontrei,

exceto Tizón e Gielgud.

O Olho Esquerdo de Casement

Meu olho está ficando muito ruim, estou tendo que escrever agora com um olho apenas, o direito, já que o esquerdo está cuidadosamente enfaixado. [...]

Chuva pesada durante a noite.

Devemos partir para Puerto Peruano, dormir em uma casa indígena na floresta e chegar na manhã do dia 12 a Entre Ríos, onde deveremos permanecer por alguns dias.

V

Entre Ríos

Terça-Feira, 11 de outubro de 1910 – Saída de Último Retiro

A Chuva Atrasa a Partida

Chove torrencialmente. Chove tanto que decidimos esperar aqui e sair depois de comer. Dormiremos em Puerto Peruano e percorreremos todo o trajeto até Entre Ríos amanhã [...].

Evolução do Sistema Perverso

Agora, Fox está totalmente convencido. Hoje pela manhã tentei dissuadi-lo de outra questão. Disseram a ele que o sistema perverso que vê aqui, em plena execução, é uma espécie de consequência natural e inevitável, baseada no fato de que os primeiros “colonos” tiveram que se defender e manter controle sobre os índios por meio do terror.

Estes últimos os teriam matado e tudo mais, e assim, pouco a pouco, essa abominação armada foi se tornando “uma necessidade cruel de autodefesa”.

Levei-o até o meu quarto, li em voz alta a declaração de Arana aos acionistas, na qual está exposto esse falso pretexto, e perguntei se acreditava nele, ao que ele respondeu: “Não, isso não é verdade”.

Então, eu lhe disse que o resto da história também não era. Esses homens não vieram aqui para negociar com os índios, mas para se apoderarem deles. Eles queriam, e querem, tanto a seringueira quanto os índios. As árvores não têm valor sem os índios que, além de obter-lhes borracha, fazem tudo de que esses indivíduos precisam: providenciam alimentos, constroem suas casas, transmitem recados e lhes fornecem esposas e concubinas.

Tudo isso não foi conquistado pela persuasão; por isso mataram, massacraram e escravizaram pelo terror e, assim, estabeleceram suas bases. O que vemos hoje é apenas a sequência lógica dos fatos: índios intimidados e completamente subjugados, dizimados, irremediavelmente obedientes, sem refúgio nem possibilidade de recuar e sem nenhuma recompensa. Aqui, neste mesmo ano, este mesmo homem, Jiménez, liderou um grande grupo armado de “serventes da Companhia” que adentrou a República da Colômbia, a muitos dias de viagem do Caquetá, fronteira incontestada deste país, e obrigou três colombianos a permanecerem no cepo por 21 dias em sua própria terra, e, depois, trouxe-os aqui para baixo como prisioneiros, junto com outros 21 índios. Estes 21 índios percorreram uma longa jornada para escapar desse regime, mas sua fuga não os salvou, nem mesmo em outro país dito civilizado.

O sistema todo, do princípio ao fim, não passa de uma escravidão sem lei. É a situação mais descontrolada que se pode imaginar nesta etapa da evolução humana, pois esses agentes não são selvagens, mas funcionários muito bem remunerados de uma grande companhia inglesa: são cidadãos de um país civilizado, e responsáveis, segundo dizem, por uma “administração eficiente da justiça”. [...]

A História de Aquileo Torres

A história de Torres se parece realmente com uma história de ficção medieval. Capturado em 1906, por Normand e muitos outros colombianos, conforme relatado de maneira tão circunstancial por Roso España ao *Jornal do Commercio*¹ de Manaus, ele foi mantido por muito tempo como prisioneiro com uma corrente em volta do pescoço e dos pés, e passou de uma estação para outra nesse estado.

REFLEXÕES XXXVIII

Foi espancado, insultado e cuspidado, e vários dos homens que escreveram a Hardenburg ou a *La Sanción*² em Iquitos relataram como e onde o haviam visto até maio de 1908, quando ele desaparece da lista de crimes do Putumayo. [...]

Ouvi seu nome pela primeira vez quando cheguei a La Chorrera. James Chase o mencionou por acaso em sua primeira declaração a respeito das flagelações, etc. que têm ocorrido muito recentemente em Abisinia. [...] Então, na noite de 3 de outubro, enquanto estávamos debruçados sobre a varanda de Occidente, um *blanco* todo sujo apareceu com um filhote de cachorro e três ou quatro índios carregando suas coisas. Vinham do norte.

Sealy disse: “Aquele é Aquileo Torres”. Ele passou em frente à casa em direção à de Velarde, onde pernitoitou. Logo cedo, na manhã seguinte, já havia partido, e quando perguntei por ele disseram-me que tinha ido para La Chorrera a trabalho.

*1. O **Jornal do Comercio** foi o principal jornal diário publicado em Manaus durante o boom da borracha. A história de Roso España está parcialmente reproduzida em Walter Hardenburg, *The Putumayo: The Devil's Paradise* (Londres, Fisher Unwin, 1912, pp. 220-225), revelando os fatos desse ataque cruel a uma aldeia andoque pelos peruanos.*

*2. **La Sanción** era um pequeno jornal de Iquitos e a primeira voz eficaz do partido local contra Arana. Criado por Benjamín Saldaña Rocca, um peruano judeu e socialista ativo, o jornal foi um importante instrumento para chamar a atenção local para os horrores cometidos. Evidências das atrocidades descritas nos seus artigos apoiaram os esforços de Hardenburg em expor aquela situação no periódico **Truth**. Saldaña Rocca foi expulso de Iquitos no início de 1908, como resultado de uma pressão local iniciada por Arana, e morreu como um indigente em Lima, quatro anos depois. Casement tinha respeito por Saldaña Rocca e simpatizava com ele. Uma história descrevendo o tratamento cruel de Normand com Torres apareceu no jornal em 22 de agosto de 1907, ver Hardenburg, *op. cit.*, p. 225.*

Finalmente, Bishop, em uma de suas reminiscências, contou-me que uma vez estive em uma *correría*³ em Matanzas caçando índios

REFLEXÕES XXXVIII

para Normand, e, no caminho entre Atenas e Entre Ríos, encontrou-se com Fonseca, que estava à frente de uma “comissão”, seguindo em direção a Último Retiro. Bishop os acompanhou durante certo tempo, pois seguiam o mesmo caminho, até chegar a um ponto em que adentrou na floresta atrás de suas presas: os fugitivos do posto de Matanzas. Bishop já tinha visto Torres preso, fortemente acorrentado e vigiado em Atenas, de onde estava sendo levado por Fonseca, acorrentado como um animal. Nessa estrada, Torres ainda estava acorrentado, e Bishop disse que a corrente era pesada, medindo cerca de três metros. Ouviu Torres implorando para que Fonseca parasse, pois estava cansado de arrastar e carregar aquela corrente pesada. Fonseca respondeu que “era melhor caminhar o mais rápido possível”, pois, se anoitecesse na estrada, ele ainda teria que carregar a *tula* de Fonseca, ou seja, o saco com a carga de borracha transportada pelos índios na estrada.

A Tula

A *tula* geralmente pesa 25 quilos ou mais, dependendo de seu conteúdo. Já vi uma *tula* bem embalada pesando cerca de 34 quilos, quase a carga suportada por um bom carregador africano. Estes meninos e homens indígenas, pequenos e mirrados, parecem fantasmas trêmulos andando sob enormes *tulas*, ou carregando uma grande caixa de suprimentos amarrada às costas franzinas por uma tira de fibra apoiada na testa.

3. Correría, que significa “incursões em busca de escravos”, foi um termo amplamente usado no Peru durante o auge da exploração da borracha. Essas caças aos índios eram organizadas pelos seringueiros, que procuravam, por meio de ataques-relâmpago aos assentamentos indígenas, forçar mais índios a tornarem-se escravos e aterrorizá-los para que ficassem submissos e subjugados à autoridade do homem branco.

Partida de Último Retiro

Partimos de Último Retiro cerca de 1h15min da tarde, após a chuva. Antes de sair, chamei Crichlow novamente. Queria perguntar-lhe se o duplo cepo que Aurelio Rodríguez usou em Santa Catalina para

REFLEXÕES XXXVIII

açoiar suas vítimas, erguidas a certa distância do chão, com um “cepo mais bem adaptado para as pernas [...], de modo que pudesse ser ajustado ao tamanho das crianças”, ainda existia, pois, se assim fosse, poderíamos fotografá-lo. Gielgud e eu nos lamentamos por não termos fotografado o cepo daqui, que é bem grande. Crichlow disse que Rodríguez ordenou sua destruição quando o “capitão Whiffen chegasse”, e acrescentou que ele (Crichlow) o havia construído “seguindo o projeto de Rodríguez”. Eu disse: “Então você deve ser um carpinteiro muito bom”, e ele sorriu e falou: “Eu faço todos os móveis daqui, senhor”, apontando para os bancos de madeira fortes, com encosto móvel, onde nos sentamos todos os dias para fazer as refeições.

[...] Então, na hora de partir, eu disse para Crichlow em voz alta, para que todos ouvissem: “Lembre-se, você não deverá cumprir nenhuma tarefa ilegal, como açoiar os índios, espancá-los, ou maltratá-los. É ilegal lhe pedirem isso, assim como é ilegal fazê-lo, e é um crime punível. Se você for obrigado a isso, deve recusar e me informar imediatamente, caso ainda esteja aqui, ou, se não, informar o senhor Tizón, e escrever ao cônsul em Iquitos”.

Acredito que todos ouviram essas palavras, e certamente Jiménez e seus *empleados*, que estavam por perto.

Jiménez nos acompanhou até a margem, despedindo-se afetuosamente, acenando seu quepe militar branco. Respondi acenando três vezes com o meu para este triplo assassino! E apertamos as mãos também! Seu rosto não tem uma aparência tão desagradável. É o de um rufião bem-humorado, forte, saudável, moreno e corajoso, com um corpo vigoroso, forte e robusto. Aparenta ter bem menos de trinta anos.

Não sei o que os barbadianos pensam de mim – de todos nós –, ao me verem apertando cordialmente a mão desse homem, que eles viram cometer os crimes mais atroz; mas logo esclareceremos a esses humildes empregados que, apesar das nossas atitudes, não somos como eles.

Chegada a Puerto Peruano – mais Índios Famintos

Navegamos rio abaixo, sem interrupções, até Puerto Peruano, chegando às 16h34min, quando encontramos cerca de quarenta índios, homens e meninos, enviados de Entre Ríos por O'Donnell para carregar a nossa bagagem. [...]

Esses pobres seres famintos – literalmente morrendo de fome – se sentaram sobre suas nádegas nuas ao nosso redor durante o jantar, por volta das sete, e nos observavam com os olhos límpidos e brilhantes, com sorrisos que mostravam os dentes, e com os olhares mais ávidos que podíamos imaginar, acompanhando cada garfada. Era uma situação insuportável. Discretamente separei a comida de cada um dos pratos que foram servidos, depois a recolhi e distribuí entre os dois meninos menores do grupo, que dividiram cada parte com os amigos. Tizón ordenou, em seguida, que uma refeição de arroz e feijão fosse cozida para eles.

Para a Cama com o Olho Vendado

Deitei-me muito cedo, na casa onde havia dormido antes – uma verdadeira estufa com dois quartos. Chovia torrencialmente. Os quarenta índios e os demais dormiam no chão dos quartos ou sobre as pilhas de lenha armazenadas para os barcos. Essa lenha, que é sempre armazenada aqui, é outra das responsabilidades atribuídas a essas criaturas miseráveis, que não vislumbram qualquer pagamento.

Meu olho continua muito ruim e uma venda foi colocada sobre ele, de modo que tenho apenas o olho esquerdo para enxergar. Dormi muito bem, apesar de algumas espécies de mosquitos de pernas muito longas, pernilongos ou aranhas pernaltas. Não picam, mas zumbem.

Quarta-feira, 12 de outubro de 1910 – Seguindo Viagem a Partir de Puerto Peruano

A Caravana Cruza a Floresta em Direção a Entre Ríos

Sáimos de Puerto Peruano antes das sete. Os índios levavam as cargas que lhes foram dadas sem a menor discussão, recusa ou

REFLEXÕES XXXVIII

desordem. São os carregadores mais obedientes e dóceis que já vi, e Deus sabe que vi muitas entregas de carga e partidas de caravanas na África. Aqui não se ouve um murmúrio, apesar de estarem famintos. Os demais iam rapidamente, mas fui mais devagar com Tizón, pois meu olho está coberto por um grande curativo e a estrada é muito ruim. Continuamos colina acima, colina abaixo, atravessando inúmeros córregos que fluem da direita para a esquerda até o Igaraparaná, ou Coddicé, como os uítotos o chamam. Inicia-se uma descida, desembocando num riacho, muitas vezes com degraus e grandes troncos e estacas, tudo obra dos índios.

Cada riacho possui pontes bem construídas. Algumas têm cinco árvores de grande porte dispostas paralelamente e entalhadas para evitar que os pés escorreguem e, muitas vezes, há um corrimão feito de cipó. Essa estrada por si só é uma tarefa árdua, ainda mais considerando os trabalhadores miseráveis, a muitas horas de distância de suas casas, sem receberem sequer um sinal de pagamento, apenas o alimento necessário para sobreviver, isso quando o conseguem e não são obrigados a catar folhas e sementes na floresta. Hoje mesmo vi muitos dos nossos carregadores catando sementes.

Chegamos, depois de quatro horas de caminhada nessas condições, a uma casa indígena abandonada, que, no Brasil, é chamada de maloca. Essa casa pertencia aos índios monones, que a abandonaram (soubemos posteriormente, por O'Donnell) por conta dos roubos de seus mantimentos, cometidos pelos *blancos*, *empleados* e carregadores de borracha indígenas, indo e vindo de Matanzas, Atenas e Entre Ríos até Puerto Peruano.

A casa não é tão grande como a casa indígena em Occidente, mas é agradável e limpa. Não há chácaras. O mato está crescendo rápido. Encontramos três mulheres indígenas no caminho, uma delas com um menino de aproximadamente seis anos agarrado ao seu pescoço e dormindo. Ela, uma mãe de feições gentis (uma mulher já velha, e, é claro, completamente nua), carregava seu filho cansado. Todos pareciam esfomeados.

Em Monones encontramos uma mula e um cavalo enviados de

REFLEXÕES XXXVIII

Entre Ríos por um *empleado* chamado Barbolini. Depois de almoçar e tirar uma sesta, seguimos à 1h15min da tarde para Entre Ríos – Fox e Bell foram a cavalo.

Eu vim por último de propósito, apesar de poder andar mais rapidamente, e no caminho Bishop me contou que, na noite passada, quando já estava deitado, alguns índios lhe disseram em segredo que haviam sido chicoteados recentemente no porto e que esse homem, Barbolini, fora o executor. Um menino lhe mostrou as nádegas, ainda com as marcas em carne viva, e Bishop o levou ao senhor Fox. Fiquei muito satisfeito, e disse-lhe para aproveitar as oportunidades de convencer qualquer membro da Comissão, inclusive o senhor Tizón, do caráter recente dessas punições.

Chegamos a Entre Ríos, que fica a cerca de duas horas de Monones, logo depois das três da tarde. Toda a estrada de Puerto Peruano é percorrida em uma marcha de sete horas, mas qualquer bom caminhante levaria quatro ou quatro horas e meia no trajeto. Acredito que sejam entre dezenove e 22 quilômetros. A primeira parte, digamos de doze a catorze quilômetros, fica na bacia hidrográfica do Igaraparaná, onde desembocam os riachos. Em seguida, depois de Monones, há um estiramento mais plano, e os riachos fluem da esquerda para a direita, desembocando claramente no Cahuinarí, um grande afluente do Caquetá, cujas águas sobem, segundo dizem, até aqui, em Entre Ríos.

Descrição de Entre Ríos

A estação de Entre Ríos fica no interior de uma enorme clareira de aproximadamente 900 mil metros quadrados. É rodeada pela floresta, um arco silencioso de árvores escuras e, em seu interior, há esta clareira de mais ou menos um quilômetro quadrado de diâmetro. Uma parte da terra é cultivada, mas a maior parte da área desmatada é negligenciada. As árvores derrubadas continuam no mesmo local onde caíram ou foram queimadas. Em outros lugares, o mato está brotando novamente. Há um bom número de hectares com plantações de mandioca (aqui chamada de *yuca*), cana-de-açúcar e milho. A casa da estação é uma bela edificação, bem no meio dessa grande clareira, mas não tão grande quanto a de Último

Retiro. Como as demais, foi construída pelos índios. Não há nenhum prego utilizado na construção. As grandes vigas e as árvores dos pilares foram descascadas e amarradas com um cipó resistente, chamado de sogá-espanhola. O teto de palha é esplêndido – frio e seco e com uma enorme extensão. É feito com a folha de uma palmeira de regiões pantanosas.

As paredes e os pisos são feitos da casca da palmeira frona, como é chamada em quíchua, que acredito ser a *Ariartea orbigniana*. Vimos imensas quantidades dessa palmeira nas margens do rio Putumayo, mas não muitas por aqui. São sempre frescas. Os pisos, feitos com essa casca, são leves, arejados e macios. As casas são esplendidamente construídas, e são também tributáveis à habilidade e ao conhecimento desses pobres índios. A casa de Entre Ríos deve conter pelo menos uma dúzia de cômodos, e é rodeada por uma grande varanda, e, como a de Último Retiro, é construída em forma de navio, embora com uma estrutura menos sólida. Em Último Retiro, a “proa” aponta para oeste, sobre o rio, que está quinze metros abaixo, enquanto aqui a “proa” aponta para o norte, em direção à grande muralha da floresta que circunda a clareira até o rio Japurá.

Andrés O'Donnell

Assim que chegamos, O'Donnell desceu as escadas para nos cumprimentar, e fomos todos apresentados por Tizón. Ele é, de longe, o agente mais bonito da Companhia que vimos até agora, com um olhar claro e uma aparência saudável. Sua reputação na minha “crônica policial” também é muito melhor.

Seu nome é mencionado aqui e ali como “o chefe dos criminosos de Putumayo”, mas nunca com algum ato específico de criminalidade imputado a ele. Dois ou três informantes de Hardenburg o colocaram simplesmente no mesmo saco que os demais que cometeram as atrocidades. Um desses correspondentes, o M.G. da página 109, que descobri por meio de Stanley Lewis ser Marcial Gorries, diz em sua carta de 16 de julho de 1907 para o doutor Saldaña Rocca, que foi publicada em *La Felpa* de 5 e 12 de janeiro de 1908: “Os principais criminosos são os chefes da estação:

REFLEXÕES XXXVIII

- Armando ou Felipe Normand;
- José Inocente Fonseca;
- Abelardo Agüero;
- Augusto Jiménez;
- Aristides Rodríguez (ele está morto – soube que morreu a caminho da Europa);
- Aurelio Rodríguez (agora em Iquitos, de luto profundo);
- Alfredo Montt;
- Fidel Velarde;
- Carlos Miranda;
- Andrés O'Donnell.”

Com exceção de O'Donnell, que não matou os índios com as próprias mãos, mas que ordenou matar mais de quinhentos, o restante, cada um deles, matou com as próprias mãos. O menos criminoso, Jiménez, matou dez em dois meses, outros, como Fonseca, mais de cem em um ano.

Comentei a respeito do caráter melhor de O'Donnell com Bishop, que passou mais de um ano aqui com ele. Bishop disse ter chegado ao final de 1908 ou início de 1909, e deixou esta estação seguindo para Último Retiro no início de janeiro de 1910. Durante esse ano não viu O'Donnell matar ninguém, nem viu pessoalmente nenhum índio morto por ordem sua na estação, mas havia a chibata! As chibatadas ocorriam aqui exatamente como nas demais seções, e ele mesmo açoitou muitos índios. Já ouviu O'Donnell enviar *muchachos* até a floresta para matarem os índios que não trouxessem a borracha, mas não sei se algum deles foi morto. Ele diz que O'Donnell pode ser melhor que os outros, mas que, assim como eles, é capaz de qualquer coisa para conseguir borracha. Eu soube que ele obteve 2 mil soles (duzentas libras esterlinas) em um trimestre, em função da borracha que os pobres índios trazem.

Bishop menciona que a porta, a pia e todas as peças do mobiliário

rústico que preenchem seu quarto – as melhores da casa – foram feitas por ele mesmo, sem que recebesse um centavo por isso, e que ainda tinha que partir com as “*correrias*” para caçar índios. Mostrou-me um par de calças, algo em que em Whitechapel qualquer trabalhador não gastaria mais de três xelins, e afirmou que lhe custou 25 soles (duas libras e dez xelins) em Chorrera! Pretendo levá-la à Inglaterra junto com seu relato. Portanto, os únicos vestígios de civilização que temos aqui são a bela casa-grande, o solo capinado, graças aos índios açoitados, trabalhando de graça, e a “móvel” que preenche essa habitação, obra do trabalhador de Barbados, de cujo salário são roubadas algumas libras por mês, e sem nenhum pagamento pelo trabalho a mais, enquanto o chefe para quem trabalha ganha centenas de libras ao ano à custa do tratamento ilegal ao qual são submetidas essas pessoas: coagindo e maltratando os índios.

Insisti em pagar aos oito índios que carregaram minha bagagem desde Puerto Peruano, e consegui oito latas de salmão e carne da loja de O’Donnell pelas quais pagarei em Chorrera, quando encerrar a minha conta com a Companhia. Os pobres seres ficaram encantados!

Como eu estava doente, o olho doendo muito, não fui jantar. Deitei-me imediatamente no quarto de hóspedes.

Bishop chegou à noite e disse que o bruto do Barbolini, o que mais açoitava os índios, embriagou-se depois do jantar e armou uma confusão. Barbolini o acusou de “contar-me coisas sobre eles”, e de que agora queria que os peruanos pagassem pelos atos cometidos contra os índios, sendo que ele, Bishop, não era diferente e havia feito coisas tão ruins quanto. Bishop disse que veio para me contar isso, mas que disse a Barbolini que não conversaria com ele enquanto estivesse nesse estado. Acrescentou que tudo o que fez foi sob coação, como já havia confessado, mas que não escondeu nenhum de seus delitos e que não matou nenhum índio deliberadamente. Disse que presenciou, há muito tempo, Barbolini cortando a cabeça de um índio em Urania (essa estação está hoje abandonada). Queria que Bishop o tivesse feito, porém ele se recusou; então, chamou um *muchacho*, mas o coração do garoto

fraquejou quando ele começou a cortar o pescoço do índio. Assim, Barbolini lhe tomou o facão e terminou o serviço.

Isso foi há muito tempo, logo depois Bishop se juntou à gangue de Arana, provavelmente em 1906.

[...] Isso não passa de um ato de terrorismo. A borracha é coletada em uma determinada área da floresta daqui, e depois desce para Chorrera, digamos, a cada quatro meses (ao fim de cada *fábrica*). O “pagamento” é feito em Chorrera. Esse “armazém” possui apenas aquilo de que o posto necessita para sua subsistência, ou o que O’Donnell encomenda de acordo com suas necessidades. Ainda não o vi por dentro, pois a porta está sempre fechada, e é Arana quem possui a chave. É realmente chocante ver este bando de degoladores preguiçosos, armados até os dentes e vivendo em absoluta ociosidade, sendo sustentados pela população do entorno. Todos esses homens, exceto O’Donnell e Arana, andam descalços e se vestem como vagabundos. Todos têm “esposas” e muitos têm filhos com essas pobres mulheres. O’Donnell tem um harém à parte – uma casa como a de Velarde na aldeia. Ao redor da casa há um círculo com belas palmeiras de pupunha e algumas bananeiras esplêndidas.

O Mapa de O’Donnell

O’Donnell está em Entre Ríos há sete anos. Ele diz que agora tem 27, e que deixou Lucía em 1901, quando não devia ter mais que dezessete. Fala uíto fluentemente, melhor do que qualquer outro empregado a serviço da Companhia, segundo dizem Gielgud e Tizón. Esta tarde, mostrou-nos um mapa interessante desta estação, que eu gostaria muito de copiar. Foi desenhado por ele mesmo em 1908, e mostra as “casas” de cada subtribo indígena (ou nação) em sua estação, com os caminhos e riachos principais. O Cahuinarí passa muito próximo, ao norte daqui, e flui a pouco mais de 250 metros abaixo da casa, até o leste, atravessando o terreno desmatado. O local de banho dos *blancos* fica lá embaixo, com um vestiário ao lado de um riacho com quatro metros de profundidade. Mesmo para descer até este riacho, todos carregam seu rifle! “É um costume”, diz O’Donnell, e data da época em que os índios os

REFLEXÕES XXXVIII

atacavam. “Antes de eles aprenderem a trabalhar, agora são quietos, e muito contentes, *muy contentos!*” Não manifestei qualquer sinal de dúvida. No mapa há quatro cruzeiros marcando lugares onde *los indios* queimaram “as casas dos colombianos”, e, em seguida, uma mancha vermelha indicando onde houve a “última rebelião” contra ele e outra mancha muito perto da casa, apenas a alguns quilômetros de distância para o norte, onde havia “caído em uma emboscada”. Limitei-me a dizer: “Mais poder aos índios”, mas como ele não é um irlandês, apesar do nome, ele não entendeu.

Foi baleado enquanto se lavava aqui embaixo, na casa de banho, mas isso foi nos tempos difíceis, antes de os índios começarem a *trabajar*. Desde que começaram a coletar borracha para ele, têm sido muito felizes e contentes, e não atiram mais em seu grande chefe patriarcal importado.

Há um grande número de mulheres aqui, “esposas” indígenas e meninas que carregam água, como as de Occidente. O lugar é mais respeitável que Último Retiro, que era um verdadeiro navio pirata, sem recato algum. Aqui as plantações, as bananas e as palmeiras próximas das casas, as evidências de cultivo e a aparência e modos superiores de O’Donnell certamente criam uma impressão mais favorável após os horrores recentes que temos experimentado: Velarde, a víbora, e Jiménez, o incendiário de indígenas vivos.

Foi nesta estação que Bishop esteve no ano passado, quando Gielgud veio inspecionar as contas. Ele costumava limpar as armas de Gielgud. O’Donnell escondeu seus prisioneiros quando Gielgud chegou. Bishop disse que, na verdade, alguns deles, quatro ou cinco, foram trancados em uma sala perto da cozinha. A cozinha é sempre separada por aqui e se comunica com a casa por uma ponte construída no mesmo nível da varanda.

Pretendemos ficar aqui vários dias, eu acredito. Ouvi os demais jogando *bridge* enquanto adormecia. Passei a noite com ambos os olhos vendados.

Quinta-feira, 13 de outubro de 1910 – Entre Ríos

O Início da Manhã

Acordamos cedo e tivemos um dia muito difícil. O olho está melhor, tirei a venda e comecei a escrever imediatamente. Visitamos o local onde a borracha é armazenada, com enormes linguças de borracha e os maiores fardos que já vi em Naimenes, Occidente ou Último Retiro. Farei com que sejam pesados. O cepo daqui é muito grande: 24 buracos para os pés (ou para as pernas), maior que em Occidente ou Último Retiro, com um buraco no centro para a cabeça.

Bishop disse já ter visto uma mulher sendo colocada no buraco central. Era uma das meninas da casa, que “roubou” alguns alimentos do plantio ao redor. O'Donnell ordenou que ficasse presa ali.

Quanto ao fato de se descer o riacho com fuzis, há um lembrete interessante na porta do armazém da varanda, perto do meu quarto.

É um *aviso*: *Advertencia! Es Prohibido que los empleados vayan a bañarse y a lavar ropa sin avisar antes al jefe*⁴.

Entre Ríos, 25 de abril de 1905

(Ass.) Andrés A. O'Donnell

Declaração de James Chase – Comissão Interroga O'Donnell

Trouxe James Chase até o meu quarto para prestar seu depoimento, enquanto a Comissão interrogava O'Donnell na varanda. Chase falara em Occidente que havia algo que queria me revelar, e disse que iria ouvi-lo mais tarde. [...]

A declaração de Chase é assustadora. Acho que, de certa forma, foi a pior até agora, e seu registro dos crimes terríveis que testemunhou há apenas quatro meses, cometidos pela comissão que perseguia Katenere⁵, o corajoso chefe dos boras que matou Bartolomé

4. “É proibido que os empregados tomem banho e lavem a roupa sem antes avisar ao chefe.”

5. De todos os que resistiram à **Peruvian Amazon Company**, aquele com quem Casement mais simpatizou e se identificou foi Katenere. Em seu relatório, escreveu: “Talvez o adversário mais bravo e resoluto com quem os assassinos haviam se deparado tenha encontrado sua morte a apenas alguns meses, ou mesmo semanas, antes de minha chegada ao distrito. Era um cacique dos Boras, ou um capitán, chamado Katenere [...]. Este homem [...], jovem e forte, vivia subindo as águas do rio Pamá [...]. Sem dúvida que, por necessidade, consentiu em coletar borracha e, durante algum tempo, trabalhou voluntariamente para Normand, até que, por causa dos maus-tratos, ele, como tantos outros, decidiu fugir. Mais tarde, foi capturado junto com sua esposa e alguns homens de seu povo, e foi confinado nos cepos do distrito de Abisinia, a fim de passar por um processo de domesticação. Fui informado por um homem peruano branco, que ocupava uma posição bem remunerada a serviço da Companhia, de que, enquanto esteve preso, sua esposa foi violada publicamente, diante de seus olhos, por um dos maiores agentes do sindicato [...]. Disseram-me que Katenere escapou com a ajuda de uma menina indígena, a qual levantou a parte superior do cepo quando ninguém estava olhando. Ele não só saiu de lá, mas conseguiu, em seguida, ou pouco depois, se apoderar de alguns rifles winchester de **muchachos** do distrito de Abisinia. Com esses rifles, armou outros membros de seu clã e, desde então, foi travada uma guerra aberta contra os brancos e todos os índios que os ajudavam, ou que coletavam borracha para eles [...]”. Ver entrada de 31 de outubro.

Zumaeta em maio do ano passado, poria um fim à Companhia. Enquanto O'Donnell estava na varanda, Chase fazia seu relato, de modo que quase podiam nos escutar, não estivessem eles próprios conversando. Vira O'Donnell, desta mesma varanda, mandar um de seus *muchachos* matar um índio diante de toda a estação. Chase não se lembra das datas, mas essa ocorrência se deu antes de 1907, pois chegou aqui a pé de Chorrera, antes que o barco *Veloz* estivesse funcionando, o que acredito ter sido no dia 7 de maio de 1907. Interroguei Chase durante toda a manhã, bem depois de a Comissão ter terminado. À tarde, contei a Barnes e a Fox o que Chase relatou. Ambos disseram estarem cientes de que O'Donnell mentia sobre as flagelações, pois sabiam de homens que foram açoitados

recentemente por Barbolini, e decidimos pegar um deles com as cicatrizes mais recentes e mostrá-lo a Tizón e O'Donnell, a fim de perguntar quando essas marcas haviam sido feitas. Todos os índios virão para uma dança amanhã, e pedirei a Bishop que os procure e os leve até mim. Enfim, Fox parece estar profundamente comovido, e disse que era apenas o sentimento de dever que o motivava a acabar com essa feliz situação. Disse que proclamará a verdade ao mundo se Tizón não colocar em prática a reforma ou se Arana desautorizar Tizón. Arana é claramente o perigo. Ele sabe de tudo e, quando souber que pegamos Tizón, que está determinado a acabar com a escravidão atroz dos índios, poderá mandar Tizón embora.

Nesse caso, a companhia inglesa irá falir de vez, o Ministério das Relações Exteriores terá completa liberdade de publicar o meu relatório, e Fox diz que contará tudo ao mundo; nada irá impedi-lo. Ficará em silêncio apenas para dar uma chance a Tizón e à Companhia. Caso falhem, e a situação volte para as mãos de Arana, da cambada de Iquitos e desses bandidos daqui, então o mundo inteiro deverá ser acionado, e Lima terá que ser obrigada a intervir.

Esse é, agora, o plano do pobre Fox. À tarde reuni mais depoimentos de Bishop no Cahuinarí. Fui até lá por ser um local mais tranquilo, e levei a câmera, fingindo fotografar, mas, na verdade, queria interrogá-lo mais a fundo.

À noite, O'Donnell forneceu-nos muitos detalhes sobre os índios, já que os conhece bem. De fato, são muito interessantes, gostaria de tê-los na íntegra. Tentarei recuperar e registrar tudo em uma nota especial que estou preparando sobre os índios e seus costumes.

Hoje à noite joguei uma partida de *bridge*, a primeira em quase uma semana, contudo me recolhi cedo. Amanhã veremos muitos índios na dança.

Sexta-feira, 14 de outubro de 1910 – Entre Ríos

Pensando à Frente

Faz um mês que saímos de Iquitos, e meu trabalho está quase concluído. Dei a Tizón uma lista dos homens de Barbados que

REFLEXÕES XXXVIII

devem ser enviados para Chorrera até o final deste mês a fim de serem interrogados. Daqui iremos para Matanzas, onde estão dois dos homens de Barbados, um dos quais, Levine, está lá com Normand desde o início. Segundo Bishop, esse homem poderia nos contar muito se quisesse, mas acredita que, a esta altura, poderá ter se tornado tão ruim quanto seus superiores, e que pode ter sido subornado para manter sigilo, como King⁶, assassino de Encanto e homem de confiança de Loayza. Se eu quiser, posso fazê-lo falar, mas isso não importa tanto agora, como quase todos sabem. Fox afirmou que já estava farto e aceitava os fatos. Agora, enxergava tudo com clareza e não precisava de mais provas. Disse que eu tinha feito o meu trabalho aqui, como no Congo, e que eu poderia ter

6. Ver capítulo “Viagem a Putumayo”.

certeza de que o tinha convencido. Graças a Deus! Certamente a providência nos enviou até aqui, a tempo de, talvez, salvar o que resta desses povos perseguidos.

Durante o jantar da noite anterior, Gielgud admitiu saber que “o número de índios ‘em posse’ da Companhia havia reduzido muito”. Foi a primeira vez que disse algo tão pernicioso. Disse-lhe que estava claro para mim que a estimativa de 14 mil, feita pelo senhor Tizón, era excessiva, pelo menos eu achava que havia apenas uns 10 mil. Ele disse que havia mais do que isso, pois possuía os dados dos “trabalhadores” de cada estação. É óbvio que isso eu não tinha, mas não havia dúvida de que diminuía consideravelmente. Arana, o canalha, fez constar 40 mil em seu relatório forjado.

Estive ocupado escrevendo o dia todo, desde cedo, coletando mais depoimentos de Sealy e tentando confirmar as declarações de Whiffen e outros, quando faziam referência a Abisinia e a Morelia. [...]

Os peruanos, pelo que vejo, odeiam confrontos com acusadores. Nós, que viemos do norte, gostamos. É a única maneira de desvendar uma questão e chegar à verdade. Eles preferem cartas e intrigas secretas, pelas costas. Os peruanos mestiços de classe mais baixa são covardes; os de classe mais elevada, como Tizón ou o

prefeito, são bons; enquanto os índios e *cholos* da classe mais baixa são pessoas muito boas. São o verdadeiro Peru, a espinha dorsal do país. É esse o “*blanco* que afunda a nação”. São pessoas que possuem apenas a pele branca e, certamente, não o coração dos índios. Os zulus tinham orgulho de sua cor, honravam a cor negra. Seus chefes eram “o grande, o grande negro”; um homem tinha um coração negro, e nós falamos de um homem branco referindo-nos a um homem honesto. Aqui, referimo-nos ao *blanco* como um patife que, para o índio, é um assassino. Estes três homens de Barbados que estão comigo mostraram-se muito mais honestos e corretos do que qualquer peruano que encontramos. Disseram a verdade, sob grande estresse e medo (e vergonha também, espero), assumiram a culpa e se ativeram, com coragem, aos seus depoimentos; enquanto o único homem branco com quem a Comissão poderia contar (Garrido), e a quem paga vinte libras por mês, fugiu durante o primeiro confronto e se mostrou covarde e mentiroso.

Sealy veio dizer agora que Pinedo, de Entre Ríos, esteve com ele em Último Retiro e foi membro da recente comissão para o Caquetá, quando Crichlow foi com Jiménez. Crichlow declarou perante mim que ninguém foi ferido nessa incursão, e Sealy diz que Pinedo lhe contou duas vezes, na noite passada e esta manhã, como Aquileo Torres matou um menino índio no caminho de volta, e que Jiménez, Crichlow, Reuben Phillips (o outro Barbadiano na expedição) e os demais também viram. O menino estava cansado quando Torres o chamou e apontou-lhe o cano da sua winchester.

Disse-lhe para soprar o cano como se fosse uma brincadeira e, quando o cano estava dentro da boca do menino, apertou o gatilho e o matou. Eu disse que resolveria isso mais tarde.

Índios Chegam para a Dança

Os índios chegaram para a dança, contudo mais tarde do que era esperado. Segundo O'Donnell, para uma boa dança seria necessário avisá-los com dez a quinze dias de antecedência, já que muitos dos homens estavam coletando borracha e suas esposas não viriam sem eles. Ademais, levaria tempo para se pintarem bem. Os grupos foram chegando das três às 5h30min da tarde, assim como em

REFLEXÕES XXXVIII

Occidente, exceto pelo fato de hoje haver mais gente, eu acho, e muito mais colares feitos de dentes. Alguns deles de “tigres”, jaguares e pumas eram esplêndidos, e duas vezes vi alguns índios escondendo-os enquanto passavam por nós. Um deles, o capitão, um índio idoso de expressão agradável, explicou a O’Donnell que havia escondido seu colar porque temia que pudesse ser tirado dele. Bishop disse que isso era feito com frequência. Tomavam tudo que os índios possuíam: as suas lanças, todos os seus arcs e flechas, os seus “deuses”, e esses esplêndidos colares de dentes. [...]

Muitas das mulheres estavam completamente nuas e lindamente pintadas, de forma ainda melhor do que em Occidente; as meninas também, e até mesmo as crianças. Cerca de metade dos homens e rapazes estavam nus, isto é, só com seus fonos, e também estavam pintados de preto, com desenhos diferentes, ou pintados de verde-claro ou vermelho. Muitos dos homens usavam as roupas sujas e imprestáveis que lhes são pagas pela Companhia – uma reles camisa de flanela, que vale menos de um xelim, e calças sujas, que certamente valem menos de dois xelins – compondo o vestuário digno de um capitán daqui, e é o que recebem como pagamento por cinquenta quilos de borracha. Os homens estavam nus e pintados, com seus fonos (chamados de agafe em uitoto) feitos de casca branca de árvore, envolvendo firmemente seus quadris. Seus corpos de cor bronze pálido estavam pintados de forma artística e elaborada, nas cores negra e violeta, com franjas vermelhas e amarelas, e exibindo longos cabelos negros. Eram figuras quase bonitas, e certamente imponentes ao lado de suas diminutas esposas, cujos corpos pequenos, mas bem torneados, estavam belamente pintados. Suas panturrilhas eram cobertas por algum tipo de borracha com uma tinta amarelo-ocre por cima, como cortiça, assim como em navios encontramos tetos de ferro muitas vezes pintados com lascas de cortiça quebrada. As diferentes tribos ou famílias dos índios vêm de suas casas na floresta e esperam a algumas centenas de metros de distância até que o grupo esteja reunido; só então cada família entra na casa dançando. O manguaré está há muito tempo distribuindo seus convites, “venha, venha”, uma única nota grave e ressonante, certamente seguindo instruções específicas.

REFLEXÕES XXXVIII

Nenhuma tribo deseja chegar em primeiro lugar; o objetivo é aparecer quando já há na casa alguém para testemunhar sua entrada. Isso se parece muito com o que ocorre na alta sociedade inglesa quando alguém se atrasa para chegar a um baile ou ao teatro. Quando a família ou tribo tem seus membros todos reunidos, as mulheres já retocaram a pintura após a marcha pela floresta e os últimos retoques foram dados com as penas e outros ornamentos, o grupo avança correndo em direção à casa iniciando sua dança.

As mulheres e crianças vão entrando suavemente; em seguida, os homens, com ramos de árvores, samambaias, palmeiras, ou qualquer coisa “bonita” arrancada pelo caminho, invadem a casa aos gritos (disparando suas armas), acertando os beirais baixos do teto de palha, causando tumulto entre os anfitriões e convidados. Acredito que essa falsa luta seja para mostrar sua independência. Hoje, eles vêm para a dança pacificamente, mas, se quisessem, poderiam vir como guerreiros de ataque. São, sem dúvida, reminiscências de um passado remoto. Os recém-chegados juntam-se à dança, que aumenta a cada novo grupo ou nação que entra em cena.

Hoje, O'Donnell me disse que às seis horas havia mais de quinhentas pessoas presentes e achava que, dessas, duzentas eram homens com suas esposas e filhos. Estes últimos eram poucos para tantos pais; havia um bebê de apenas oito dias de vida, preso por uma faixa de fibra às costas da sua mãe esbelta, que dormia abraçado a ela durante seus movimentos prolongados. Essa dança continuou em plena atividade até às seis ou sete e, após o jantar, saímos novamente para continuar assistindo. As músicas e cantos variavam constantemente, acompanhadas pelos passos e, com frequência, o manguaré os interrompia com uma chamada repentina ou marcando o compasso.

Nenhum alimento é oferecido a esses convidados da Companhia, que percorrem muitos quilômetros para este entretenimento inútil que é, contudo, claramente um grande prazer para eles. Desde a vinda dos irmãos Arana saqueadores, todos os seus costumes sociais e da vida doméstica foram destruídos e nenhuma dança é admitida, salvo quando o chefe da estação permite.

Essas danças são geralmente realizadas em cada *fábrico*, quando as cinco *puestas*, ou entregas de borracha, são concluídas. Em seguida, todos os índios da estação têm que vir para entregar a cota de borracha daquele trimestre e levá-la até o porto mais próximo do rio ou até La Chorrera, dependendo do caso. Nessas ocasiões, dependendo da estação, o número pode variar de três a quatro ao ano (o período fixo é normalmente de 75 dias por *fábrico*), os índios ali reunidos obtêm uma permissão para dançar na casa dos índios da sua respectiva estação. A dança de hoje, assim como aquela em Occidente, foi apenas uma homenagem que foi feita a nós. Quando chegaram, os índios pediram desculpas a O'Donnell por terem sido avisados em cima da hora e não terem conseguido se pintar tão bem quanto o fariam caso houvesse mais tempo. Muitos dos homens trouxeram presentes que caçaram; pássaros nos quais atiraram no caminho, e macacos defumados; uma visão tenebrosa. Os coitados dos animais encolhidos e secos, com os dentes dispostos como se estivessem sorrindo, são amarrados e transportados junto com pavões e outras aves selvagens por mãos enegrecidas pela fumaça. Ofereceram a O'Donnell um pássaro com uma grande crista; um belo pica-pau.

Abuso de Mulheres e Crianças Indígenas

Acredito que os alimentos oferecidos como presente sejam normalmente colhidos pelas “senhoras do lar”. Hoje, certamente foram. contei dezoito dessas senhoras no primeiro “cotilhão” dos que chegaram cedo à dança. O grupo era formado por dezessete homens, sete meninos e nove mulheres, todos vindos das florestas e, em seguida, essas dezoito senhoras do lar, inclusive as que são de fato as três mães senhoras O'Donnell, e hesito em dizer o número de senhoras O'Donnell que ainda não tenham dado essa prova de devoção.

O'Donnell tem três filhos nascidos de mães diferentes, e Bishop diz conhecer outras cinco mulheres do estabelecimento que residem no harém em frente à aldeia. Minhas roupas sujas são, como sempre, de responsabilidade delas. Blondini, o executor, tem duas “esposas” aqui nesta casa, e cada um dos outros homens tem as suas. O jovem Rodríguez (pertencente a esta estação, mas temporariamente em

REFLEXÕES XXXVIII

Occidente) tem três esposas. Todas capturadas à força ou matando, ou simplesmente roubadas de outras nações indígenas do entorno. Via de regra, não se consegue uma esposa índia dessa forma, embora me relatassem muitos casos em que Jiménez, Fonseca, ou Montt tomaram mulheres à força e mataram os maridos que se opuseram, mas, como regra geral, acredito que a esposa de um índio adulto não é, digamos, respeitada, mas deixada para viver com eles. O motivo não é apenas o respeito benevolente aos direitos conjugais do índio. De forma muito sucinta, Sealy contou-me que Agüero, de Abisinia, tinha nove “esposas” quando trabalhou lá, e tomava para si quantas mulheres quisesse, assim como Whiffen descrevera em sua carta ao Ministério das Relações Exteriores.

“Ele levou as esposas dos índios?”, perguntei.

“Não, senhor, não as esposas.”

“Por que não?”, perguntei.

“Bem”, respondeu, “se você toma a mulher de um índio, ele deixa de coletar borracha.”

“Mas você pode açoitá-lo, obrigá-lo a coletar borracha com o chicote.”

“Não, pois se levam sua mulher, não coleta mais borracha, logo você pode açoitá-lo quanto quiser, até que morra; alguns índios amam muito suas esposas.”

Que povo miserável por se submeter a isso! O que salva suas esposas da luxúria desses sátrapas é a ganância desses homens; eles não conseguirão obter borracha, ou o quanto julgarem suficiente, se não deixarem aos pobres índios caçados sua única mulher, aquela com que compartilham todas as suas misérias, e que é mãe de seus filhos.

Chefes Indígenas no Jantar

Durante o jantar, recebemos o chefe dos índios muinanes e o capitão dos inonikomas, que foram até a varanda. Este último parecia ser um homem muito inteligente, com olhos brilhantes e penetrantes. Sentaram-se ao lado de O'Donnell antes do jantar, que

REFLEXÕES XXXVIII

obrigou o capitão a tirar sua camisa e calças sujas e horrendas, alegando que estavam cheirando mal após terem dançado⁷. Isso deu ao capitão inonikoma sua chance. Ele sabia, mais ou menos, quem éramos e que estávamos aqui para “mudar as coisas”. A notícia se alastrou. Então ele se despiu de uma só vez, vestindo apenas seu fono, com os membros de bronze pintados, algo muito mais belo, mas se voltou para O’Donnell, que estava sentado no banco, e abriu seu coração. Eu disse a Tizón: “Este parece ser um índio muito inteligente, ele é capaz de falar rapidamente e está, evidentemente, dizendo muito.”

Nenhum de nós entendia uma palavra de sua fala rápida, salvo O’Donnell. Este acenou com a mão na tentativa de detê-lo, mas o capitão continuou com os olhos piscando e, depois de apontar para suas nádegas, agora nuas, mas pintadas, estendeu a mão. Era claro que ele estava falando mais do que O’Donnell queria, e este observou que se tratava de um homem muito falador.

Nós rimos, concordando, pois as palavras em uitoto, duras e afiadas, eram despejadas em um fluxo contínuo. Tive a certeza de estar diante de uma testemunha indígena, com toda a Comissão diante dele, pois àquela hora estávamos todos presentes para o jantar,

7. Casement inclui aqui a sua própria nota etnográfica: “Na verdade, não há odor ofensivo exalando da pele destes índios. Seus corpos são admiravelmente limpos, levando em consideração suas condições e, quando nus, podemos ficar no meio de uma multidão deles nas horas mais quentes do dia sem sentir o menor cheiro. Suas peles são extraordinariamente secas. Eu ainda não vi nenhum transpirar, mesmo transportando cargas pesadas pela floresta, em uma estrada horrenda. Parecem fracos e frágeis com suas cargas pesadas sob as pernas, mas desempenham a tarefa tranquila e alegremente sem uma palavra de reclamação. À medida que quase nenhum alimento lhes é dado em suas marchas que duram dias, com literalmente nada para comer a não ser o que eles podem pegar pelo caminho, talvez não seja de se admirar que eles não transpirem, mas é espantoso que possam viver e se mover carregando tanto peso. Eles não têm nada a exalar pelos poros, pois são como lascas desta velha floresta, são como produtos secos de origem

REFLEXÕES XXXVIII

vegetal em vez de carne e osso”.

e ele estava determinado a obter um pronunciamento nosso perante O'Donnell. Era perceptível que não estava muito à vontade e nos falou que o índio dizia estar feliz em nos ver (ele não parecia nem um pouco feliz!) e que no passado fora um grande inimigo seu, e já tentou matá-lo, mas que agora eram amigos e trabalhava coletando borracha para ele e que nós deveríamos ver as coisas boas que ganhava em troca. Na verdade, ele era apenas mais um exemplo eloquente dos índios *muy contentos*.

Assim que possível, escapei da mesa sob o pretexto de pegar um cigarro e pedi a Bishop que se aproximasse para ver o homem e depois descobrisse, para o nosso benefício, o que realmente dissera. Bishop veio mostrar-me um colar de dentes de leopardo, sob o pretexto de ver o homem, e decidi comprá-lo, outro pretexto. Terminado nosso jantar, esperei para ouvir o resultado do meu estratagema.

Era como eu suspeitava: ele foi o porta-voz de todos. Disse que O'Donnell estava fazendo seu povo trabalhar até a morte, que muitos tinham morrido, e que agora todos estavam sendo açoitados por não conseguirem trazer a cota de borracha que lhes fora imposta, que não conseguiam trabalhar mais do que aquilo e desejavam o fim da flagelação para salvar seu povo. Essa foi a essência de seu longo discurso. O chefe dos muinanes disse a mesma coisa, e ainda mais, que O'Donnell lhe dera uma “carabina”, uma winchester (mas que utilidade teria a arma sem cartuchos?), e que nós deveríamos pedir para O'Donnell lhes dar também cartuchos, e também pagar-lhes coisas melhores em troca de toda a borracha que traziam. Enquanto jogávamos *bridge*, contei para os outros – Tizón e Gielgud tinham ido para a dança – sobre como havia colocado Bishop na pista certa e o que ele havia relatado. Além disso, Bishop contou-me que Blondini foi enviado até a estrada para evitar que qualquer espécime severamente açoitado comparecesse à dança. Notei que O'Donnell olhava atentamente para as costas nuas e partes inferiores despidas dos índios. Contudo, ele agiu mal ao sugerir que o velho chefe dos inonikomas deveria se

despir. O velho “agarrou o touro pelos chifres”.

O Fim da Dança

Embora dançassem alegremente e simulassem ataques na entrada, nota-se uma melancolia que toma conta da festa e que nunca abandona esses seres de Putumayo. Seja o que for, pode ser vista e sentida. Esses índios alegres são, na verdade, selvagens tristes. Há uma ausência de felicidade, mesmo de realidade em seu júbilo, e não podemos deixar de sentir que a dança foi arranjada. O fato é que eles vêm porque são convocados, assim como fariam se a ordem fosse ir até Puerto Peruano para transportar cargas.

Toda a alegria nativa morreu nestes bosques quando esses mestiços se impuseram sobre esse povo primitivo e, no lugar de incursões ocasionais e lutas entre as tribos, deram-lhes em troca a bala, o chicote, o cepo, as correntes e a morte pela fome, a morte por golpes, a morte por vinte formas diferentes de assassinato organizado. Isso pode ser percebido nos seus olhos. Basta conversar com qualquer homem por aí, e um silêncio instantâneo cai sobre ele, e sobre quem estiver perto dele, ao perceber com quem está falando. Hoje, pedi a Bishop que juntasse dois dos mais altos homens entre os convidados para serem fotografados juntos com Sealy, um negro típico, de pé entre eles. Quis mostrar o quanto a estatura do negro é maior e ilustrar as diferentes estruturas corporais. Dois membros da “família” guamaraes foram trazidos por ele, com os corpos desenhados e pintados, portando armas de fogo – fuzis. Ambos pareciam mais do que desconcertados. Não que não estivessem compreendendo, mas estavam com medo, apenas isso. Serem chamados para longe de seus companheiros, por um homem que os havia açoitado com frequência, e conduzidos até viracucha (homem branco) significava problemas. Pedi várias vezes a Bishop que os tranquilizasse, e depois que tirei duas fotografias, com Sealy de pé entre eles⁸, dissemos que podiam ir. Eles foram como vieram, sem uma palavra ou um olhar. Acredito que, se tivesse ordenado que fossem executados com tiros ou com facões, sua reação teria sido a mesma. Entre os *muchachos* ao redor, acostumados a essas tarefas, um executor poderia ser encontrado num instante. Antes da chegada do homem branco, se é que podem ser chamados de

REFLEXÕES XXXVIII

brancos, os índios entre as regiões de Putumayo e Japurá deviam ser os índios mais numerosos e mais atrativos de todo o vale do Amazonas. Podemos apenas imaginar as razões disso, pois muito pouco ainda é conhecido da região. Tenho uma teoria que será desenvolvida mais tarde, quando tiver que lidar de maneira mais profunda com os índios e seus costumes. Quanto ao número total da população, não há dúvida. Foi principalmente subindo o Japurá que as gangues portuguesas de incursões de caça aos escravos chegaram. O tenente Maw, em 1827, notou isso quando esteve em Egga. Essas incursões em busca de homens, ou melhor, meninos e meninas indígenas, vêm acontecendo há mais de cem anos, com brasileiros ou portugueses. Até a ascensão da borracha, no início dos anos 1890, e o rápido desenvolvimento do comércio, houve pouca ou nenhuma tentativa de povoamento organizado pelos homens brancos nessas florestas. Iquitos ainda era uma vila, e o

*8. Essa fotografia pode ser encontrada entre os exemplares da coleção das fotografias de Casement, na **National Library of Ireland**, e mostra Sealey, usando um chapéu, de pé entre os dois índios amazônicos.*

comércio inicial de salsaparrilha⁹, Peruvian bark¹⁰, etc. mal tinha desaparecido ao longo do curso principal do rio Amazonas. Apenas os brasileiros conheciam Putumayo, como denota o nome dos dois afluentes, Igaraparaná e Caraparaná. Ambos são nomes guaranis¹¹. O Igaraparaná é conhecido pelo uitotos como Cottué, que deve significar simplesmente “o rio”, como Njali e Nzadi no Congo, que querem dizer “o caminho da água”.

Cahuinarí é também um nome guarani, imagino, pois é chamado assim localmente.

Segundo Tizón, foi subindo essa corrente, a qual desemboca no Japurá, que as bandas de incursões de escravos portuguesas e brasileiras chegaram; fica muito longe, em direção ao leste.

A busca nunca foi por borracha, árvores ou *commodities*, mas por homens: homens e mulheres, meninos e meninas. Eles cercavam uma casa, ateavam fogo, matavam os velhos e capturavam os jovens. Quando não eram fortes o suficiente para fazer isso, eles poderiam

REFLEXÕES XXXVIII

“negociar” as pessoas, mas eu acho muito improvável que os índios estivessem sempre dispostos a negociar seus amigos e parentes, ou até mesmo a vender os seus inimigos. Eles preferiam matá-los e, eventualmente, comê-los. O'Donnell diz que o pai do chefe dos muinanes era um “traficante de escravos para os brasileiros”, mas duvido que seja verdade. Isso se parece muito com a acusação formulada contra os boras e outras tribos fortes que “não

9. Trepadeira espinhosa do gênero Smilax, encontrada na América tropical, do México ao Peru. Suas grandes raízes aromáticas e folhas em forma de coração eram postas para secar e destiladas em um tônico de ervas usado no tratamento da psoríase. As florestas tropicais da América do Sul foram amplamente espoliadas para a extração dessa planta nos duzentos anos anteriores ao advento da borracha.

10. Peruvian bark foi o termo inglês mais comumente usado para denominar a casca da árvore Cinchona, a partir da qual era obtido um pó utilizado como febrífugo e na destilação de quinino, largamente usado no tratamento da malária e da febre amarela. Em 1894, 3 milhões de libras de Peruvian bark foram enviadas do Peru só para a Inglaterra. Enquanto na Colômbia a Cinchona era a fonte de exportação mais valiosa durante o século XIX. Tanto salsaparrilha quanto Peruvian bark foram as commodities mais importantes na economia extrativa das florestas tropicais da América do Sul até o advento do ciclo da borracha.

11. A língua guarani foi amplamente utilizada durante os séculos XVII e XVIII como resultado das missões franciscanas e jesuítas no Paraguai e no sul do Brasil. A língua recebeu uma forma escrita e uma gramática e foi muito utilizada no proselitismo que visava à conversão dos índios ao cristianismo até o norte da Amazônia.

trabalham”, que são canibais. É como os avós dos quais fala Mark Twain¹²: “os avós estão sempre errados”. O índio, que é forte o suficiente para resistir à escravidão, está sempre errado e, por conseguinte, é um “canibal”.

Afirmar a Gielgud que algumas das melhores pessoas que conheci no Congo eram canibais.

As Raízes Irlandesas de O'Donnell

O'Donnell sabe muito sobre as tradições indígenas e nos contou muito sobre os hábitos e pensamentos dos índios. Gostaria de poder registrar tudo, mas não compreendo boa parte do seu espanhol. Ele diz que seu avô foi da Irlanda para a Espanha, e que seu pai veio da Espanha para o Peru. Duvido que fosse o avô. Talvez fossem parentes mais distantes. Ainda assim, o homem é, de longe, melhor do que qualquer agente da Companhia que conhecemos e, mesmo com sete anos de cruel selvageria em suas costas, é notável que tenha mantido a aparência intacta e um olhar tão transparente e sincero. Além disso, sua atitude em relação aos índios é muito melhor; eles parecem sentir quase que um carinho por ele. É estranho que corações tão gentis sofram tantos abusos; talvez não seja estranho, mas, sim, inerente à natureza humana. Fossem esses pobres selvagens como os africanos, esse punhado insignificante de flibusteiros⁶ e piratas – pois o grupo inteiro conta com apenas cerca de 150 – teria sido varrido da face da Terra após os primeiros assassinatos. Mas a simplicidade dos índios e sua obediência fatal foram a sua perdição, e suas armas infantis, as zarabatanas e lanças de brinquedo, atiradas de três em três por entre os dedos, são substitutos pobres para o machado e a lança de batalha africana. O africano nunca temeu sangue; gostava de vê-lo derramar. Esses seres infantilizados, mesmo em suas guerras, tiravam a vida secreta e silenciosamente, com o mínimo de derramamento de sangue

12. Mark Twain escreveu King Leopold's Soliloquy (1907), uma acusação satírica e mordaz contra o Estado Livre do Congo, do rei Leopoldo II, que se tornou um instrumento útil de propaganda para a Associação de Reforma do Congo.

possível. Aqui, o rifle winchester nas mãos de um criminoso pode intimidar e dominar uma tribo inteira, embora não sejam covardes. Sua humildade e simplicidade servil são mais perigosas para eles do que as armas daqueles que os escravizam.

⁶ **Flibusteiro**: que ou aquele que é desonesto; aventureiro, trapaceiro.

Sábado, 15 de outubro de 1910 – Entre Ríos

[...] Oh, pobres peruanos, pobres indígenas sul-americanos! O mundo pensa que o tráfico de escravos foi extinto há um século! A pior forma de escravidão e comércio escravo, pior em muitos aspectos do que qualquer coisa originada pela selvageria na África, como vou demonstrar mais adiante, está em pleno andamento aqui há trezentos anos, até chegar a ponto de os sobreviventes de uma população cada vez menor, que já chegou a milhões, estarem agora morrendo à porta de uma companhia inglesa, sob o chicote, as correntes, as balas e o facão, a fim de proporcionar aos seus acionistas um bom dividendo.

[...] Mais tarde, fotografei muitos homens transportando cargas, como amostra das que carregam na estrada. Essas cargas são colocadas em cestas de fibra de palmeira muito parecidas com as do Congo, que são sustentadas nos ombros e costas, inclinando-se para frente, e suspensas por uma tira de fibra da casca de árvore apoiada na testa.

[...] As “senhoras da casa” e os “meninos” que recebem alimentos da mesa logo engordam e exibem um bom desenvolvimento físico, especialmente no peito e nos ombros, mas os seus braços e pernas também se tornam maiores e mais fortes. O pobre índio que coleta borracha é como um cão faminto nativo que encontramos farejando ossos ao redor da fogueira de um acampamento. Já vi esses pobres seres recolhendo avidamente as migalhas de biscoito que caíram da mesa, depois de termos terminado uma refeição na estrada. Antes de o “homem branco” aparecer, eram mais fortes e mais bonitos também; talvez fossem as pessoas mais saudáveis do mundo. As doenças venéreas, a varíola e outros males com que os temos agraciado, junto com os espancamentos e vergões com que tiramos deles essa fortuna ultrajante, eram anteriormente desconhecidos. Antes, eles envelheciam. Não existem pessoas velhas agora. Não vi nenhum velho, nem ao menos um homem ou mulher idoso desde que chegamos a Chorrera, e já vi mais de mil uitotos até agora, que, provavelmente, correspondem a um décimo ou um décimo quinto de todo o povo. A fisionomia mais envelhecida que vi é a de um

homem da tribo muinanes, que nos acompanha como transportador no domingo, e ele não tem mais do que 54. A razão disso está na história que Labadie me contou em Iquitos, de Carlos Miranda (agora em Sur, somente a duas horas de Chorrera) cortando a cabeça “da velha” e segurando-a pelos cabelos, como “um exemplo” para o resto. Isso porque se tratava de uma “mulher má”, ou seja, que dava maus conselhos aos jovens. Maus conselhos significam não coletar borracha. Assim, os velhos são sempre os primeiros que acabam morrendo. Bishop diz que, na região dos andoques, para onde vamos em seguida, os homens e mulheres velhos foram mortos há muito tempo, pelo menos todos que Normand conseguiu capturar. A mesma coisa com os boras, mas estes são os mais valentes e fortes dos índios com os quais os peruanos ainda têm que lidar nesta parte da Montaña. Os boras revidaram. “Eles não querem trabalhar” – esse é o grito que ouço constantemente, subindo como um incenso acusador perante a maloca dessas florestas. Os boras são “pessoas más”, pois eles mataram os homens brancos, eles matam outros boras que querem trabalhar, eles geraram um Katenere que atirou em Bartolomé Zumaeta durante a tarefa sagrada de lavar a borracha. Gielgud atirou mais lenha à fogueira ontem, durante o jantar, e, como resposta a um comentário meu sobre os boras, disse: “É por isso que não trabalham”. O velho Fox sorriu amargamente e disse: “Não, não nestas condições”. Sempre se referem aos índios, que de fato preferem a liberdade da floresta ao chicote, ao cepo, à bala e ao estupro de seus filhos, utilizando termos depreciativos, como preguiçoso, ocioso e inútil – e isso por homens que nunca deixam sua rede o dia todo, e cujo único trabalho é cometer atos criminosos. Eles não cultivaram mais nenhum metro quadrado de terreno, ou fizeram alguma coisa útil com as mãos desde que vieram para cá. Sua única função, seu único objetivo é aterrorizar e roubar. E essa é a função dos empregados assalariados, dos altos funcionários de uma grande empresa inglesa! Sem dúvida, o senhor Arana plantou uma estranha seringueira em solo inglês!

Almoço com o Chefe dos Muinanes

[...] Durante o almoço, recebemos novamente o chefe dos muinanes.

REFLEXÕES XXXVIII

Tinha com ele muitos de seus homens, além de outros índios impedidos de voltar às suas casas após a dança, para transportar nossas bagagens amanhã, até Matanzas.

O chefe dos muinanes, cujo nome é Hatima, viu através do binóculo de Fox e gostou especialmente da extremidade menor, que diminui o objeto visto. “É exatamente assim”, disse ele, “que vemos as coisas quando tomamos una¹³... muito claras, muito nítidas e distantes!”. O’Donnell traduziu o que disse. Ele revela percepção e uma mente comparativa. Um minuto depois, veio com uma observação muito mais sagaz que resultou num espantoso silêncio.

Manipulando os binóculos carinhosamente, disse: “Suponho que vocês comprem estes binóculos com a borracha que produzimos”, o que O’Donnell também traduziu. Eu quase ri alto. Estava na ponta da minha língua acrescentar: “Sim, é verdade, e este almoço que estamos comendo também, e não há nada para você”, mas não pude fazê-lo por causa de Tizón, que parecia muito angustiado. Ele está muito infeliz, penso eu, com tudo que está sendo tão claramente revelado a ele, e sinto pena dele, embora feliz em saber que há um cavaleiro peruano se esforçando para corrigir todo esse grande mal, gerado por seus próprios conterrâneos.

13. Una refere-se a ayahuasca – videira-da-alma – a videira sagrada que permitia ao pajé, ou xamã, estabelecer uma comunicação cósmica. Os índios de Putumayo tinham uma das culturas medicinais mais avançadas dos povos indígenas da América do Sul, e o alucinógeno sagrado Banisteriopsis caapi era uma das várias plantas usadas para adentrar diferentes estados psíquicos.

Quando misturada com Psychotria viridis, conhecida como chacrona, os efeitos da ayahuasca eram acentuados. Ver Richard Schultes, Vine of the Soul: Medicine Men, Their Plants and Rituals in the Colombian Amazon, Santa Fé/Londres, Synergetic Press, 2004.

Os índios Veem Casement Escrever

Estive com muitos índios assistindo-me escrever hoje à tarde. Eles adentraram a minha sala, assim como faziam os homens do Congo, sorrindo e conversando comigo. Eles até mesmo trazem seus

REFLEXÕES XXXVIII

biscoitos, ou algo do gênero que lhes é dado, para comer em paz. Dou-lhes montes de cigarros, dos quais gostam muito, além de tudo o que pude ceder-lhes das minhas próprias latas de alimento.

Pobres pessoas famintas, açoitadas e assassinadas; como sinto pena delas! A própria ideia de se reterem esses quarenta ou cinquenta homens para a nossa longa marcha de Matanzas mostra quão absolutamente escravizados eles são. Receberam um convite especial para uma “dança” e agora devem esperar aqui – com muito pouco para comer – e transportar nossas cargas pesadas durante dez horas por um terrível pântano cheio de árvores, e pouquíssima comida para a estrada, sem um centavo de pagamento ou recompensa no final.

Esperamos começar cedo amanhã. É a primeira vez, de todos os anos que passei na África (com exceção de Puerto Peruano), que viajo com uma caravana de homens não remunerados. Por pior que já tenha visto, nunca soube de nada parecido com o que vejo aqui.

Chuva pesada durante a noite. Devemos partir a Puerto Peruano, dormir em uma casa indígena na floresta e chegar na manhã do dia 12 a Entre Ríos, onde permaneceremos por alguns dias.

VI

Matanzas

Domingo, 16 de outubro de 1910 –

Atravessando a Floresta de Entre Ríos a Matanzas

Partida

Nossa partida foi retardada até às oito da manhã. A manhã estava linda – o sol muito brilhante e um delicioso céu azul –, mas não se compara ao Pará, com a maravilhosa luz oblíqua refletida na folhagem verde e céus radiantes.

Nossos homens e rapazes, cerca de quarenta, sob a liderança do *capitán* dos muinanes, estavam agachados ao longo da varanda para receber um punhado de farinha de mandioca seca – uma farinha grossa que os índios daqui fazem – e um talo de cana-de-

açúcar, de mais ou menos trinta ou quarenta centímetros para cada um. Refeição nada nutritiva para uma marcha de cinco a oito horas, considerando as paradas em nosso avanço. Dei ao capitão dos muinanes um conjunto de sarja branca, com grandes botões de madrepérola na jaqueta, que já não me servia. Ele vestiu a roupa imediatamente com grandes manifestações de júbilo, *muy contento*, como diz O'Donnell. Logo tínhamos atravessado o Cahuinarí e estávamos enlameados, andando pela floresta, passando arroios e alguns rios maiores que, segundo me informaram, fluem para o Cahuinarí, mas que são bem mais caudalosos do que ele. Parece-me claro que o verdadeiro Cahuinarí não pode ser aquele riacho em Entre Ríos, mas um desses rios maiores da floresta, no qual ele deságua.

Segunda-feira, 17 de outubro de 1910

Jornada de Entre Ríos a Matanzas

Depois do almoço junto ao ribeirão, saí na frente com Bishop, Sealy e alguns dos índios mais rápidos. Uma tempestade de trovões desabou sobre nós – na realidade uma chuva torrencial – e ficamos encharcados. Um perfeito dilúvio, mas deliciosamente refrescante, e a marcha também melhorou. Os índios arrancaram imediatamente galhos de palmeira e folhas enormes e fabricaram perfeitos guarda-chuvas – para proteger tanto as cargas como a si mesmos – embora me pareça que não devam gostar muito da torrente fria que lhes desaba sobre as costas nuas e a pele singularmente seca e macia. Mas nem folhas nem verdadeiros guarda-chuvas valeriam de nada, e fiquei totalmente molhado com meu brolley dublinense, aposto que o primeiro a ser visto nessas florestas. Eu estava muito à frente dos demais e, depois de transpor com dificuldade uma árvore atravessada no leito seco de um curso d'água que subia rapidamente com a tempestade – que, tenho certeza, deve fluir para o Caquetá –, acabei vendo-me nas bordas de uma clareira, de onde divisei o telhado da estação de Matanzas ou Andoques, e a bandeira peruana agitando-se ao vento. Decidi esperar pelos outros, em vez de prosseguir sozinho e ter de me mostrar cortês no encontro com Armando Normand, esse homem de má reputação, com quem

REFLEXÕES XXXVIII

desejo ter o mínimo possível de contato. A Comissão e Tizón chegaram cerca das 15h30min, completamente encharcados, e, juntos, subimos uma colina até entrar na estação, açoitados por uma tempestade. Descobrimos que o senhor Normand estava ausente; encontrava-se na outra estação onde mora, La China – nome tão extravagante quanto os de Industan e Abisinia –, que fica a dez horas ou cerca de 48 quilômetros de distância.

Ele está em uma *correría* atrás de índios, disseram. Os empregados estão visivelmente aborrecidos com nossa vinda – só ontem ficaram sabendo que vínhamos – e imediatamente mandaram chamar Normand. Somos recebidos por um señor Bustamante, o segundo no comando, homem de olhos pálidos que causam impressão desagradável. Mas sua roupa é limpa, o que já diz muito, depois dos espécimes que vimos em Último Retiro. A costureira gangue de rufiões espia pelos cantos e eu vejo de relance um rosto negro de Barbados, um dos dois, Levine ou Lane, que estão por aqui. Levine, dizem, está com Normand desde o começo, há quase seis anos. Que coisas deve ter visto, e que coisas diabólicas feito sob seu feitiço! Este lugar, juntamente com Abisinia, são os que ocorrem com mais frequência no relato medonho de crime e horror compilado por Hardenburg, em que o nome de Normand é mencionado mais vezes do que qualquer outro. Já há algum tempo a Comissão e eu chegamos à conclusão de que o documento de Hardenburg é verdadeiro. A parte escrita por Hardenburg é com certeza verdadeira, como também são, penso eu, muitas das declarações. Há evidentes exageros, afirmações incorretas e mesmo falsidades, mas no todo acreditamos que o documento faz um relato suficientemente fiel da espécie de crime e da perversidade do sistema com que esses homens estavam comprometidos. Nada no livro de Hardenburg supera o horror do relato feito pelos dois barbadianos do ato cruel de Jiménez queimando vivos a velha e o homem jovem dos boras, em junho de 1908, ou ainda a série de assassinatos horripilantes perpetrados por Vásquez há apenas seis meses, às margens do rio Pama. Bishop diz que acredita firmemente nas histórias de Normand esmagando os miolos de crianças contra cepos de árvores cortadas e queimando-as vivas. Ele afirma ainda que Donal Francis, que no início esteve aqui com Normand por

REFLEXÕES XXXVIII

quase dois anos, contou-lhe essas coisas mais de uma vez, e outras a respeito de cachorros esfaqueando os corpos dos mortos e trazendo de volta um braço ou uma perna para roer.

Questionado por mim diante de Tizón e Barnes, Donal Francis tinha apenas “plantado yuca e cana-de-açúcar” o tempo em que esteve na região, ou seja, um ano e oito meses.

Bishop diz que o censurou depois da entrevista, chamando-o de covarde e acusando-o de ser tão ruim quanto os assassinos que o subornaram para mentir para mim em troca de dinheiro sujo. Agora, finalmente aqui estou em Matanzas, no coração desses acontecimentos horripilantes, para interrogar exatamente um dos homens de Barbados que suportou tudo. A expectativa é que ele também minta como Donal Francis.

A Chegada de Armando Normand

Deram-me a sala de estar de Normand: as paredes são cobertas em toda a volta de figuras da revista *Graphic*¹, ligadas principalmente à guerra russo-japonesa de 1904. Há também inúmeras figuras de cocotes⁷ recortadas de algum jornal parisiense de baixa categoria, e várias fotos de sul-americanos de feições brutais – sobretudo um deles, que imagino seja o próprio Normand “quando menino”.

1. Revista popular ilustrada eduardiana sobre acontecimentos atuais.

Parece um tipo depravado de judeu do East End, de lábios grossos e gordurosos e olhos redondos². Há também certificados datados de 1904 da London School of Book-keepers, que lhe conferiu um diploma de “guarda-livros”, e um certificado de uma escola secundária de data anterior.

Por volta das 5h30min, ouvimos um tiro de rifle na floresta, vindo do sul, e o nome “Normand” murmurado pelos rapazes e empregados. Parecia a chegada de um grande guerreiro! Ele tem notável resistência para a marcha, segundo Gielgud, e é o melhor “comandante” neste lugar.

⁷ **Cocote**: mulher elegante.

REFLEXÕES XXXVIII

Ele chegou alguns minutos depois, mas só o encontrei no jantar. Ouvi-o falando inglês com Gielgud na sala contígua, queixando-se de que Chase havia sido “insolente” com ele. Eu tinha ouvido a conversa entre eles minutos antes, através da divisória. Ele pedira a Chase que trouxesse uma vela e Chase evidentemente passou a tarefa para um dos rapazes ou carregadores índios. Ouvi a voz de Normand, que dizia: “Traga você mesmo, traga você mesmo; você não é um criado?”. Chase veio pisando duro e ouvi-o dizer devagar: “Sou um criado, mas...”. Com certeza ele ia acrescentar “não seu”, mas parou. Esperei ser chamado pelo criado de Tizón para vir jantar, e então fui devidamente apresentado ao homem. Devo dizer que ele correspondia a tudo o que eu pensava dele ou lera a seu respeito: um ser minúsculo, raquítico, magro e meio baixo, cerca de 1,70 metro, a fisionomia mais repulsiva que vira em toda a minha vida. Era totalmente diabólica, cruel e maligna. Senti-me como se estivesse sendo apresentado a uma serpente. Durante todo o jantar, falou apenas espanhol, mas, sempre que por acaso uma palavra me era dirigida, eu respondia em inglês. Assim que terminou o jantar, ele inclinou-se e saiu.

Barnes e Bell estão alojados no quarto dele, ao lado do meu, e ele se mudou para outro, próximo dos alojamentos dos criados.

2. Apesar da observação derogatória sobre os judeus de East End, Casement em geral não assumia as posições antissemitas de muitos de seus contemporâneos.

Descrição de Matanzas

A casa é do tipo comum de construção grande em formato de barco, mas muito malconservada. Creio que é a mesma casa que, segundo o testemunho de Dyall, ele, Ramón Sanchez e Normand haviam construído logo que chegaram aqui, em 1904. O espaço debaixo da casa é aberto, sem muros, árvores ou paliçadas. Simplesmente um pavimento único erguido a três ou quatro metros do solo, com uma escada de mão para subir e descer. Fica no topo de uma colina, rodeada de outras um pouco mais elevadas, desmatadas em parte, de modo descuidado. A área em que se nota alguma espécie de cultivo é muito pequena. Há um pouco de mandioca no vale, e, ao

redor da casa, esplêndidos plátanos, que rivalizam com os africanos, em altura e na circunferência do tronco; e dois jovens abacateiros com frutos. O riacho, descendo uma colina íngreme, fica próximo da casa. Corre para o Caquetá, que fica a cerca de seis horas de distância. A floresta aqui é muito mais densa e exuberante do que os trechos que vimos desde que saímos de Chorrera. Árvores enormes, como as do médio Amazonas, começaram a reaparecer na jornada de hoje. Estamos com certeza nas nascentes do Japurá. Eu diria que em terreno menos populoso. O tamanho da vegetação nativa demonstra isso.

O aspecto pobre da floresta que observamos na região dos uitotos se deve à prolongada ocupação pelos nativos. Devem ter praticamente derrubado a mata, em um período ou outro, e seguido em frente mudando de local. Aqui estamos de volta à floresta primeva.

Fui me deitar cedo, cansado e nada disposto a ver Normand mais do que poderia suportar. Já decidi que, assim que Levine, o outro homem de Barbados, chegar de La China, eu volto para Entre Ríos.

Casement é Acordado pelo Harém

Às 2h30min acordei com o ruído de pés descalços na varanda e de vozes abafadas, que chamavam na porta do quarto ao lado: “Normand, Normand”. Saltei da cama e saí. Um homem carregando um rifle e uma lanterna guardava um amontoado de figuras femininas, cinco ou seis, munidas de sacos e equipamento para viagem. Foram ouvidos chamados em voz alta no fim do corredor e todas se precipitaram para o quarto em que Normand dormia. Era a chegada do harém, indo em direção ao quarto no qual elas supunham encontrar seu belo adormecido. Barnes também foi acordado e nos viramos ao mesmo tempo para vê-las, e rimos com vontade. Pareciam coisinhas minúsculas pelo que pude ver. Pobres criaturinhas percorrendo a floresta a passos miúdos dia e noite, indo atrás da besta. Ele deve ter saído às pressas, assim que o mensageiro chegou a La China com a notícia de nossa chegada iminente a Matanzas, deixando as mulheres da casa para segui-lo como pudessem, sob os cuidados de um dos *muchachos* de sua guarda.

Terça-feira, 18 de outubro de 1910 – Matanzas

Caseмент Decide Partir

Eu disse a Tizón que pretendo sair de Matanzas amanhã direto para Entre Ríos, depois que entrevistar os dois homens de Barbados. Lane já está aqui e vou chamá-lo imediatamente, e, se Levine não chegar de La China a tempo, pode ir atrás de mim em Entre Ríos. Tizón concordou de imediato e eu disse a Bishop para aprontar tudo para uma longa caminhada amanhã, pois minha intenção é sair cedo com ele, Sealy e sete índios, levando toda a nossa carga, para cobrir os 48 quilômetros até Entre Ríos antes do escurecer. Disse a Barnes e Bell que não tinha condição de suportar Normand nem mesmo por uma hora mais; sentia ânsias só de olhar para ele. Concordaram sem reservas e Bell chamou-o de “verdadeiro monstro”, pela expressão do rosto capaz de qualquer crime. Normand será entrevistado oficialmente às nove da manhã, para apresentar o relatório de sempre da administração de seu distrito, o que é uma mentira esperada, e eu vou chamar James Lane para ser interrogado.

Entrevista com Lane

A entrevista com Lane foi produtiva³. Não a prolonguei, pois o homem disse logo que desejava sair dali, e ficaria grato se eu pudesse obter uma permissão para ele ir embora; Normand já havia recusado deixá-lo partir duas vezes. Falava devagar e aos arrancos, parecendo-me relutante em explicar-se claramente e, a certa altura, acusei-o de estar mentindo e chamei Bishop para prendê-lo. Disse-me que estava apenas tentando dar respostas verdadeiras às minhas perguntas. De modo geral, acho que ele realmente disse a verdade, mas é óbvio que minhas perguntas cobrem apenas uma pequena área, e a única coisa a fazer é obter mais tarde uma declaração mais completa do que fez e viu desde sua chegada aqui.

3. *Blue Book, declaração n. 17, pp. 92-96.*

Parece que veio de Iquitos com Sealy e Chase, chegando a Chorrera em 12 de maio de 1908, de onde veio imediatamente, depois direto

para Matanzas, onde está até hoje. Segundo o que diz, não testemunhou crimes brutais, nem tomou parte em assassinatos ou flagelações. Declara que nunca açoitou; que foi isento disso, pois não tem “braço” para açoitá-lo. Lane tem magníficos braços negros e musculosos, duas vezes mais fortes que os meus, e é um jovem robusto e saudável de 22 ou 23 anos de idade. Dessa forma, a história de “não ter braço” para açoitá-lo pode significar que, apesar de sua força, era tão desajeitado para aplicar o açoite em um corpo nu que foi dispensado dessa tarefa degradante.

O relato de Chase sobre sua própria dispensa em Abisinia é praticamente o mesmo. Ele também é um negro típico, grande e forte, e, no entanto, diz que só açoitou uma vez. Jura de pés juntos, repetidas vezes, e diz que foi dispensado porque “não sabe açoitá-lo”.

Depois de açoitá-lo Simona⁴, Stanley Lewis nunca – ele jura –, nunca mais açoitou ninguém. Em seu caso, pagou pela recusa. Foi cruelmente açoitado por Fonseca e posto no cepo, e, se não fosse Juan Castaños, teria morrido de fome. E aqui está este menino, grande e forte, afirmando quase a mesma coisa. Diz ele que é Levine o encarregado de açoitá-lo na maioria das vezes. Ele mesmo só bate nos índios com pedaços de pau. Mas viu três índios morrerem sob os açoites, dois aqui em Matanzas e um em La China, e seu relato da morte deste último, chamado Kodihinka, é uma das coisas mais atroz que já ouvi.

Fico doente só de pensar. E dizer que isso aconteceu no mês passado, quando estávamos em Iquitos ou Chorrera! Esse infeliz, capturado com cinco outros (entre eles sua mulher e seu filho) bem além da outra margem do Caquetá, na Colômbia, foi trazido de pulsos e cotovelos amarrados, numa jornada de vários dias até La China. Ali todos foram açoitados, três mulheres e três homens.

Esse homem era o mais velho, o líder dos pobres fugitivos, que haviam fugido durante muitos dias para escapar dos “avanços” dessa cativante companhia inglesa. Preferiram a liberdade e a fuga aos presentes com que eram cumulados em troca da borracha com que trabalham alegremente, segundo nos informam, a fim de obter coisas bonitas. A comissão que os perseguia, chefiada pelo assassino

REFLEXÕES XXXVIII

4. Concubina de Argaluz, subchefe de Último Retiro, que foi flagelada e depois morta a tiros por ter tido relações com um índio.

Normand, levou 21 dias nessa exploração, seis deles em clara violação das leis internacionais, em território de outra nação-Estado.

A flagelação imposta a esses “trabalhadores” da Companhia na chegada à casa de Normand matou esse homem. Foi posto no cepo ao lado de outros cinco, todos com os membros e as costas sangrando em carne viva, e lá ele morreu três dias depois de receber os açoites. Sua carne em decomposição, segundo Lane, exalava um cheiro nauseabundo, ao lado da mulher e do filho, presos como animais atrozés, os pés em prensas de ferro e madeira. Deus! Que estado de coisas! E a besta humana que fez isso está dizendo à comissão, do outro lado da estreita parede, que não açoita há três anos, que tudo o que faz agora é dar “pancadas na mão dos mais recalcitrantes com um pedaço redondo de madeira com furos”. Minha velha amiga, a palmatória do Congo, apareceu finalmente! No exato momento em que Normand fazia essas declarações, dentro de meu campo de audição, Lane declarava – relutante – que há um mês tinha visto um homem morrer debaixo de açoites, ao lado de cinco outros, entre eles três mulheres, por ordem desse mesmo homem, e me fornecia o nome do empregado, José Córdoba, que havia aplicado o castigo cruel.

Assim que Normand foi dispensado, contei à Comissão o que Lane me havia declarado. No meio do relato, disseram-me que Levine tinha chegado de La China. No almoço, eu disse a Tizón que estava irrevogavelmente decidido a partir para Entre Ríos ao alvorecer e não desejava permanecer em tal companhia nem uma hora a mais do que o necessário.

Entrevistas com Westerman Levine e Normand

À tarde mandei chamar Westerman Levine. Levine é seu nome barbadiano completo⁵. É um negro pequeno, com um sorriso de galhofa no rosto de expressão maligna que, à primeira vista, desperta desconfiança e aversão; um meio sorriso

REFLEXÕES XXXVIII

5. *O nome Westerman Levine aparece como Leavine no Blue Book (Informe n. 18 pp. 96-99).*

permanente­mente dissimulado nos olhos; a boca fraca de lábios frouxos. Ele não me agradou, e logo ficou claro que ele não apenas estava escondendo coisas, mas mentindo nas respostas a perguntas diretas. Ele saiu de Chorrera com Normand no dia 17 de novembro de 1904, de modo que está aqui há quase seis anos. Não fiz nenhuma tentativa de obter dele um relato completo a respeito desse período, mas me restringi a fazer perguntas e exigir respostas categóricas. Ele confirmou em grande parte o relato feito por Roso España sobre Aquileo Torres e os outros colombianos no início de 1907.

Os dois negros de Barbados citados naquela declaração eram ele próprio e Donal Francis (o homem que em Chorrera tinha apenas “plantado mandioca e cana-de-açúcar” em seus vinte meses em Matanzas!). Depois de ele admitir um caso de “açóites atenuados” e de ter ele próprio matado um índio a tiros, “sempre por ordem do administrador”, pedi detalhes sobre o açóitamento e morte de Kodihinka no mês anterior em La China.

Nesse ponto, ele logo entrou em contradição direta com o relato de Lane. Quando finalmente se comprometeu com a declaração de que Kodihinka não havia morrido no cepo nem em consequência dos açóites recebidos em La China, mas das surras de que fora vítima no caminho de volta sob a custódia de James Lane e de dois *muchachos*, mandei chamar Lane e confrontei os dois. Disse-lhes que um dos dois estava mentindo e que eu deveria descobrir qual deles. Li as respostas de Lane às minhas perguntas sobre Kodihinka e, a seguir, as de Levine. Por um momento os dois homens se olharam de frente. Lane permaneceu firme e acusou abertamente Levine de mentiroso.

Confrontei o outro com as provas e perguntei-lhe se agora estaria disposto a dizer a verdade. Ele não aguentou mais e se entregou, com outra mentira: que ele tinha esquecido.

“O quê?”, perguntei. “Só um mês atrás e você já se esqueceu!”

REFLEXÕES XXXVIII

Admitiu que Kodhinka havia recebido trinta açoites de José Córdoba, que ele mesmo tinha dado “três chibatadas”, e que Kodhinka havia morrido no cepo ao lado dos outros índios, como na declaração de Lane. Pedi ao senhor Tizón que entrasse para estar presente no confronto e ouvir as acusações dos dois homens, o que ele fez muito aflito. Levine, então, em resposta às minhas perguntas subsequentes, admitiu que durante seis anos seu trabalho se limitava a sair com um rifle nas mãos para caçar índios, açoitá-los ou maltratá-los, obrigando-os a trazerem borracha, ou açoitá-los quando fugiam, e não havia feito nada além disso todo esse tempo, exceto montar guarda à noite. E tudo isso explicitamente por ordem do administrador.

Tizón disse que não adiantava nada perguntar a Normand. “Aparentemente não”, concordei. O assunto estava claro o bastante; nenhuma evidência mais completa poderia ser obtida. Estávamos no próprio local dos acontecimentos, com Normand na sala contígua (ouvindo o que eu dizia), e com os dois empregados da Companhia acusando-o diante de seu chefe de ter ordenado os crimes. Dispensei os dois homens de Barbados, ficando acertado que ambos saíam imediatamente de Matanzas. Lane me acompanharia na manhã seguinte; Levine seguiria com a Comissão no outro dia. Recusei-me a permitir que ele viesse comigo, pois, como disse, eu o considerava não apenas mentiroso, mas um patife covarde. Ele havia afirmado que dera “três chibatadas” em Kodhinka quando os prisioneiros chegaram amarrados a La China. Quando admitiu ter dado as “três chibatadas”, disse que Kodhinka já estava semimorto. Estava amarrado, as costas laceradas e sangrando das pancadas recebidas dos *muchachos* de Lane pelo caminho. Foi nesse estado que ele supostamente deu no mísero índio três chibatadas com o chicote de couro trançado, feito de pele de tapir.

“Eu lhe dou chibatadas, senhor, porque ele não me paga a caixa de fósforos que lhe dei no caminho.”

“Entendo”, eu lhe disse. “Você deu três chibatadas num homem que tinha as mãos amarradas, as costas e os membros feridos e sangrando e, como você mesmo disse, estava quase morto?”

“Sim, senhor. Porém, não foi disso que ele morreu, ele morreu das chibatadas que recebeu pelo caminho.”

Disse-lhe que ele era covarde e um canalha e que, se estivesse em Barbados, seria enforcado por isso ou por qualquer um dos assassinatos que eu tinha certeza de que ele havia cometido, e que alegar que eram ordens de Normand não era desculpa, e que eu estava pensando em entregá-lo às autoridades em Iquitos para ser julgado lá. Disse tudo isso diante de Tizón, Lane e Bishop – isso e muito mais – pois acrescentei: “Mesmo culpado e desprezível, você é muito menos culpado do que o bruto que empregou você para fazer essas coisas por lucro pessoal.”

A Opinião de Casement sobre os Deveres de Tizón

Quando os homens saíram, Tizón, parecendo aturdido, disse que não podia mais ficar na companhia, não podia continuar com seu trabalho.

“E pensar que estou envolvido nisso tudo”, gritou.

Eu disse a ele que seu envolvimento era uma questão de honra, que ele devia ficar e cumprir o seu dever. Tinha um dever a cumprir com seu país e com aqueles índios, muito acima do seu dever com a Companhia, e que devia manter a coragem e ir até o fim; eu lhe daria toda a ajuda moral a meu alcance. Podia contar comigo no que fosse necessário para fortalecer suas ações. Contou-me, então, que sempre dissera a Normand que fosse embora, que tinha esperado despachá-lo logo pelo mesmo barco em que eu ia, ou, quando muito, no próximo, no final de novembro. Acrescentou que a estação de Matanzas deveria ser fechada imediatamente e esperava que com o tempo os índios fossem induzidos a vir até Entre Ríos voluntariamente para vender a borracha por um preço fixo.

Eu disse que era a única coisa a fazer. Tanto o transporte de cargas enormes, como as que os infelizes eram obrigados a carregar até Puerto Peruano, quanto o estado execrável de crimes e atrocidades que sofriam teriam de cessar mesmo antes de começar a marcha. Ele me prometeu de novo que todos os empregados de Matanzas e La China iriam embora na data mais próxima possível, e que o

REFLEXÕES XXXVIII

mesmo deveria ser feito com as estações de Abisinia e Morelia, e, acreditava eu, também com Sabana e Santa Catalina. Ia restringir as seções (exceto Entre Ríos) à via navegável do Igaraparaná, abolir os malfadados postos interiores impossíveis de inspecionar ou controlar e providenciar mulas para o transporte de Entre Ríos até Puerto Peruano.

Elogiei entusiasticamente todas essas medidas e observei que, no final das contas, poderiam até trazer vantagem financeira, pois os índios, aliviados da pressão medonha das longas jornadas transportando cargas enormes e sem comida, teriam mais tempo, mais resistência e mais disposição para coletar borracha. Entre Ríos poderia se tornar, se bem administrado, um centro de coleta para toda a região dos andoques, e grande parte da região norte dos boras. A tarefa que teria de enfrentar era muito difícil, disse-lhe, pois receava que fosse encontrar oposição generalizada dos membros do *staff* e dos chefes da estação, quando eles percebessem que a mudança acabaria com seus postos lucrativos.

Esse homem, Normand, recebe 20% do produto bruto de seu distrito. Só isso é um grande incentivo ao crime! Seu pessoal é o mais numeroso de todas as seções, um bando de facínoras armados e bem pagos, que estão aqui apenas para aterrorizar e escravizar. Tizón diz que, além de tudo estar errado em Matanzas, a estação representa uma “extravagância financeira”. Não dava lucro e era administrada no vermelho! A Comissão paga a Normand.

Os altos salários e as despesas de manutenção (bem como as demais despesas administrativas, pois Macedo figura também na conta da Comissão) consomem todo o lucro e há tempos representam pesadas perdas.

Deram-me a entender que Normand obtém apenas cerca de oito toneladas de borracha por ano – pelo menos é o que ele diz –, mas não obtive ainda os números de nenhum dos membros da Comissão. Estão convencidos de que ele mente o tempo todo. Durante o depoimento de Levine, à tarde, um grande número de índios andoques e boras chegaram com pesadas cargas de borracha. Era a primeira parte do *fábrico* de Normand. Ela é recolhida agora

para ser levada até Puerto Peruano, onde embarca para Chorrera pelo Veloz dentro de alguns dias.

Observando a Chegada da Borracha

Depois que terminei com Levine, saí para ver a chegada da borracha. Vinham subindo a colina homens, mulheres e crianças, principalmente os dois últimos grupos, cambaleando debaixo de fardos descomunais. Nunca vi pesos assim carregados nas estradas – e que estradas! – da África ou de qualquer outro lugar. Muitos dos homens eram boras, indivíduos fortes e bem constituídos, de feições largas e pele muito clara, praticamente homens brancos, simplesmente bronzeados pelo sol, de maneiras francas e abertas. Seus corpos eram esguios e graciosos, de força notável. Tentei carregar um fardo de borracha.

Fiz com que Chase o erguesse e o colocasse no meu ombro, com Normand ali por perto. Não consegui dar três passos, verdadeira e literalmente. Meus joelhos cederam e acho que não conseguiria andar cem metros, nem que fosse para salvar minha vida. Mas aqui estavam eles, vindos de um ponto a oito ou dez horas de distância, a quarenta ou cinquenta quilômetros e com mais 72 quilômetros de caminho atroz a percorrer até Puerto Peruano. Seu único alimento era o que podiam trazer consigo, feito por suas pobres mulheres, que cambaleavam a seu lado, sob o peso de fardos de 25, 30, 35 e 40 quilos.

Os meninos pequenos, alguns com cinco ou seis anos de idade, nus em pelo, sem sequer um fono, eram coisinhas minúsculas, de olhos mansos e doces com longos cílios. Vinham junto, carregando por vezes quinze quilos ou mais nas costas estreitas. Vi um rapaz de seus quinze anos, a voz clara de um menino, com uma carga entre 35 e 37 quilos, no mínimo.

Conversa com Normand

Pedi uma balança a Normand para pesar alguns deles. Respondeu-me que não havia nenhuma, que a borracha era pesada ou em La China ou na casa na floresta, onde os índios tinham de apanhá-la. Admitiu que vários carregamentos não haviam chegado porque os

carregadores estavam doentes. Seis deles estavam doentes e ele mandara alguns dos boras mais fortes, que já haviam chegado, trazer essas cargas. Admitiu que não recebiam nenhuma raspa de comida. Teve a audácia de nos dizer que os nativos “preferiam a comida deles”, que era mais nutritiva e alimentava mais do que arroz e feijão! Consiste em pedaços de pão de mandioca (cassava) meio cozido e enrolados em folhas com a borracha e carregados na cesta de folhas de palmeira, que contém seus chorizos enormes. Não consegui sequer levantar uma dessas cargas. O máximo que consegui foi erguê-las ligeiramente do chão.

Descrição do “Bom Selvagem”

Os índios boras eram os homens mais magníficos que eu já havia visto. Não muito altos ou grandes, mas excepcionalmente graciosos e de boa constituição física. Caminhavam no ritmo constante de máquinas. Passos curtos e rápidos, sem mover as pernas nem relaxar a junta dos joelhos. Com um profundo suspiro, cada um deles deslizou para o chão e fez a carga escorregar suavemente pelas costas até o solo, retirando a tira de fibra da testa; depois saltou, em riste como uma flecha, e afastou-se com passos firmes e fortes.

Muitos tinham membros perfeitos, braços fortes e belas pernas e coxas, sem, no entanto, nenhum sinal notável de desenvolvimento muscular. Era como se fossem em tudo filhos perfeitos e magníficos da floresta, herdeiros de eras de vida selvagem livre, como se seus corpos passassem a ser, como as próprias árvores, parte inextricável⁸ do solo. Sobre o solo dormem nus, caminham ou correm o dia todo, e nunca perspiram⁹ debaixo de cargas de cinquenta ou 75 quilos. Tenho certeza de que muitas daquelas cargas devem pesar, no mínimo, de 75 a 85 quilos. Espero pesar algumas delas em Entre Ríos, para onde desço amanhã, com esses primeiros frutos do último *fábrico* de Normand.

Vão dançar hoje à noite, diz ele, mas inteiramente por conta própria

⁸ **Inextricável**: que não se pode dissociar ou desembaraçar.

⁹ **Perspirar**: fazer sair o suor pelos poros; transpirar, suar.

– pois dele não receberão nem uma gota de comida ou bebida. Não há comida nem para nós, diz Tizón. Teve de mandar mensagens para Entre Ríos pedindo suprimentos extra, alguns dos quais chegaram hoje à noite por carregador especial, um dos *muchachos* de O'Donnell, que chegou às 4h30min com um carregamento de comida e bebida. Muitos dos homens foram açoitados e mostravam feias marcas no corpo. Um meninozinho de não mais de oito anos, tão pequeno que nem tinha fono, completamente nu, tinha as costas e coxas cobertas de marcas – largos vergões e açoites. Uma visão abominável. E tinha, também, uma carga bem grande de borracha. Devia haver por volta de trinta rapazes e crianças levando carga, alguns deles pingos de gente de cinco ou seis anos. Estes últimos levavam apenas cestas de comida. Eu diria que o mais jovem que transportava uma carga de borracha tinha perto de sete anos e os demais até dez ou doze. Bustamante escondeu, ou tentou esconder, um dos boras robustos, com cicatrizes sangrentas de açoites recentes. O índio foi levado para cima com um lenço sobre as nádegas nuas. Falei com vários homens e meninos, mas todos pareciam meio tontos e apavorados, e, quando consegui que alguns posassem para fotos, pareciam ter recebido uma sentença de morte. Era impossível tranquilizá-los, pois nem Sealy nem Bishop falavam a língua dos boras ou dos andoques.

Visita ao Cepo

Normand passou toda a tarde no espaço que há debaixo da casa, preparando os fardos de borracha para o dia seguinte e fazendo a chamada das listas de nomes. Lane havia me dito que o cepo foi escondido na manhã de nossa chegada, e que ele estava atrás da casa nativa e cozinha, coberto de folhas. Fomos ver o cepo, que encontramos coberto de palha, dividido em dois grandes pedaços.

Parecia um cepo duplo, pois as duas partes eram bem separadas.

Lane contou também que, na noite anterior, com a notícia de que estávamos a caminho, o próprio Bustamante apressara-se em retirar os prisioneiros que estavam no cepo. Foram levados primeiro para uma casa e, depois, provavelmente, para La China, sob a guarda de dois *muchachos*.

REFLEXÕES XXXVIII

Relatei à Comissão os fatos básicos do testemunho de Lane e Levine, e levei-os, junto com o senhor Tizón, para ver o cepo escondido.

O jantar daquela noite foi uma verdadeira farsa. Tizón disse que nem Andoke nem Lincoln, os dois rapazes do local que trouxera com ele, se mostravam dispostos a ficar. Havia perguntado a ambos se não gostariam de ficar em Matanzas, perto de seu próprio povo, e os dois tinham protestado.

Normand mostrou-se à altura da ocasião.

“É isso que gosto de escutar”, disse. “Mostra que a civilização está produzindo efeito.”

Em voz alta, eu disse a Barnes: “Isso quase me faz engasgar”, e pus um pedaço de pão na boca. Ficamos sem falar por um minuto, e eu temia cair na gargalhada.

Tarde da noite Sealy veio me dizer que dois dos *muchachos* que mataram Bucelli, Luiz da Silva, etc. no ano passado e tinham sido mantidos aqui, amarrados pelo pescoço com longas correntes, haviam fugido fazia pouco. Ele estava extremamente agitado.

“Eles estavam com os dois ali”, disse apontando para a casa original, “e eles fugiram com as correntes e Levine não lhe contou nada, senhor. Mandaram procurá-los em toda parte, mas não foram encontrados.”

Eu disse que esperava que não fossem encontrados. Perguntei se os índios tinham meios de arrebentar correntes, considerando que não dispunham de martelos ou cinzéis, e Bishop, que estava próximo, comentou que “até hoje não houve nenhum índio que se atrapalhasse por muito tempo com correntes, quando conseguia fugir. Se tiverem uma machadinha ou um machado, eles logo dão um jeito de se livrar das correntes”.

E foi esse, provavelmente, o fim da grande Rebelião de Caquetá. Ouí falar muitas vezes dos “quatro brancos assassinados por canibais”. Espero que os dois sobreviventes do grupo estejam a salvo e em segurança, em algum lugar. Pobres diabos.

Quando mataram aquele grupo de velhacos, fizeram apenas o que se deve fazer com todos os agentes e *empleados* desse sindicato de assassinos, com exceção de Tizón, que está aqui claramente deslocado, fora de seu elemento. Entretanto, terá de ficar e tentar pôr um fim a todos eles. Espero que os dois *muchachos* continuem livres. No entanto, deduzo que não são andoques nem boras, mas uítotos.

VII

Retorno a Entre Ríos

Sexta-feira, 21 de outubro de 1910

Um Muchacho Doente

Voltei para cá ontem, após uma aventura e tanto no dia 19, ao deixar Matanzas. Convenci o chefe dos muinanes e mais seis homens a carregarem minhas coisas de volta a Entre Ríos, e deixei Matanzas às sete da manhã com Bishop, Sealy e Lane. Muitos dos carregadores de borracha andoques ou boras já estavam na estrada. Eu quis fotografar alguns, especialmente os pequenos meninos e meninas pelo caminho, com seus fardos pesados sobre as costas. Parti antes de Bishop e Sealy, e logo ultrapassei os carregadores de borracha. Pobres rapazes! Apertavam a minha mão enquanto eu passava, e uma pobre mulher chorava e gemia. Falou comigo em andoque, apontando para suas pernas trêmulas e para o grande fardo que estava carregando. Alguns dos meninos eram jovens muito bonzinhos, e agora que estávamos juntos, a sós, longe da sombra de Matanzas e dos olhos vigilantes de Normand, estavam muito alegres e riam quando eu os afagava, e seguravam minhas mãos, repetidas vezes. Muitos me chamavam de “capitán, capitán”, e apontavam para as marcas e cicatrizes em seus quadris e coxas.

Cerca de uma hora depois, Bishop e Sealy me alcançaram e andamos rapidamente, deixando todos os carregadores de borracha para trás. Passamos por meus próprios carregadores, que começaram antes de mim. Quando estávamos a cerca de onze quilômetros de Matanzas, ouvi gemidos no caminho à frente, onde vi uma fumaça pálida pairando no ar. Apertei o passo e encontrei

REFLEXÕES XXXVIII

um menino estirado no chão. Era evidentemente um *muchacho*, a julgar pela winchester que estava ao seu lado. Tinha uma febre muito alta, gemia e tremia por inteiro. Quando Bishop chegou, perguntamos do que se tratava. Disse que era um dos *muchachos* de Matanzas. Fora enviado para a floresta, sem qualquer alimento, doze dias atrás para caçar a “esposa” fugitiva de um dos *empleados* chamado Negretti. Ele não a encontrou; estava faminto havia dias, absolutamente exausto e sem condições de andar. Então parei, dei-lhe um pouco de conhaque. Quando meus carregadores chegaram, parei aquele que levava os alimentos e peguei uma lata de sopa e alguns biscoitos. Aqueci a sopa sobre uma fogueira e fiz com que ele tomasse um pouco. Ele não a queria, mas fizemos com que a tomasse aos poucos. Bebeu muito chá para abrandar sua febre alta.

Raras vezes vi uma cena tão lamentável. Finalmente, após uma hora ou mais, perguntei-lhe se conseguia andar um pouco e, se assim fosse, tentaria ajudá-lo a chegar até a casa dos muinanes, onde agora resolvi pernoitar e alimentá-lo durante a noite e pela manhã, para que então conseguisse, ou retornar a Matanzas, ou, se preferisse, ir até Entre Ríos, onde poderia entregá-lo a Tizón. Ele disse que tentaria andar e, assim, começamos. Infelizmente, fiz com que todos os meus carregadores continuassem, pois tinham pressa de seguir caminho. O menino ensaiou alguns passos e caiu com um gemido. Isso ocorreu diversas vezes, e percebi que seria inútil tentar avançar com ele. Então enviei Bishop para alcançar meus carregadores no primeiro rio que desse, e fazer com que acendessem uma fogueira e nos esperassem. Em seguida, com Lane e Sealy, tentei ajudar esse ser faminto a ir adiante. Ele disse, repetidas vezes, que estava com fome, pois, quando tentava andar, a estrada lhe fugia sob os pés e ele caía no chão. Finalmente, consegui um homem bora robusto, que nos alcançou com uma enorme carga de borracha, que foi deixada no chão para que carregasse o rapaz nos ombros. Assim ele fez, e o carregou subindo uma colina íngreme, deitando-o sobre uma cama feita de folhas grandes que havia cortado. Depois, o pobre rapaz teve que se arrastar de volta para apanhar sua imensa carga de borracha. Por fim, cerca de meio-dia, levei o menino até um riacho, onde encontrei Bishop parado com os dois homens perdidos que, felizmente, estavam com o meu suprimento de

comida. Então, tomamos nosso café da manhã. Tentei fazer o menino doente tomar mais sopa, mas tive que forçá-la goela abaixo. Não conseguia fazer nada além de gemer. Pouco depois, começou a tentar seguir em frente sozinho, mas quando levantamos acampamento encontrei-o caído no caminho, logo acima do morro onde fica a casa dos muinanes, que foi queimada por Normand, de acordo com o que “Andoques” nos contou, no dia de nossa chegada. Lá, fui forçado a deixá-lo, muito a contragosto, pois os meus carregadores estavam muito adiantados. Uma tempestade aproximava-se; logo fizemos um abrigo de folhas de palmeira e de bananeira selvagem e, então, coloquei o meu guarda-chuva sobre ele lá dentro. Prometemos enviar três dos meus índios de volta à casa dos muinanes para ajudá-lo. Bishop e Lane disseram que o *empleado* que vinha atrás da caravana de borracha era o mesmo Negretti que havia mandado o menino sair para procurar sua “esposa” e, certamente, o levaria de volta para Matanzas. Já temia isso, mesmo antes de eles dizerem qualquer coisa. Assim, escrevi meu nome num pedaço de papel remetendo-o a Entre Ríos e, depois, pensando melhor, escrevi numa tirinha de papel, em português sofrível, que o portador, de nome Ramón, deveria me seguir até Entre Ríos.

Tinha esperança de que isso pudesse servir como proteção, caso o homem que avançava resolvesse interrogar a pobre criatura. Com esse papel, alguns biscoitos e carne, eu o deixei, e suas últimas palavras foram para enviar os índios rapidamente, pois haveria luar, e ele tentaria entrar na casa dos muinanes esta noite. Então apressei-me, pois horas haviam sido desperdiçadas, e toda a esperança de chegar a Entre Ríos acabara.

Uma Mulher Andoque Doente

Não tínhamos ido muito longe, porém, quando um segundo caso, ainda pior, ocorreu. A mulher que havia reclamado a mim no período da manhã não tinha condições de prosseguir. Chorava copiosamente e tremia por inteiro e, quando eu me aproximei, sons mais tristes brotavam dos lábios da pobre criatura. Ajoelhei-me ao seu lado, removi o fardo de borracha dos seus ombros e a tira da sua testa, e disse a Bishop para colocá-lo na beira da estrada e marcar

REFLEXÕES XXXVIII

uma cruz na árvore na qual ele ficaria encostado. A mulher chorou ainda mais, e continuou dizendo que Normand a mataria. Era uma andoque e Bishop tinha que fazer a tradução, ou ao menos tentar. Pedi a Bishop que tentasse lhe dizer que não temesse, que Normand não lhe faria nada, que eu seria responsável por levar a sua carga adiante e que ela deveria acompanhar-me até a casa dos muinanes, onde eu lhe daria alimento, remédio e roupas.

Estava, como a maioria deles, completamente nua, e suas pobres costas eretas mostravam marcas de agressão e espancamento. Apontou para as suas coxas e pernas, mostrando os hematomas e as marcas. Parecia estar com um grave ataque de reumatismo e não tinha uma migalha de comida. Quando finalmente compreendeu que poderia continuar em segurança comigo, chorou ainda mais e segurou minha mão, apertando-a contra sua testa repetidas vezes. Dei-lhe chá para beber da minha garrafa e, a essa altura, muitos dos outros carregadores haviam chegado e se agacharam ao nosso redor, olhando com uma espécie de resignação desesperançada. Apenas os pequeninos, meninos como em qualquer lugar do mundo, sorriam ou davam risada.

A mulher mal conseguia andar, e fazê-la continuar foi tarefa penosa. Ela caía muitas vezes e dei-lhe minha bengala para auxiliar suas pernas trêmulas. Sentia que os joelhos lhe falhavam e caía. Chorei muito, devo confessar. [...] Acho que sua carga pesava entre vinte e 25 quilos, três grandes chorizos. Sua comida para essa viagem de cerca de 112 quilômetros (ela veio quarenta quilômetros além de Matanzas) de descida até Puerto Peruano consistia em um pacote de folhagem de palmeira embrulhando menos de um quilo de farinha, com uma garrafa muito pequena de ají, ou pimenta-malagueta. Isso nós tiramos da carga e levamos para ela. Ao nos aproximarmos da casa muinanes, ouvi o manguaré batendo, um som de boas-vindas, e logo depois um tiro. Após um minuto ou dois, encontramos quatro dos afáveis *muchachos* de Entre Ríos subindo até Matanzas com provisões e duas cartas para Tizón, uma de Chorrera e uma enviada por O'Donnell, às seis daquela manhã. Fiz com que parassem e peguei duas garrafas de bebida de gengibre, duas latas de salsichas e uma lata de camarão pitu, e escrevi um bilhete a Tizón, dizendo-lhe

o porquê disso, explicando que me atrasei por causa dessas pessoas doentes na estrada.

Chegada à Maloca dos Muinanes

Ficamos muito contentes ao alcançarmos a casa dos muinanes à quatro da tarde, e a mulher caiu perto da fogueira como um fardo que gemia. Eu a peguei, improvisei para ela um pijama com meu saco de dormir e a cobri com um casaco grosso. Sealy alimentou “a velha”, como insistia em chamá-la, diversas vezes com sopa de rabo de boi, linguiça e biscoitos. Ela comeu protestando, mas, de qualquer forma, a comida ajudaria seu pobre corpo exaurido a reviver.

Era uma mulher com cerca de quarenta ou 45 anos e seu marido era um dos homens que estavam sentados e me viram dar-lhe chá na estrada. Homens, meninos e muitas mulheres boras e andoques, alguns deles também doentes, continuavam chegando em pares, trios ou mesmo em grupos de aproximadamente sete pessoas. Então, meus três índios que foram enviados de volta por Sealy para buscar o menino doente e as três cargas de borracha deixadas pela “velha” chegaram de mãos vazias, alegando que, antes que pudessem encontrar o menino, se depararam com Negretti, que os mandou voltar. Ele disse que já havia mandado o menino de volta para Andoque. Pobre rapaz!

Fiquei acordado a noite toda pensando nele dentro da floresta.

Casement Cuida das Feridas dos Carregadores Boras

A mulher doente gemeu a noite toda, e outras mulheres vieram buscar medicamentos e ajuda. Dei-lhes o que tinha como forma de alívio, e, depois, alguns homens robustos, vendo isso, se aproximaram com as nádegas machucadas e os membros com muitas cicatrizes. Um robusto jovem bora, de aparência esplêndida, com um rosto largo e bem-humorado como o de um irlandês, tinha um corte horrível na nádega esquerda. Era a última crosta da ferida resultante de uma chibatada muito forte. Era do tamanho de um pires, preta e machucada. Essa coroa de carne ferida era do tamanho de um florim. Apliquei lanolina e um chumaço de algodão

sobre ela. Muitos outros vieram para receber o mesmo tratamento. Um jovem que eu já havia notado na estrada tinha um corte feio nas costas e disse que José Córdoba o fizera. Na estrada, dei-lhe meu lenço para tentar evitar que a madeira forte do cesto de palmeira, onde levava a borracha, pressionasse o machucado. Ficou agradecido, pobre alma, um menino muito magro; acho que era um andoque. À noite, ele veio me mostrar muitos outros cortes em todas as partes do corpo, alguns recentes e em carne viva. Havia um sobre o ombro. Apliquei lanolina em todos, usando tufo de algodão de lã sobre todo o corpo. Ele e os outros morreram de rir. Alguns tinham cortes nos pés e nas canelas feitos por galhos e troncos. Apliquei emplastos sobre os mesmos, da melhor forma que me era possível.

Caseмент Dorme entre os Índios

Este homem, Negretti, não chegou. Deitei-me, mas permaneci acordado por muito tempo com o revólver carregado, pois achei que ele poderia entrar e começar a maltratar a pobre mulher cuja carga deixei na floresta, e, se fosse o caso, estava determinado a impedi-lo a todo custo. Sua rede foi trazida e alguns de seus *muchachos* com fuzis chegaram, mas ele não apareceu. Fiquei aliviado, mas não conseguia dormir. Ouvi a pobre mulher gemendo e chorando a noite toda. Às duas da manhã, o luar entrou pelo lado quebrado do telhado da casa, e olhei em volta para todas as silhuetas cansadas desses pobres homens e mulheres. Muitas delas estavam acordadas e chorando baixinho; ocasionalmente um homem soltava uma espécie de gemido de cansaço enquanto se mexia durante o sono. Alguns deles acordavam e se levantavam de vez em quando para remexer a fogueira para então se deitarem com suas costas ou pés voltados para o calor. Contentei-me com um cobertor, e eu tinha colocado duas das minhas jaquetas sobre a mulher doente para mantê-la aquecida, mas essas silhuetas fortes estavam nuas e quase brancas à luz do luar e da fogueira.

Os boras são os índios de pele mais clara que vi até agora. Alguns deles são quase brancos, com traços muito bonitos. As crianças são particularmente cativantes, e suas formas são elegantes ao extremo. Um rapaz de cerca de quinze anos ficava pendurado em meus

calcanhares durante quase todo o dia. Sempre que eu chegava, ele corria até mim e segurava a minha mão. Isso, aliás, todos faziam, homens e meninos, da maneira mais cativante, sempre que eu passava por eles. O nome desse rapaz era Doi, conforme ele me disse. Escrevi em minha caderneta e ele repetiu-o duas vezes devagar, rindo o tempo todo. [...]

Partida Cedo no Dia 20 de Outubro

Às cinco da manhã do dia 20, os homens boras, junto com os meninos e as mulheres, se levantaram. Após se aquecerem diante do grande lume da fogueira, tendo comido um pouco de pão de mandioca, afastaram-se da casa sem uma palavra, cada um deles erguendo suas enormes cargas e saindo. Partiram às 5h15min da manhã. Eu fiquei ali, peguei café e dei um pouco às duas mulheres doentes com uma pitada de sal de fruta Eno, de uma garrafa que Bishop comprou em Iquitos. Eu ainda não tinha decidido o que fazer. Por um momento, pensei em voltar para procurar pelo menino faminto, mas finalmente decidi ir até Entre Ríos para partir com Lane com um bilhete para Barnes e Tizón explicando sobre o menino e as mulheres doentes daqui, pois agora havia duas delas. Escrevi um bilhete a Barnes dizendo-lhe o que eu queria que fosse feito, e, em seguida, Negretti chegou com os carregadores de borracha na retaguarda. Havia mais de quarenta deles, em sua maioria mulheres e crianças. Dentre as 47 pessoas que estavam na casa – carregadores de borracha ou *muchachos* –, contei apenas doze homens e rapazes. Os demais eram mulheres e crianças. Negretti trouxe os três pedaços de borracha que a mulher doente havia deixado para trás e os arremessou ao chão com um rosnado maldoso. Em seguida, aproximou-se de modo truculento e pediu o rifle que tirei do *muchacho* faminto na estrada. Dei-lhe o que pedia e perguntei onde estava o garoto. Ele respondeu de imediato com uma mentira deliberada: “Oh, ele está em Matanzas agora”. Acrescentou ao meu questionamento subsequente que enviou um garoto para ajudá-lo (mais tarde descobri que isso era absolutamente falso). Então perguntei se tinha visto meu guarda-chuva, e ele disse que o mandara de volta para Matanzas (isso também descobri que era outra mentira deliberada; Gielgud

REFLEXÕES XXXVIII

encontrou o guarda-chuva onde eu o havia deixado). Por fim, perguntei se não vira a carta que deixei com o menino, e ele disse: “Não vi nada”.

A mulher doente estava deitada perto da fogueira. Havia outra mulher, também enferma, perto de outra fogueira, e mais duas, que não passavam de meninas, caídas ao seu lado gemendo. Negretti chamou Lane, pois pensou que eu o estava deixando ali para falar com o senhor Normand, que estava chegando com o resto da borracha, sobre essas quatro mulheres e os fardos de borracha que estavam sendo deixados para trás. À vista disso, ele se apressou, com o rifle sobre o ombro, para ir atrás do restante dos desafortunados que estavam sendo caçados nesta estrada horrível que vai até Puerto Peruano. O que se quer aqui é uma comissão de execução com uma força, não uma comissão de botânicos e especialistas em comércio.

Parti entre 7h45min e oito da manhã, deixando com Lane um bilhete para Barnes, e com uma mensagem oral para ser transmitida a Normand caso tentasse maltratar ou repreender a mulher por ter deixado sua carga para trás. Pedi para Lane dizer a Normand que a mulher não fora responsável por deixar sua carga e que eu a havia tirado dela por considerá-la doente e incapaz de prosseguir, e que, se quisesse uma explicação, eu a daria.

Lane prometeu fielmente proteger as mulheres e alimentá-las ao longo do dia e ficar aqui ao lado delas até que Tizón e a Comissão chegassem de Matanzas, o que eu esperava que ocorresse por volta das quatro da tarde. Então me apressei, e logo passei pelo “animal humano” do Negretti, como eu o chamo. Diria que é um mestiço magro com uma aparência malévola, vindo de Moyobamba¹. Tem uma cara de furão maldoso e dentes como os de um animal selvagem, com um brilho faminto e feroz nos olhos. Um rosto quase tão maldoso quanto o de Normand, e sua única função é a de conduzir escravos, açoitá-los e ameaçá-los de morte, quando não matar esses seres triplamente infelizes.

Ao longo de toda a estrada passei por carregadores boras e andoques que andavam devagar, mas com firmeza, muitas vezes

REFLEXÕES XXXVIII

descansando encostados nas árvores ou se agachando para um momento de pausa neste tenebroso caminho de lama, árvores caídas, raízes, riachos profundos que devem ser atravessados sobre um único tronco ou árvore caída, e de todos os obstáculos que uma floresta atordoante pode oferecer em uma pista como essa. Para mim, que já fui um famoso andarilho, e com minhas pernas ainda em boa forma, o caminho era excessivamente cansativo. Meia hora depois de haver começado, eu estava molhado de suor, e o fato de termos que abaixar nossas cabeças constantemente, ou nos equilibrar num poste escorregadio, ou ficar afundados na lama até os tornozelos, cansava a mente e a atenção, mais até do que o corpo. Aqui estavam esses homens, muitos deles com cargas muito além de cinquenta quilos, sob a dieta mais leve com a qual o homem já sobreviveu para realizar esse percurso, sem esperança de alívio em lugar algum, e com esse demônio humano e seus *muchachos* armados na retaguarda, prontos para açoitem os retardatários. Toda vez que ele aparecia dizia “hiti, hiti” (“siga em frente, siga em frente”) e uma saraivada de palavras na língua dos boras e andoques que eu não conseguia entender. Estava tão cansado daquela visão horrorosa que passei a apertar o passo para ultrapassá-los, e só parei quando vi que havia deixado os carregadores bem para trás.

Fiquei furioso com a coisa toda; é a forma mais deplorável de escravidão que resta na humanidade, disso estou certo. Ademais, essa escravidão era do interesse dessa gangue miserável de carrascos.

1. Cidade do norte do Peru, a aproximadamente cinquenta quilômetros de Rioja.

[...] Finalmente, Entre Ríos estava quase diante dos meus olhos. Uma chuva fina caiu e me molhou, mas não refrescou o ar. A estrada era espantosamente ruim e eu estava ficando cansado. Quando nos aproximamos da casa dos índios, Huáscar (menino favorito de O'Donnell) e outros dois chegaram com chá, café e comida que O'Donnell enviou ao saber de minha chegada. Foi tudo muito acolhedor e fiquei contente. Depois disso, nós nos apressamos e mergulhei no Cahuinarí (pedi a Sealy que buscase

roupas secas) e, enquanto estava no rio, Fox e O'Donnell chegaram para me ver. Sealy apareceu às 12h50min, e cheguei à casa cerca de 1h20min da tarde, eu acho. Teria chegado cerca de 12h30min se não tivesse ficado para o chá e para o banho no rio. [...]

Às 5h15min da tarde, a longa fila de carregadores boras e andoques – homens, mulheres e crianças – apareceu no caminho que saía do Cahuinarí, acompanhada de Negretti, o salteador, com o rifle no ombro, conduzindo a retaguarda. Implorei a Fox que os observasse de perto e que tirasse algumas fotos das crianças com a minha câmera. Ele tentou fazer isso enquanto estavam chegando, mas Negretti apareceu e chamou “hi-ti, hi-ti” e as pobres criaturas tinham que cambalear e bambolear através da plantação seguindo pela estrada até Puerto Peruano. Passaram-se apenas doze horas desde que os vi deixar a casa dos muinanes pela manhã. Só Deus sabe como eles conseguem sobreviver a uma marcha de doze horas nessas estradas com tanta carga e tão pouca comida! Fiquei furioso, sentindo raiva e asco, e disse a O'Donnell que achei aquilo brutal; uma brutalidade arbitrária.

Aqui há uma grande casa indígena vazia, com espaço para várias centenas de pessoas, onde eles poderiam ter passado a noite com conforto, e ainda assim tiveram que seguir adiante, de forma implacável pela floresta após uma jornada como essa. Acho que foi a demonstração de brutalidade mais asquerosa que já vi. Percebi que aquele homem, Negretti, estava irado com Fox tirando fotografias deles; tirou apenas duas não muito boas, à luz que esvaecia. Sinto não ter conseguido obter nenhuma foto que mostrasse os menininhos, pequenos e ágeis, cambaleando sob cargas de doze a dezoito quilos de borracha. Nunca vi nada parecido com isso no Congo. É espantoso e me deixa doente.

Noite de Bate-papo com O'Donnell

À noite, O'Donnell foi muito gentil, e ambos, Fox e eu, concordamos que é o único dos chefes que encontramos que podemos cumprimentar com um aperto de mãos, e, ainda assim, ele tem feito coisas horríveis, ou com maior frequência tem permitido ou ordenado que outros façam por ele. Quando chegou aqui, era um

REFLEXÕES XXXVIII

rapaz de vinte anos e teve que se adaptar ao método já instituído de conduzir os índios, e provavelmente foi muito menos a fundo que qualquer outro. Ademais, nota-se que está certamente envergonhado de muito disso e gostaria de minimizar a maldade do sistema bestial que ele administra. O verdadeiro criminoso é o governo do Peru, distante, indiferente. Arana tem tido liberdade para transformar atos individuais de posseiros colombianos e peruanos fora da lei num sistema de roubo sob a mira de armas. O governo do Peru tem ficado ao seu lado, passivo, e quando é chamado para nos ajudar (como aconteceu com David Serrano e González) está também pronto para matar e, assim, estender as fronteiras do Peru adquirindo mais territórios geradores de receita. Ambos têm andado de mãos dadas, Arana, o araquicriminoso, e a administração do departamento de Loreto. Fox e eu passamos mal de desgosto a noite toda.

Cheguei bem cedo, muito zangado e muito triste, e agora estou tentando registrar os acontecimentos dos últimos três dias no silêncio de um dia de folga. Registrar as declarações dos homens de Barbados não é uma tarefa fácil neste momento. Questioná-los e, em seguida, procurar ao redor confirmação no final de cada dia me deixam com pouco tempo e energia, pois conto apenas com a noite para escrever. À noite estou muito cansado, e na estrada é quase impossível escrever. Os mosquitos-pólvora em Muinanes são uma praga terrível até cerca das seis da tarde. Além disso, há os índios doentes, e estou ansioso com a situação do pobre garoto faminto na floresta e da mulher doente ao meu lado. Queria tanto conseguir taquigrafar! Nunca senti tanta necessidade quanto agora. É muito importante a percepção imediata dos eventos e registrá-los naquele exato momento, deixando o mínimo possível para a memória e para a eventualidade de ter que me lembrar apenas de parte dos fatos, ou de não me recordar de nada. De qualquer modo, muito se perde e tudo que posso fazer é tentar registrar meus pensamentos e minha percepção das coisas e dos fatos de forma tão imediata e clara à medida que forem surgindo.

Interrupção da Escrita

Agora, estou muito cansado. Escrevi quase o dia todo, exceto

REFLEXÕES XXXVIII

quando estive ocupado com Fox e O'Donnell, e agora com os carregadores de borracha, que apareceram atrasados e com os pés doloridos, entre onze da manhã e uma da tarde, e depois com a chegada de Normand. Ele chegou cerca de uma da tarde. Nós o vimos tentar passar furtivamente pela estação, atravessando a plantação, acerca de quatrocentos metros de distância, mas, ao perceber que o tínhamos visto, deixou os carregadores seguindo através da floresta e veio até nós pela estrada de Atenas, na qual cortou caminho a fim de alcançar a estrada que vai além de Puerto.

Registrarei os eventos deste dia mais tarde. Sairei para falar com Tizón, Barnes e os demais, que chegaram muito molhados após uma forte tempestade entre três e 3h30min da tarde. Normand também está esperando para tentar conversar comigo. Já começou com uma sequência de mentiras, muito infantis por um lado, mas, por outro, com demonstrações espantosas de atrevimento e convicção.

Isso me remonta a Leopoldo no palácio de Bruxelas em novembro de 1900, antes de eu ter escrito “How I Found Leopold”². Mas essa hiena é um Leopoldo pobre. Esse desgraçado serve apenas para ser

2. [“Como Conheci Leopoldo”]. Casement se encontrou com o rei belga Leopoldo II em 18 de outubro de 1900, antes de ter iniciado o inquérito que resultou no seu relatório oficial, **Administração do Estado Independente do Congo [Administration of the Independent State of the Congo]**, cd.1933 África n. 1, 1904]. No trecho, Casement se refere a esse encontro, e também alude ao impacto que a descoberta do horror que se passava no coração do Estado Livre do Congo teve em seu estado psicológico. Sua mudança de convicção, que teve origem na investigação no Congo, está registrada em uma carta a Alice Stopford Green, logo após chegar a Santos, como cônsul, em 1907. É a primeira ocasião em que ele expõe as razões pelas quais se volta contra o imperialismo britânico. **National Library of Ireland**, ms 10464 [3]: Casement escreve para Green: “No tempo da guerra dos Bôeres, já fazia anos que eu me afastara da Irlanda – sem contato com tudo que é próximo do meu coração e da minha mente – exercendo o meu dever com esforço e, a cada novo ato do dever, sentia-me cada vez mais próximo de um homem inglês ideal. Eu havia aceitado o imperialismo – o domínio

britânico devia ser estendido a qualquer custo, pois era o melhor para todos sob o seu sol, e aqueles que se opunham a essa ampliação deviam ser prontamente ‘esmagados’. Eu estava trilhando o caminho certo para me tornar um típico imperialista radical – embora, no fundo do coração, e sem que eu mesmo suspeitasse, continuasse sendo um irlandês. Bem, o fim da guerra trouxe consigo dilemas – os campos de concentração, ainda mais dilemas – e, finalmente, quando naquelas florestas solitárias encontrei Leopoldo, também encontrei a mim mesmo – o incorrigível irlandês. Fui advertido por missionários, muito religiosos e respeitadas: ‘Não há por que se preocupar’, disseram-me, ‘o Estado representa a lei e a ordem e, além do mais, todas essas pessoas são selvagens e devem ser repreendidas com mão firme’. Cada nova descoberta sobre o sistema infernal de Leopoldo fazia com que me voltasse para mim mesmo, em busca de orientação. Eu sabia que o Ministério das Relações Exteriores não compreendera aquilo – ou, se por acaso compreendesse, não tomaria nenhuma atitude. Assim, eu me dei conta de que eu estava olhando para essa tragédia com os olhos de outra raça – de um povo que também fora uma vez perseguido, cujo coração estava baseado no afeto como princípio fundamental do contato com seus compatriotas, e cuja estimativa de vida não era para ser eternamente avaliada por seu preço de ‘mercado’... [..]

açoitado e depois levado para a forca, e, ainda assim, ousou me procurar tentando garantir seu respeito e seu cuidado para com os índios. Registrarei o resto mais adiante.

Sábado, 22 de outubro de 1910 – Entre Ríos

Previendo a Próxima Jogada de Normand

A entrevista com Normand ontem à tarde foi realmente divertida, mas revela o homem sob uma nova luz, uma luz muito perigosa. A maioria desses criminosos que conheci aqui é tola. Esse homem não é. Ele tem coragem, coragem de um tipo atroz, e perspicácia. Vejo que tem plena noção da situação na qual se encontra. Foi criado em parte na Inglaterra e, sem dúvida, deseja voltar para lá. Sabe perfeitamente bem como os crimes que tem cometido ao longo desses seis anos em Andoques são vistos e como são punidos na Inglaterra.

REFLEXÕES XXXVIII

Sabe também, perfeitamente bem, que os homens de Barbados foram contratados ilegalmente, e que parte da responsabilidade de empregá-los como “trabalhadores” e de transformá-los em criminosos pode ser atribuída a ele. Não legalmente, é claro, mas na verdade nenhum desses homens conhece bem a lei, de uma maneira ou outra. Tudo o que ele sabe é que estou aqui em uma viagem oficial, com um propósito desconhecido, e que estou recolhendo provas muito perniciosas, tanto do sistema de escravidão dos índios quanto dos crimes individuais dos que os têm escravizado, dos quais ele é um dos piores.

Sabe perfeitamente que Lane o entregou primeiro, e que depois Levine foi coagido a confessar tudo e a acusá-lo na presença de Tizón. Sem dúvida, está seriamente preocupado com sua segurança pessoal. Mesmo tendo consciência disso, ele teme que os crimes cometidos sejam agora expostos ao governo britânico. Possivelmente ele próprio será denunciado (pois é isso que ele teme que aconteça), razão pela qual está tentando se proteger das consequências.

Subornar Levine seria uma opção. O outro procedimento adotado ontem foi o de se aproximar de mim para me “dissuadir” de minhas convicções, como ele disse, e não permitir que eu continuasse sendo enganado para que pudesse alterar as minhas “afirmações”. No entanto, relatarei os acontecimentos de ontem, para que falem por si.

Acordei tarde, mas ainda cansado. Os últimos seis ou oito quilômetros da estrada, desde a encruzilhada de Jiménez até Entre Ríos, foram tão ruins que meus pés ficaram inchados. Além disso, acabei sofrendo muitos arranhões e cortes por causa das raízes e espinhos dos inúmeros tocos e árvores com os quais topei pelo caminho. Isso aconteceu apesar de estar usando meias grossas e sapatos resistentes. As picadas de mosquitos-pólvora também incomodaram bastante, e ambos os tornozelos e panturrilhas estavam coçando muito, bem como meus pulsos e as articulações dos dedos. A irritação causada por esses mosquitos (flebotomíneos) é pior do que a dos outros tipos de mosquitos. No dia 19 à noite, em Muinanes, no caminho de volta, encontrei um enorme carrapato em

um dedo do meu pé direito, que também ficou dolorido e em carne viva depois que tirei o bicho. Esse é o primeiro carrapato que peguei desde que voltei do Congo. É estranho que, durante todo o meu tempo no Brasil, de onde essa praga chegou até a África em 1868, eu não tenha visto ou sido picado por nenhum. Tenho certeza de que ele apareceu quando paramos na casa dos Muinanes no caminho até Matanzas.

[...] Passei a manhã de ontem banhando-me no Cahuinarí e conversando com Fox. Contei-lhe tudo o que observei sobre a situação em Matanzas e sobre minhas experiências na estrada. Ele viu por si mesmo o tipo de homens empregados lá pelo vilão do Negretti. Esse bruto, após ter perseguido esses seres cansados na noite anterior, havia passado a noite toda aqui com comida boa e descanso. Partiu por volta das seis da manhã, atrás dos carregadores de borracha, que devem ter continuado muito cedo a sua cansativa jornada até Puerto Peruano. Fox e eu falamos sobre muitas coisas. De repente, ele próprio abordou um assunto no qual não consigo parar de pensar: o modo como a comissão vem conduzindo a investigação.

Mais Dúvidas sobre a Comissão

Ele disse que não estavam, de maneira alguma, procedendo corretamente e que ressentia com amargura a falta do coronel Bertie. Precisavam de um presidente e alguém com mais experiência para mantê-los unidos e cobrar seu trabalho. Barnes não tinha capacidade para isso e nada fazia. Já que ele próprio levantara a questão, eu lhe disse que há muito tinha percebido isso e que lamentava muito a ausência do coronel Bertie tanto quanto ele. Disse-lhe, que, em Occidente, havia sugerido tanto para Tizón, Barnes e Bell que enviassem um telegrama pedindo a sua volta, ou enviassem outro em seu lugar. Da forma como estavam as coisas, não constituíam uma comissão de modo algum, e nas poucas ocasiões em que se reuniram, por, no máximo, uma hora em cada posto para interrogar o chefe, notei que praticamente todas as perguntas, e, com certeza, as respostas relevantes, tinham vindo dele, Fox.

REFLEXÕES XXXVIII

Pareceu-me não haver nenhuma atuação coletiva, e nenhum secretário para registrar seus procedimentos, tampouco um método na investigação. Eu disse que tinha percebido claramente tudo isso, e já decidira que talvez tivesse que escrever um relatório individual. Discutimos tudo isso de maneira muito privada e confidencial e entramos em total acordo. Aconselhei encontrarmos o coronel assim que chegássemos à Inglaterra para ouvir seus conselhos e ajudar na elaboração de um relatório. Disse que também tinha pensado nisso.

Barnes me falou que ele não era bom em redação. Ademais, Barnes mesmo me disse que está tão enfasiado com tudo isso que perdeu por completo o interesse. Pode até ser, mas então não deve continuar. A coisa toda é muito complicada, cada um seguindo o seu próprio caminho e, não fosse por Fox, as notas coletivas do grupo (Barnes, Bell e Gielgud) não teriam o menor valor.

Falei para Fox que francamente não conseguia enxergar Gielgud como um membro da Comissão. Ele apenas representava a Companhia. Fox concordou, e acrescentou: “Como se o coronel não tivesse feito com que soubesse disso em Manaus também!”. A única coisa a comemorar é que, como Fox admite, não existe nenhuma sombra de dúvida sobre a realidade do sistema de escravidão que encontramos aqui. Nisso, estão de acordo. Eu disse que esperava que sim, que eu não conseguia pensar que nenhum deles, mesmo Gielgud agora, iria, em momento algum, defendê-lo em qualquer aspecto. Ele disse que nem por um instante havia pensado nisso, e que, se a companhia se revelasse incapaz de se reformar, ele mesmo iria denunciar a situação das coisas aqui por todos os meios que estivessem em seu poder.

Carregadores Indígenas Chegam Exaustos

Ainda estávamos discutindo essas questões quando alguns dos carregadores atrasados chegaram pelo caminho do Cahuinarí. Desci correndo para tentar fotografá-los enquanto passavam, mas os coitados ficaram tão assustados que quase fugiram, e perdi uma bela oportunidade de fotografar um dos meninos pequenos com seu fardo de borracha. Eu diria que o menininho não tem mais de seis

anos, um piolhinho, e quase fugiu a passos curtos antes que eu pudesse focalizá-lo. Contudo, fotografei um ou dois meninos maiores, três em um grupo, mas eram rapazes bem robustos, e dois deles eram até gordos. Então, um rapaz de talvez dezesseis anos, que eu tinha visto em Matanzas quase a tarde toda sentado exausto no chão, em cima de sua carga, se aproximou sozinho e nós o chamamos e o fizemos parar. Com Bishop ajudando, tirei uma fotografia melhor dele e então resolvi pesar sua carga. Ficou aterrorizado quando colocamos as mãos nele e na carga, e, como não sabíamos falar bora, não havia nenhuma possibilidade de tranquilizá-lo. Nós o levamos até a loja de O'Donnell, que desceu com Fox, e ambos se juntaram a mim. A carga desse garoto era de 37,5 quilos. Ele não tinha comida na cesta, nem uma migalha. Bishop disse que todas as minhas latas já tinham acabado; o que havia de comida estava na estrada com meus próprios carregadores e as pessoas doentes tinham ficado com tudo. Havia apenas uma lata de aspargos Libby's, a última das que comprei de Cazes em Iquitos. Eu disse que isso era comida do mesmo jeito; pedi para Bishop ir buscá-la e a dei ao menino.

O'Donnell disse que sardinhas poderiam servi-lo melhor. Eu disse que sim, e que, se ele desse duas latas de sardinha ao menino, eu lhe daria os aspargos. O pobre rapaz nos fitava com grandes olhos tristes o tempo todo e desistiu dos aspargos quando Martín Arana³ trouxe as sardinhas. Dei-lhe um maço de cigarros também. Quando nós o deixamos ir, ele saiu apressado, como se estivesse trotando. Os outros, que já tinham passado, disseram que Normand e outros carregadores vinham logo atrás.

Logo, justo na hora em que estávamos indo tomar o café da manhã, uma criatura exausta, com o corpo quase dobrado em dois, subiu pelo declive da estrada. Observei sua lenta aproximação e chamei Fox. O homem continuava passo a passo e, quando alcançou a sombra da casa, caiu como morto, junto com sua carga de borracha, e lá ficou deitado e gemendo. Mandeí Bishop descer, que falou: "Ele diz que está morrendo". Desci correndo. Ele jazia inerte e quase desacordado; apenas gemidos saíam de seus lábios brancos. Peguei um pouco de uísque irlandês, derramei em sua garganta. Em

REFLEXÕES XXXVIII

seguida, com a ajuda de Bishop, eu o ergui e o levamos para dentro do armazém, deitando-o sobre um dos tapetes para as mulas de O'Donnell que estavam pendurados lá. Fox desceu, e ambos assistimos ao comovente espetáculo. O'Donnell também. O homem era um andoque, e O'Donnell disse que não conseguia entendê-lo.

3. Meio-irmão de Julio César Arana, empregado em Entre Ríos.

Nesse meio tempo, a carga foi trazida por Bishop e Sealy e a pesamos. Tinha exatamente cinquenta quilos, digamos 111 lb, e nem uma migalha sequer de comida. Ele havia comido tudo no caminho até aqui, e agora estava quase morto de fome por causa daquele peso esmagador. Que crueldade infame!

Tanto Fox como eu ficamos furiosos, com os olhos cheios de lágrimas. No café da manhã eu não conseguia comer. Finalmente pedi desculpas a O'Donnell e pedi a Huáscar, seu empregado, que levasse minha sopa ao homem exausto. Ele disse que logo lhe daria comida e que ele nunca maltratava “seus índios” daquela forma, e, quando os enviava até Puerto Peruano, eles carregavam apenas trinta quilos de borracha, e todo o povo do distrito ajudava a transportá-la. Eu até acredito que a população do posto como um todo seja obrigada a carregá-la, mas não acredito que chegue a limitar suas cargas em trinta quilos. Bishop me disse que tinha visto cargas tão grandes como essas serem enviadas por O'Donnell, e os índios cambaleavam ao longo do caminho da mesma forma. O'Donnell, por ter uma chácara mais bem cultivada (tudo feito pelos índios, note-se), tem mais alimentos para distribuir. Com relação a esse transporte de borracha, deve-se ter em mente que é totalmente não remunerado. Os índios não recebem nem pagamento nem comida por esse trabalho que envolve tantas dificuldades terríveis, exposição a muitos perigos e a longa ausência de suas próprias casas e de seu trabalho. Não me admira que os índios não tenham comida nem tempo para cultivá-la. Como podemos encontrar corpos tão elegantes entre os boras não sei dizer, exceto pelo fato de que aqui deve haver mais borracha, e provavelmente há. Assim, o tempo gasto na coleta é menor que na região dos uitotos, que é menos povoada e menos arborizada.

REFLEXÕES XXXVIII

Enquanto ainda estávamos tomando o café da manhã, após termos nos assegurado de que esse pobre mendigo estivesse sendo assistido de alguma forma, outro retardatário apareceu subindo a colina com uma carga imensa. Não estava tão mal quanto o outro e conseguiu passar a passo de tartaruga. Senti-me tentado a sair e chamá-lo também, mas não quis ser intrometido demais, e temi por ele mesmo, mais tarde, quando Normand o alcançasse. Aquela “beleza” ainda estava atrasada.

Terminamos o café da manhã e cerca de 12h30min notei um chapéu branco e alguns índios do outro lado da chácara, percorrendo um trajeto para evitar a casa. Chamei Bishop e ele me disse que era Normand. O'Donnell e Fox chegaram, junto com toda a estação, e olhamos para tentar entender. O'Donnell colocou seus binóculos. As silhuetas apareciam e desapareciam na margem queimada da floresta e, portanto, teriam que atravessar o nosso campo de visão ao passarem por uma faixa de plantio de mandioca. O'Donnell disse que era Normand, que estava dando a volta para pegar a estrada de Puerto Peruano atravessando a floresta.

Disse-nos que ele e Normand não eram bons amigos e não mantinham qualquer contato havia seis meses. Ainda assim, essa foi a primeira vez que Normand tinha passado por Entre Ríos daquela forma, na verdade saindo da estrada e dando a volta sobre as cepas de árvores, através da floresta. De fato, vimos *muchachos* e finalmente os trajes azuis e vermelhos do harém que vinha na retaguarda. As senhoras Normand pareciam estar viajando rápido, andando com toda a pressa. O chapéu branco tremulava, enfim todos desapareceram na floresta profunda para além da estrada de Atenas. Aquilo era um mistério, e foi só quando me deitei e refleti sobre tudo isso, que descobri por acaso o motivo pelo qual Normand nos evitou.

Justo quando pensamos que tínhamos visto Normand pela última vez e que ele iria andar aos tropeços pela floresta até alcançar a estrada de Puerto Peruano com a retaguarda, vimos o chapéu branco de novo, sozinho, na estrada de Atenas, e depois uma silhueta descendo depressa em nossa direção. Logo, um par de tiros de rifle anunciou a aproximação do paladino. O'Donnell respondeu

com uma salva de tiros de revólver. Esses cavaleiros da estrada saudaram-se. Saí da varanda, esperando que o homem fosse ficar por apenas alguns minutos. Lane apareceu pouco depois, pois estava de guarda na casa dos muinanes. Disse que Normand chegara primeiro, antes da Comissão, e que tinha tirado os dois casacos da “velha”, e ordenou que fosse até uma casa indígena vizinha. Ele dera a sua carga de borracha dividida em partes para que alguns dos retardatários a levassem adiante. Normand tinha continuado e dormido na floresta. Em seguida, chegaram a Comissão e Tizón, que tinha dado meu recado a Barnes.

Haviam procurado pelo menino e dado comida e remédios à velha e também a outra mulher doente, que ainda estava lá, incapaz de andar. Descobri que Normand estava hospedado aqui, portanto não havia qualquer possibilidade de não vê-lo novamente. A Comissão chegou aos poucos, entre 3h30min e quatro da tarde, Gielgud veio primeiro, e depois os demais. Todos estavam encharcados, pois uma tempestade na floresta caíra sobre eles, mas nós pegamos apenas o fim dela.

Uma Conversa com Normand

Normand chegou limpo, vestido para o chá e veio imediatamente até mim, com uma rápida saudação. Começou agradecendo-me de maneira elaborada por ter tratado tão bem seu pessoal na estrada e disse que queria explicar por que me deparei com esses casos, pois pensou que eu poderia ter ficado com uma impressão errada de seu modo de lidar com o índios. O que veio em seguida foi uma declaração muito contraditória, desde o *muchacho* faminto e a “velha”, até sua recente passagem pela chácara. Bishop disse que Normand havia retornado apenas porque percebeu que todos nós o víamos da varanda. Mas enquanto o homem falava comigo, percebi que havia uma segunda intenção sendo revelada: ele insistia em querer me dissuadir das minhas convicções, em achar que eu deveria mudar minhas “afirmações” (“Eu não faço afirmações”, respondi calmamente), e suas frequentes referências à “velha” e como lamentava por eu ter pensado que ele fosse capaz de maltratá-la. Afirmou que Lane lhe disse que eu tinha deixado um recado para que ele não “a açoitasse”; mostrou-me claramente que estava

REFLEXÕES XXXVIII

blefando. Convidou-me repetidas vezes para lhe fazer todas as perguntas que quisesse, e ele responderia e explicaria tudo o que pudesse. Ele disse ainda: “Há muitas pessoas que não gostam de nós (nunca deixou claro a quem ‘nós’ se referia), e eu não desejo que um cavalheiro em sua posição vá embora sem corrigir afirmações inverídicas. Existem pessoas maldosas, eu sei, que dizem mentiras a nosso respeito e, pelo seu recado enviado por Lane, receio que você acredite nelas”. Falei que não enviei nenhum recado daquele tipo por Lane, mas apenas que eu tinha sido o responsável por tirar a carga da mulher, e não ela, e que, em relação ao seu espancamento, fora de fato ela mesma, pobre alma, que havia expressado medo dele, do senhor Normand, repetidas vezes, aos meus ouvidos. Falei que a mulher estava claramente aterrorizada e muito doente.

“Oh, não, não, eu garanto”, respondeu ele: Ela não estava com medo, de modo algum. Sabia perfeitamente que eu não iria, que não poderia tocá-la. Nunca maltrataria meus empregados. Veja bem, meu sistema é completamente diferente. Quando estão doentes, vou visitá-los e levo remédios, e quando vão, assim, transportando borracha, é claro que alguns acabam caindo porque machucam os pés ou ficam doentes (a velha tinha “batido a perna, isso foi tudo) e é por isso que vim por último, como você pode ver, para que pudesse cuidar dos doentes. Carrego medicamentos e alimentos de reserva comigo. Sempre trago várias mulheres que transportam alimentos (Oh, céus! O harém!). E, veja bem, quando encontro pessoas como esse homem que caiu hoje aqui, dou comida, faço com que descansem e ajudo a dividir sua carga entre os mais fortes. Deixei várias cargas de borracha para trás na estrada, e, depois, os mais fortes daqueles que já foram para Puerto Peruano são enviados de volta às suas casas, e, após terem se divertido lá [ele usou mesmo essas palavras: “terem se divertido”], são enviados de volta com presentes, é claro, para carregar aquelas outras cargas, mas bem mais tarde.

Isso e muito mais. Começou a falar sobre o garoto faminto na floresta. Isso, segundo ele, ocorreu sem o seu conhecimento. O garoto foi enviado para procurar a esposa de um dos homens sem que ele soubesse (eu disse: “Sim”, daquilo eu sabia, pois o garoto me

dissera); não encontrou a mulher e se perdeu ao voltar de Occidente. Perdeu-se e “ficou com fome”. Eu lhe disse que estava “morrendo de fome”, absoluta e literalmente, e estava sem a menor condição de se mover. “Sim, sim”, ele disse. “Isso já me contaram; eu sabia que ele estava chegando e que estava doente; eu estava mandando outros irem procurá-lo quando você, tão gentilmente, o encontrou e cuidou dele”. O garoto agora está “muito melhor” e foi para sua “casa” em Andoques.

Seu toque final foi talvez o mais engraçado; foi uma explicação voluntária sobre o porquê de ele não ter subido diretamente até a casa, aqui em Entre Ríos, mas de ter tentado se esquivar pela chácara. Ao que parece, seus trabalhadores da borracha sempre roubavam as terras do senhor O'Donnell, de modo que havia lhes dado ordens para que ninguém de seu pessoal ultrapassasse essa estação, mas desse a volta sem estragar nada. Comentei que pelo menos umas 150 pessoas já a haviam atravessado durante a noite sem roubar nada (claramente desafiando sua ordem de que nenhum deles deveria entrar ali). “Sim, sim”, continuou ele olhando nas duas direções de uma vez. “Nunca permito que venham nessa direção; é por isso, entende, que levei todo o meu pessoal contornando por ali, porque assim eles não podem causar nenhum dano. Primeiro certifiquei-me de que já tinham passado as terras do senhor O'Donnell, e só depois vim para cá.”

O harém chegou, e agora cinco mulheres robustas, sendo uma delas uma criança ainda, certamente uma criança, chegaram até os aposentos das senhoras O'Donnell, onde foram recebidas por aquela numerosa família de belezas similares. Eu quase disse: “Mas eu não as vejo carregando a comida da qual você fala, senhor Normand”, mas realmente não valia a pena. Tive que ouvir, quase em silêncio, essa trama de mentiras e absurdos. A única coisa clara é que ele estava tentando me colocar em dificuldade. Se pedisse explicações, eu as obteria em abundância, se não pedisse e, portanto, continuasse com minhas “afirmações”, ele sempre poderia dizer que havia se oferecido voluntariamente para corrigir as minhas “declarações errôneas”, nas quais me sustento.

Fox chegou e escutou o final de nossa conversa, ou melhor, da

REFLEXÕES XXXVIII

conversa dele, e fui embora. A descrição que Fox fez da conversa foi muito engraçada. Depois de uma longa ladainha de mentiras tolas, chegou à parte sobre o tratamento bom e gentil que ele dispensava aos índios, fornecendo-lhes remédios e “comida de reserva”, etc., e sobre como eram felizes trabalhando para ele. Fox perguntou: “Então como você explica as cicatrizes que eles têm por todo o corpo?”. Fox disse que isso pegou Normand de surpresa. Ficou paralisado com seus “sim, sim” e “veja bem”, e não havia encontrado uma palavra até que Fox, deliberadamente armando uma cilada, disse: “Talvez os índios briguem entre si.” “Sim, sim, é isso mesmo”, disse ele. “Eles brigam, você sabe, tribo contra tribo”. “Agora compreendo”, disse Fox, “é assim que eles ficam com esses cortes e cicatrizes, açoitando uns aos outros?” “Sim, sim, é isso mesmo. Sempre os vejo lutar – às vezes uns trinta. Veja bem, eles são selvagens.”

Assim, o fluxo de mentiras sem propósito continuou. Barnes disse que Normand realmente disse à Comissão que ele não tinha um cepo em Matanzas. Isso foi pela manhã, e, às quatro da tarde, eu os levei lá fora para que o vissem sob as folhas de bananeira e o teto de palha de palmeira.

Normand acabou passando a noite toda ali, e seu rosto desprezível abalou toda a nossa tranquilidade. É um rosto absolutamente vil, mas não há dúvida: o bruto tem coragem, uma coragem horrível e assustadora, persistência e uma mente astuta também. É o mais talentoso dos canalhas que encontramos até agora, e eu diria que ele é, de longe, o mais perigoso. Os demais, em sua maioria, são homicidas maníacos, ou homens brutos, ignorantes e cruéis como Jiménez, empregado meio cholo, mal-educado. É um homem educado, que já viveu em Londres por muito tempo, que conhece o verdadeiro significado dos crimes diante de olhos civilizados. Por isso, estou certo de que está mais preocupado com a minha vinda do que qualquer um dos outros. Ademais, ele provavelmente deseja voltar para a Inglaterra em algum momento, e teme que talvez as coisas possam dar errado para ele lá, ou até mesmo que eu vá informar o prefeito em Iquitos.

Jogando com o Diabo

Tomara que Levine tenha metido isso em sua cabeça, porque eu disse a esse jovem rufião que, se o entregasse ao prefeito, as coisas poderiam ficar difíceis para ele. Foi somente bem mais tarde que me dei conta disso. Perguntei a Bishop onde Levine estava, se ele não tinha vindo com Tizón e a Comissão. Bishop respondeu que não e que achava que Levine tinha passado pela chácara com Normand e ido para Puerto Peruano. Chamei Lane, que disse que sim, que Levine tinha ido com Normand desde a casa dos muinanes. Mais tarde, perguntei a Tizón por que não tinha trazido Levine com ele para Entre Ríos, como pensei que ele faria, pois aquele tinha sido o acordo. Ele disse que Normand lhe havia pedido para ajudar com os transportadores de borracha na estrada, pois estava com falta de mão de obra, e por isso permitiu que Levine fosse com ele para Chorrera. Eu disse que era uma pena, pois temia que a verdadeira intenção de Normand fosse subornar o homem, ou o garoto, para negar o que havia afirmado em Matanzas. Tizón não disse nada, mas parecia um pouco doente. Deixei por isso mesmo, mas, no meio da noite, quando estava sozinho, repensei a situação e acho que consigo enxergar o jogo desse cavalheiro astuto. Ele levará Levine com ele até Chorrera, e ele e Macedo podem facilmente suborná-lo ou assustá-lo. Levine já está apavorado, e pensa que irei entregá-lo em Iquitos. É claro que ele e Normand trocaram muitas confidências. Normand tem perguntado e sido informado de tudo o que aconteceu quando fiz Levine admitir sua culpa perante Tizón, e que ele o havia feito “sob as ordens do chefe”.

Está muito claro que é por essa razão que Normand quer Levine ao seu lado, e, em seguida, a possibilidade de mais um perigo me ocorreu. Os outros oito homens de Barbados estarão em breve em Chorrera, alguns deles certamente, para aguardar meu regresso ao final deste mês. Esses homens estarão todos subornados por Normand e Macedo, com Levine como intermediário.

Levine receberá um bom suborno e, com seu conto de terror sobre um cônsul furioso que vai “entregar todos os homens que têm açoitado índios” ou alguma história como essa, pode perturbar o bando todo. Esses homens podem ser alcançados antes de minha

chegada. Com Levine depois deliberadamente retirando o que disse em Matanzas, e todos esses homens esperando para descrever uma existência idílica (**Idílico**: produto da fantasia; devaneio, utopia.) de “plantação de mandioca e de cana-de-açúcar” como Donal Francis, restariam apenas os depoimentos inabaláveis de Bishop, Sealy, Chase e, possivelmente, de Lewis e Dyall. O de Crichlow eles podem não levar em consideração por dizer que ele foi mandado para a prisão em Iquitos como um ladrão! O de Lane não é muito confiável, exceto por Kodihinka e o ataque à Colômbia, e isso Levine negaria e diria que foi tudo uma mentira, e que só concordou em admiti-lo porque estava sendo aterrorizado por mim.

Como estou jogando com o Diabo, não correrei riscos. Não quero jogar com uma carta de espadas e deixar que ele dobre quando tenho nas mãos uma jogada tão boa de cartas de paus – as de Barbados.

Acordei decidido, muito cedo esta manhã (dia 22), e, assim que encontrei Gielgud, pedi que dissesse a Tizón para falar com Normand e mandar Levine voltar para Puerto Peruano sem dar explicações, apenas porque desejava que isso fosse feito. Logo, chamei Bishop e, como estávamos rodeados por ouvidos e tudo pode ser ouvido nessas casas, disse-lhe para ir até a casa dos índios, e fui atrás dele. Conte-lhe claramente o que temia que estivesse ocorrendo e que desejava que fosse primeiro até Puerto Peruano para ver se Levine tinha voltado, e, em seguida, até Chorrera para ver se os oito homens de Barbados não estavam envolvidos. Ele compreendeu imediatamente a situação, e disse: “Entendo, senhor, sei muito bem o que o senhor quer”.

Eu disse que tinha que confiar nele, como já estava fazendo, e que ele precisava ser muito sábio, discreto e deixar que os homens de Barbados soubessem a verdade, e que não podiam ser enganados, subornados ou iludidos. Disse, também, que não achava muito provável que Levine viesse de Puerto Peruano. [...]

Logo após o café da manhã, quando Normand se levantou fazendo novas e elaboradas reverências e apertando todas as mãos à sua volta, mandei Bishop seguir com ele e um garoto indígena de

REFLEXÕES XXXVIII

O'Donnell para carregar a sua tula. Normand terá uma agradável surpresa! Acho que frustrei seus planos.

Escrevi a Macedo (Bell traduziu para mim em bom espanhol) dizendo que estava enviando um dos meus homens para me trazer algo de que estava precisando, e implorei para que cuidasse dele até minha chegada. Apenas uma gentileza. [...] Contei a Gielgud e a Fox o que fiz. O primeiro diz estar seguro de que Normand só parou aqui ontem para tentar me convencer do quanto eu estava equivocado ao acreditar em qualquer coisa contra ele. Gielgud concorda que ele está “seriamente preocupado e que ele é um canalha astuto, capaz de tudo”. Oh! Ficarei feliz de coração, muito feliz, quando estiver vendo Iquitos pela última vez, quando sentir pela última vez o cheiro do grande e vasto rio Solimões correndo até a distante rebentação de Bragança e da brisa marítima do Pará.

A lembrança do Pará me parece um sonho delicioso nessas horríveis florestas maculadas pelo crime, com essa raça indefesa de seres humanos caçados, mortos e torturados de modo até pior do que as bestas selvagens. Agora são 5h15min deste sábado à tarde, e tivemos uma forte tempestade, por sinal muito necessária. O'Donnell disse que o tempo ficou seco por mais de dez dias e que o rio que ele chama de Cahuinarí foi reduzido a um mero gotejar de dezoito polegadas de água barrenta. A chuva de hoje deve enchê-lo, e estou partindo neste momento a fim de vê-lo e apanhar um pouco de ar fresco. Contei 45 cachos de bananas e plátanos maduros, ou em maturação, ao redor da casa. Certas variedades vermelhas, como aquelas em Andoques, são plantas muito belas. Existem quatro tipos diferentes aqui, algumas delas deliciosas. Sem quase nenhum tipo de cuidado, quantidades suficientes dessa fruta por si só poderiam ser cultivadas para alimentar os carregadores de borracha que estão de passagem. Mas ninguém dá a menor importância a eles.

A chuva começa novamente; duas das palmeiras de pupunha estão derramando o pólen de seus botões com um barulho como o do granizo nas folhas frescas da bananeira. Algumas das meninas do harém estão deitadas sob elas.

Domingo, 23 de outubro de 1910 – Entre Ríos

Prevendo Muita Dificuldade

Acordado novamente às 5h15min. Choveu quase a noite toda e tem sido assim praticamente o dia todo. Não desci até o Cahuinarí para me banhar esta manhã. Os outros foram e disseram que estava cheio. Meu olho direito agora está começando a inchar e não pretendo ir a Atenas amanhã com Tizón e a comissão. Chamei James Lane às oito e fiz a ele outras perguntas sobre a tentativa de Normand de suborná-lo e silenciá-lo perante mim.

[...] Prevejo ainda muitas dificuldades à frente. Normand está claramente muito preocupado e fará de tudo para desarmar a testemunha contra ele, ou mesmo me atacar. Acredito, de fato, que ele voltará comigo para Iquitos no Liberal, quer Tizón goste ou não. Terá medo de deixar que eu vá embora com testemunhos que ele sabe que podem incriminá-lo, temendo o uso que eu possa fazer deles. Um homem como esse, com uma consciência tão pesada, irá supor naturalmente que eu estou atrás deles, muito mais do que do sistema criminoso e miserável que ele tem administrado. O destino do sistema não é de nenhum interesse para ele, pois já fez fortuna; é em sua própria segurança e futuro que agora está pensando e, como todos os criminosos, está pensando apenas em como ele, pessoalmente, poderá sair ileso. [...]

Abuso Sistemático dos Índios

Os índios não são apenas assassinados, açoitados, acorrentados como animais selvagens, caçados por toda parte e têm as suas habitações queimadas; suas mulheres são violentadas, seus filhos são arrastados para a escravidão e para uma vida de indignação, e são, além do mais, descaradamente enganados. São palavras duras, mas não duras o bastante. A situação aqui é a mais vergonhosa, a mais ilegal e a mais desumana que acredito que exista no mundo hoje. Excede de longe em termos de depravação e desmoralização o regime do Congo no seu pior momento. A única característica favorável que consigo ver nesse sistema quando comparado ao do rei Leopoldo é que, enquanto a tirania ilegal de Leopoldo afetou

REFLEXÕES XXXVIII

milhões de pessoas e semeou a destruição no coração de um continente inteiro, essa tirania anárquica afeta apenas alguns milhares. Acredito que seja verdade que uma condição muito perversa prevaleça por toda a *montaña* peruana e pelos distritos de borracha da Bolívia também, como foi descrito pelo barão Von Nordenskiöld (e outros escritores), mas a soma total da humanidade pobre, indignada e sofredora é menor do que duas ou três tribos africanas de tamanho razoável. Toda a população indígena dos seringais peruanos e bolivianos provavelmente não equivale a mais de 250 mil pessoas, por alto.

É a região de Putumayo que está, sem dúvida, sofrendo a pior tirania. De acordo com Arana, lá vivem 40 mil índios, mas Tizón alega que há apenas 14 mil ao todo, e eu acho que há menos que isso. Ainda assim, esse quarto de milhão de índios e esses 14 mil escravos de Putumayo representam um grande peso na consciência da humanidade civilizada. A escravidão de que são vítimas é abominável, de um tipo atroz. Apesar de hoje serem escassos, são os sobreviventes de um povo que outrora foi muito mais numeroso. É terrível pensar em todo o sofrimento que as chamadas civilizações espanhola e portuguesa têm infligido arbitrariamente sobre essas pessoas. Digo arbitrariamente porque não havia necessidade de ser empregado aqui por seus exterminadores e escravocratas, tal como no caso dos indígenas da América do Norte. As condições são e foram quase totalmente diferentes.

O desaparecimento inevitável dos índios norte-americanos diante de um fluxo de colonos que avançava para se apropriar da terra, cultivá-la e estabelecer famílias, cidades grandes e um povo poderoso é muito diferente da mera invasão pela escravidão por parte dos exploradores latinos que vieram, não para cultivar a terra, apropriar-se dela ou estabelecer um grande povo civilizado, mas apenas para enriquecerem individualmente valendo-se do trabalho forçado dos índios que eles capturaram e mantiveram por séculos, em números que iam reduzindo rapidamente, como servos perpétuos e hereditários. Como me disse Tizón: “O Peru tem muitos habitantes, mas muito poucos cidadãos”.

A Una

Muitas plantas foram trazidas hoje. Entre elas a una, que, segundo O'Donnell, é uma trepadeira. Essa é a planta que fornece aos índios o estranho narcótico que os deixa em um transe quando querem descobrir quem os enfeitiçou.

O'Donnell a descreveu para nós em uma das primeiras noites após nossa chegada a Entre Ríos, e amanhã tomarei nota de alguns dos costumes indígenas.

Robuchon não menciona isso. A narrativa de Hardenburg acerca dos costumes, etc. dos uítotos é em grande parte uma tradução de Robuchon, e acho que, com frequência, palavra por palavra.

Carta de Bishop

Aqui está a carta de Bishop, que acabou de ser trazida para mim – às 2h35min da tarde. Ele conta como ouviu por acaso Normand e Levine tramando juntos e como Normand disse a ele (Bishop) que Levine estava “doente demais” para voltar a Entre Ríos e que “o cônsul” teria de se conformar com sua ausência. Bishop acrescentou que ambos estavam descendo até Chorrera por terra, e que ele estava indo para vigiá-los e permanecer lá até que eu chegasse e advertisse os demais homens de Barbados que estavam sendo chamados para prestar seu depoimento, e que sua melhor jogada seria contar-me a verdade e nada mais que a verdade. Diz, também, que Levine se recusa a voltar, como eu esperava.

Eu a li para Tizón, Gielgud e Fox, e o primeiro (que está muito nervoso) enviará neste momento um *muchacho* para Puerto Peruano para trazer Levine e levar uma carta para Normand. Eu disse que não pedi que isso fosse feito. Não preciso de Levine. Eu apenas desejava lhe mostrar a absoluta desonestidade desses homens, e em seguida lhe contei sobre a vinda de Solar a Matanzas com cartas para Macedo sobre Último Retiro, sobre o prazer que Normand sentiu quando Donal Francis se recusou a confessar, e também sobre a tentativa de subornar o próprio Lane na noite em que chegamos a Matanzas. Disse-lhe que tive certeza desde o começo, quando ouvi dizer que Levine tinha passado por aqui sem

mostrar que Normand estava levando-o com ele para suborná-lo e que essa tinha sido a explicação por ter contornado a estação, atravessando a plantação, em vez de ir pela estrada que passa em frente à casa. Era para garantir que Lane ficasse longe daqui e evitar que eu o parasse. Era evidente que ele queria subornar Lane para que retirasse tudo o que havia declarado a mim em sua presença e na de Tizón. Então, em Chorrera, ele e Macedo iriam subornar Donal Francis e ainda subornar ou intimidar os homens de Barbados, que já devem ter chegado para aguardar o meu regresso. Eu lhe disse, também, que tinha enviado Bishop para lá a fim de, com sua presença, na medida do possível, evitar que essa tentativa de subornar os súditos britânicos se concretizasse. Acrescentei que naturalmente seria uma ação muito condenável esses altos agentes da companhia tentarem fazer uma coisa desse tipo.

“Sim”, disse Tizón, “mas é da natureza humana.”

“Da baixa natureza humana”, respondi.

“Isso é pouco”, respondeu ele, “homens que são assassinos não pensam que o fato de serem meramente desonestos e mentirosos seja grande coisa.”

Eu disse que era uma questão indiferente para mim, pois tinha certeza de que ele estava tão convencido quanto eu dos terríveis males que existiam aqui. Ele respondeu:

“Sim, eu estava convencido antes de você, não por você, mas por minhas próprias fontes de informação.”

O mensageiro foi despachado com uma ordem de Tizón por escrito para que Normand mandasse Levine voltar. Também enviei um recado para Bishop, atestando o recebimento de suas cartas e dizendo que deveria continuar até Chorrera e seguir minhas instruções; acrescentei que ele deveria dizer a Donal Francis que agisse como homem e dissesse a verdade quando eu descesse.

Perguntei a Tizón se Normand não poderia abrir essa carta. Ele disse: “Não, é impossível, eu a enviarei na maior segurança”. Tenho minhas dúvidas, que são muito grandes. Eu a selei com três selos, embrulhei em papel oleado e pedi que O'Donnell a desse ao

muchacho, o qual deveria entregá-la apenas ao próprio Bishop. [...]

Desde que escrevi o texto anterior, tenho certeza de que Macedo e Normand farão qualquer coisa para se salvarem. Temem que eu informe o prefeito em Iquitos sobre as coisas que tenho visto, etc., e que use as declarações dos homens de Barbados como minhas provas. Portanto, tentarão me impedir reclamando de mim, ou então farão com que a casa Arana em Iquitos condene os homens de Barbados (qualquer pretexto seria suficiente para isso) e os envie para a prisão. Uma vez presos, seriam capazes de obrigar cada um deles a negar tudo o que afirmaram, ou até mesmo a falar um bom tanto a mais que satisfizesse as necessidades dos canalhas, ou poderiam acusar os homens de Barbados de terem cometido crimes contra os índios. Nada seria mais fácil, e as testemunhas seriam os próprios chefes da estação que obrigaram esses homens a cometerem aqueles mesmos atos. [...]

Temor para os Barbadianos

Contei a Bell e a Barnes sobre meus temores em relação à trama que está sendo tecida em Chorrera. Aliás, eu já esperava que algo desse tipo acontecesse mais cedo ou mais tarde. De fato, estou surpreso por não ter acontecido antes. Eu lhes disse que já tinha conversado com Cazes em Iquitos sobre a possibilidade de isso ocorrer e que era muito provável que eu não voltasse a Iquitos, mas que fosse para algum lugar no território brasileiro com todos os homens de Barbados que conseguisse levar comigo, e esperasse na margem do rio Solimões por um vapor que descesse até Manaus. Eu disse, então, que, se suspeitasse de qualquer atentado contra a liberdade dos homens de Barbados que testemunharam de forma verdadeira perante mim, eu não arriscaria a segurança deles retornando para Iquitos com eles, mas desceria direto a Manaus, em algum vapor que estivesse de passagem na ocasião. E agora disse a Bell e a Barnes que, se, ao chegar a Chorrera, eu visse a probabilidade de esse jogo estar em curso, eu não voltaria a Iquitos.

Mesmo com todos os riscos, inconveniências e exposição a intempéries, eu desceria a Putumayo em uma jangada, se fosse necessário. Eu não iria comprometer aqueles homens que foram

REFLEXÕES XXXVIII

leais ao seu sentimento de dever, tendo em vista os riscos evidentes que podem aguardá-los em Iquitos. Fui eu quem os colocou em perigo. Logo no início, Bishop perguntou-me em Iquitos se haveria algum problema “político”, porque ele era “um homem pobre”. Eu lhe disse que confiasse em mim para que nenhum problema o atingisse e que, se isso acontecesse, eu deveria ser o primeiro a sofrê-lo.

Tanto Bell como Barnes concordaram comigo. Pedi-lhes que nada dissessem sobre isso, pois talvez fosse demasiado cedo para prever o mal, mas sabiam tão bem quanto eu que esses canalhas, agora muito preocupados, não poderiam ser detidos. Se eu tivesse ido para Matanzas sozinho, tenho quase certeza de que teriam dado cabo de mim. Eu poderia ter “morrido em decorrência de uma febre”, e quem iria saber? Mesmo Gielgud admitiu que isso era muito provável. É claro que Normand não evitaria nenhum crime para se salvar ou para esconder suas infâmias. Mas não é minha vida que está em questão. É o caso contra esse sistema nocivo e a esperança de reformas que temos planejado juntos.

Se os homens de Barbados fossem presos em Iquitos, eu teria que defendê-los. Meu primeiro passo seria telegrafar à Inglaterra para pedir ajuda e aconselhamento jurídico. Em todo caso, o “julgamento” ou encarceramento dos homens de Barbados perturbaria todo o grupo que temos laboriosamente arrastado por essas pistas lodosas da floresta. A questão seria como a Companhia britânica sobreviveria a um julgamento como esse e arcaria com os gastos correspondentes. Nosso trabalho aqui seria extinto sem deixar um rastro, com a companhia junto, e tudo voltaria a cair nas mãos da gangue de Arana e de seus assassinos contratados em Putumayo. Além do mais, o governo britânico estaria envolvido em questões sujas com o governo do Peru, relativas à prisão e ao julgamento dos homens de Barbados. Se o governo peruano se comprometesse com essas prisões e processos por causa das intrigas em Iquitos, iria então, certo ou errado, garantir a condenação dos homens como culpados por crimes graves contra os índios, para salvar a sua pele.

Todos os criminosos verdadeiros escapariam, os culpados

sobreviveriam e a Companhia seria eliminada; ressuscitariam suas piores formas de pilhagem e de assassinato para obter até a última gota de borracha dessas l orestas. [...]

***Muchachos* Retornam da Caça**

À noite, um dos *muchachos* trouxe uma bela onça-parda, a qual tinha alvejado cerca de duas horas antes. Cortou o focinho e a mandíbula para retirar os dentes e também as patas, para pegar as garras. Tratava-se de um belo espécime. Os “rapazes” a levaram para sua casa e a comeram; um belo prato para eles, pobres mendigos. Há uma abundância de caça nessas florestas daqui. Tanto que O’Donnell diz não poder plantar feijão, pois os cervos saem da mata e comem os brotos novos. Os feijões consumidos em todos os postos vêm do Ucayali.

24 de outubro de 1910 – Entre Ríos

Uma Íbis-sagrada na Hora do Almoço

De repente, na hora do almoço, uma grande íbis-sagrada desceu planando do norte, vinda de Caquetá, segundo O’Donnell, e pousou bem perto da casa. Houve um tumulto enquanto brancos e índios saíram correndo atrás de armas. Para desgosto de todos, Fox e eu interviemos para salvar sua vida. Tentei fotografá-la, mas não consegui distância suficiente. Ela permaneceu ali por uns vinte minutos, alisando-se com o bico, muito próxima de nós, a não mais de quinze metros de distância do harém de O’Donnell, e Fox e eu a protegemos até que, finalmente, descansada e refeita, foi embora com suas grandes asas brancas e negras, disparando para o alto. Parecia uma cegonha e era quase do mesmo tamanho. Tentarei verificar isso no zoológico do Pará em meu retorno.

Mais tarde, o mesmo *muchacho* que tinha atirado na onça-parda trouxe dois pássaros da floresta: uma bela e grande perdiz, tão grande quanto um faisão e muito parecida, mas com apenas um tufo macio de penas pintadas no lugar da cauda; e um glorioso pombo pintado, com uma plumagem muito diferente, mais parecida com a de um falcão, exceto pelo sombreamento nas cores opala e ametista nas penas do peito.

Natação no Começo da Tarde

Desci até o rio para banhar-me entre as duas e três da tarde. O rio estava cheio e deliciosamente fresco. Um digno jovem indígena, de cerca de dezessete anos, me acompanhou, e lhe dei um sabonete para se lavar e para lavar seis menininhos meigos, pequeninos de sete ou oito anos que nadavam como peixes. Todos se deleitavam com o sabonete; faziam espuma e riam. O rapaz mais velho tinha cicatrizes de chicotadas horríveis logo abaixo das coxas, atravessando as nádegas e ao redor dos quadris em ambos os lados. Pobre rapaz!

Apontei para elas e perguntei como surgiram; ele se curvou e disse “‘Huh’, sim”, com aquele olhar grandiloquente de reminiscência que sempre surge nos rostos de todos eles quando alguém menciona tais cicatrizes.

Muitos dos homens e mulheres andoques e boras subiram novamente para voltar após terem descido com a borracha de Normand até Puerto Peruano. Nenhum deles tinha sequer uma migalha de comida. Dois deles eram muito velhos e estavam muito doentes. Mal conseguiam andar, mesmo de mãos vazias, porque estavam com a barriga vazia também. [...]

Carta de Normand para Tizón

Cerca de cinco da tarde, Tizón chegou com uma carta que tinha recebido de Normand, enviada pelo “menino” de O’Donnell, que recusou sua ordem para que Levine retornasse. Estava pálido e nervoso.

“Aqui está o começo do problema”, disse, entregando-me a carta. “Enviei-lhe uma ordem de apenas quatro ou cinco palavras para mandar o homem de volta e ele desobedeceu.”

A carta dizia que Levine estava doente, desta vez tinha uma “perna machucada” (antes tinha sido febre) e que ninguém poderia obrigar um homem doente a pegar a estrada. É uma mentira descarada, e Tizón agora a admite totalmente. Conversamos uma vez mais sobre o assunto todo, e contei-lhe todos os meus receios em relação à estratégia que Normand iria provavelmente seguir. Chamei a

atenção para o fato de que o homem estava muito preocupado, e que um criminoso com medo era um homem desesperado. Estava tramando para salvar o próprio pescoço, a própria pele, e teria o apoio de todos da Companhia, exceto de Tizón, se inventasse uma história para contar em Iquitos, uma história que envolvesse os homens de Barbados, com a finalidade de se proteger. Eu disse que não havia dúvida de que Zumaeta e Dublé, sem falar de Macedo, Velarde, etc., o apoiariam. Ele enxergou o perigo claramente, tal como eu dissera antes. Prometeu ficar comigo e com os homens de Barbados até o fim, e quando sugeri a possibilidade de que viesse a Iquitos, ou comigo, ou a tempo de chegar antes de Arana, em dezembro, e conseguir que ele e o prefeito o ouvissem antes de Dublé e da Companhia, ele admitiu a força do meu argumento.

“Se Normand for para Iquitos”, disse, “então irei com você. Ouvirei a Comissão aqui e o acompanharei até o prefeito e deixarei tudo claro para ele. Você pode contar comigo até o fim.”

Chamei sua atenção para as consequências lamentáveis que se sucederiam se os homens de Barbados fossem presos, e se Normand provocasse um escândalo em Iquitos na esperança de se esconder sob a fumaça. Eu disse que qualquer atitude como essa inevitavelmente acabaria com a Companhia, com as reformas propostas por Tizón e com todo o bem-estar que, juntos, planejávamos assegurar aos índios. Isso também traria à tona o escândalo medonho que queríamos evitar, e lançaria sobre o Peru a reprovação universal que atitudes como essas merecem. Tizón enxergou tudo, concordou com cada palavra, e disse que Normand deve ser detido a qualquer custo e que eu poderia confiar nele, pois tinha certeza de que o prefeito (seu antigo amigo de escola) faria tudo o que fosse possível para dar o xeque-mate ao jogo de Normand e na casa de Iquitos. Confessou francamente que eles eram o perigo, que não havia ninguém em quem confiar na companhia.

Até chegarmos, ele havia estado sozinho. Agora se sentia isolado entre os empregados da companhia e estava percebendo pelas atitudes dos outros com ele que era *persona non grata* para todos eles. Ele se juntara a nós, “o inimigo”, e era a favor de mudanças e

de uma reforma completa e todos sabiam disso. Tudo estaria contra ele. Ninguém lutaria às claras, mas pelas suas costas, com intrigas e mentiras. [...]

Seria impossível registrar tudo o que dissemos, pois nossa conversa foi muito longa. De qualquer modo, estabelecemos um plano de luta contra os canalhas para um futuro imediato. Quanto ao perigo futuro – a atitude do próprio Julio Arana contra qualquer tipo de reforma verdadeira, a possibilidade de que os acionistas de Londres se oponham e também de que a diretoria do Conselho renuncie quando souber a verdade –, não podemos fazer nada. [...]

Sangue Revolucionário de Casement Começa a Subir

Outro perigo que discutimos foi que esses piratas não aceitarão de imediato o desligamento deles quando chegar o momento, mas sairão por conta própria para conquistar mais índios e perturbar os agentes da reforma. Na verdade, organizarão guerras particulares contra a Companhia, como têm feito entre eles e a Colômbia há muitos anos. Disse que isso era um verdadeiro perigo e que exigiria tropas. Tenho visto isso desde Occidente, quando tomei uma decisão a respeito de “Juanito” e do maldito jovem malandro Rodríguez. Acho que Tizón superestima a influência desses homens com os índios. Teme que possam “fazer os índios se voltarem contra nós”, porque os conhecem tão bem, e os índios são “tão crianças”, e apenas eles falam o idioma. Eu disse que era verdade, mas que qualquer agente peruano digno com, digamos, 150 bons soldados limparia o terreno em pouco tempo.

Eu disse que, uma vez que os índios vissem um dos seus assassinos enforcado e lhes fosse dito que aquilo fora feito para seu próprio bem e para salvá-los, eles ficariam do lado dos soldados como guias, aliados e rastreadores. Alguns poucos boras armados com fuzis, com a força militar do Peru e com um magistrado militar por trás deles, acabariam com as *correrías* e *comisiones* dos Juanitos, Velardes, Montts e companhia muito em breve. Eu disse que algo desse gênero terá de ser feito, e isso ele vê como algo bom, de coração. Há três semanas, em Occidente, quando tivemos nossa última conversa franca, falei que eu deveria encorajá-lo a escrever pedindo tropas e

REFLEXÕES XXXVIII

um juiz militar, que na África Ocidental seria um comissário distrital. Temo que o enforcamento não seja possível, já que as cortes peruanas e os advogados estariam envolvidos, mas seria muito fácil atirar em alguns daqueles canalhas. Tizón disse que ele próprio gostaria de atirar.

Com nossa história protegida, deixamos a Comissão esperando para jantar, mas minha alma está muito mais leve. Minha posição é muito difícil.

Oficialmente, estou aqui muito só; além disso, considerando minha responsabilidade oficial, é muito difícil e pesado manter-me distante de todos os problemas ou atritos com o governo peruano. Isso posso cumprir, mas a situação é extraordinariamente complexa, pois a qualquer momento posso ser colocado em uma disputa cujo fim não pode ser previsto por nenhum desses homens culpados; todos eles estão agora alertas. Sou “o inimigo”, porque é somente por mim e pelos homens de Barbados que eles temem que a verdade venha à luz. Tizón disse que tinham “construído um muro ao redor de si, para que não enxergasse a verdade”, mas ele a enxergou mesmo assim. “E agora”, acrescentei, “derrubamos o muro completamente e você enxerga com clareza, e todos eles estarão contra você.”

Venceremos, não apenas os Normands e os Macedos – seres desprezíveis –, mas todas as intrigas maiores em Iquitos, ou onde quer que estejam.

O Jogo de Bridge

Joguei bridge, 33 mãos em duas séries. Um recorde, eu diria. Na primeira série, havia dezessete mãos e, na segunda, dezesseis. Guardei a pontuação da primeira para enviar a John Gordon⁴. Recolhi-me apenas às 11h30min da noite e li um melodrama surpreendente de P. Oppenheim chamado *The Yellow Crayon*⁵.

4. Não consta correspondência de Casement a John Gordon, que permanece não identificado.

5. *The Yellow Crayon*, de E. Phillips Oppenheim (1903). South Carolina: BookSurge Classics, 2003, foi um romance de salão muito popular no período de Eduardo VII, no qual abundam a suave luz do sol, garrafas de champanhe, ostras, amor à moda antiga e indiscrições – uma comédia de costumes. O frontispício do livro mostra um homem e uma mulher elegantemente vestidos e sentados em um conservatório repleto de plantas e olhando um nos olhos do outro.

Numa nota de rodapé, ela diz a ele: “Você não é como estes tolos dos ingleses, que vão dormir quando estão casados, e acordam no tribunal do divórcio”. O drama de salão chega ao clímax quando um ministro do gabinete britânico é assassinado.

É engraçado demais, e extraordinariamente interessante. Era justo o que eu precisava para me fazer rir e esquecer esses arredores. Li quase a noite toda.

Terça-feira, 25 de outubro de 1910 – Entre Ríos⁶

Desculpas para O'Donnell

Tizón e a Comissão partiram para Atenas entre 8h30min e nove da manhã. Ficarei com O'Donnell. Que estranho; justo com esse homem de nome irlandês, por cujo histórico qualquer nação civilizada o condenaria uma centena de vezes à forca e, no entanto, gosto dele aqui. Todos concordam que ele é o melhor, e estamos dispostos a perdoar seus crimes como parte do “sistema” que ele foi contratado para administrar. É o sistema de escravidão mais abominável do mundo e esse homem, que quando chegou era um rapaz de vinte anos, sete anos atrás, provavelmente afundou menos que os outros e conseguiu sua borracha com as mãos mais limpas do que qualquer um de seus vizinhos.

Ele não é tão abominável quanto o sistema para o qual ele tem trabalhado; este é meu pedido de desculpas para ele e pela imagem que tinha dele. Ouvi Tizón perguntar a Gielgud como se escrevia *gaolbird* [condenado], na noite passada. Todos sorriram e mentalmente aplicamos o termo aos agentes dessa grandiosa companhia inglesa. Fui um pouco mais além ao chamá-los hoje de “excrementos das prisões do Peru”.

REFLEXÕES XXXVIII

Sinto pena de O'Donnell, como todos nós, e realmente acredito que ele não tenha ido tão baixo quanto os outros, porém, se os crimes cometidos aqui em Entre Ríos, neste posto distante e bem melhor

6. As entradas do diário anteriores a esta estão escritas a lápis. As entradas a partir de 25 de outubro até 2 de novembro estão escritas a tinta de caneta preta. Estas entradas seriam muito interessantes para uma análise grafológica, pois identificam os lugares durante a viagem.

que os outros, pudessem vir à luz, que história medonha seria! As chibatadas de que os índios são vítimas são muito chamativas e contam sua história tenebrosa. Ainda estou ficando aqui com O'Donnell, em vez de ficar com Montt, e sinto uma espécie de sentimento de bondade pelo homem, e alguma crença de que, sob outra direção, teria me dado até mesmo bem com ele. De fato, ele tem praticado o bem, se comparado a todos os homens ao seu redor; seu posto é um modelo dentre essas penitenciárias detestáveis. Imaginemos uma prisão onde todos os carcereiros seriam os criminosos e os prisioneiros os inocentes e injustiçados!

Hoje, durante o almoço que incluía Martín Arana, o renomado irmão de Julio Arana, O'Donnell contou-me algo sobre os índios matando os colombianos neste distrito. Eu disse que tinha “grande compaixão pelos índios”, e ele apenas sorriu.

Casement Deseja Armar e Treinar os Índios

Sinto mais do que compaixão por eles; adoraria armá-los, treiná-los e instruí-los a se defenderem contra esses bandidos. Ontem à noite eu disse a Tizón que queria que este fosse território britânico durante apenas um ano; que prazer teria em colocar isso tudo a limpo com mais uns cem homens! Pobre rapaz! Ele concordou dizendo: “Ai de mim! Mas seu governo é poderoso, e o meu não”. Ambos concordamos que teríamos grande prazer em enforcar muitos dos empregados da Companhia, se necessário com nossas próprias mãos. Tizón disse aquilo que também afirmei muitas vezes a Fox e aos outros membros da Comissão em particular, ou seja, que, se por acaso surpreendesse qualquer um deles açoitando um índio de forma tão revoltante como nos tem sido descrito, atiraria no homem sem um momento de hesitação. Eu disse a ele que essa

tem sido minha intenção há algum tempo. Não acrescentei que já carreguei meu revólver e o deixei pronto na última quarta-feira na casa dos muinanes, na estrada abaixo de Andoques, caso Negretti chegasse durante a noite e começasse a maltratar a mulher doente. Talvez seja estranho que a única vez em que eu pensei em usar um revólver foi contra um funcionário racional da Companhia. Do contrário, nunca o carreguei comigo, pois tem sido transportado por um dos funcionários, ou permanece trancado. Nunca segurei um revólver contra os nativos africanos, e certamente não deverei começar a fazê-lo contra esses índios sul-americanos, muito humanos, que são bem mais gentis e menos capazes de se defender. A doçura inata de seu temperamento é revelada de diversas maneiras. Mas é extremamente visível em seu semblante. Discordo da frase de Whiffen em sua carta para o Ministério das Relações Exteriores, na qual ele atribui grande parte da criminalidade aos *muchachos* ou à crueldade inata dos índios⁷.

Canibalismo

Não há, até onde eu sei, nenhum ato específico de crueldade ou de tortura que possa ser atribuído a esse povo, nem sequer contra os mesmos homens que, há anos, os têm maltratado de forma tão injusta e cruel, e que mereceriam ser torturados.

7. Aqui, Casement deixa um espaço em branco para a citação de Whiffen. Ele está se referindo ao relatório para o Ministério das Relações Exteriores, enviado em 21 de outubro de 1909 (Ministério das Relações Exteriores, 371-722). A cópia de Casement da presente carta encontra-se em *National Library of Ireland ms 13.087 (9)* e contém notas de margem feitas durante sua viagem. A partir dessa versão, podemos deduzir qual foi o comentário de Whiffen do qual Casement discorda, segundo o qual muitas das atrocidades eram cometidas por índios contra os próprios índios: “Isto é em parte devido à política da Companhia de contratar **muchachos** índios de tribos hostis às tribos que estavam trabalhando para eles, que eram, portanto, colocados à mercê de seus antigos inimigos, em parte pelo medo que esses **muchachos** tinham de morrer se as instruções não fossem executadas, e em parte por conta da selvageria e crueldade inatas à natureza do índio”. Casement afirma em

REFLEXÕES XXXVIII

nota de margem: “estaria mais inclinado a dizer que é, não ‘crueldade inata’, mas ‘negligência inata’. Esses índios são extremamente obedientes (‘perigosamente obedientes’, como disse Tizón). Eles fazem o que lhes é dito, sem questionar. Um homem bondoso poderia conduzi-los a um bom objetivo, um homem mau poderia levá-los ao mal, como tem frequentemente ocorrido com os homens muito maus em muitas dessas seções. O índio deixa seu pensamento para aqueles que estão em uma posição superior à dele; ele naturalmente nunca viu a vida humana ser venerada como com a gente, salvo em seu próprio círculo familiar restrito. Abusar de sua ignorância pueril sobre o sentido da vida e convertê-lo em um assassino desde a infância não é o menor dos crimes desses canalhas”.

Quando os índios mataram esses chamados homens brancos, eles simplesmente os assassinaram no ato. Pensemos sobre o que essa morte significou para eles: o resgate da esposa e da criança, de tudo o que lhes era mais caro. Os *muchachos* foram brutalizados e forçados a decapitar e atirar, a açoitar e ultrajar. Eles são apenas mais um exemplo da obediência desenfreada a essas pessoas. São propensos demais a executar o que o homem branco lhes ordena. Suas próprias armas atestam a ausência de derramamento de sangue em seu espírito e seus costumes. Essas esporas infantis e o maçarico mortal são silenciosos, surpreendentes e não derramam sangue. Contrastemos tal arma ao machado, à lança de quase dois metros com sua lâmina de 45 centímetros, ou aos facões de decapitação das tribos do interior da África.

Aqueles selvagens robustos se alegravam em derramar sangue, assim como o heroico Zulu, que enxergava vermelho e quase se banhava nele. Mas essas pessoas de voz suave, olhos gentis e bocas delicadas nunca abateram, apenas mataram. Mesmo suas festas canibais, conforme descritas por Robuchon, em 1906, ou pelo tenente Maw, em 1827, nunca foram orgias de derramamento de sangue e parecem ter sido realizadas com o mínimo de crueldade possível para com a vítima. Além disso, essas festas, na verdade, parecem não ter sido banquetes, de modo algum, e duvido muito que a morte e a mastigação de um inimigo, como descritas por Robuchon, tivessem qualquer coisa a ver com a alimentação do

corpo. É mais provável a alimentação do espírito com o seu espírito, do coração com seu coração, da alma com a sua alma.

O vômito subsequente, provocado deliberadamente, parece de fato confirmar minha teoria de que eles matavam não para comer, nem para sobreviver. Tem sido assim em todos seus ataques contra colombianos, peruanos e brasileiros. Dolorosamente ofendidos, muito além de toda tolerância humana, procuravam libertar-se – a si mesmos, suas esposas e filhos caçados – da servidão mais atroz e do sofrimento mais cruel.

A Tragédia dos Índios Sul-Americanos

Realmente acredito que a tragédia dos índios sul-americanos seja a maior no mundo de hoje e com certeza o maior erro humano que a história registrou nos últimos quatrocentos anos. Não houve uma trégua desde o dia em que Pizarro desembarcou em Tumbes; nenhum raio de uma aurora vindoura. Há apenas uma opressão constante e persistente, acompanhada dos crimes mais sangrentos. Uma raça que já foi contabilizada em milhões, praticante de muitas artes, adaptando-se a uma civilização gentil, imposta antes por preceito e conselho e não pela força das armas e da conquista, tem sido reduzida a miseráveis servos andinos, os cholos do Peru, uma raça “sem direitos”. Na verdade, Tizón poderia dizer: “O Peru tem muitas pessoas, mas poucos cidadãos”.

Aqui nessas florestas primitivas, estamos de volta com Pizarro, sem a influência salvadora dos padres. Aqui, todo tipo de repressão foi eliminado, mesmo aquela de uma igreja medieval e inquisitorial. Ocorre que o conquistador sedento de sangue não procura ouro, mas borracha; nem tanto borracha, mas índios – e estes são as verdadeiras vítimas – sem uma alma, sem um Deus, sem um único ideal de decência ou de dignidade, e isso continua; nem mesmo eram homens brancos como Cortés e Pizarro; oito de cada dez casos eram *mestizos*, ou algum mulato, ou *half-caste*, sob uma ou outra forma de opressão. Nunca vi nada tão desprezível, nem mesmo no Congo, como a maioria dos homens que se encontram aqui. O homem belga mais vil é um cavalheiro em comparação a eles. São pessoas de outro mundo. E o índio, quanto mais indignado,

flagelado e degradado é, quando não é destruído, do nosso mundo. Ele é um ser humano muito melhor. Esses lordes e senhores, padroeiros indiscutíveis da vida (todos eles têm haréns de meninas e mulheres que são violadas) e da morte, todos eles assassinam e são infinitamente inferiores ao homem que eles caçam com chibatas e tochas através de suas florestas virgens.

O índio enjaulado e acorrentado entrega sua alma a Deus. Esperemos que esses conquistadores caiam num abismo sem fim. Acredito piamente que eles sejam as piores pessoas que há no mundo, perpetradores do maior crime. Um crime tão incorrigível, tão diabólico e tão inteiramente condenável.

Falha da Doutrina Monroe

Se os Estados Unidos não conseguem deixar que a luz penetre nos locais escuros da América do Sul, então eles devem ficar de lado ou serem varridos daqui. A Doutrina Monroe é uma pedra no caminho da humanidade. Em vez de ser a pedra fundamental da independência americana, é o bloco sobre o qual esses criminosos decapitam suas vítimas. Se a única grande potência da América não consegue fazer o seu dever com relação a uma questão tão vital à honra da América, então as maiores potências do mundo devem entrar em cena. A Doutrina Monroe tem mais do que servido o seu propósito. É hoje nada além do instrumento egoísta de uma diplomacia ávida, enquanto sua recusa a agir impede outros capazes de ação de executarem seu trabalho. Hoje, a Doutrina Monroe está sendo desafiada, e, para o bem da humanidade, a Europa protesta a ferro e fogo contra essa afirmação gananciosa de ambições ianques. Essa praga que ocorre nas florestas do Peru e da Bolívia acabaria amanhã, não fosse pela Doutrina Monroe. [...]

***Muchachos* Retornam da Caçada**

Um dos *muchachos* trouxe um bonito esquilo, pequeno, castanho-avermelhado, no qual havia atirado na floresta. Deu-me o rabo de presente, mas ele o estragou cortando alguns centímetros da ponta. Ele relata algo sobre um cervo no qual atirou sozinho, também na floresta, cerca de duas horas e meia atrás. Era pesado demais para carregar; por isso veio buscar ajuda. O cervo foi trazido por um dos

muchachos robustos, um belo jovem com a pele cor de cobre. Exibia uma bela figura, com cerca de 1,80 metro de altura e lindos membros, os cabelos negros como carvão, vestindo apenas seu fono branco, e carregando o cervo marrom pendurado pelas pernas. O cervo havia sido aberto para ficar mais leve e, mesmo assim, pesava 36,5 quilos. O cozinheiro disse que já havia visto um muito grande uma vez sendo carregado por dois homens, pendurado em uma vara. O chifre é um chifre de macho, sem pontas, com somente cerca de dezoito centímetros de comprimento. Ao redor da raiz, parece haver uma cavidade com pequeninas pontas em seu interior.

Choveu forte tanto à tarde como à noite. Os quarenta ou cinquenta índios encarregados de levar a Comissão a Atenas começaram a regressar no período entre 6h30min da tarde e cerca de nove horas da noite. Os atrasados chegaram com tochas acesas feitas de folhagem de palmeira, e era bonito vê-los emergindo da floresta distante e se aproximando gradualmente do outro lado da chácara, agitando essa tocha em chamas. Pobres rapazes! Estavam famintos e com os pés doloridos, e eu ainda não via nada sendo dado a eles. Além disso, em muitos casos, suas casas ficam distantes. Assim, dormirão esta noite aqui na casa dos índios e, em seguida, seguem para casa de mãos e barrigas vazias.

É de fato um sistema de transporte muito caro.

Decidi ir a Atenas amanhã, ir e voltar; chegarei para o almoço e retornarei antes do pôr do sol. Está situada a três horas de marcha, mas com passos rápidos; portanto, deve estar a cerca de dezoito ou dezenove quilômetros daqui.

Quarta-feira, 26 de outubro de 1910

Uma Caminhada de Ida e Volta a Atenas

A Caminhada até Atenas

Hoje fui a Atenas com O'Donnell. [...] Caminhamos muito rapidamente. Com frequência fiz O'Donnell trotar, pular e saltar para me acompanhar, e, sempre que o caminho era plano, andávamos a oito quilômetros por hora. Não paramos em momento

algum, nem na ida nem na volta, e fomos atrasados por tremendas tempestades, parando por causa da água nos riachos.

A chuva cai em cascatas; começou assim que deixamos Atenas e continuou quase até Entre Rios, tornando nossa caminhada mais difícil. Estou certo de que a distância é de dezenove quilômetros; logo, percorremos 38 quilômetros hoje, nada mau para mim, aos 47 anos, andando por esses terríveis “pântanos de desalento”. Sealy teve de se apressar para nos acompanhar. Ele carregava o revólver por um desejo especialmente seu. Perguntei-lhe se o queria para atirar no senhor Montt, e ele respondeu: “Não, senhor, mas ele deveria ser fuzilado, sim”.

Chegada a Atenas

Encontramos a Comissão desfrutando do prazer da companhia do senhor Montt em uma fortaleza pirata horrível e abandonada. Tudo parecia destruído, arruinado e totalmente negligenciado. Vimos apenas um índio além dos funcionários e dos *muchachos*, ele estava muito magro, como um esqueleto, e com cicatrizes por toda parte nos membros inferiores. Sealy e Chase o trouxeram até a varanda para me mostrar; e chamei Barnes para examinarmos o pobre ser. Era um dos enviados para transportar a bagagem da comissão até Puerto Peruano amanhã. Ele em si parecia mais adequado para um carro funerário.

Barnes disse que iria fotografá-lo. Barnes diz que Atenas está “acabada”, como Montt falara em resposta à “investigação” da Comissão. Todas as árvores de borracha, a quilômetros ao redor, foram mortas pela condução dos índios por Martinengui. Isso também esclarece o fato de o distrito ter sido atingido pela fome. A Comissão encontrou o cepo desmantelado.

O Sistema de Montt

É claro que não havia “flagelação há muitos anos”! De acordo com o senhor Montt, os índios eram “muito maus”. Ele tem apenas três *empleados* e não pode fazer nada! Não pode enviar nenhum de seus *blancos* para a floresta, pois não são suficientes. Então, os *muchachos* têm que ir. No entanto, ele consegue tirar deles 24

REFLEXÕES XXXVIII

toneladas de borracha por ano – isso é o que ele diz. A Comissão foi informada em Chorrera de que havia 790 “trabalhadores” no posto de Atenas. Segundo Montt, ele possui apenas “cerca de 250”. Onde estão os outros? Todos os homens de Barbados que vieram trabalhar aqui dizem que as mulheres têm que coletar a borracha, não apenas transportá-la (isso é o que elas têm de fazer em todas as seções, pobres almas, com seus filhos pequeninos e tudo), mas aqui as mulheres estão nas “listas dos trabalhadores” e têm que trazer borracha da mesma forma como o fazem os homens. Por isso, há a fome que os homens de Barbados dizem prevalecer neste distrito.

Descrição de Atenas

A clareira ao redor de Atenas é muito grande, tão grande quanto a de O'Donnell em termos de área de árvores derrubadas e tocos queimados e caídos, mas há pouca ou nenhuma plantação de alimentos. Apenas um pouco de mandioca, plantada recentemente. O Cahuinarí aqui é um belo riacho, muito provavelmente com oito metros de profundidade ou mesmo mais (nadei nele e posso comprovar). E está sujeito a cheias repentinas de dez metros ou até mais, segundo O'Donnell. A estrutura de uma velha ponte, muito acima da água, mostra o caminho que desce até Chorrera. Segundo Montt, boa quantidade da borracha da floresta vai direto para Chorrera; o restante desce até Puerto Peruano. O colombiano Ramón Vargas, capturado por Jiménez em abril do outro lado do Caquetá, está aqui em Atenas. Não estava na estação; estava fora, preparando a estrada até Puerto Peruano para a comissão amanhã.

A borracha em Atenas é preparada em chorizos bem finos, como longas linguças de açougue. É a “verdadeira linguça de Putumayo”, segundo me disseram. Por sinal, o é de fato. São as entranhas de um povo.

O Retorno a Entre Ríos

Voltei para Entre Ríos de bom grado, apesar da terrível tempestade que caiu bem cedo. Nosso jantar consistiu em bifés de cervo e mandioca, muito bom mesmo, mas deitei-me cedo demais, logo após o jantar. Acordei à meia-noite e permaneci desperto durante muito tempo, presa fácil para os mosquitos-pólvora mais

venenosos. Minhas pernas, pulsos e mãos são agora um amontoado de feridas devido à coceira.

Quinta-feira, 27 de outubro de 1910 – Partida de Entre Ríos

O'Donnell diz que me acompanhará até Puerto Peruano. Eu a cavalo, ele na mula. Minha bagagem (seis fardos no total), incluindo as duas tulas de Lane e Sealy, será carregada por alguns dos *muchachos* de O'Donnell.

Lista de Funcionários em Entre Ríos

Encontro a seguinte lista elencando os empregados do posto de O'Donnell. Foi tirada de uma lista pendurada em seu escritório (os nomes, etc. estão na caderneta). Estas não incluem todos, mas são os executivos da borracha. Todos os homens armados, 23 ao todo, representam a força local para controlar a vida e a integridade física de todos os indígenas do distrito. Além desses, há muitos outros meninos bem pequenos e inúmeras meninas e mulheres. O harém de O'Donnell tem uma casa própria de três cômodos, na qual vivem as quatro senhoras O'Donnell, seus três filhos e um bando de empregados. Assim, cada *empleado* tem uma “esposa”. Barbolini tem duas, e muitos têm filhos, os quais precisam de amas-secas indígenas. As meninas vêm para se tornarem esposas de reserva. Logo, há um comboio de meninas que transportam água do Cahuinarí durante o dia todo, como em Occidente.

Essas meninas, muitas vezes, vão em grupos de oito de cada vez. Dessa forma, eu diria que cada *muchacho* tem suas esposas. Alguns dos *muchachos*, na verdade, não passam de meninos ou rapazes, mas outros são homens de 25 a trinta anos. Ao todo, a estação de O'Donnell chega a contar com 65 a setenta pessoas, e todos são alimentados à custa da população do entorno. Eles mesmos não cultivam um terreno ou qualquer pedaço de terra. Tudo o que fazem é perseguir, intimidar, aterrorizar e açoitar e, fora isso, obrigam os índios locais a trazerem borracha, ou a vir quando são chamados para realizar qualquer tarefa que possa ser-lhes atribuída. Tudo o que as mulheres fazem é cuidar dos homens, parir para eles e agir

como dóceis empregadas.

Estrada para Puerto Peruano

A descida até Puerto Peruano com O'Donnell foi muito agradável. Meu cavalo foi bem e, com muito pouco trabalho, o caminho poderia ser muito útil para mulas carregarem a borracha e aliviarem essas pobres bestas humanas de parte de seu serviço. Almoçamos na casa abandonada dos muinanes; Barbolini veio junto, com as pernas expostas e fazendo o almoço. O'Donnell capturou para mim, com suas mãos, várias borboletas-imperador azuis esplêndidas e Sealy apanhou duas⁸. Alcançamos a Comissão em seu barco num riacho e depois seguimos todos juntos até Puerto Peruano.

Choveu forte às 2h30min da tarde, assim que chegamos ao Nimue, rio que deságua no Igaraparaná, formando “o porto”. Daí para frente, foram cerca de 25 minutos sob chuva forte. Durante duas horas atravessamos as clareiras, antes enormes, dos índios iguarases. Tizón disse que já foram muito numerosas. Deve ter havido centenas, agora não há nenhuma. Tudo é devastação. No centro, há as ruínas de uma casa colombiana. Toda essa destruição dos índios tem ocorrido nos últimos quinze a dezoito anos, no máximo. Quando o *boom* da borracha começou, por volta de 1893, os colombianos chegaram, mais tarde, a ser seguidos pelos peruanos, como uma epidemia fatal, e se uniram a esses povos

8. Essas borboletas fazem parte da coleção do Museu de História Natural, em Dublin.

selvagens e os “domaram”, como podemos ver. Sem dúvida, nos últimos anos, a população diminuiu muito mais da metade. Se havia 40 mil índios, tal como alegado alguns anos atrás, certamente não há atualmente mais de 10 mil, segundo disseram, em todo o distrito de Putumayo, administrado pela Arana Hermanos. Quando foi fundada, no projeto fraudulento da Peruvian Amazon Company constavam 31 mil quilômetros quadrados⁹.

A Condição dos Carregadores

Os carregadores da Comissão contam com mais de quarenta índios

REFLEXÕES XXXVIII

de Atenas, muitos deles meninos; e vários são literalmente esqueletos. Nunca vi ninguém tão magro quanto quatro rapazes entre quinze e vinte anos. Nós os fotografamos; um tinha feridas horríveis, e as costas de outro haviam sido açoitadas até ficarem em carne viva. Foi comovente. Que Deus os ajude! Ordenei que Sealy desse para eles todas as latas de carne que tinham sobrado, pobres criaturas. Tizón fez com que uma boa refeição com arroz e feijão e sardinhas também fosse feita para eles, e disse que eles teriam mais de manhã, antes de retornarem a Atenas.

Encontramos na floresta muitas árvores com frutinhas, que foram arrancadas e deixadas ao longo da trilha. O'Donnell diz que isso foi feito pelos carregadores famintos de Normand. Aqui está o exemplo literal do que os barbadianos me contaram: que, quando estão transportando borracha, os índios “vivem de sementes, senhor”.

*9. As datas do ciclo amazônico da borracha foram definidas por Barbara Weinstein em **The Amazon Rubber Boom (1850-1920)** (Stanford, **Stanford University Press**, 1983). O preço da borracha começou a subir após a produção da bicicleta na década de 1890 e mais acentuadamente com a criação da indústria automobilística no início do século XX. A produção em massa do modelo **Ford T**, em 1906, transformou a borracha em uma matéria-prima mais valiosa que o ouro, e as atrocidades em Putumayo foram a consequência direta da demanda crescente do mercado. A borracha dessa região começou a exercer uma influência significativa no mercado internacional a partir de 1907 e, em 1912, havia captado cerca de 18,51% do mercado e quase 40% em 1914, quando ultrapassou os níveis de produção brasileiros. Veja P. W. Barker, **Rubber Statistics 1900-1937** (Departamento do Comércio dos Estados Unidos, 1938).*

Aqui estavam essas sementes. Encontrei duas variedades de árvores cujos galhos foram puxados para baixo e, com frequência, o caminho estava bloqueado por troncos caídos e ramos arrancados. Tizón dizia exatamente o que falei durante o caminho todo, ou seja, que já estava na hora de nossa comissão ter vindo se, aliás, já não era tarde demais. Sinto meu coração desesperançado, pois acredito que nenhum controle humano e efetivo poderá ser empregado aqui.

REFLEXÕES XXXVIII

Sem dúvida, serão feitos esforços para estabelecê-lo, e Tizón fará tudo o que um homem é capaz de fazer, mas ele é o único peruano honesto que conheci, com exceção do prefeito. Um só homem não pode purificar este lugar, e a companhia inglesa é inglesa apenas no nome.

Uma Noite em Puerto Peruano

Joguei uma partida de *bridge* e me deitei na cabana da frente, com todos os índios dormindo embaixo e O'Donnell lá também, junto com Garece, Barbolini e Arévalo, o capitão de Iquitos do Veloz. Bruce está em algum lugar rio abaixo, e descobri que Normand, Bishop e Levine tiveram todos que voltar a pé de Chorrera. O barco não chegou para buscá-los e a borracha de Normand (em sua maioria) está guardada em um *batalon* em Puerto Peruano, esperando a próxima viagem rio acima do Veloz. Não sei onde está o exército de carregadores; desapareceu. Somente (na medida em que pude ver) uns setenta ou oitenta retornaram por Entre Ríos, e quem sabe todo o resto não tenha voltado por Chorrera ou Occidente?

Estou à procura de um rapaz chamado Doi. Se conseguir encontrá-lo, tentarei levá-lo para a Inglaterra. Estou quase decidido a levar alguns desses seres, pobres e famintos, de Atenas para Chorrera. Se eu estivesse ocupando uma posição de autoridade aqui, certamente o faria: levaria o grupo todo e o alimentaria. [...]

VIII

28 de outubro de 1910 – Chegada a La Chorrera

Êxodo de La Chorrera

Após deixarmos o barco no início da correnteza, antes de Chorrera, caminhamos até a casa, chegando mais ou menos às 6h10min da tarde. Carregadores vieram buscar nossa bagagem. Eles eram principalmente os índios andoques e boras de Normand, alguns dos quais encontrei no caminho, correndo colina acima para pegar nossas coisas. Eles me reconheceram e agarraram minha mão e ombros, enquanto passavam com grandes sorrisos; pobres criaturas puras e vulneráveis.

Fomos recebidos por Macedo e no jantar encontramos o pessoal de sempre, inclusive Normand, que parecia bestial como sempre, curvando-se muito baixo, em reverência. [...] Após o jantar, Bishop apareceu com uma espécie de diário escrito de suas atividades desde que deixou Puerto Peruano. É de cunho totalmente pessoal. Eu o li para Tizón depois do jantar. [...]

Sábado, 29 de outubro de 1910 – Chorrera

Decisão de Demitir os Barbadianos

Não falei com Bishop; contudo, ele diz que Francis tem se comportado muito mal. Juntou-se agora a Levine e está claramente sendo subornado por Macedo e Normand. Ontem, à meia-noite, discuti com o jovem cozinheiro Philip Lawrence, o menino negro da Jamaica. Ao que parece, Philip contou a Bishop algumas das coisas que Francis tinha lhe confessado sobre os subornos, etc., etc. e mortes em Andoques. Francis sacou um revólver, apontando-o em direção ao cozinheiro e ameaçou matá-lo por contar essas coisas para Bishop. Tivemos que procurar Macedo para tentar manter a paz, e é claro que estão com medo de que eu fique sabendo e faça pressão para que Francis seja demitido.

Isso eu farei de qualquer forma, e Tizón concordou ontem à noite que todos os homens de Barbados deveriam partir. Também acho. Todos cometeram atos criminosos – sob coerção na maioria dos casos, creio eu –, mas eles não podem ser retidos agora. Se me disserem a verdade, ficarão em perigo por causa de seus chefes locais e, se mentirem como Francis e Levine, eles não são funcionários adequados para uma empresa britânica. Estão sendo subornados (com o dinheiro dessa empresa!) e, ao mentirem para um cônsul britânico enviado especialmente em seu interesse, prejudicarão essa Companhia colaborando para a manutenção de uma situação tão calamitosa, que a companhia devia ser a primeira a desejar abolir.

Portanto, não consigo, sob ponto de vista algum, enxergar qualquer justificativa para que os homens de Barbados permaneçam aqui, e Tizón concorda comigo. Não mandei chamar ninguém hoje; apenas

refleti sobre essa situação e sobre qual seria a melhor linha de atuação a seguir. Primeiro, pedi para que me fornecessem uma declaração que mostrasse o verdadeiro estado das contas dos homens de Barbados com a estação de Chorrera. Agora as tenho, pois Gielgud acaba de trazê-las a mim, e elas foram elaboradas por Parr, o contador.

As Contas dos Homens de Barbados

As contas mostram, aliás, que o suborno oferecido por Macedo a Crichlow para que ele mentisse para mim foi ainda maior do que pensei quando estava em Último Retiro. As contas foram atualizadas, da maneira mais aproximada possível, e Crichlow, em vez de ter uma dívida de 120 soles em seu nome, está realmente devendo 247,69 soles, ou 24 libras e 14 xelins. Esta era uma quantia de dinheiro considerável, pertencente à Companhia, a ser oferecida para esse mentiroso que não cumpriu seu dever. Mas, como disse Tizón: “O que você pode esperar de tais homens?”. Assassinos não têm receio e vão aderir a subornos e à desonestidade. Na noite passada, ele confessou que Macedo não poderia ficar, e também acredito que decidiram que partirá assim que a investigação mais geral for efetuada.

Este é um documento precioso! A maioria dos homens, como veremos, está em profunda dívida com a Companhia. A de um deles, Joseph Minggs (que acredito ter chegado de Santa Catalina), chega a 46 libras (463,47 soles). A maior parte dessa “dívida” é, na verdade, por artigos com preços abusivos, ou melhor, excessivamente superfaturados e, segundo os contratos assinados por esses homens, eles teriam direito a muitos desses produtos de graça (como medicamentos, alimentos, etc.). [...]

Sealy e Chase vieram dizer que foram enganados, que o câmbio utilizado para calcular seu salário é de dez soles por libra esterlina e, enquanto seus contratos em Iquitos eram de cinco libras por mês, nas transações dali uma libra esterlina era contada como sendo 10,50 soles. Eles pedem o reembolso desses cinquenta centavos para cada libra do seu salário, que aqui vale apenas dez soles. Chamei Gielgud, que concordou de imediato, como obviamente deveria

REFLEXÕES XXXVIII

fazer. Que bela maneira de fazer contas! Ele e todos os outros sabiam que era uma fraude e, ainda assim, eles a praticaram durante anos. Não é tão ruim roubar um xelim de cada pobre operário, se levarmos em consideração todos os outros assaltos e extorsões praticados contra eles. Mas o que mais se pode esperar de uma empresa fundada no roubo e num sistema mantido por assassinatos, subornos, indignidade e mentira? [...]

Hoje, peguei algumas coisas da loja daqui, que é o maior lixo que se pode imaginar. Vou entregá-las a O'Donnell para pagar a meus carregadores indígenas. Descobri que as calças são feitas aqui em Chorrera! As mulheres escravas as cortam e as costuram! Isso é que é suar a camisa! *Bangs Banagher*¹.

O jovem Parr me disse isso na loja quando fui fazer compras. Disse que não podia me dizer o preço de nada! (Eu ri comigo mesmo.) Foi instruído. Não tenho dúvida de que me cobraram um preço especial, muito menor do que seria aos homens de Barbados. Veremos. É tão tolo da parte deles fazer isso, como se eu não pudesse ver as contas dos homens de Barbados e comparar os preços dos mesmos artigos. Comprei um chapéu, uma rede, uma camisa, camisetas e calças.

1. A expressão é derivada de um distrito parlamentar proverbialmente corrupto na Irlanda, controlado por uma só família, e que significa “isso supera qualquer coisa”.

Vou anotar os preços de cada item e levar uma amostra para ser avaliada em Londres. Sei, também, qual a quantidade de borracha que os índios têm que trazer para trocar por cada artigo. Uma rede é qualquer coisa entre quarenta e sessenta quilos de borracha, ou até mais em algumas estações, embora, sem dúvida, não sejam essas as informações passadas para a comissão. Mas, como não são mantidos registros de contabilidade, é difícil comprovar qualquer declaração feita. Deve-se proceder por dedução ou inferência. Enquanto estive na loja, vi mercadorias preparadas e embaladas para o *fábrico* de Oriente, que deverão chegar lá amanhã. Foi o senhor Parr que chamou minha atenção para elas. Havia duas pequenas trouxas, enroladas em panos de saco, cada uma com cerca de quinze quilos de camisas e calças, capaz de ser facilmente

REFLEXÕES XXXVIII

transportada por um homem só. Este é o salário todo por um *fábrico* inteiro!

Parr disse que poderia ser acrescentada uma quantia de “munição”, composta de cartuchos, balas e pólvora, mas está tudo aí, dois minúsculos pacotes desse lixo em troca de Deus sabe lá quantos quilos de borracha. Descobrirei qual a quantidade vinda de Oriente amanhã.

Comuniquei essas circunstâncias a Barnes à noite, implorando para que ele, ou melhor, a comissão, obtenha detalhes claros e precisos, informando o pagamento exato efetuado em cada caso. Uma estação produz determinada quantidade de borracha a cada *fábrico*; sabe-se a quantidade exata de borracha coletada, os nomes dos índios que a forneceram e a quantidade que cada homem (e sua família) trouxe. Deve haver um registro definitivo do que é dado a cada homem em troca. Segundo Barnes, até agora a comissão não teve acesso a esses pormenores. Perguntei a Gielgud se era assim mesmo, e ele declarou que, de fato, os “livros” de registro de cada estação mostravam os adiantamentos feitos a cada índio, e que ele mesmo os tinha visto. Perguntei como é que Barnes, o chefe da comissão, não sabia disso, e sua resposta foi que Barnes “não entenderia os livros se os visse”! Nisso posso muito bem acreditar, não que Barnes seja um tolo, mas esses livros “são destinados para tolos”. Como fugi do assunto hoje, vou tentar ir direto ao ponto.

Pelo que consegui obter dos membros da Comissão até o momento, as respostas dadas a suas perguntas variaram em cada estação, mas está perfeitamente claro que o valor atribuído à borracha e aos artigos fornecidos aos índios em troca, por assim dizer, fica inteiramente a critério do chefe de cada estação. Não apenas isso, mas ele pode reter o adiantamento sempre que lhe aprouver e substituí-lo por uma boa surra com um chicote de couro de tapir. Não se trata de uma piada; é a mais pura verdade, e Gielgud acabou admitindo isso para mim hoje, quando afirmei que “Deve ser assim mesmo... não há como impedir”. E, no entanto, esse é o cavalheiro que no ano passado achou que tudo era ideal e que os índios estavam tão felizes!

Domingo, 30 de outubro de 1910 – Chorrera

O Destino dos Homens de Barbados

Agora estou aguardando a chegada dos últimos oito homens de Barbados. Havia dez, e não oito como eu pensava, nas estações distantes que eu ainda não havia visitado, e foi o senhor Tizón que ordenou que esses homens viessem aqui hoje. Dois já estão aqui, Batson, originalmente de Abisinia, e Joseph Minggs, de Santa Catalina. [...] Penso que a decisão sábia e correta é a de insistir na demissão de todos os homens de Barbados a serviço da Companhia. Aqueles que devem dinheiro para a companhia terão que ir embora sem um tostão, e o governo pode mesmo ter que pagar os saldos devidos por eles. Se for necessário, deixarei a conta para o Ministério das Relações Exteriores e resolverei o assunto quando voltar para Londres. Quase não há dúvidas de que os homens foram roubados. Acabo de pedir o contrato de Greenidge, o cozinheiro daqui. Foi originalmente firmado em Barbados, e estou guardando uma cópia. O contrato foi firmado pelo senhor Abel Alarco² como empregador de Putumayo (Igaraparaná), Peru, América do Sul.

*2. Abel Alarco era cunhado de Arana e tinha relação direta com a “família” que executou muito do trabalho sujo da empresa ao longo dos anos. Em 1904, ele foi a Barbados em nome da companhia para recrutar força de trabalho. A missão não passou de tráfico de escravos. Após a flutuação da **Peruvian Amazon Company** na bolsa, Alarco foi enviado a Londres, onde viveu em grande estilo numa mansão eduardiana. Depois de uma fracassada tentativa de subornar o jornalista George Thorogood, em setembro de 1909, logo após a história de Putumayo ser publicada no periódico **Truth**, Alarco foi enviado de volta para gerenciar as operações comerciais em Manaus.*

É o único original feito em Barbados que encontrei aqui. O de Bishop desapareceu quando todas as suas coisas foram perdidas com Robuchon, há muito tempo, e nenhum dos outros homens tem seu contrato original. Tanto Bishop como Greenidge e os outros homens que estiveram aqui desde o começo continuaram trabalhando, mesmo tendo o contrato expirado e, desde a fundação da Companhia inglesa, ou seja, desde 10 de julho de 1907, estão sem

REFLEXÕES XXXVIII

qualquer tipo de documento contratual. É uma promessa meramente verbal, mas cujo vínculo, acredito, seja complicado de desfazer. Uma forma muito desleixada de fazer as coisas e difícil de conceber.

O contrato de Greenidge tem sido repetidamente violado. Os medicamentos, por exemplo, estão sendo cobrados, além de muitas outras coisas acordadas em diferentes cláusulas; também naquela que se refere ao início dos trabalhos “no dia seguinte à chegada ao local acima supracitado”. Aqui, foi cometida uma fraude dupla. Não existe um lugar conhecido como Putumayo, nem como Igaraparaná. O primeiro é um rio enorme, com 160 quilômetros de comprimento, o último é um afluente do rio com cerca de 640 quilômetros de comprimento. Bishop declara que teve de começar a trabalhar em Colonia Rio Jano, cortando lenha sem receber qualquer pagamento por isso, e afirma que juntamente com Chase, que veio com ele e vários outros, protestaram em Manaus, reivindicando proteção ao vice-cônsul britânico. Quando ficaram sabendo das tarefas que provavelmente teriam que cumprir e do caráter do seu emprego, não quiseram prosseguir. O vice-cônsul (pergunto-me quem seria o vice-cônsul na época, provavelmente o senhor Fletcher) se negou a ajudá-los, afirmando que deveriam cumprir seus contratos. [...]

Adeus Efusivo de Normand

Às 2h30min da tarde, Normand partiu a bordo do Veloz para Andoques e me deu um efusivo adeus, vindo ao meu quarto para um aperto de mão. Vai, também, enviar um menino, o garoto chamado Doi, que vi carregando um pesado fardo de borracha na estrada. Eu queria levá-lo comigo para a Inglaterra, se ele estivesse disposto a vir. Mas não lhe pedi isso. Conversei sobre ele com Tizón, que falou com Macedo, e Macedo deu ordens para que Normand encontrasse o rapaz e o enviasse para Chorrera, visto que “desejava dá-lo de presente a alguém”! Estas são as palavras do próprio Normand. Elas revelam, inocentemente, se é que tal palavra pode ser aplicada a um homem como ele, a atitude em relação aos índios por parte desses bandidos. “Um homem de presente”, imagine só!

Eu disse a Normand que minha intenção não era essa, apenas que,

se esse jovem quisesse me acompanhar, eu poderia levá-lo comigo. Mas a situação daqui é vergonhosa. Há uma população inteira, homens livres de acordo com a lei peruana e aos olhos da civilização, que, sem qualquer espécie de questionamento, podem ser procurados a centenas de quilômetros de distância e enviados para serem “dados como presentes”. Se soubessem que espero fazer algo pelos índios, escolhendo dois ou três tipos exemplares e apresentando-os a círculos sociais europeus mais adequados com a intenção de suscitar sua compaixão e ajudar essas pessoas, eles estariam muito menos dispostos a “oferecer como presente” esses seres humanos.

Crianças Indígenas Nadando

O nível do rio baixou cerca de trinta centímetros hoje, e os bancos de areia agora ocupam quase metade da extensão da lagoa de Chorrera. Os meninos e meninas indígenas se divertem. Os meninos que trabalham na casa e as meninas escravas que atendem esses animais e satisfazem todas as suas necessidades estão no rio agora, nadando como ratos na água, indo até as Ilhas e voltando. Alguns atravessam com troncos batendo os pés como a roda-d'água de um barco a vapor. Pequeninos de cinco ou seis anos nadam tão bem quanto os grandes. Talvez nada ilustre o seu amor pela água como o que vou relatar agora.

Hoje de manhã, as meninas da casa pegaram grandes latas com panelas, pratos, etc. e foram até a beira do rio para lavá-los, esfregando-os com areia. Mas elas não ficaram à beira do rio. Levaram tudo – panelas e pratos – e nadaram até a ilha, a cinquenta ou sessenta metros de água profunda, para começar a operação de limpeza. Os demais, os rapazes, vão para lá e brincam alegremente; eu fiquei admirando suas graciosas figuras na areia limpa. As mulheres são extraordinariamente modestas, como também são os homens e meninos. Embora estes últimos tirem seus fonos, sempre se cobrem com as mãos, enquanto as mulheres estão vestidas com túnicas ou cushmas.

Hoje vi um rapaz com uma aparência esplêndida, um garoto bora, que estava sobre uma das lanchas. Gostaria de levá-lo comigo, ou

algum índio como ele, para a casa de Herbert Ward³, em Paris. É uma boa ideia, por que não executá-la? Herbert pode ajudar a causa em termos materiais. O mundo indígena da América do Sul é desconhecido na Europa. Herbert pode contribuir com uma figura de bronze nua de um “índio de Putumayo”. [...]

*3. Herbert Ward (morto em 1919) foi um missionário civil que se tornou escultor e um amigo próximo de Casement enquanto estiveram na África. A amizade entre eles foi registrada em **Five Years with the Congo Cannibals** (Londres, Chatto & Windus, 1890). Publicou um volume de memórias intitulado **A Voice from the Congo** (Londres, W. Heinemann, 1910), que conta sua história após seu regresso da África, quando se tornou um artista e construiu sua reputação por meio de esculturas em bronze de guerreiros e nativos africanos, em tamanho natural.*

*Ao chegar à Europa, voltando da Amazônia, em 10 de janeiro de 1911, Casement foi direto a Paris para visitar Ward, que tinha um belo estúdio, ricamente decorado com milhares de armas, lanças e machados africanos. Casement esperava que Ward fosse ajudá-lo em sua nova cruzada contra a destruição generalizada do mundo tribal amazônico, esculpindo índios da Amazônia. A admiração de Ward em relação a Casement era tanta que deu a seu filho o nome de Roger Casement Ward. Em julho 1916, entretanto, recusou-se a assinar a petição de Conan Doyle para salvar Casement da forca e nunca mais conseguiu concordar com as convicções de Casement. Gertrude Bannister alegou que, apesar de saber que os **Black Diaries** foram forjados, ele se recusou a assumir a causa e ajudá-la em seus esforços para inocentar Casement.*

Em Nome da Civilização

Conseguí hoje cópias de algumas das declarações feitas à comissão pelos chefes da estação que mostram os preços cobrados pelos diversos artigos que trocam ou recebem de adiantamento pela borracha. Vou anexá-las mais tarde ao meu relatório. Elas falam por si, embora não sejam muito confiáveis como declarações de negócios. É claro que não interessam em termos de transações comerciais, mas sim para mostrar a servidão lá imposta em grande escala, como uma das piores do mundo.

REFLEXÕES XXXVIII

A Comissão não tinha meios para comprovar nenhuma dessas declarações. Eu tenho alguma possibilidade de consegui-lo com base no conhecimento que os homens de Barbados têm em relação aos “pagamentos” que há anos viram ser feitos aos índios. A partir disso, fica claro que todos os chefes da estação têm mentido para eles, como a comissão declara abertamente, e os valores que atribuem aos bens são muito inferiores aos que os índios são obrigados a pagar. Além disso, deve-se ter sempre em mente que o índio não tem parte no contrato. É obrigado pela força brutal e totalmente descontrolada – depois de caçado, capturado, flagelado, acorrentado, preso por longos períodos e de sofrer de inanição – a concordar em “trabalhar” para a companhia e, em seguida, quando é liberado desse processo de domesticação, e esse lixo equivalente a cinco xelins que lhe é dado como pagamento, ele é novamente caçado, perseguido, vigiado, açoitado, tem a comida roubada e suas mulheres violadas, até que traga de duzentas ou até trezentas vezes o valor das mercadorias que é forçado a aceitar. Se tentar escapar dessa obrigação comercial, ele e sua família, como devedores faltosos, são caçados por dias e semanas, tendo em vista que a fronteira de um Estado vizinho não oferece nenhuma proteção; e, quando são encontrados, com muita sorte escapam com vida. O mínimo que se pode esperar é que ele seja açoitado até ficar em carne viva, para ser uma vez mais acorrentado e privado de comida ou ser confinado ao cepo, em posição de tortura por dias, semanas e até mesmo meses. Muitos índios foram mantidos lá durante meses. Após ter se livrado de sua obrigação comercial e ter entregado certa quantidade de borracha avaliada sobre seus ombros sofridos, à custa de grande fadiga e privações físicas, não há mais como escapar. Com frequência vi cargas enormes de borracha, excedendo cinquenta quilos, serem transportadas a distâncias de 64 e 112 quilômetros até o “porto” mais próximo no Igaraparaná, por estradas que nem mesmo uma mula consegue atravessar; são até mais apropriadas para macacos do que para seres humanos; e – o que é pior – sem comida, salvo a que sua esposa e filhos conseguem trazer junto com suas pesadas cargas de borracha. Muitas vezes se deparam com a morte no caminho, morte por inanição, por exposição ao calor, por febres ou por graves colapsos físicos e

REFLEXÕES XXXVIII

mentais. Tudo o que uma vez lhe pertenceu lhe foi tirado: seu lar na floresta, mesmo suas afeições da vida doméstica; nada que Deus e a natureza lhe deram é de fato deixado para ele, salvo o seu corpo, vistoso e saudável, capaz de aturar a fadiga extrema, seus membros bem torneados e sua pele clara e limpa, marcada pela chibata e por golpes execráveis. Sua masculinidade lhe foi tirada a ferro e fogo. Olho para seus rostos com seus olhos grandes e olhares ternos que se desviam em direção ao chão e me pergunto onde pode estar o poder celestial, que por tanto tempo permitiu que essas belas criaturas feitas a sua imagem e semelhança fossem desfiguradas e desonradas. Olhamos, então, para os opressores – com sua aparência de degoladores vis, com seus lábios cruéis e amargos, suas bocas libidinosas, olhos esbugalhados e lascivos –, homens incapazes de fazer o bem, porém mais inúteis do que a preguiça em relação a todo trabalho que fazem; e é esse punhado de assassinos que, em nome da civilização e de uma grande associação de cavalheiros ingleses, se apoderaram dessa carne e sangue muito mais delicados e superiores aos deles. [...]

Os índios estão fadados à extinção, e a Peruvian Amazon Company à falência e ao rápido desaparecimento. Receio que esse é o caso, mas o que será depois? Será que algum protesto ou intervenção internacional seria eficaz em obrigar o Peru, a Bolívia (e o Brasil também) a protegerem os seus povos indígenas? Temo que não. Ainda assim, podemos tentar e, com a ajuda de Deus, conseguirei⁴. [...]

4. Esta declaração é uma confissão extraordinária de Casement por diversas razões. Segundo as ordens dadas por sir Edward Grey, ele deveria investigar apenas as condições em que se encontravam os súditos britânicos empregados pela companhia, mas depois de semanas de viagem pelo Putumayo, e sua exposição às atrocidades já arraigadas, a própria atitude de Casement em relação à sua investigação começou a mudar. Ao chegar de Putumayo, Casement realizou campanhas para sensibilizar o público em relação à situação do índio da Amazônia por mais dois anos.

Segunda-feira, 31 de outubro de 1910 – Chorrera

Declaração de Evelyn Batson

É cedo – 5h30min da manhã. Um belo nascer do sol flui sobre a grande lagoa, inundada por uma luz cor de salmão. Pedi a Bishop que trouxesse Evelyn Batson para encontrar-se comigo às 7h30min. Chegou antes das oito. Ele é agora um foguista no barco Huitota, que hoje desce até Santa Julia para trazer o *fábrico* de Abisinia. Suponho que Agüero virá.

A declaração de Batson é tenebrosa. O homem respondeu a todas as perguntas que lhe foram feitas de forma simples e calma e com todos os sinais de que estava falando a verdade. É um registro horrível e, incidentalmente, lança luz sobre a verdade das afirmações de Crichlow e Chase, o primeiro quanto ao seu tratamento dado por Aurelio Rodríguez em Santa Catalina, em 1898, e o segundo quanto à captura da mulher de Katenere e dos demais envolvidos em Pamá, há alguns meses deste mesmo ano. A situação em Abisinia deve estar pior do que nunca. [...]

Inclui um caso chocante de canibalismo: um homem foi cortado e levado à frente da casa pelos *muchachos*, sob as ordens de Agüero, e seus membros foram retirados para serem comidos; também um grupo de prisioneiros de Pamá foram cruelmente assassinados – três por inanição [...].

A Guerrilha de Katenere

Katenere foi o herói dos boras – o capitão valente que resistiu e tentou revidar golpe por golpe. Bishop, que o viu uma vez, um ano atrás, quando ele estava sob a supervisão de Normand em Andoques, diz que Katenere era um jovem cacique dos boras, bonito, alto e forte, que trabalhou coletando borracha no início, mas que fugiu por causa dos maus-tratos cometidos por Normand. Foi ele quem atirou no canalha do Bartolomé Zumaeta em maio de 1908, em um córrego na região dos boras, enquanto o vilão comandava a lavagem da borracha. Desde então, Katenere foi para as montanhas “se resguardar”, como diziam na Irlanda, e todos os esforços para matá-lo ou capturá-lo falharam até o seu último

ataque à estação de Abisinia. Que pena que ele não teve êxito!

O longo interrogatório de Batson me prendeu até as 10h30min da manhã. Ocupou oito páginas de papel almaço. Eu lhe disse que precisaria dele mais tarde para voltar e assiná-lo. Como ele tem que sair quase que imediatamente no Huitota, isso não poderá ser feito hoje. [...] Percebi que eles já sabem que Batson me contou tudo. Posso ver isso na cara de Macedo. O medo à espreita, o olhar de soslaio, disposto a ferir, mas ainda com medo de atacar. Ele está reduzido à impotência em seu próprio quartel-general, o infeliz que intimidou e aterrorizou durante anos está sendo obrigado a sorrir maldosamente para um homem que deve detestar. Está vendo os homens de Barbados, os quais tentou aterrorizar ou subornar, escapando dele, um a um; há dois meses, os teria colocado nos cepos, agora é forçado a pedir-lhes para entrarem no meu quarto, sabendo que todos os crimes atrozes que viram ser cometidos, ou que eles mesmos cometeram, serão definitivamente descritos a mim. Quando nos encontramos no jantar ou no almoço, seu rosto assemelha-se a uma pintura, numa mistura de submissão e pavor. Ele chega até mesmo a me servir, tirando o prato das mãos do empregado e entregando-o a mim.

Francis se Arrepende

Bishop acabou de chegar para dizer que Donal Francis o enviou com seus humildes pedidos de desculpas por ter sido subornado e ter mentido! Ele diz que se arrepende e se envergonha! Que vê os seus compatriotas que disseram a verdade andando “com a cabeça erguida” e que tem vergonha de me encarar ou encará-los. Está implorando para que eu o chame para confessar tudo, que mentiu para mim e foi subornado, e que agora quer fazer a coisa certa, confessando, e assim recuperar sua autoestima!

O coração de um homem negro é, também, muito parecido com o de um homem branco. Pedi a Bishop que lhe dissesse que reconsiderarei seu pedido; como já mentiu para mim, deliberada e covardemente, preferindo ficar ao lado de covardes e assassinos, trata-se de uma questão a ser repensada. Que não era por minha causa, ou para me servir, que ele tinha sido chamado, num primeiro

momento, para dizer a verdade, mas para seu próprio bem, por sua honra e masculinidade. Palavras estranhas essas.

Os que aqui são chamados de “homens brancos” não pensariam em aplicá-las a um negro, embora o negro tenha um coração melhor e uma consciência melhor do que eles têm, e é, no fundo, um “homem branco” muito superior. Disse isso a Tizón, para seu espanto reprimido, acredito eu.

Chegada de Carlos Miranda e do *fábrico* de Sur

O *fábrico* vindo de Sur, supervisionado por Carlos Miranda, começou a chegar pouco antes do almoço. Miranda foi o primeiro a chegar, com um cachorro enorme. Ele foi formalmente apresentado a todos nós por Macedo. Ele é um homem branco, gordo, de aspecto asqueroso, com uma tez clara. Lembrei-me, no momento em que apertou minha mão, da “velha” da declaração de Labadie, em Iquitos. Isso me parece, agora, um incidente trivial, após os horrores mais recentes que descobri de primeira mão, mas ainda assim foi um ato horrendo. A “velha” dera um “mau conselho” aos índios. Era uma “mulher sábia” que os aconselhou a não coletarem borracha, a não serem escravos. Então sua velha cabeça foi cortada com um facão e esse homem branco, que acaba de apertar nossa mão e se sentar ao nosso lado para almoçar, ergueu-a pelos cabelos diante dos índios reunidos e lhes disse que tal seria seu destino se não lhe obedecessem e não fossem coletar *caucho*. Há uma maldição nessas palavras: coletar *caucho*.

Fox e eu saímos do armazém e vimos a borracha chegando. Enormes quantidades, trazidas por homens, mulheres e crianças. Meninhos queridos, com olhos brilhantes, meninas pequenininhas, mães com bebês, duas mulheres muito velhas e dois homens idosos, praticamente as primeiras pessoas idosas que vejo por aqui. Três dos homens indígenas também tinham barba, pelos espalhados, é verdade, mas não deixavam de ser barbados. A de um deles tinha cerca de cinco centímetros de comprimento. Esses são os primeiros homens que vejo com pelo no rosto. Pesamos diversas cargas e uma delas tinha “apenas” cinquenta quilos, carregados sobre os ombros de um homem muito magro. Então fui além e

peguei dois menininhos; primeiro pesei suas cargas e, depois, os próprios meninos.

Um deles tinha uma carga de 22 quilos de borracha em suas costinhas e, em seguida, quando ele próprio foi colocado na balança, seu peso era de apenas 25 quilos; o outro, que se apresentou com o nome de Kaimeni, pesava 29,5 quilos e estava, de fato, carregando um fardo de 30,5 quilos! Um quilo a mais do que seu próprio peso. Isso se deu por muitos quilômetros. A estação de Sur fica a apenas duas horas de distância, mas, pelo que nos informaram, a borracha veio de Kaimenes a caminho de Encanto; uma distância muito maior. Um total de cem pessoas chegou; eu diria que até mais, e mesmo, após colocarem as enormes cargas no depósito, eram pegos e obrigados a levar caixas e sacos de coisas para o Huitota. Dois coelhos mortos com uma cajadada só!

Não tiveram tempo nem de se sentar, ou beber alguma coisa antes que a nova tarefa lhes tivesse sido imposta: carregar o navio, que estava de partida, com mercadorias para Abisinia. Fox e eu assistimos a essa confirmação dentre tantas outras, que falava por si mesma, com uma espécie de triste satisfação, eu acho.

Casement Compra Omarino, um Menino Indígena

Mandei que fossem à loja comprar uma caixa de latas de salmão e as distribuí em abundância aos homens, mulheres, meninos e crianças menores; dei a eles, inclusive, algumas das minhas próprias latas que ainda restavam de Iquitos.

Lamberam os beijos com alegria, pobres almas, e fotografei muitos deles. São pessoas bondosas e vivas; escolhi um menininho do grupo e perguntei se não queria vir comigo. Segurou minhas duas mãos, apoiou-se em mim, aninhando-se entre minhas pernas e disse “sim”. Depois de muita conversa e aglomeração de índios a nossa volta, já está totalmente acordado: ele vai comigo para a Inglaterra. Seu pai e sua mãe estão ambos mortos, mortos pela maldição da borracha, e seu irmão mais velho, um jovem rapaz, havia levado um tiro de Montt. A história veio à tona aos poucos, revelada pelo capitão do menino, de pé, explicando. O capitão pediu um presente para fechar o acordo (praticamente a venda dessa criança): uma

camisa e um par de calças, que lhe dei, e Macedo, com grande cerimônia, me deu o menino de “presente”.

O nome da criança é Omarino: ele veio da vila de Naimenes, em direção a El Encanto e também transportou para cá um enorme fardo de borracha. Pesarei o menino e sua carga amanhã. O rapazinho agarrou-se a mim muitas vezes, segurando ambas as minhas mãos, e lhe dei várias latas de salmão para oferecer aos seus amigos como “presentes de despedida”. Então, ele pegou as latas de salmão para dar e eu o vi correndo e distribuindo aquelas latas abençoadas, pois são pessoas realmente famintas. Muitas dessas latas foram dadas a uma mulher idosa, com um menininho muito pequeno, completamente nu, sem ao menos um fono.

Parr Confessa

Depois do almoço, fui com Parr até o depósito de borracha e pesei uma carga de 63,5 quilos, e não era, em hipótese nenhuma, a maior carga que já tinha visto. Algumas das cargas dos boras de Normand eram bem maiores, mas essa é consideravelmente pesada. A borracha vem chegando aos poucos, arrastando-se com o carregador. Na hora do almoço, Macedo disse que era um bom *fábrico* vindo de Sur, com um total “de nove a dez toneladas”. Parr, na loja, resolveu confidenciar seus sentimentos, e se abriu. Disse que a situação era vergonhosa – de roubo e escravidão – e que hoje as pessoas estavam sendo bem tratadas porque estávamos aqui! Parr é apenas um jovem inglês decente, um rapaz de aproximadamente 24 anos – eu diria até menos.

Casement é Abordado por um Índio durante o Mergulho da Tarde

À tarde fui banhar-me no rio, e um menino, ou um jovem, veio sentar-se à margem. Andoques e os outros meninos nadavam como peixes. O jovem é um *muchacho* de Sur, e eu já o tinha fotografado junto com os demais trazendo a borracha. Já havia notado a forma como me olhava, com uma espécie de timidez firme, e, quando dei e ele e aos outros a lata de salmão, sua face ruborizou.

Então, ele se aproximou e me olhou da mesma maneira. Terminado

o mergulho, seguiu-me até a casa e pediu para levá-lo comigo. Repetidas vezes.

Chamei Bishop, que disse que o jovem queria, acima de tudo, ir embora dali! Bishop falou que o país inteiro iria embora, se pudesse. Esse jovem também é casado! No entanto, diz que sua esposa voltou para sua “família” e que teria o maior prazer em abandonar tudo para fugir. É um jovem bonito, muito forte e com o corpo bem torneado, com um verdadeiro rosto indígena. Ficaria feliz em levá-lo, mas já tenho Omarino e Doi, que foi encomendado em Matanzas, e Tizón diz que o trarão para cá. Esse jovem é mais velho que ambos os meninos, um rapaz casado de dezenove ou provavelmente vinte anos, e seria um belo modelo para Herbert Ward, do grupo que tenho em mente para a América do Sul. Tenho pensado nisso há algum tempo: colocar Ward (e a França) em defesa desses pobres índios, por meio de seu senso artístico. Terei prazer em levar o menino se Macedo e a Companhia não me impedirem. Claro que, legalmente, não poderiam recusar, e eu poderia agir desse modo se quisesse, mas seria realmente um desafio!

Jogo de Cartas por Arédomi

O ideal, de fato, seria declarar que um índio do Putumayo estava livre para ir e vir, como ele, ou qualquer homem civilizado, quisesse. Seria melhor *ruat caelum*⁵. O nome desse jovem é Arédomi, mas ele é chamado de Pedro por esses cavalheiros civilizadores! Tem os cabelos bonitos, longos e fortes dos índios, a cartilagem do nariz e as narinas furadas por galhos, um belo rosto e um corpo bem torneado. Dei-lhe um par de calças. Ele tirou as velhas, e ficou com seu fono, revelando sua forma bronzeada esplêndida, e pensei o tempo todo em Herbert; como ele se regozijaria em esculpir aquelas pernas bem torneadas, pernas em bronze de verdade! Pedi para Arédomi esperar até a manhã seguinte para ver se poderia levá-lo.

Bishop ficou animado. Ele já tem o pequeno Omarino sob seus cuidados, encarregando-se de que roupas seriam feitas para o levarmos até Iquitos, e ele dormirá na rede de Bishop à noite, enquanto Bishop ocupa sua cama.

Joguei quatro partidas de *bridge*, ganhei duas e perdi duas. Como o

REFLEXÕES XXXVIII

deão Swift⁶, joguei por Arédomi e ficou estabelecido que, se ganhasse, poderia levá-lo. Tive que lutar muito para conseguir um mero empate e, assim, o *bridge* não decidiu o seu destino. É o mesmo que comprar a liberdade de um escravo. Não vou pagar por ele nem aqui com bens, nem com dinheiro. [...]

Minha esperança é que, ao levar alguns desses índios desconhecidos para a Europa, eu consiga com que pessoas poderosas pelo destino

5. *Expressão que significa: “que a justiça seja feita, ainda que os céus caiam!”.*

6. *Referência a Jonathan Swift (1667-1745), satirista político, panfletário e poeta, que se tornou decano da catedral de st. Patrick, em Dublin, em 1713. É mais conhecido como o autor de As Viagens de Gulliver (1726).*

se interessem por eles e, conseqüentemente, de toda a raça que aqui labuta. A Harley House e a aps⁷ vão ajudar e utilizar os meninos para mostrar seu valor, se for o caso de se erigir uma política pública contra esse extermínio e escravidão infernais.

Muitos dos índios – homens, mulheres e crianças – passaram a noite toda na casa – na plataforma de cimento, fria e dura. Quase os pisoteei ao pé da escada, e ouvi um fraco murmúrio, “chegarro” (cigarro), pronunciado por dois ou três índios que estavam sem sono, e lhes dei esse presente caro e valioso.

Distribuí uma “quantidade imensa” de cigarros desde que vim para Putumayo. É claro que gostam de tabaco, mas apenas o bebem⁸, e coisas de fumar são um novo prazer para eles, pobres almas, uma das poucas coisas agradáveis que entram em suas vidas sofridas.

O rio está baixando de forma tão rápida que dizem que o Liberal não será capaz de subir até Chorrera. Chegará a algum lugar apenas daqui a oito horas, segundo dizem Tizón e Macedo. Nesse caso, eu posso fretar o Huitota todo e levar nele os homens de Barbados e demais coisas para descer o Solimões por cerca de mil a 1.200

7. *Harley House foi uma escola de formação de missionários, fundada pelo senhor e a senhora Henry Grattan Guinness no East End de Londres,*

REFLEXÕES XXXVIII

que treinava missionários de fé para os postos avançados do império. A sigla *aps* refere-se à *Aborigens Protection Society* [Sociedade Protetora dos Aborígenes], organização humanitária com sede em Londres que fez campanhas de proteção aos indígenas. Em 1909, a *aps* se fundiu à *Anti-Slavery Society* [Sociedade Antiescravidão].

8. *Casement* se refere ao que os índios bebem na cerimônia conhecida como *Chupe del Tabaco*, que significa literalmente “sucção do tabaco”, um ritual mágico-religioso em que as folhas da *Nicotiana tabacum* são embebidas e depois fervidas até que se tornem um líquido concentrado com o consistência de melão. *Hardenburg*, *The Putumayo: The Devil's Paradise*, Londres, Fisher Unwin, 1912, p. 155 descreveu o ritual da seguinte forma, “Na ocasião de uma festa ou para tornar solene qualquer acordo ou contrato, eles têm de recorrer ao célebre *Chupe del Tabaco*... Um grupo numeroso de índios se reúne ao redor de um pote que contém um forte extrato de tabaco. O capitão primeiro introduz o dedo indicador no líquido e começa um longo discurso... Eles então ficam mais animados, até que finalmente o pote é solenemente passado ao redor, e cada um mergulha o dedo no líquido e, em seguida, leva-o à língua. Este é o juramento mais solene dos *uitotos*”. A cerimônia era comumente associada à contação de histórias ou a juramentos contra o homem branco. Ver *Eugenio Robuchon*, *En El Putumayo y sus Al uentes* (Lima, Imprenta de la Industria, 1907). *Taussig* (*Shamanism, Colonialism, and the Wild Man: A Study in Terror and Healing* – 1987) também tem muito a dizer sobre o ritual.

quilômetros, e esperar, onde desemboca o Putumayo, por algum barco a vapor que estiver passando. Macedo diz que, se não chover no dia 2 de novembro, não choverá por seis semanas. Um santo *Swithin*⁹ local, evidentemente.

É véspera do Dia de Todos os Santos e caminhei até quase meia-noite ao redor dos índios, que dormiam. Um ou dois se levantaram e vieram conversar comigo.

Terça-feira, 1º de novembro de 1910 – La Chorrera

Mais Declarações

Acordei cedo e vi Arédomi esperando; pobre menino! Mandei vir

REFLEXÕES XXXVIII

Augustus Walcott, um homem de Barbados, de Sabana, e suas declarações me ocuparam até o café da manhã, às 11h30min, e depois à tarde, também. Falava muito lentamente e era prolixo, mas de modo verdadeiro. Quando terminamos nossa conversa, chamei Preston Johnson e Sidney Morris¹⁰, mais dois homens de Barbados também vindos de Sabana, e suas declarações me detiveram até às 5h30min da tarde, mesmo apressando a do segundo. Todos querem ir embora comigo, e, como deixaram a maioria de suas coisas em Sabana, têm que voltar para lá. Então, fui obrigado a me apressar para explicar as coisas a Tizón, para que possam sair bem cedo com uma ordem para Fonseca. Isso foi até às seis da tarde e, entretanto, o Huitota apareceu com Agüero e Alcorta, de Oriente, com um grande grupo de índios ocainas e borracha de Abisinia e Oriente.

9. Segundo a lenda, santo Swithin (800-862), bispo de Winchester e conselheiro de Egberto de Wessex, desejava ser enterrado no adro da catedral para que a “doce chuva do céu pudesse cair sobre sua sepultura”. Em sua canonização, os monges pensaram honrar o santo ao levar seu corpo para o coro da catedral e marcaram a cerimônia para o dia 15 de julho, mas choveu incessantemente por quarenta dias, o que, de acordo com alguns, atrasou o processo. A lenda deu origem ao ditado popular segundo o qual, se chover no dia de santo Swithin, choverá durante quarenta dias.

10. Sidney Morris: ver Blue Book, declaração n. 20, pp. 106-109. Preston Johnson: ver Blue Book, declaração n. 21, pp. 109-111.

Perdi tudo isso. No jantar, conheci Agüero e Alcorta; o primeiro tinha um rosto audaz, como um gavião, e o segundo era mais alto e magro. Chuva forte de uma até às quatro da tarde. Chovia a cântaros e o rio começou a subir quase que de imediato. Ao pôr do sol, o rio estava visivelmente subindo, e as cataratas rugiam e despencavam. Não tive tempo para meu diário hoje. Nadei até a ilha no início da manhã, às sete, e, em seguida, voltei imediatamente para as declarações dos homens de Barbados. [...]

Os índios ocainas que vieram de Oriente com Alcorta são homens bonitos, altos e robustos como os boras. Alguns destes últimos também vieram com Agüero, mas não são muitos. Sua borracha não

chegou. Ouço dizer que o *fábrico* de Abisinia não ocorrerá até dezembro.

Um dos homens de Barbados que depuseram hoje, Augustus Walcott, foi usado de maneira vergonhosa por Normand em Matanzas, ao final de 1904 e início de 1905, logo depois que chegaram. Foi pendurado pelos braços amarrados atrás das costas durante muito tempo, e espancado com espadas ou facões. Ficou inconsciente e, quando o soltaram, ficou doente. Permaneceu doente por muito tempo e teve que ser levado em uma rede até Chorrera. Não conseguiu usar os braços durante dois meses.

É vergonhoso que este canalha infame do Normand saia impune. Deixará este lugar em um mês com uma fortuna de 2 mil libras nas mãos, e tudo aquilo que investiu e economizou no passado. Resta aqui esse pobre homem negro, ultrajado e tratado de forma criminosa, com uma dívida de 38 libras depois de seis anos de serviço. Conversei seriamente com Tizón sobre este aspecto do caso, mas não fui tão firme como pretendia ser.

Quarta-feira, 2 de novembro de 1910 – La Chorrera

Entrevista com James Mapp

O rio tem subido de forma constante. Alcançou, agora, 1,5 metro e os bancos de areia estão sendo rapidamente encobertos. Não me banhei. Vi Arédomi, que está cortando lenha, e decidi, de uma vez, levar o pobre menino comigo. Conteí a Bishop que já tinha decidido. Carlos Miranda, que estava voltando a Sur, veio dar-me adeus. Em seguida, chamei James Mapp e obtive uma longa declaração sua, que durou até às onze da manhã. Foi um dos primeiros a chegarem aqui. Viu Velarde afogar um índio em Occidente este ano, conforme descrito pelo capitão Francisco. Viu com seus próprios olhos quatro pobres criaturas serem levadas para o rio com as mãos amarradas atrás das costas e seguradas debaixo d'água por um índio que agia sob a direção pessoal de Acosta, até que ficaram cheios d'água e quase se afogaram. Um deles, lutando para escapar da retenção do índio, escapou e nunca mais foi visto. Com os braços amarrados e suas “entranhas cheias de água”, como descreveu Mapp, a pobre

alma não teria muita chance. Seu corpo foi recuperado no dia 24 de junho, na foz do rio, logo abaixo da estação.

Pedi a Tizón que entrasse e ouvisse James Mapp repetir a declaração. Quando soube que tal fato tinha ocorrido no mesmo dia em que deixou Occidente para ir a Entre Ríos, ele ficou pálido de raiva. Fiquei contente com a impressionante confirmação da verdade que estava tentando mostrar-lhe durante as últimas quatro semanas – que ele vem lidando com assassinos, mentirosos e covardes. A declaração sincera de Mapp foi boa durante todo o tempo. Levei a manhã inteira para registrá-la.

Entrevistas da Tarde: Hoyte, Phillips, Quintin e Davis

Depois do almoço, recebi quatro homens: Alfred Hoyte, Reuben Phillips, Clifford Quintin e Allan Davis¹¹, os três primeiros de Santa Catalina, o último de Abisinia. As mesmas histórias – de novo as mesmas histórias – confirmando umas as outras. Quintin foi amarrado por Normand e açoitado; levou cinquenta chibatadas.

11. Alfred Hoyte: Blue Book, declaração n. 24, pp. 124-125. Reuben Phillips: Blue Book, declaração n. 25, pp. 125-127. Clifford Quintin: Blue Book, declaração n. 26, pp. 127-130. Quintin fez uma declaração adicional em 5 de novembro. Allan Davis: Blue Book, declaração n. 27, pp.

Além disso, está muito doente, pois foi depois novamente espancado por Normand e Bucelli. As marcas das primeiras chibatadas (de seis anos!) ainda podem ser notadas, uma cicatriz horrenda atravessando-lhe as costelas. Seu pé foi envenenado por um espinho que os índios colocaram no chão, em Santa Catalina, para se protegerem de visitas dessa aristocracia civilizadora. Pobre homem! Está aniquilado, com seu corpo e espírito completamente destruídos.

Três deles – Mapp, Hoyte e Phillips – voltarão imediatamente para Santa Catalina, sob ordens minhas, para buscarem suas coisas e voltar a tempo de irem comigo a bordo do Liberal.

Pobre Quintin! Além de todos os maus-tratos brutais cometidos por Normand em Santa Catalina, foi forçado a cortar a cabeça de um

índio por Rodolfo Rodríguez, agora o segundo no comando dessa estação. A lista de horrores tem crescido a cada hora desde hoje, ontem e segunda-feira. Os homens de Barbados estão, agora, tão completamente inocentados que hoje Tizón me pediu “como um favor” – em suas próprias palavras – para dar-lhe uma lista com os nomes de todos os agentes da Companhia incriminados pelos homens. De cima a baixo, ele pede agora que sejam julgados pelos homens negros! Que mudança desde os primeiros dias de minha chegada a La Chorrera! Por sua confiança em mim, e por sua dependência em meu poder de protegê-los, trouxeram à luz toda a verdade, de modo que não há, agora, como contestá-la. As declarações de hoje praticamente completaram o meu trabalho. Restam apenas dois homens de Barbados a serviço da companhia que ainda não interroguei. [...]

Chegada de Borracha de Várias Estações

Vimos uma grande quantidade do *fábrico* geral, de todas as estações, chegando diante de nossos olhos, ao mesmo tempo rio acima e rio abaixo. A borracha de Occidente está chegando às costas dos pobres homens e mulheres magros dessa estação, desde Puerto Vitória. Cerca de cinquenta ou sessenta pessoas foram trazidas para transportá-la por esses três quilômetros. [...]

Estou tentando descobrir quais são, na verdade, os pagamentos efetuados em cada caso. Percebe-se imediatamente que há um eufemismo¹⁰ no fato de que os produtos que estão sendo distribuídos agora são um adiantamento para o próximo *fábrico*, e não uma retribuição por ele, mas ninguém se dá conta disso. A verdadeira questão é que um “adiantamento” já é um pagamento e, como sabemos a quantidade do *fábrico* de cada estação, segue-se que o “adiantamento” de hoje é o pagamento do próximo *fábrico* pelos próximos três meses. Aquele *fábrico* terá que ser o mesmo que esse; portanto, o que Sur recebeu hoje é o pagamento de oito

¹⁰ **Eufemismo:** O eufemismo consiste em atenuar o sentido desagradável de uma palavra ou expressão, substituindo-a por outra, capaz de suavizar seu significado.

toneladas da melhor borracha produzida por Ozu. Vou tentar conseguir que o jovem Parr, da loja, me entregue a lista de todos os bens que entregou em troca dos *fábricas* mais recentes.

Casement Mede um Índio Bora

Hoje, medi um belo índio bora, vindo com Agüero, com 95,5 centímetros de perímetro torácico – sem ar –, 31,5 centímetros de bíceps – relaxado –, 58,4 centímetros de perímetro craniano. Sua pele era muito clara; ele era alto e muito bem constituído. Dizem que alguns boras são quase brancos. Vi alguns quase tão brancos quanto um espanhol ou português.

Meu pequeno Omarino também foi pesado hoje; pesa 25 quilos, e seu fardo de borracha pesava 29,5 quilos!

[...] Felizmente, Agüero e Alcorta partiram depois do jantar. O Huitota não saiu até às oito da noite e ouvi choros vindos da praia.

O rio continua subindo, apesar da chuva fraca de hoje.

Quinta-feira, 3 de novembro 1910 – La Chorrera

Arédomi e Sealy

Hoje pela manhã, organizei tudo para que possa levar Arédomi comigo. Enviei Bishop com o rapaz até Macedo, que consentiu imediatamente; assim, isso já foi resolvido da melhor forma possível. Consegui também que Stanley Sealy, meu homem de Barbados, alto e confiável, entrasse para o serviço da comissão, como fiz com Chase na minha partida. Ele queria vir comigo, mas apontei as vantagens de ir com Barnes e os outros. Barnes promete continuar pagando seu salário de sete libras por mês e, quando a comissão partir, o que provavelmente não será antes de março ou abril do ano que vem, fará com que a passagem de Sealy para Barbados seja paga. Assim, ele poderá voltar para Barbados com uma bela quantia de dinheiro na mão.

Nova Concubina de Agüero

Bishop contou-me ontem à noite que houve outro escândalo vil sob os nossos olhos. O Huitota, com Agüero e Alcosta, só conseguiu

partir às oito da manhã, ou mais tarde. Agüero tomou uma das pobres mulheres que trabalham aqui.

Macedo a deu a ele para engordar seu harém. Chase disse que ele sempre tem onze em Abisinia. Essa pobre mulher é uma uítota, uma das escravas locais. Costumava varrer a varanda todas as manhãs; Fox e eu tínhamos notado seu rosto, paciente e suave. Segundo Bishop, ela chorou amargamente e pediu para ficar. Ela trabalha aqui há anos, desde que seu marido, pobre indígena, “desapareceu”.

Ela foi dada naturalmente como esposa a alguns dos *empleados*, mas esses também já partiram, ou morreram, e ela ficou, durante algum tempo, trabalhando aqui, costurando, fazendo “calças”, etc., sob a direção da senhora Macedo, e executando afazeres domésticos. Agora ela está sendo entregue para que esse desgraçado infame engorde seu curral de infelizes. Bishop disse que implorou para que ela ficasse e ainda perguntou por que Agüero, que já tinha tantas mulheres, queria levá-la. Conteí a Fox, Bell e aos outros sobre a minha mais recente indignação e, quando estiver bem certo sobre todos os fatos, falarei com Tizón.

Garece e os Irmãos Rodríguez

Dei a Garece, o assistente que nos acompanhou durante a marcha, uma gorjeta de cinco libras, para seu espanto. É um argentino casado com uma peruana e tem dois filhos. Um homem decente, um dos poucos, muito poucos, nos quais devo confiar. Tizón diz que é honesto e contou-lhe sobre coisas absolutamente vergonhosas feitas aos índios boras, em Santa Catalina e Sabana, pelos dois irmãos Rodríguez, Aurelio e Arístides; este último felizmente está morto. Formaram uma Companhia nos velhos tempos. Arana entrou em contato com eles e fizeram uma fusão. Deixou os dois no comando das duas estações, sendo que cada um ganharia 50% do produto do distrito! Arana fez pouco caso disso; até saiu perdendo. Aurelio se aposentou com uma quantia que Tizón admite ser uma grande fortuna e é um dos grandes destaques da Sociedade Iquitos. Os crimes que ele e seu irmão cometeram horrorizariam a humanidade.

Os testemunhos dos homens de Barbados, especialmente o de Quintin, nos últimos dias, são definitivamente horríveis. Ele e

REFLEXÕES XXXVIII

Batson estiveram em Santa Catalina durante os últimos anos de Aurelio Rodríguez. Quintin ficou até o fim. Massacres de homens, mulheres e crianças boras se prolongaram até junho do ano passado.

Acredito que Quintin escondeu alguns de seus próprios crimes, conforme disse Batson; além de cortar a cabeça de homem, ele matou outros índios em Santa Catalina. Quando eu o trouxer para assinar sua declaração, obterei sua confissão completa. O homem se encontra num estado lastimável, tanto mental quanto físico. Converteu-se em um criminoso, um assassino da pior espécie.

Chamei Donal Francis, que, enfim, chegou para fazer sua confissão completa. Implorou repetidas vezes para que eu o ouvisse e o deixasse confessar tudo o que havia mentido para mim no dia 23 de setembro. Dei-lhe um sermão; ele pediu desculpas humildemente, e eu lhe disse que agora não queria as histórias de seus delitos, que sabia de tudo e já tinha recebido todas as informações necessárias à minha missão. Está muito arrependido e ansioso para fazer as pazes comigo e com sua própria consciência.

A “opinião pública” de todos os outros homens de Barbados tem sido demais para ele. Quer “manter a cabeça erguida”, como a deles. Agora, ele pode fazê-lo. Não preciso mais provas criminais contra Macedo; seria apenas dificultar ainda mais para Tizón, pois ele teria que adicionar Macedo à lista negra. Talvez seja o pior do lote, pois tem ficado no controle e permitido e estimulado todos esses crimes atroz, além dos crimes que eu sei e suspeito que ele mesmo tenha cometido, incluindo o fato de ele ter queimado 45 índios ocainas vivos, aqui em Chorrera¹². Mas Tizón me garante que Macedo também será incriminado. Por ora, poderá ir em paz pelo bem do trabalho de limpeza e reforma empreendido por Tizón.

Enganando os Homens de Barbados

Hoje, olhei uma pilha de contas dos homens de Barbados e descobri as cobranças mais absurdas feitas a eles. Eles foram roubados de forma incrível.

Dez xelins por uma lata de manteiga, dez xelins por um par de

REFLEXÕES XXXVIII

chinelos de pano imprestável (custa cerca de nove centavos na Inglaterra), e alimentos que deveriam ser fornecidos a eles cobrados a preços exorbitantes. [...]

*12. No dia 2 de novembro de 1903, 24 caciques ocainas foram queimados vivos num evento que efetivamente promoveu o reinado de terror da **Peruvian Amazon Company**. Sob as instruções de Macedo, os caciques foram convocados pelos chefes da estação e, após algumas conversas preliminares, foram presos, amarrados em estacas individuais fincadas no chão e então queimados. Ver Neftalí Benavides Rivera, “Los crímenes de la Casa Arana”, *Cultura Nariñense*, vol. ix, n. 84, jun., 1975.*

Toda a mercadoria necessária em Putumayo é comprada em Iquitos – dizem que por cerca de 30 mil libras por ano – em vez de ser comprada direto da Europa. Ficaria tudo em 20 mil libras por ano abolindo a casa de Iquitos como intermediária. A coisa toda é uma vigarice inconcebível, fundada em crimes horrendos, constituindo o alicerce de todo o seu rendimento.

Macedo entrou no quarto de Tizón enquanto eu discutia as contas de Allan Davis e, percebendo que achei “bem altos” os preços cobrados dos homens, ele imediatamente se ofereceu para diminuir 25% de todas as contas anteriores, desde o início da formação da companhia. Tizón perguntou se eu concordaria com isso. Eu disse que precisaria saber a opinião dos homens.

Na atual conjuntura, para eles seria uma dádiva maravilhosa. Para mim, não passa de suborno! Macedo pretende posar como um homem justo e generoso, e deseja que eu fale bem dele até o fim. [...]

Conversei com Bishop e os demais. Ficaram contentes e agradeceram-me calorosamente. Isso significa muito para eles, mas tenho minhas dúvidas se isso é justo ou não. [...]

É impossível fazer qualquer tipo de acusação a esses homens, pelo que nós já sabemos, e os verdadeiros casos de maus-tratos ocorreram em três casos, muito antes da formação da Companhia. É claro que os homens feridos não poderão recuperar nada pela lei nem por pressão em Londres, acredito eu, pois a empresa não é responsável por atos cometidos muito antes de sua criação, e o

mesmo vale para os crimes cometidos por seus agentes.

Há apenas a responsabilidade moral de terem deixado esses agentes por três anos como seus representantes poderosos em muitos distritos, sem nunca terem se preocupado em descobrir o que estava acontecendo por aqui. [...]

Um Som de Choro

Todos dizem que Normand ama dinheiro. É capaz de roubar até mesmo esses homens de Barbados. Levine disse a Bishop que, no mês passado, Normand tirou deles 110 soles na jogatina. Jogam por qualquer coisa: latas de alimentos, roupas usadas, etc., etc., e, aqui, é um chefe de estação que joga com um garoto negro, seu empregado, e leva, em suas mãos, cerca de dois meses de seu salário!

É realmente uma Companhia civilizadora!

Bishop diz que o choro que ouvimos ontem à noite era o de uma dessas pobres mulheres da estação, aquela que varria a varanda todas as manhãs. Foi levada para Abisinia por Agüero para que fosse acrescentada à lista de suas concubinas; um presente de Macedo, a seu pedido. Que revoltante! Bishop diz que ela chorou amargamente. Talvez, quem sabe, ela tivesse um marido aqui. De qualquer forma, trata-se de um caso infame, sob todos os aspectos, ocorrendo bem diante dos nossos olhos, enquanto nos sentamos à mesa de jantar. Ouvimos as vozes e o apito do barco a trinta metros de distância, e nunca soube que essa pobre mulher estava sendo entregue para satisfazer os desejos desse monstro voraz. Relatei isso à Comissão.

Ocupei-me até o fim do dia com as contas dos homens de Barbados e com Tizón, a fim de conseguir-lhe uma lista negra de todos os empregados a serviço da Companhia que foram, de fato, vistos cometendo crimes graves. A lista inclui um dos crimes mais revoltantes já citados por Fonseca; foi testemunhado por Chase, em Último Retiro no ano de 1906 ou 1907. Houve ainda outro, cometido pelo bruto responsável por Pescaria, em Putumayo, semelhante ao crime atroz cometido contra a pobre jovem em

REFLEXÕES XXXVIII

Naimenes, e outros tantos atos revoltantes, como cortar orelhas e jogar bebês para longe ou dentro do rio em Santa Catalina. Que corja mais miserável de degoladores e assassinos¹³!

Mandei chamar Donal Francis, que chegou às duas da tarde. Pediu desculpas e se retratou. Pediu-me que lhe perdoasse por ter mentido e que desconsiderasse sua afirmação anterior, pois agora queria me contar tudo.

Eu lhe perdoei por isso e disse que acrescentaria sua declaração de retratação, mas que eu não queria que fizesse uma nova. Agora era inútil, pois eu sabia de tudo e não precisava de mais provas.

13. A lista negra compilada por Casement continha os nomes dos piores criminosos contra os quais ele achava que os tribunais de Iquitos deveriam instaurar um processo penal. Casement deu a lista negra a Tizón no fim da viagem, e todos os nomes lá registrados foram devidamente demitidos pela Companhia. A inclusão de Macedo na lista foi uma questão delicada, uma vez que ele estava muito próximo da Comissão e conhecia muito bem cada movimento seu.

Implorou, mas recusei e dei-lhe um pequeno sermão sobre as virtudes da virilidade e da verdade. É, fisicamente, um negro típico, com um rosto bonito e um corpo forte; um jovem Hércules. Ele foi-se embora muito grato e contente, totalmente “reabilitado”. Acredita que agora será capaz de manter a cabeça erguida novamente perante os demais, porque eu o ouvi. [...]

Sexta-feira, 4 de novembro de 1910

Viagem de um Dia para Sur

A Comissão partiu para Sur às 7h30min da manhã. Segui sozinho com Sealy e Arédomi às oito e os alcançamos assim que chegamos a Sur, uma caminhada tranquila de uma hora e meia, por cerca de 7,2 quilômetros, imagino. Grande parte das árvores jovens da estrada, um total de 30 mil árvores e outras em crescimento, foram derrubadas e dispostas no caminho, ao longo de aproximadamente três quilômetros. Vi uma estranha orquídea e uma esplêndida palmeira de bambu; algo extraordinário.

REFLEXÕES XXXVIII

No caminho para Sur visitei o local que chamam de cemitério, que fica no topo da colina acima de Chorrera. É apenas uma encosta nua usada como sepultura para grande parte dos infelizes soldados andinos – os cholos – que estiveram recentemente envolvidos na presumida, mas totalmente fictícia, invasão colombiana. Macedo diz que morreram oitenta de cerca de 120, ao todo, mas a maioria no distrito de Encanto. Aqui, a maior parte desses pobres rapazes foi enterrada sem nenhuma cruz ou qualquer tipo de identificação. Alguns têm apenas uma estaca com o nome ou data, rudemente pintada por algum soldado, mas assim mesmo estão quebradas ou caídas pelo chão.

Existem três sepulturas de alvenaria caiada. A primeira é de Benjamín Larrañaga¹⁴, fundador de La Chorrera, um colombiano, nascido em Pasto em 1851, morto aqui, em 21 de dezembro

*14. Benjamín Larrañaga foi fundador de uma colônia em La Chorrera e líder da primeira leva de **caucheros** colombianos que adentraram o distrito de Putumayo. Fez parte da primeira tropa de Rafael Reyes, que entrou no território em 1870 para coletar cinchona. Ele retornou no final da década de 1890, levando consigo um grupo de **caucheros** para dar início à sua exploração de borracha. Após o sucesso inicial, incorreu em dívida e fez uma série de alianças comerciais com agiotes e aviadores de Iquitos, incluindo Arana. Como a dívida de Larrañaga com Arana aumentava, os dois fizeram uma parceria, mas a aliança foi de curta duração, pois, como Arana desejava a expansão territorial em nome do Peru, exigiu a expulsão dos colombianos da região.*

de 1903 (?). Julio César Arana já tinha feito a parceria com ele, e expulsou seu filho, Rafael, que erigiu esse monumento.

O túmulo ao lado é de um oficial peruano, um tal tenente Serapio Valenzuela, da “gm de La Chorrera” (suponho que seja “Guarnición Militar de La Chorrera”), um nativo de Cuzco, que morreu no dia 29 de dezembro de 1904.

A terceira e última é a mais interessante. É a do senhor Richards. James Mapp esteve a seu serviço, anos atrás, em Gondan e Abisinia. [...] O nome, Enoch Richards, está no túmulo no qual consta

sucintamente: “*falleció el 3 de setem. de 1905*”. [...] Sealy diz que somente os ossos de Richards estão enterrados aqui. Foram exumados nos tempos do capitão Whiffen e trazidos para cá. Para defenderem suas casas, os índios boras o mataram e, de 1905 a 1908, o corpo esteve enterrado em algum lugar qualquer do país. Esperamos que seu espírito repouse em outro lugar.

Sur é um lugar miserável, sem nenhuma plantação ou comida visível. Miranda diz que o solo é ruim e que está mudando a estação para uma *chácara* nova que ele, ou melhor, seus índios estão construindo a quarenta minutos daqui. A casa é um lugar pobre, apesar de a mobília ser melhor do que a maioria, e o próprio homem ser mais civilizado. De acordo com James Mapp, possui um bom caráter, muito melhor que o da maioria, e a única coisa grave que sei contra ele é que, como afirma Labadie, cortou a cabeça da “velha”. Receio que não há dúvida de que seja verdade.

O Regresso a La Chorrera

Tomei banho no riacho e depois do almoço regressei com Sealy e Arédomi. Partimos às quatro da tarde, pegamos uma enorme enxurrada e chegamos encharcados a Chorrera, lá pelas 5h30min. O rio está subindo constantemente, e agora, a cada hora que passa, torna mais certa a chegada do Liberal.

Recolhi-me muito cedo, não queria passar mais tempo do que o necessário com Macedo e esse bruto, preguiçoso, a quem chamam de doutor Rodríguez, que tem preguiça até mesmo de andar em volta desta pequena estação para atender seus pacientes. Eles têm de ser levados até ele, a menos que sejam *racionales*, em cujo caso ele sai para atendê-los! Recebe cinquenta libras por mês para isso, além de seu alojamento e alimentação, inclusive de sua esposa, e de possuir um assistente pago.

Bishop diz que Juanito Rodríguez ameaçou com uma bela chibatada um pobre capitão em Occidente depois que saímos, porque lhe dei um pouco de comida e uma faca. O capitão era um amigo de Bishop dos velhos tempos, e chegou até aqui com a borracha de Occidente. Juanito disse que “os ingleses” não eram nem seu pai, nem seus irmãos, e que não falaria com eles e que, depois que partíssemos, ele

receberia uma boa surra por ter falado comigo.

Acrescentei Juanito à lista negra para Tizón. Agora ele já tem cerca de dez nomes. Deveria conter o de todos os empregados da companhia, mas me restringi aos que os homens de Barbados realmente viram cometendo crimes com seus próprios olhos.

Sábado, 5 de novembro de 1910 – La Chorrera

Um Sistema de Roubo Deslavado

Hoje tive uma longa conversa com o jovem Parr, que cuidava das contas e cobranças do armazém. Ele me passou muitas informações e está bastante *aucourant* [a par] do sistema de trabalho infame dos índios e dos roubos indiscriminados também. Não são apenas os índios miseráveis que são roubados, mas também a câmara de Londres e os acionistas. O sistema de compras em Iquitos é um roubo deslavado. [...]

A posição da Companhia inglesa parece desesperadora. Para realizar qualquer reforma, deve-se destruir o covil de ladrões em Iquitos, isso é claro, e ainda é a esses homens que pertencem Putumayo e os índios de Putumayo, e, quando virem seu reinado de pilhagem indiscriminada ameaçado, vão esmagar a Companhia e deixar que os acionistas ingleses fiquem esperando por seu dinheiro.

Portanto, devemos expor toda essa situação para o mundo, para o mundo inteiro, e é melhor fazer isso o quanto antes. [...]

O que Gielgud poderia ter feito ao passar tais livros e tais contas para uma empresa de auditores de Londres escapa ao meu conhecimento. Escapa ao conhecimento de Banagher.

O Retorno da Comissão

A Comissão, menos Tizón e Gielgud, retornou esta manhã, antes do almoço; os dois últimos permanecem em Sur para assistir a uma dança indígena marcada para esta noite por Miranda. O rio está subindo aos saltos – positivamente pulando – e, com a chuva muito pesada de hoje, deve subir ainda mais. A queda é uma massa de

espuma branca e até amanhã o lago será novamente uma massa de água rodopiante. Muitos dos homens de Barbados assinaram suas declarações, que foram previamente lidas para eles por mim.

Domingo, 6 de novembro de 1910 – La Chorrera

Relendo as Declarações dos Barbadianos

[...] O rio subiu de um a 1,5 metro da noite passada até a manhã e a catarata parece agora uma grande massa ensurdecidora de água enevoada. Bonita ao extremo. A água marulha junto às margens e podemos ouvi-la subindo, como a maré na praia. Durante todo o dia ela vem subindo muito e a cheia, neste momento em que escrevo, às 5h30min da tarde, passa de 2,5 metros do nível registrado ontem neste mesmo horário.

Tenho estado ocupado lendo em voz alta as declarações dos homens de Barbados para que eles as assinem, tanto ontem como hoje. Ontem repassei com cuidado as declarações de Sealy, Chase, Quintin e James Lane, lendo-as lentamente para que, em seguida, os homens as pudessem assinar. Isso me tomou um bom tempo.

Hoje repeti a operação com os três homens de Santa Catalina, Preston Johnson, Sidney Morris e Augustus Walcott. Pedi a eles que trouxessem seus registros e contas e pude examiná-las ainda mais detalhadamente que antes. Comparei os valores cobrados deles com os que constam das faturas em Iquitos emitidas pela Companhia e por mim copiadas ontem mesmo, bem como as minhas próprias faturas emitidas na residência dos Cazes em Iquitos – e, quanto mais examino os números, menos gosto da proposta de Macedo para acabar com os 25%.

Suspeitas e Dúvidas acerca da Oferta de Macedo

A proposta não é suficientemente boa. Além disso, apresentada de forma tão súbita e sem a menor sugestão de minha parte a respeito de que algo assim pudesse ser feito, fico um pouco desconfiado. Se ele está tão disposto a abrir mão desse dinheiro é porque teme que a questão possa ser levantada na sede.

Será que tenho liberdade para fazer esse tipo de concessão? Fui

instruído a chegar a uma conclusão “independente e imparcial” a respeito das ligações entre os homens e a companhia para, em seguida, relatá-la ao governo. Se eu sancionar esse acordo entre Macedo e os homens, praticamente resolverei a questão de seu tratamento pela Companhia, e meu relatório ao governo perderá grande parte do seu valor. Qualquer declaração que o governo se disponha a fazer em Londres em relação à Peruvian Amazon Company teria seu peso diminuído, uma vez que a Companhia poderia responder – e certamente o faria – dizendo que o representante do governo no local ficara satisfeito com o acordo feito por lá, e que o assunto foi resolvido a contento e aceito pelos homens lesados, mediante a total aprovação do representante oficialmente enviado para defender seus interesses. Isso, no entanto, talvez não fosse o pior que pudesse acontecer. Mas será que a questão, muito maior, da situação desses pobres índios não estaria também comprometida? Em certa medida, sim. Quanto mais penso sobre o assunto, menos disposto fico a sancionar esse negócio aqui e agora. Os homens ficarão muito decepcionados, é verdade. Para eles, a oferta foi uma imensa surpresa e todos eles comemoraram. Bishop, por exemplo, contou-me que, ao refazer suas contas, estimou que esse aumento significaria cerca de quinhentos soles a mais para ele, pelo menos. Trata-se de uma grande quantia para um negro – cerca de cinquenta a sessenta libras – e, se eu o aconselhar e os outros a rejeitarem a oferta, poderão não ganhar mais nada no final das contas, pelo que não irão me agradecer. No entanto, quanto mais reflito sobre o assunto, meu dever torna-se mais claro.

Casement Espera por um Sinal para Aliviar suas Dúvidas

Eu estava esperando por um sinal; e ei-lo! Veio como a mais extraordinária afirmação. Estive imerso em dúvidas toda a tarde, sentindo que, para comprar agora o conforto dos negros, eu poderia estar vendendo o dos índios, ao mostrar as cartas que tenho nas mãos. Terminei o jantar com esse pensamento me atormentando. Afastei-me de Fonseca, dos assassinos e da Comissão, caminhando até o final da varanda, para, longe deles, sozinho, explorar todos os ângulos da questão e decidir o que diria a Tizón e a Macedo amanhã, quando me trouxessem as contas dos homens de Barbados

com todas as reduções.

Perguntei-me, enquanto caminhava pela varanda: Como irei dizê-lo? Devo aceitar ou recusar? E, em caso de recusa, como fazê-lo? A resposta de minha mente foi: Diga que não, diga assim mesmo, diga que sou grato pela oferta, que agradeço muito sinceramente. Eu a aprecio muito e, em nome dos homens, a aceitaria de bom grado; mas após longa consideração, sinto que, enquanto detentor de um cargo comissionado pelo governo de Sua Majestade, não estou autorizado a aceitar tal proposta sem tê-lo consultado. Dessa forma, transmitirei sua proposta ao governo no mesmo espírito de boa vontade que a estimulou, e, nesse meio tempo, deixarei a questão como está; vocês apresentaram proposta livremente e, enquanto agradeço em nome dos súditos britânicos, peço que me permitam apresentar tal oferta ao governo de Sua Majestade.

Assim que me veio esse pensamento, olhei por cima da varanda na direção leste do céu e vi, para minha surpresa, um arco de luz cortando a escuridão do céu sem estrelas. Por um momento não soube o que era, até que vi um arco-íris lunar, um perfeito arco de luz na noite. A lua estava a oeste, com estrelas e um céu claro ao seu redor; a leste, um céu escurecido e prenúncio de chuva e aquele maravilhoso arco branco, perfeito, se estendia sobre a escuridão. Chamei Fox, Bell, todos eles. Juntaram-se a mim. Nenhum deles jamais tinha visto tal coisa. Eram cerca de 7h30min da noite, ou algo bem próximo disso, e, enquanto olhávamos para o arco perfeito, curvando-se de montanha a montanha recoberta pelas matas e abarcando todo o céu do oriente, eis que a chuva começava a juntar-se sobre ele. O arco foi lentamente se dissipando, alargando-se e desaparecendo. Observamo-lo por quase dez minutos. Considero-o um bom presságio, presságio de paz e bom augúrio, sinal de que Deus ainda está por aquelas bandas olhando para os pecados e crimes dos filhos dos homens, condenando o pecado e perdoando ao pecador. Ele ainda virá a esses pobres seres, é o que me diz a voz surgindo da noite. Não venderei a questão maior dos índios e as suas esperanças de liberdade por um prato de lentilhas dado a um punhado de negros. Eles também terão os seus direitos, mas tais direitos serão livremente concedidos, assegurados.

REFLEXÕES XXXVIII

Não serei eu um agente do silêncio; mas espero poder ser a voz da liberdade.

Assim decidi, ou melhor, sinto que essa visão extraordinária, surgindo como surgiu, quando toda a minha alma tateava em busca da direção certa, apontou-me o caminho. Foi uma resposta direta à minha pergunta. Acho que só posso ler o acontecido dessa maneira. Superstição, penso eu, mas não somos todos filhos de uma mente humana muito antiga, que procurava nos céus por seu Deus, lendo a Sua vontade nas nuvens? [...]

Segunda, 7 de novembro de 1910 – La Chorrera

O rio parou de subir; não subiu sequer 2,5 centímetros desde ontem à noite, às 11h30min, quando fui olhar. Puseram a barçaça Putumayo na água esta manhã.

A água mal tocava a quilha. [...]

Bishop disse que Velarde veio a seu quarto na outra noite para tentar sondá-lo. Começou oferecendo cinco libras pela minha espingarda! É uma arma inútil que comprei em Iquitos por 42 soles, cerca de quatro libras, e que não usei porque não tinha como encher os cartuchos. Ele então disse saber que seria mandado embora no próximo Liberal porque ficara embriagado em Occidente enquanto estivemos por lá. Ele tentava descobrir se Bishop sabia de algo.

Uma pergunta muito interessante para um chefe da estação fazer a um negro, a um negro desprezado!

Dívidas de Jogo

Isso, entretanto, não foi nada. Eu soube posteriormente que muito do endividamento dos homens de Barbados tinha origem em dívidas de jogo, e que eles por vezes apostavam com seus chefes! Dessa forma, Normand, bem recentemente, “ganhou” 110 soles de seu ajudante Levine, o jovem barbadiano de vinte ou 21 anos a quem ele tem subornado. Normand tem um bilhete de próprio punho escrito por Levine com a quantia a ser debitada em sua conta. As contas dos homens estão repletas dessas notas promissórias de débito e crédito entre eles e os empregados

peruanos das seções. Foi assim que Preston Johnson começou o segundo semestre, 10 de janeiro de 1910, com um saldo a seu crédito de 582,48 soles, cerca de 58 libras. Em 30 de junho, ele termina com uma dívida de 42,52 soles, ou quatro libras negativas, apesar de receber crédito por seu salário de trezentos soles, cinquenta soles por mês; de modo que gastou 92 libras durante os seis meses, tendo ganhado apenas trinta. [...] Os chefes da estação muito frequentemente sorteiam suas roupas, e os empregados compram rifas por elas. Isso, além das apostas, os deixa em dívida constante. Dentre os 980,75 soles de endividamento em que Preston Johnson incorreu de janeiro a junho desse ano, apenas 68,56 soles são de coisas que adquiriu da companhia, enquanto 912,19 soles resultam de notas promissórias que emitiu em favor de uma longa lista de empregados, com os quais se endividou de uma maneira ou de outra. Não há dúvidas de que muito disso são apostas, mas nenhuma companhia de respeito tem o direito de permitir que tal situação se instaure entre seu pessoal, mesmo que os débitos e créditos dessas transações indecentes sejam registrados nos livros de sua agência central, onde há um gerente encarregado da fiscalização da contabilidade, recebendo 2,5 mil libras por ano!

Preocupações acerca de Arédomi

Devido a meu longo período de trabalho com os homens de Barbados, hoje é o primeiro dia em que tive tempo disponível para escrever em meu diário e faltaram alguns dos acontecimentos dos últimos dias. Por exemplo, a esposa de Arédomi, uma menina, veio até mim e implora para que se permita que ela parta com ele. Arédomi parece bastante inclinado a abandoná-la para poder escapar. Não sei o que fazer. Não quero a mulher; é um trabalho terrível acrescentá-la ao grupo já diversificado que transporto rio abaixo. Ainda assim, sinto pena dela. Se a deixar, ela ficará “bem”, diz Arédomi, com a mãe dela.

Atrever-me-ia a dizer que ela, de fato, ficaria, mas me parece desumano. Se deixo o garoto com ela, ele retornará à escravidão. Bishop diz que ele nadaria para escapar comigo. A porta para a liberdade se abriu e ele pode entrever a vida para além daqui, e me falta coração para fechá-la. Ouso dizer que a situação se encerraria

se levasse a garota também e, nesse caso, devo deixar ambos no Pará para que obtenham trabalho por lá e se tornem cidadãos brasileiros livres. Será um passo adiante para eles, decerto. Logo aprenderão português e Arédomi poderá trabalhar e ganhar a vida, sem medo da chibata, das balas, do facão e do cepo.

Os índios da estação Sur, da etnia naimene e das outras tribos, são pessoas bonitas de se ver, os mais belos uitotos em que já pus os olhos. Todos eles sorriem para mim. Arédomi e Omarino se referem a mim com grande respeito, o “Mare Capitan”, o chefe bom. Yashios, um jovem Capitán, desceu do Sur e me fez uma visita; um rapaz simpático de 25 ou trinta anos, bonito e bastante folgazão. Falou algumas palavras em um espanhol macarrônico e me deu um aperto de mão caloroso.

Casement Fotografa Arédomi

Hoje foi uma tarde de calor insuportável. Levei Arédomi até o alto da montanha, e até a cachoeira, e o fotografei usando um colar de dentes de “tigre”, braceletes de plumas de pena e um fono¹⁶. Fotografei também as quedas-d’água do topo do despenhadeiro, através dos arbustos fechados. Seguimos em direção à cabeceira do rio, ao ponto de pouso e nos sentamos lá e conversamos, ou tentamos conversar, eu perguntando a ele os nomes de coisas em uitoto, e ele me dizendo da melhor forma possível. Na verdade, noto que ele vai se apgando a mim, pobre garoto.

Vimos catorze araras ou macaíbas esplêndidas voando lentamente; uma pousou em uma árvore bem próxima, um lampejo de vermelho sob a asa. Omarino diz que quer aprender a escrever. Veio ao meu quarto e pegou um lápis de grafite azul, com o qual cobriu uma folha com símbolos estranhos. À noite, houve um ou dois aguaceiros, mas o rio ainda está baixo.

*16. Esta foto foi publicada posteriormente na página oposta à p. 152 em W. E. Hardenburg, *The Putumayo: The Devil's Paradise* (Londres, Fisher Unwin, 1912), com a legenda “A Uitoto indian rubber gatherer” [Um índio seringueiro uitoto].*

Segunda-feira, 8 de novembro de 1910 – La Chorrera

O'Donnell Chega com Carta de Crichlow

Fiz muito pouco hoje. É grande o calor, mas a chuva veio às 2h30min da tarde. Fonseca retornou à Sabana, partindo à uma hora sob um sol escaldante, com três pobres índios carregando suas tulas, um *muchacho* de cabeça bonita, um índio bora de pele clara e um belo garotinho. Não vi harém algum o acompanhando.

Partiu sem sequer tentar se despedir de qualquer de nós; um sinal de graça! Ele mal comparecia às refeições, mesmo à mesa grande, enviando seu *muchacho* para buscar comida. Barnes também diz ter visto Velarde usando seu equipamento de caminhada hoje de manhã. Certamente não o estão enviando de volta a Occidente. Isso seria quase uma quebra de confiança.

Fiz uma lista negra de empregados recentemente acusados de crimes pelos homens de Barbados para auxílio e uso particular da Comissão, sob sua reiterada demanda. Esse não é, de modo algum, um documento completo; é meramente um rascunho de alguns dos casos envolvendo homens que ainda se encontram a serviço da Companhia.

As mulas estão sempre muito ocupadas, montadas principalmente pelos homens de Barbados, que vão até Puerto Victoria para retornar com a borracha de Entre Ríos e Atenas transportada até ali a bordo do Veloz.

Igaraparaná

A chuva durou apenas alguns poucos minutos e em nada ajudará a elevar o nível do rio, que subiu cerca de cinco metros ao longo da semana e agora está baixando novamente. Este rio tem 724 ou 804 quilômetros de extensão, e tanto Macedo como Tizón dizem ser ele o maior afluente do Putumayo.

Desde sua foz, estimam que tem 420 quilômetros até Chorrera, e Macedo fala de 193 quilômetros a mais até Último Retiro, onde ele se transforma em um riacho belo e profundo. Calculo que Último Retiro esteja apenas a 128 quilômetros acima de Chorrera e calculo

que lá o rio já tenha atingido, pelo menos, 160 quilômetros de extensão. A quantidade de água que ora corre da cachoeira é, de longe, muito maior do que a de qualquer rio da Grã-Bretanha ou da Irlanda que desemboca no mar e, ainda assim, só existe talvez apenas um mapa da América do Sul que registre seu nome, como um diminuto ponto nas grandes águas que marcam a Amazônia.

Casement se Sente Fora da Realidade

Preciso terrivelmente de um barbeiro. Meus cabelos não são cortados desde o início de setembro em Iquitos. Minha barba, feita por mim mesmo em Entre Ríos, está muito malfeita. Sem quaisquer novidades da Europa desde 25 de junho, salvo telegramas oficiais do Ministério das Relações Exteriores e uma ou duas notícias que vi nos jornais do Pará até 8 de agosto; desde então não há senão um vazio. Meus últimos três meses têm sido Amazônia e Putumayo somente. [...]

A Borracha de O'Donnell é Pesada

Não fiz nada em absoluto durante todo o dia; pouco; se fiz algo, foi muito, muito pouco mesmo. À tarde fui ver a borracha de O'Donnell ser pesada. Ela tinha acabado de chegar de Entre Ríos. Ele retornou hoje com muito mais homens, a bordo do *Veloz*, trazendo 14 mil quilos de borracha de seu *fábrica*.

Vieram cerca de vinte ou mais dos índios de O'Donnell, pobres criaturas famintas, e vários de seus *empleados* (Ortiz e outros), que por aqui não fazem trabalho algum. Estão bem-vestidos e sentados com seus amigos, enquanto os pobres índios desnudos vão e vêm o dia todo com as mulas, também sob o mando dos homens de Barbados, a caminho do porto para buscar borracha. Segui rio acima, pelas montanhas, mas não me banhei.

Arédomi trouxe-me um cocar de penas de sua casa, pobre garoto, como sinal de gratidão. Hoje ele foi muito longe, até sua casa, para buscá-lo.

O rio continua baixando rápido, o nível já diminuiu um bom tanto, mas ainda está bastante cheio. Estou muito cansado dessa longa demora em Chorrera, sem nada para fazer. Não me sinto muito bem.

Quarta-feira, 9 de novembro de 1910 – La Chorrera

Chegada do Liberal

E o rio ainda está baixando. O banco de areia emerge pelo menos meio metro fora d'água. Choveu ontem à tarde e há ameaça de chuva hoje e, de fato, caiu um pouco, embora não o suficiente, em minha opinião, para influenciar a cheia ou seca do rio. Nada fiz durante todo o dia; não me sinto bem mesmo, e estou cansado dessa horrenda atmosfera de crime. [...]

Saí às quatro da tarde e observei as mulas trazendo as cargas de borracha. Todos os animais estão maltratados, e um deles tem o beicho e boca rasgados em pedaços pelas correias de couro passadas sob a mandíbula em um nó corrediço, provocando um corte que chega até próximo do osso. Chamei Barnes e Tizón e fiz um escarcéu. Afastei o muleteiro (Pelayo, seu nome) e disse a Tizón para ordenar que se fizesse uma troca.

Assim que terminamos esse assunto, ouvi o povo dizer que o Liberal estava chegando e, então, às 5h45min apareceu fumegando. Seu mastro e chaminé brancos se destacam para além da terra e arbustos. Nós quase festejamos; algumas das pessoas o fizeram. O navio, claro, lançou pelos ares um rojão seguido por um sonoro sinal que era quase como o rimbombar de um vulcão.

Vimos diversos passageiros a bordo. Ancorou exatamente às seis da tarde e Bishop veio me dizer que John Brown de Montserrat¹⁷, o velho “garoto” de Whiffen, estava a bordo e, em seguida, o trouxe até mim com uma missiva do governo de Barbados explicando o motivo por que o enviaram. É um transtorno, um desperdício de dinheiro, mas suponho que isso não possa ser evitado. O sujeito é menos que inútil agora, meramente um estorvo. Eu disse a ele que viera tarde demais e que teria de retornar de pronto no Liberal.

Um tal capitão Delgado e uma tropa de soldados peruanos estavam a bordo – a caminho de Encanto, quero crer – e dois “agentes” novos. [...] Ainda não travei relações com nenhum deles. Os soldados, pobres jovens, são nativos andinos do Peru, os cholos de la Cordillera, uma raça boa e nobre demais para ter oficiais tão

indignos. Se, ao menos, a Doutrina Monroe pudesse ser confrontada pela Alemanha, e confrontada com sucesso, haveria esperança para os índios caçados e as dóceis criaturas deste continente, que passaram por quatrocentos anos de “Civilização Latina”.

Notícias de Casa

Recebi grande quantidade de cartas de casa, mas nenhuma de grande interesse para mim aqui nessas paragens. Crippen¹⁸ está preso também! Mas que de farsa me parece; todo um mundo

17. John Brown de Montserrat foi o intérprete que Casement tentou trazer de Barbados antes que chegasse à Amazônia. Brown havia servido como intérprete de Whiffen durante a jornada deste pelo distrito dois anos antes, falava bem as línguas indígenas locais e conhecia o terreno. Ele chegou tarde demais para ser de alguma valia.

18. O corpo desmembrado da esposa do doutor Hawley Harvey Crippen havia sido encontrado enterrado na adega de sua casa, em Camden Town, no princípio de julho de 1910. Um mandado de prisão foi emitido pela Scotland Yard em nome do doutor Crippen e de sua amante Ethel le Neve. Viajando sob os nomes de senhor Robinson e filho, os dois fugitivos foram finalmente capturados pelo inspetor-chefe Walter Dew no Atlântico Norte a bordo do SS Montrose, a caminho do Canadá. O capitão do Montrose declarou que suas suspeitas foram despertadas quando ele viu “dois homens” de mãos dadas. Em 23 de novembro, Crippen foi enforcado e sepultado na prisão Pentonville. Após a execução de Casement, em 3 de agosto de 1916, seu corpo foi lançado (sem caixão) na mesma cova que o corpo de Crippen e, em 1965, quando os restos mortais de Casement foram devolvidos à Irlanda e sepultados em Glasnevin após um funeral oficial completo, “um dia de cão em Dublin”, circularam rumores de que os restos Casement e Crippen haviam sido confundidos (Ver “Cofin Secret that Went to the Grave”, The Daily Telegraph, quinta-feira, 19 de outubro de 1995). Pesquisas mais recentes mostram que a posição do corpo de Casement foi cuidadosamente marcada e exumada sob a mais estrita vigilância de oficiais irlandeses. Ver Deirdre Mc Mahon, “Roger Casement: an Account from the Archives of his Reinterment in Ireland”, Irish Archives, vol. 3, n. 1, verão 1996.

REFLEXÕES XXXVIII

comovido pela perseguição a um homem que tirou a vida de sua esposa, e aqui há muitos e diversos cavalheiros que encontro diariamente para o jantar que não apenas matam suas esposas, como queimam vivas esposas de outras pessoas ou cortam-lhes os braços e pernas e arrancam-lhes os bebês dos seios apenas para lançá-los no rio ou deixá-los perecer de fome na floresta, ou, ainda, estouram-lhes os miolos contra as árvores. Por que motivo deveria a civilização ficar estupefata pelo crime de um Crippen e, com indiferença, virar as costas quando os pobres índios de Putumayo, ou os bantos do Congo, se voltam manchados de sangue, com mãos atônitas e olhos apavorados para aqueles que por si só poderiam ajudar?

Ansiaria poder ver algum raio de esperança. Li um bocado de cartas – cansativamente e sem interesse algum por notícias de casa – exceto as da senhora Green¹⁹, de Morel²⁰ e de um punhado interessante de notícias da Irlanda.

19. Alice Green (1847-1929) foi uma historiadora nacionalista irlandesa de família protestante, cujo pai e avó ocuparam altos cargos na Igreja da Irlanda; casada com o também historiador inglês John Richard Green, morou em Londres grande parte de sua vida, onde conheceu Roger Casement e apoiou sua causa humanitária. Ela despertou o sentimento nacionalista em Roger Casement, e foi uma das poucas pessoas que visitava Casement na prisão de Pentonville, além de sua prima e seu advogado. Retornou a Dublin após a independência e fez parte do Senado da Irlanda desde sua constituição em 1922 até sua morte.

20. Edmund Dene Morel (1873-1924) foi jornalista, escritor e socialista britânico de origem francesa. Junto com Roger Casement liderou a campanha contra a escravidão no Congo Belga, fundando a Congo Reform Association.

Quinta-feira, 10 de novembro de 1910 – La Chorrera

Mais Declarações

No Liberal junto aos degraus. Ocupado escrevendo de manhã cedo. Este será um dia longo ao extremo. Allan Davis, Armand King (os assassinos de Justino Hernández em El Encanto) e Joshua Dyall,

todos vieram de El Encanto no dia de ontem, à tarde. Devo entrevistá-los o mais cedo possível. [...]

Declarações de Minggs e King

Estive extremamente ocupado todo o dia colhendo as declarações dos homens de Barbados, conferidas e assinadas por eles. Também colhi declarações frescas de Joseph Minggs e Armand King²¹. Ele é um mulato com uma expressão completamente perversa. Um malfeitor de aparência assassina. Ele admitiu haver disparado em Justino Hernández, mas fingiu ter sido em legítima defesa.

Não fiz perguntas a ele sobre seus serviços para além do mero registro, tendo em mente que o homem era claramente um vilão e estava sob o pagamento de Loayza como “agente confidencial”.

As Acusações de Dyall contra Normand

Dyall reafirmou categoricamente suas acusações de Normand ter esmagado os testículos de dois infelizes homens. Ele também incidentalmente admitiu diante de Tizón e de mim possuir nove mulheres índias além das que lhe foram oferecidas por Macedo e outros chefes durante sua estada aqui.

Ele tem um filho, um garoto de três anos, mas a mulher com quem agora se encontra não é a mãe. Pobres mulheres uitotas – que destino! –, passadas de um a outro desses desgraçados horrendos, sem direito a voz ou questionamento, como o caso daquela infeliz que Macedo deu a Agüero na semana passada. A coisa toda é um chiqueiro.

As Notícias de Tizón

Tizón contou-me que o prefeito havia escrito a ele para dizer que tinha notícias definitivas, que o governo colombiano estava para invadir Putumayo! Estavam construindo uma estrada do porto à

21. Joseph Minggs: declaração n. 28, Blue Book, pp. 133-135. Armando King: declaração n. 29, Blue Book, pp. 136-137.

estação superior do rio, região que logo invadiriam. Ele me pareceu satisfeito, pensei. Tenho a impressão de que ele vê bônus políticos

nisso. Acrescentou que imaginava que a Companhia não teria fôlego muito longo! [...]

Depois disso, ele me mostrou uma procuração que havia recebido de Iquitos, concedendo-lhe plenos poderes sobre todo e qualquer negócio feito aqui, para demitir qualquer empregado de “qualquer nível que fosse e designar outros e para saldar e liquidar” e tomar quaisquer medidas a seu critério.

Seu cargo foi grandemente fortalecido. Porém, não me apraz seu modo de ver o futuro. Ele já está (penso eu) perdendo de vista os índios, seu futuro e o da Companhia em uma visão maior de um possível conflito com a Colômbia, no qual ele poderia desempenhar um importante papel para o Peru. Poderia haver uma “vitória”, uma “extensão do território nacional” e tais coisas pelas quais lutar, e os pobres índios ficariam entre a cruz e a espada.

Ele também me mostrou uma cópia do *El Comercio* de Lima, de 10 de outubro, contendo um artigo sobre os “Índios do Putumayo” e sobre um futuro inquérito judicial a ser conduzido pelos tribunais de Iquitos (!) por ordem do procurador-geral peruano.

Tal artigo declara que as autoridades de Lima estão agindo com base nas provas levantadas por E. Deschamps²² em sua carta à imprensa de Barcelona e nos fatos alegados pela Anti-Slavery &

*22. Apesar da cobertura que a imprensa sensacionalista britânica fez das atrocidades em Putumayo, o governo peruano não agiu até que a carta de Enrique Deschamps, primeiramente publicada na imprensa de Barcelona, fosse reimpressa no jornal nacional do Peru **El Comercio**, em 7 de agosto de 1910. Deschamps descrevia os esforços da Anti-Slavery & Aborigin Protection Society e sua tentativa de induzir o governo britânico à ação. A carta foi respondida no **El Comercio**, em 9 de agosto, pelo procurador-geral da suprema corte, doutor José Salvador Cavero, que declarou que o Peru iria instaurar sua própria investigação (Ver Ministério das Relações Exteriores 371/968). O governo peruano suspeitava das intenções do governo britânico por trás da sua interferência nas atrocidades em Putumayo desde o início, acreditando que os britânicos estariam usando uma questão humanitária para veicular seus interesses comerciais.*

REFLEXÕES XXXVIII

*Certamente, o **timing** da investigação coincidiu perfeitamente com as intenções britânicas de mudar seus investimentos para longe, do extrativismo da borracha na Amazônia selvagem para a borracha de **plantations** no sudeste asiático.*

Don Enrique Deschamps foi cônsul da República Dominicana em Barcelona e membro ilustre da Sociedad Libre de Americanistas fundada em Barcelona em 1 de janeiro de 1910.

Aborigin Protection Society de Londres, citando também Carlos Soplín²³. Se houvesse alguma esperança de que esse fosse um inquérito real, com um desejo de descobrir a verdade e de punir os culpados, então o faria de forma definitiva. Não tenho, entretanto, tais esperanças. Tizón acredita, ou finge acreditar, que se trata de um esforço honesto para proteger os índios. Eu certamente não acredito. Caso tal desejo realmente existisse entre a classe governante do Peru, eles teriam, há muito, levantado a questão em lugares muito mais próximos que Putumayo. Não há índios oprimidos na *montaña*, salvo nesse trágico rio? Quando foram feitas as primeiras acusações em Iquitos (já faz três anos), por que não buscaram informar-se acerca do caso naquela ocasião? Será que não possuíam algum resquício de honra nacional a salvaguardar até que esta fosse criticada na imprensa mundial, e até que um governo poderoso realmente passou a se mexer para descobrir a verdade? Não é a verdade que buscam agora, mas a supressão da verdade, que já está sendo estabelecida por outros para seu desgosto e vergonha.

Recebi muitas cartas de casa, de Morel e de vários outros. O Testemunho Nacional de Morel, segundo conta Conan Doyle na sua carta²⁴, angariou 1,3 mil libras no início de outubro, dando a ele

23. Carlos Soplín foi empregado da companhia. Fez declarações ante a Anti-Slavery & Aborigin Protection Society.

24. Carta de Conan Doyle a Casement, 5 de agosto de 1910 [National Library of Ireland ms. 13,073 (28ii)]. Escrita do The Beach Hotel, em Littlehampton, entra em alguns detalhes sobre seus esforços em conseguir algum apoio para o testemunho de Morel entre os Membros do Parla-

mento. A carta termina da seguinte forma:

“Eu o invejo por sua viagem Amazonas acima. Que experiência! Imagino um tipo de livro selvagem para meninos. A ideia, grosso modo, é que chegam notícias a um grupo na Inglaterra sobre um lugar peculiar nas regiões inexploradas de um dos afluentes do Amazonas. Nesse local, um platô formidável ergueu-se há muito anos, deixando penhascos ao redor que lhe proíbem o acesso. Ao longo dos 64 quilômetros quadrados do topo, flora e fauna extintas ainda existem: dinossauros, maslodauros (?) e uma estranha raça pré-histórica nas árvores. Meu grupo vai para lá, tira fotos e tem aventuras maravilhosas. Penso que seja uma ideia interessante. Agora, se você ouvir algo incomum e estranho por aí, conte-me, e o costurarei à minha colcha de retalhos.”

O livro, publicado em 1912, era **O Mundo Perdido**, uma das histórias de aventura mais populares do século e, mais tarde, adaptado em um épico **hollywoodiano**. O personagem de lord John Roxton é livremente baseado em Casement e há um sem-número de referências a Roxton caçando traficantes de escravos peruanos em Putumayo. Ver **O Mundo Perdido**, capítulo 6: *“Eu fui o flagelo do Senhor naquelas partes, posso lhe dizer, apesar de que você não vai encontrar isso em nenhum Blue Book. Há momentos, meu jovem, em que é preciso pegar em armas para defender a justiça e os direitos humanos, ou nunca nos sentiremos limpos. É por isso que declarei uma guerra particular. Declarei-a eu mesmo, empreendi-a eu mesmo, terminei-a eu mesmo. Cada uma dessas marcas representa o extermínio de um assassino de escravos – uma boa leva deles – o quê? Esta maior é a de Pedro López, o maioral de todos, que matei num ponto perdido do rio Putumayo...”*

Conan Doyle conheceu Casement como resultado de seu interesse no movimento de reforma do Congo e, em 1909, havia publicado seu próprio ataque ao regime do rei Leopoldo II em *O Crime do Congo*. No ano seguinte, reuniu-se com Casement para atrair a atenção pública e angariar fundos para o Testemunho de Morel. Casement e Conan Doyle permaneceram amigos até o fim. Doyle encabeçou a mais pública das petições exigindo a suspensão da pena de Casement, semanas antes de sua execução. Os signatários dessa petição incluíam Arnold Bennett, G. K. Chesterton, sir Francis Darwin, sir James G. Frazer, John Galsworthy, Jerome K. Jerome, John Masei eld e Beatrice e Sidney Webb.

esperanças de aumentar essa quantia até o final do ano. Morel empreendeu viagem ao Níger a bordo do navio de John Holt. Deus o abençoe e ao velho Holt também. [...]

Sexta-feira, 11 de novembro de 1910 – La Chorrera

Horários dos Barcos

O Liberal, disseram-me, será liberado para zarpar para Iquitos dentro de quatro dias ou, mais provavelmente, dentro de uma semana. El Manco, que chegou a Iquitos em 1º de novembro, zarpará no dia 15, de modo que o perderei. O seguinte é o Atahualpa, que, segundo me informaram, deve partir de Iquitos no dia 27.

Espero estar a bordo dele para descer até Manaus, juntamente com os homens de Barbados que decidirem partir. Alguns mencionam desejar permanecer em Iquitos para sair em busca de trabalho por aqui, apesar de minha advertência e forte instância contrária à sua permanência em Iquitos. Terei condições de julgar melhor quando me encontrar lá, mas me oponho bastante à permanência deles próximo aos “tribunais de Justiça” peruanos, bem como suas prisões!

Inquérito Peruano

Com esse embuste de inquérito se aproximando, ordenado pelo procurador--geral peruano em Lima, a ser realizado por juízes totalmente corruptos, etc. em Iquitos, está claro que o objetivo é disfarçar os erros da administração peruana em Putumayo; e então, como descobrirão que as provas dos homens de Barbados são bastante fortes contra as situações passadas e presentes dos negócios aqui, a comissão pode, é bem provável, interrogar os homens de maneira extremamente arbitrária e injusta para, em seguida, citar suas provas para contradizer as declarações que esses homens fizeram a mim.

[...] Diversos homens de O'Donnell vieram falar comigo. E dei-lhes duas latas de pólvora, para seu imensurável deleite.

Sábado, 12 de novembro de 1910 – La Chorrera

Relatos no El Comercio

[...] Li o artigo de 9 de agosto publicado no El Comercio, de Lima, a respeito dos índios em Putumayo. O procurador-geral da Suprema Corte do Peru, doutor José Salvador Cavero, que corresponde ao nosso procurador-geral, ordenou que o tribunal de Iquitos abra um inquérito urgente acerca das acusações apresentadas pela Anti-Slavery Society contra a Peruvian Amazon Company. Ele ainda requer que seja enviado um juiz ao local. As providências foram impulsionadas, diz ele, pela carta de E. Deschamps, escrita de Barcelona para o El Comercio, que a publicou em 7 de agosto. Tizón a mostrou a mim também. É uma bela carta, uma excelente carta.

Tizón me conta que escreveu ao editor ou proprietário do El Comercio de Lima, seu primo, dizendo que o governo deve tomar medidas. Ele também está escrevendo para o prefeito de Iquitos, suplicando-lhe que venha até aqui tão logo possa. Ele me diz que o prefeito lhe escreveu também e me suplica que vá vê-lo para conversarmos com franqueza. Isso, eu lhe disse, farei em particular. Ele diz que verá essa atitude como um ato amistoso, um ato de boa vontade e gentileza. Nossa conversa foi longa e bastante amigável, como minhas conversas com Tizón sempre são. Ele reafirmou todas as suas antigas certezas, e, com ênfase, disse que a quadrilha de Iquitos precisa ser dispersada e Arana desprestigiado. Disse também que a diretoria em Londres deveria assumir total controle. Diz que os criminosos daqui fugirão para o Brasil assim que aparecer o juiz e essa será a melhor solução. De lá escoarão para o Purus²⁵ e outros rios onde repetirão seus crimes! [...]

Conversa com os Índios de Sur

Uma manhã bastante quente e uma tarde escaldante. Caminhei até o rio e banhei-me nas suaves águas escuras do córrego ao lado da colina. Foi uma delícia. Falei com alguns índios da estação Sur que estavam por lá. São bons camaradas e muitos falam espanhol, um espanhol precário. Os outros ficaram jogando *bridge* após o jantar, enquanto eu fiquei a caminhar para lá e para cá sob o luar, até perto de 9h30min, quando me recolhi para ler os últimos números

do Daily Mail, com seus chocantes clamores contra a Alemanha. É um jornaleco terrível, um boca-frouxa de carteirinha.

O eixo da hélice do Liberal está recebendo reparos. Há mais de quarenta índios de Sur aqui embaixo auxiliando no carregamento do navio – mais próximo de cinquenta, melhor dizendo –, bem como homens de O'Donnell, muitos dos quais vieram falar comigo, dizendo que estavam em nossa caravana para Matanzas. [...]

25. Vale fluvial rico em borracha no Brasil.

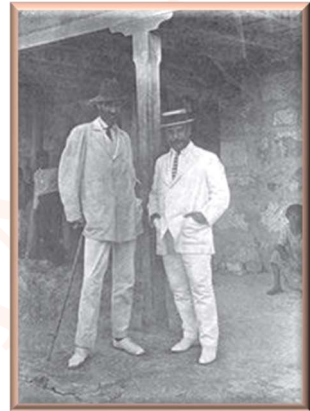
Roger Casement e Juan A. Tizón, gerente da estação La Chorrera.

**Domingo, 13 de novembro de 1910 –
La Chorrera**

Barbolini Ataca um Índio

Sealy veio cedo me reportar que Barbolini, o principal salteador de O'Donnell e que está aqui embaixo com os índios de Entre Ríos, havia golpeado a cabeça de um dos índios de Sur na noite passada, usando um porrete de madeira.

Esses porretes de madeira, que cortaram para lenha, são grossos, com quase um metro de comprimento e pontas bastante afiadas, duros feito metal. Contou-me que a cabeça do índio ficou com um corte grave; Phillips e outro barbadiano presenciaram o crime. Solicitei a ele que descobrisse quem era o índio e que viesse me informar. Ele retornou dizendo que o “chefe” tinha enviado o garoto de volta a Sur, para tirá-lo do caminho. Após alguns minutos, ele retornou com o rapaz, um jovem bonito em quem eu havia reparado ontem. Tinha um corte horrível – seu crânio aberto e seus longos cabelos pretos emaranhados no sangue coagulado – que também manchava seu pescoço e face. Deve ter sido um golpe violento. Enviei alguém em busca de Gielgud imediatamente e solicitei a este que levasse o índio diretamente para Tizón e lhe informasse do ocorrido. Tizón estava fazendo seu desjejum e agiu de imediato. Ele



enviou alguém atrás de Barbolini e o despediu ali mesmo, dando ordens para que partisse naquele vapor. É a primeira medida desse tipo a ser tomada, e tudo por causa de um mero corte na cabeça! Todos os *blancos* ficarão estupefatos.

Pânico entre a quadrilha de empleados das seções que estão por aqui. Eles se apresentaram pálidos e desconfiados para o almoço. Barbolini será uma ótima companhia para mim no *Liberal* – consciente de que foi demitido por minha causa e em função dos homens de Barbados. Haverá dezesseis barbadianos a bordo – felizmente –, o bastante para darem conta de si mesmos. Gielgud mais tarde fotografou a mim e a Tizón, que ficamos um com o retrato do outro²⁶. [...]

Esposas Índias

Muitos dos homens de Barbados possuíam “esposas” e filhos índios, que agora desejam levar consigo. Eu lhe disse que isso poderia ser feito caso se casassem com as índias – do contrário, não seria possível. John Brown é um deles.

Expliquei-lhe a situação. Hoje novamente está um dia bastante quente, e o rio baixa de modo constante. Está agora entre dois e três metros mais baixo, desde a marca mais alta atingida no domingo último, me parece. Esse também foi o dia (ou melhor, noite) do arco-íris lunar. [...]

A Esposa de Arédomi

Eu disse a Arédomi que eu não poderia levar sua esposa, a pobre jovem índia, para longe comigo. Conversei com Miranda a respeito dela. Arédomi a deixaria para trás sem maiores problemas; acho até que está deveras ansioso por isso. Eles não passam de um menino e uma menina e ele realmente não se importa. Ela teme ser levada por um dos *empleados* de Sur, um homem chamado Zárate, creio eu, que já teria anunciado ao *capitán* que gostaria de ficar com ela. Arédomi me explicou isso por meio de Bishop. Pedi a Miranda que

26. Trata-se provavelmente do tão conhecido retrato de Casement e Tizón juntos, publicado no *The Sketch* (Londres, 2 de dezembro de 1914).

promettesse (por meio de Bell) proteger a garota e ele jurou, por sua honra, que ninguém a levaria contra sua vontade. Arédomi deve “mandar buscá-la” – caso escolha tornar-se europeu – ou retornar, se assim ele desejar.

Bishop traduziu para a garota e disse que ela está muito infeliz. Não é com Arédomi que ela se preocupa, mas simplesmente em deixar Putumayo também! Ele diz que o irmão da garota tem falado com ele e dito o quanto ele também gostaria de fugir.

Os Índios Fogem

Pergunto-me se os seis homens de Occidente e o esbelto índio bora, que se acredita terem sido os mesmos que invadiram a loja dez dias atrás e “roubaram” dois pacotes de arroz e outros pertences, desapareceram à noite no Greenidge, o barco de Baker, e fugiram para nunca mais voltar. Podem ter seguido Putumayo adentro e chegado ao Brasil. Os céus queiram que sim; pobres almas!

Fox e eu rezamos por eles! [...]

Revoluções em Manaus e Portugal

As cartas que chegaram de Iquitos me deram conta de uma “revolução” em Manaus entre os Nérís e os Bittencourts e também me informaram que as canhoneiras federais haviam bombardeado a cidade²⁷. Além disso, a Revolução em Portugal e a fuga do rei

27. A família Néri dominou o estado do Amazonas durante o **boom** da borracha assim como a família Arana o fez em Iquitos e Loreto. Nas eleições para governador em 1910 foi eleito Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt (1853-1926), veterano da Guerra do Paraguai e figura de imensa influência local. Após a eleição, os Nérís ficaram ansiosos quando Bittencourt começou a agir de forma independente e contra seus desejos, conspirando com a família Lemos, rivais dos Nérís, que governava o estado vizinho do Pará. Em 1910, os Nérís buscaram apoio federal para exonerar Bittencourt do cargo, e um oficial do Exército e uma canhoneira foram devidamente enviados para lidar com a situação. Em 8 de outubro, as forças federais iniciaram um bombardeio a Manaus, e Bittencourt foi forçado a fugir. Ele retornaria a Manaus para assumir seu posto.

REFLEXÕES XXXVIII

Casement encontrou-se com ele em 30 de setembro de 1911, quando retornou à Amazônia.

Manuel e de sua mãe para Gibraltar são importantes novas, de um tipo ou de outro²⁸. Pobres portugueses, indo da frigideira ao fogo! Um punhado de embusteiros instruídos é capaz de roubar 6 milhões de camponeses com mais esperteza e em maior sintonia do que qualquer pessoa que trabalha sozinha, onde quer que seja. A monarquia portuguesa nunca foi dominada por uma figura só, e essa foi sua fraqueza. Se dom Carlos tivesse obtido sucesso em seus esforços para alcançar o absolutismo e João Franco tivesse sido capaz de preservar seu rei, hoje Portugal poderia estar seguramente a caminho da integridade financeira²⁹. O país agora perderá não apenas suas receitas – que se “extraviaram” por canais estranhos – mas também suas colônias africanas, salvas tão somente graças à amizade da Inglaterra. Tivessem a Inglaterra e a Alemanha pensado juntas, indiferentes aos sentimentos de Portugal, teriam dividido os espólios. A influência da Coroa portuguesa garantiu a amizade europeia – todos “gostavam” da monarquia de Bragança, antiga e ilustre – pois a monarquia era coeva de seu povo, e enquanto Portugal mantivesse seu rei teria mais chances de conservar seus territórios d’além--mar. Todo esse sentimento de amizade será hoje dissipado. Ninguém sente a menor reverência ou amizade por uma República portuguesa governada por uma quadrilha composta de assassinos e trapaceiros. A primeira querela séria a respeito dos nativos ou por qualquer outra causa na África oriental ou ocidental trará à tona o princípio do fim³⁰.

28. A Revolução de Lisboa de 4 de outubro derrubou o rei Manuel II (1908-1910). A família real portuguesa fugiu buscando segurança em Gibraltar.

29. Dom Carlos I (1889-1908) de Portugal tentou impor uma ditadura monárquica ao povo português e instaurar um plano de “regeneração”, inspirado por seu ministro-chefe João Franco, para Portugal e seu império global. Dom Carlos I foi assassinado em Lisboa em fevereiro de 1908.

30. A família Bragança havia governado o império português desde 1640 com um curto interlúdio, entre 1808-1822, quando a Corte foi obrigada a fugir para o Rio de Janeiro enquanto as forças de Napoleão ocupavam Lisboa. Na declaração de Independência brasileira de 1822, dom Pedro I se tornou o primeiro Imperador do Brasil, enquanto seu pai, dom João VI, relutantemente retornava a Portugal para governar. Pedro I e seu filho Pedro II governaram o Brasil até a Proclamação da República em 1889. Apesar do reinado da dinastia Bragança não haver terminado até 1910, o Império português, o mais antigo na Europa, persistiu. Os portugueses continuaram a lutar numa campanha prolongada e terrível em suas colônias africanas de Angola e Moçambique até 1974.

Um Mergulho com Arédomi

Fui até o alto da colina com Arédomi e me banhei no rio acima das corredeiras. Havia lá um batolon e uma balsa ou jangada. Muitas das árvores amazônicas flutuam, mesmo quando ainda verdes. A jangada aparentava ser de madeira bastante nova, com as cascas das toras todas ainda cheias de seiva. Arédomi e eu nadamos até ela e a rebocamos até o banco de areia, onde a usamos como uma espécie de tábua de lavar para nos ensaboar. Retornamos através do pântano e das colinas atrás da casa e descobrimos uma extraordinária lagarta com pelos de um pálido amarelo, com uma coroa de tufos à semelhança de uma cacatua. Arédomi disse que era venenosa, provavelmente devido a seus espinhos irritantes de pelo amarelo felpudo. [...]

Um dia encantador, mas muito quente, e o pobre Fox sofrendo de asma. A comissão descerá comigo até Puerto Tarma, de onde seguirão para Oriente e para as terras de Alcorta. Depois, eles seguirão para Sabana, creio eu, Santa Catalina e Abisinia. Esta última vem sustentando perdas completas, assim me conta Barnes, de 36 mil soles peruanos ao ano, mais de 3,6 mil libras! E esse dinheiro é desperdiçado em um distrito que se sustenta à base de assassinato, massacre, canibalismo e toda sorte de crimes humanos que homens depravados podem conceber.

Jogamos *bridge* (Tizón e eu fomos parceiros) e ganhamos com facilidade de Barnes e Gielgud por duas de três partidas.

Segunda-feira, 14 de novembro de 1910 – La Chorrera

Cães

Levantei muito cedo, às 5h20min da manhã, e saí para a varanda. Deparei-me com uma manhã gloriosa e então soltei todos os cães: a boa e velha deerhound escocesa Duchess; Boff, o farejador de novos odores; Blackie, de grandes úberes; e a roliça Ladybird, que se apegou a nós em Entre Ríos e agora tenta se apegar a qualquer cão macho em que põe os olhos. Dei uma corrida ainda de pijama e chinelas de banho feitas de feltro francês – ensopadas – por toda a grama orvalhada e até a colina de Sur, onde o cão de caça e os outros cães perseguiram os da Companhia com Lady na frente, claro.

O passeio durou das 8h20m à hora do desjejum, às 11h15min. Uma manhã inteira disso. O total de homens, somados, era de vinte, e então foi quando Phillips Lawrence, o cozinheiro jamaicano, um rapaz de dezenove anos, veio esta manhã e me disse que partiria também! Ele tinha planejado ficar, pelo que entendi, junto a Donal Francis e S. Greenidge por alguns meses, mas imagino que ele e Macedo tenham se desentendido. [...] Nesse meio tempo ele acabou se decidindo por partir e acredito que esteja certo. Dos vinte homens restam apenas dois, Donal Francis e S. Greenidge. Todo o resto, dezoito no total, partirá comigo no *Liberal*. Crichlow chegou cedo de Último Retiro, na comitiva de Jiménez que com alguns de seus salteadores e diversos índios desceram, às sete da manhã, de Último Retiro a bordo do *Veloz*, trazendo borracha daquela estação. [...]

Entrevista com Jiménez

Após o desjejum, algo extraordinário ocorreu. Jiménez trouxe consigo Bruce como tradutor e pediu-me uma entrevista. Eu estava na varanda, sentado ao lado de Barnes e disse que certamente poderia conversar com ele, aqui e agora. Então, ele sentou e começou a dizer, por meio de Bruce, que sabia que estava sendo acusado pela Truth de atrocidades e, etc. e que ele queria tirar tal erro de minha mente, de modo que eu pudesse ficar bem com ele.

REFLEXÕES XXXVIII

Respondi que não tinha nada a ver com o que saía nos jornais e que, se um jornal inglês o havia difamado, ele poderia recorrer à Justiça. Ele disse que o faria, mas que queria ficar bem comigo, já que eu era um *caballero* distinguido, etc. e ele não queria que eu pensasse mal dele. [...]

Jiménez falou e falou sem parar; tinha a clara intenção de me fazer dizer que eu não acreditava nas acusações de Braga³¹ ou da Truth contra ele e que aceitava sua refutação, o que me absteve completamente de fazer. Assinalei que eu não tinha nada a ver com os assuntos a respeito dele, da Truth e do governo do Peru, e que, mesmo que pessoalmente pudesse até ter uma boa impressão dele, não era de minha alçada lidar com acusações da Truth. Como ele insistia em saber explicitamente minha opinião, eu disse: “Muito bem, já que você me pergunta, direi bem francamente que não tenho uma boa impressão a seu respeito. Não é só a Truth, mas tenho ouvido de diversas fontes sobre coisas que você fez. Pode haver algum exagero, mas não acredito que seja só isso e deixo-o com sua consciência. Você sabe o que faz, e, se fez algo errado antes, agora pode tentar fazer o que é certo”.

Sugeri a ele que movesse uma ação de difamação contra a Truth, caso se sentisse lesado, e ele afirmou que o faria!

Ele parecia perplexo, assim como os outros e, após mais algumas observações do mesmo tipo, trocamos um aperto de mãos e ele se foi. Bruce permaneceu para falar comigo e me entregou todo o caso. Ele admitiu que todo o sistema de negociação com os índios era infame e que, se os índios atirassem em um homem branco, estariam muito corretos. Todos os chefes, disse, eram adeptos da chibata e quem quer que negasse estaria mentindo. Respondi que sabia disso, que o sistema havia sido perverso desde o início, e que alguns homens foram melhores do que outros. Aquela fora uma tentativa extraordinária de me aliciar. Jiménez sabia que um juiz peruano estava vindo para cá e desejava poder usar de uma declaração feita por mim, na presença de testemunhas, que limpasse seu nome. O medo está em toda parte. Queria poder pensar que um inquérito sincero e honesto no Peru fosse provável, mas creio que a coisa toda é simplesmente um disfarce. Tizón

orgulha-se da situação, e já diz que isso provará que o Peru agiu por si só antes que qualquer pressão estrangeira lhe caísse sobre as costas! [...]

31. João Baptista Braga, que fez uma declaração sobre a brutalidade de Jiménez. Ver Hardenburg, op. cit., p. 238.

Casement Avalia Sua Difícil Situação

A verdade é que todas essas pessoas são mentirosas – eu não confiaria em nenhuma delas – e enquanto escrevo isso tarde da noite nesta segunda-feira, sinto que todos os problemas que receio podem surgir novamente em Iquitos. Tizón tem muito medo de mim e do depoimento dos homens de Barbados. Ele sabe bem que os testemunhos, registrados por mim por escrito, selam não somente o destino da Companhia, com a qual ele não se importa muito, mas a honra e o crédito do Peru, com os quais ele se importa em grande medida. Isso é bastante evidente nas cartas que tem escrito para o prefeito, solicitando que, na minha chegada a Iquitos, junto com essas dezoito testemunhas muito negras que estão contra o Peru, elas sejam questionadas, isto é, interrogadas pelo juiz responsável pela investigação. O método de interrogatório seria o que lhes conviesse, nem mais nem menos. O objetivo também seria o que eles quisessem, com o propósito de desacreditar as únicas testemunhas – obter discrepâncias, contradições, perjúrios, etc. –, de modo que a única prova que o Peru possa temer esteja em suas mãos antes de alcançar a Inglaterra, a qual causaria bastante estrago. Encontro-me seriamente perturbado. Essa pressa por um acordo com os homens de Barbados aqui foi muito claramente inspirada por motivos escusos. Eu disse a Tizón que não desejava isso. Ele começou a sacudir a perna – um indício sul-americano de nervosismo – e eu disse a Gielgud, aquele estúpido incapaz de compreender, a mesma coisa. Ele disse que isso deve ser decidido pela Companhia. Eles praticamente forçaram um acordo com os homens aqui, tentando me envolver tanto quanto possível como parte aquiescente. O objetivo está claro: uma vez que resolvidas as reclamações dos homens – e em minha presença não haverá qualquer base para representá-los junto à Companhia ou ao Peru.

REFLEXÕES XXXVIII

Passo número um: concluído (pensam eles) em Chorrera. Passo número dois: o sumiço de todas as provas dos homens de Barbados em Iquitos para que, em seguida, o senhor Casement e suas dezoito testemunhas muito negras se retirem do país. Estou mesmo encurralado³².

Falei com Barnes bem tarde da noite e lhe contei de meus temores ou de meus temores renovados. Ele entende muito bem a força deles, e diz que não posso fazer uma parada em Javari³³, ou em qualquer outro lugar, a menos que tenha o bilhete reservado até ali. Foi o que lhe disse Reigada, o capitão do Liberal, em sua última viagem. Portanto, se eu deixar Chorrera com destino a Iquitos, todos os meus homens de Barbados deverão me acompanhar. Gostaria de deixá-los em algum lugar no Brasil e pegá-los no caminho rio abaixo. E isso eu não posso fazer, a menos que informe aqui e diga que os homens estão viajando, que seja, até a desembocadura do Javari. Então saberei em que pé estou ou qual é a intenção deles em relação aos homens de Barbados. Devo dizer isso e testá-los. Se eu vir que há uma intenção deliberada de me compelir a levá-los a Iquitos, então terei, pelo menos, desmascarado o inimigo e poderei enfrentá-lo abertamente. Deverei então me recusar a ir pelo Liberal a todo custo! A jangada pode aparecer novamente flutuando nas águas do Igaraparaná! Não tenho como descer o Amazonas sem a ajuda dessas pessoas. São 1.046 quilômetros de distância e não tenho sequer como obter comida.

32. Casement prediz a reação peruana com precisão. De fato, assim que ajudou os barbadianos a escaparem de Putumayo e do Peru, as autoridades peruanas alegaram que ele havia lhes roubado os criminosos envolvidos nas atrocidades e as testemunhas valiosas para o julgamento dos outros envolvidos nos crimes.

33. O Javari é um afluente do Amazonas que nasce no Acre e desemboca na divisa onde o rio Marañón entra no Brasil e passa a se chamar Solimões, acima da região de Benjamin Constant. Em grande parte de seu curso, ele define a fronteira entre Peru e Brasil. Era um rio importante, que cruzava uma região rica em borracha silvestre. O fato de cada margem pertencer a uma nação diferente fez com que ele se

REFLEXÕES XXXVIII

tornasse refúgio de elementos criminosos sem posses procurados pelas autoridades no Peru ou no Brasil. Casement fez duas viagens Javari acima em 1911, perseguindo criminosos de Putumayo.

Não me deixariam pegar o Huitota ou qualquer meio de transporte até o Amazonas. Mesmo os homens de Barbados (alguns deles) poderiam se juntar ao inimigo. O momento de crise de minha jornada por esse rio amaldiçoado chegou, cortesia de sua quadrilha de malfeitores. O Liberal está atrasado até quarta-feira, dia 16. Então, terei o dia de amanhã para me preparar para a luta.

Terça-feira, 15 de novembro de 1910 – La Chorrera

Profunda Ansiedade

Estou de pé às 4h50min da manhã repensando o problema. Sinto, com muita certeza, que Tizón está metido nisso. Até o acordo com os barbadianos toma novas proporções, já que ele os compeliu, por acaso, a retornar a Iquitos, ao passo que eu já havia sugerido que não voltaria por lá. [...]

Contei a Bishop sobre meus temores de levar os homens a Iquitos, já que o inquérito vindouro do juiz peruano poderia se beneficiar da presença deles, submetendo-os como primeiras testemunhas, e possivelmente mais. Alguns dos homens já confessaram crimes terríveis, por exemplo Quintin (três assassinatos) e quase todos os demais, que admitem terem açoitado e atirado nos índios. Bishop logo percebeu o perigo e eu disse que, como não confiava nos peruanos, havia decidido reservar passagens para os homens com direito a desembarcar antes de chegarem a Iquitos se assim o desejassem. Caso me negassem o pedido, eu saberia melhor em que pé a coisa estava e não entraria, de maneira alguma, no Liberal. Prefiro fretar o Huitota para descer os 1.046 quilômetros até o Amazonas ou ir a pé! Bell não foi perguntar ao agente da alfândega brasileira sobre as formalidades necessárias para desembarcar no Javari, onde ela fica. Então, até a hora do almoço eu ainda não sabia de nada.

Isso é típico da Comissão. Não me dei ao trabalho de levantar a questão dos bilhetes e do destino até ficar ciente da lei da alfândega

REFLEXÕES XXXVIII

brasileira. Após o almoço, eu disse a Gielgud que gostaria que fossem feitos pedidos de passagem para os homens até Iquitos, mas com a possibilidade de interromper a jornada temporariamente em portos intermediários. Após ter falado com Macedo, ele retornou dizendo que isso poderia ser feito dessa forma, mas que Macedo não estava certo se autoridades brasileiras permitiriam que os homens desembarcassem, já que havia um tratado entre o Peru e o Brasil regulando o tráfego do rio. Vi Macedo subir a bordo do Liberal para falar com Reigada e então, desconfio, ou melhor, tenho certeza, para falar com o agente da alfândega brasileira. Ficou quase meia hora a bordo.

Comentei com Barnes o que eu dissera a Gielgud e a visita imediata de Macedo ao Liberal. Aguardei um tempo razoável e, em seguida, fui eu mesmo a bordo e perguntei ao senhor Mathias, o agente da alfândega brasileira, se havia alguma objeção quanto à reserva de passagens para passageiros daquele ponto até a desembocadura do Javari ou outro local brasileiro. Ele disse que não havia absolutamente nenhuma. Prometeu-me ajudar com o desembarço e ofereceu-me todo tipo de serviço pessoal, incluindo o empréstimo de um barco a vapor para subir o Javari, caso eu desejasse visitar Nazaré. Contei tudo a Gielgud e pedi a ele que se certificasse de que os bilhetes, ou melhor, as listas de passageiros, já que não há emissão de nenhum bilhete, fossem feitas com total liberdade de reservas. Isso, me disse, ele já havia feito.

Descansei a maior parte da tarde após isso, pois estava realmente bastante ansioso desde a noite anterior, quando o medo da captura dos homens em Iquitos se tornou, devo dizer, intensamente forte. O medo não se dissipou de forma alguma, mas pelo menos agora possuo uma alternativa garantida e não me sinto prisioneiro a centenas de quilômetros de algum lugar, sem quaisquer meios de sair salvo nos termos do inimigo. Deveria ter providenciado um barco para o meu retorno quando saí de Iquitos; isso teria sido mais inteligente. Estaria então livre, não preso como nessa situação, com as mãos atadas. Ruminei até cansar os prós e os contras da ida dos homens a Iquitos. Eles não sabem de nada do que estou pensando, assim como não sabem, pobres almas, do que se pretende com esse

tribunal de inquérito peruano. Somente Bishop sabe o que penso e parte do que temo, e não dirá uma palavra aos homens até que eu diga alguma coisa.

Devemos embarcar pela manhã e ir pelo menos até o Javari e, se até lá eu ainda mantiver a mesma opinião, aconselharei a todos os barbadianos que ali desembarquem. Farei alguns arranjos para seu sustento até meu regresso no Atahualpa. Ficarão com o agente da alfândega brasileira, pagando uma quantia por cabeça, ou em um dos postos de comércio ao longo das margens do rio.

Eu poderia levar todas as ordens de pagamento de salários devidos a eles, o que significaria uma boa quantia, até Iquitos, lá recolhendo o dinheiro por meio de Cazes. A *Peruvian Amazon Company* deve a muitos deles passagens de regresso a Barbados e isso também julgo poder ser providenciado. Eu poderia tratar com a *Booth & Co.* para que emitisse bilhetes para o resto deles, quer seja para Manaus, Pará ou Barbados, conforme o que os homens estipulassem antes que eu os deixasse na desembocadura do Javari.

Minha mente está muito mais leve desde que consegui ter liberdade de escolha quanto a levar os homens ou não para Iquitos. [...]

Os Ratos Abandonam um Navio que Afunda

Burke, o engenheiro do Huitota contou-me após o jantar uma história incrível, digna da “bondade” de Acosta em Oriente. Ele falou de Normand “estourando os miolos de crianças” como uma coisa que Acosta jamais fizera. Além disso, ele não dera permissão aos seus *muchachos* para comerem um homem! Ainda, quando uma de suas “esposas” o traiu com um índio, ele não atirou nela, como Agüero faria, mas fez com que o homem a assumisse. Zumarán, na estação de Indostán, açoitara uma mulher até lhe arrancar pedaços de carne. Burke viu; saltaram pedaços de mais de dois centímetros de profundidade. [...] Burke admitiu tudo. Foi uma declaração voluntária para se colocar de bem comigo. Ele sabia que Jiménez havia contado tudo: “Claro, todos sabem que Jiménez matou índios”. Bruce disse ontem que, sob o atual sistema, os índios não durariam mais de seis anos.

Eu dissera dez anos, e ele falou: “Não, certamente nem seis. Quando vim para cá a Companhia contava com 10 mil índios, e agora não há nada nem remotamente parecido”.

Duas confissões estranhas ao término de minha estada. Os ratos abandonam um navio que afunda. Vendo que eu havia vencido, e sei de tudo, eles desejam manter boas relações comigo. Bruce também disse que Bartolomé Zumaeta ultrajou a esposa de Katenere perante os olhos deste enquanto Katenere estava no cepo, e por isso este o matou.

A Volta a Iquitos

Quarta-Feira, 16 de novembro de 1910 – Partida para Iquitos

Casement e os Barbadianos Embarcam no Liberal

Graças a Deus! Deixei hoje Chorrera e as “terras” da Peruvian Amazon Company, mas sou ainda seu hóspede involuntário, a bordo de seu barco a vapor, o *Liberal*, com os dezoito barbadianos, as esposas índias de quatro deles e os filhos de John Brown, Allan Davis, James Mapp e Joshua Dyall.

A “Décima” Esposa de Dyall

Dei um adeus especial a Miranda e O’Donnell, e, depois de apertar pela última vez as mãos de Tizón, Gielgud, Barnes, Bell e Fox, soltaram-se as cordas e entramos na correnteza. Duas explosões assustadoras de sinais sonoros e estávamos a caminho. [...] Deslizamos rapidamente pelas águas tranquilas entre o banco de areia e a margem e, com a proa mergulhada na correnteza, em um momento desaparecíamos rio abaixo. A última coisa que vi, ao levantar os olhos, foi a grande catarata branca despenhando-se na parte superior da lagoa. Foi minha última visão do cenário de uma tragédia cruel que acredito não exista hoje em nenhum outro lugar do mundo. Eram apenas 9h45min da manhã quando deixamos La Chorrera.

Dois funcionários da Companhia estão a bordo: um deles, Jeremias Guzmán, foi quem me escreveu, enquanto estava em Occidente,

REFLEXÕES XXXVIII

para acusar Montt de manter índios acorrentados, e o outro é nosso velho amigo Garrido. Este último, um covarde miserável, ficou em Chorrera, esperando para voltar a Iquitos desde que foi despedido, ou “enviou seu pedido de demissão”, naquele dia em Occidente quando virou a casaca e recusou-se a responder às perguntas de Bell a respeito das declarações que fizera à Comissão em Iquitos. Há, ainda, outro funcionário, cujo nome desconheço (parece-me que é Pinheiro). São eles, mais o capitão, o engenheiro de máquinas e o funcionário da alfândega brasileira, Mathias, os meus companheiros de viagem. Descubro que Garrido, Gusmán e o outro funcionário comem à mesa conosco! Nos postos, esses “perus” são obrigados a comer à parte e, quando subimos o rio, Garrido fazia as refeições com Bishop. Bishop e John Brown ficam em uma mesa lateral, no convés superior, onde antes os empregados faziam as refeições na viagem rio acima. Finalmente, Arédomi e Omarino estão no convés superior, como também um pequeno chivichis¹ que Macedo conseguiu para mim.

[...] Vou tentar conseguir que o coronel Bertie se junte aos outros membros da comissão. Fox insistiu nisso várias vezes e vejo claramente que, mesmo com toda a boa vontade do mundo, não conseguirão compilar um relatório. São todos unânimes quanto aos fatos – no que se harmonizam comigo. Deixo Gielgud de lado, naturalmente. Há muito ele deixou de ser um fator relevante na Comissão. É simplesmente uma nulidade, um empregado assalariado da Companhia, sem vontade própria – um mendigo alienado². Entretanto, minha preocupação não é com a comissão.

1. Pequeno roedor de pelo castanho-avermelhado. Parece quase um cruzamento de porquinho--da-índia com esquilo.

2. Referência ao poema de Rudyard Kipling, “The Absent-Minded Beggar” (1899): He’s an absent-minded beggar, and his weaknesses are great/ But we and Paul must take him as we find him/ He’s out on active service, wiping something off a slate/ And he’s left a lot of little things behind him!”.

Estão todos comigo, absolutamente convencidos, inabalavelmente convencidos, e comprometidos até a raiz dos cabelos a condenar

todo o sistema, de fio a pavio³. [...]

Pôr do Sol Glorioso e Eclipse Total da Lua Cheia

A lua surgiu radiante após um pôr do sol glorioso, um dos mais belos que já vi. Percebia-se um lampejo brilhante acima do topo das árvores – e era lua cheia. Assim que a lua ultrapassou as árvores, vimos que um eclipse estava em andamento e tivemos uma visão magnífica à medida que a lua subia. Tratava-se de um eclipse total, segundo o almanaque de Reigada. Pelas oito horas toda a face da lua estava escura, mas logo nuvens densas encobriram as fases subsequentes.

Recolhi-me cedo, mas acordei às 2h30min da manhã com o quarto iluminado pelo luar glorioso; e com a bela floresta coroada de palmeiras deslizando suave e silenciosamente contra o fundo azul

3. Os outros membros da Comissão retornaram à Inglaterra em abril de 1911 e escreveram um relatório conjunto detalhado sobre os assuntos da companhia – que Gielgud se recusou a assinar. O relatório se concentrava principalmente em aspectos da melhora da produção de borracha e fazia uma análise completa das propriedades e ativos da companhia. Confirmava também o tratamento infame dado aos índios locais e as declarações dos barbadianos, detalhando a longa história de horror.

Índios acorrentados.

e pálido do céu noturno. Contemplei tudo durante longo tempo, pensando no destino das pobres tribos indígenas, vergonhosamente capturadas, escravizadas e assassinadas nessa região tão bela por essa gangue de vilões infernais. Lembrei-me de Katenere, o bravo chefe bora, e de todos os índios assassinados nessas florestas, dos crimes bestiais inacreditáveis praticados por homens infames, e estranhei a paz que Deus estende sobre as árvores. A floresta, com suas criaturas selvagens, é muito mais feliz do que os “centros de civilização” criados por canalhas peruanos e colombianos e



impostos a uma grande companhia de Londres.

Quinta-Feira, 17 de novembro de 1910 – A Bordo do LIBERAL

Uma Bela Manhã

Levei o chiviclis para minha cabine ontem à noite e o bichinho brincou comigo um longo tempo, aninhou-se e chilreou. Então, coloquei-o na detestável gaiola, que cobri, para mantê-lo aquecido. Hoje de manhã fiz Arédomi levá-lo para fora, para brincar com ele e dar-lhe de comer. Tanto ele como Omarino e Bishop dormiram no convés superior. Uma linda manhã. O rio agora se apresenta largo e profundo, e as barrancas cada vez mais baixas. Toda sugestão de terras altas desapareceu; estamos na região pantanosa perto dos bancos de areia nas margens baixas do Putumayo. O capitão me informou que leva a bordo 66 toneladas de borracha e 35 toneladas de lenha.

Custo do Liberal e as Intenções do Capitão

O Liberal custou 7 mil libras em Iquitos, incluindo os custos da travessia desde a Inglaterra. Diz o capitão que a Companhia perdeu recentemente duas barcas em acidentes no Amazonas, e está comprando um barco a vapor novo na Inglaterra. Diz ele também que vai entrar no rio Yaguas no caminho. Trata-se de um grande afluente do Putumayo, que entra pela margem direita acima de Cotuhé. Suponho que suas cabeceiras se localizem acima de Loreto ou Pebas. Ele diz que na última viagem também navegou pelo Yaguas quando retornava de Encanto, no mês de outubro. Trazia a bordo o capitão Delgado e catorze soldados peruanos de volta a Iquitos. Entregaram-lhe em Yaguas um prisioneiro índio, que tinha atirado em um senhor Fonseca – mais um Fonseca. Presumo que esse Fonseca seja o agente local da Companhia. Ao que parece, ele havia criado o índio desde menino e, no entanto, o índio lhe deu um tiro. Diz Reigada que o índio não deu nenhuma justificativa para matar Fonseca, apenas que “alguém tinha dito para matar ele”, e foi o que ele fez.

Estourou-lhe os miolos. Observarei com atenção o caso do rio

Yaguas; deve ser exatamente o mesmo estado de coisas.

Os Planos de Casement de Desembarcar os Barbadianos no Brasil

Eu não disse uma palavra aos homens de Barbados (exceto a Bishop) sobre a possibilidade, ou melhor, a probabilidade de desembarcar todos eles em algum ponto do território brasileiro, mais provavelmente em Esperanza, na foz do Javari. Vou esperar até atingirmos o próprio Amazonas antes de mencionar o assunto. Se ao menos eu pudesse encontrar um barco da *Amazon SS Company*⁴ com a bandeira verde do Brasil hasteada, eu transferiria nós todos, de mala e cuia. Podemos ter uma chance em São Paulo de Olivença. Se eu vir lá um vapor brasileiro descendo o rio – que sorte seria! –, despacharei todos os homens para Manaus com uma carta ao vice-cônsul, com instruções para pagar as passagens na chegada do barco a vapor e alojá-los até que eu chegasse lá. Ficaria mais

*4. Em 1910, havia quatro grandes companhias transatlânticas de transporte navegando regularmente entre a Europa, ou os Estados Unidos, e o Amazonas. A linha **Booth**, estabelecida em 1866, a maior e mais antiga, tinha cinco vapores transatlânticos e quarenta barcos menores navegando no próprio rio. O **Lloyd-Brasileiro**, como também a linha **Hamburg America**, trabalhava principalmente com o tráfego norte-americano. A Alemanha era servida pela *Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft*. A maior parte do tráfego no Amazonas ficava a cargo da **Amazon Steamship Navigation Company**, com registro em Londres.*

aliviado e poderia subir sozinho até Iquitos neste barco, ou digamos com Bishop, para dar ao prefeito toda a informação de que deseja – provavelmente muito mais do que ele deseja –, receber os saldos devidos aos homens e voltar pelo Athualpa no início de dezembro com minha missão cumprida. Se não der certo, acho que o mais seguro será deixar todos os homens no Javari e talvez ficar lá eu mesmo por um ou dois dias até despachá-los em segurança para Manaus. Os homens podem não gostar e mesmo recusar. Estão no seu direito; mas, se eu deixar claro que tenho boas razões para não querer que vão até Iquitos, eles me obedecerão.

REFLEXÕES XXXVIII

Posso não ter motivos para estar temeroso, mas, por outro lado, é o que se pode esperar desse tipo de gente. A única evidência fora de controle está aqui, comigo, neste barco. Para todo o resto têm explicação.

Tizón e o prefeito dariam tudo para evitar um escândalo e, se acharem que a melhor maneira é apoderarem-se dos homens de Barbados em Iquitos, podem fazê-lo perfeitamente dentro da lei. O tribunal local tem pleno direito de convocá-los, recém-saídos de longo tempo de serviço em Putumayo, para prestarem testemunho e pode obrigá-los a falar. Temo que o objetivo não seja o testemunho dos homens – o que seria bom –, mas desvirtuar o seu testemunho. Se esse tribunal de inquérito não for honesto, e não vejo como possa sê-lo, composto de peruanos que sabem há anos desses crimes abomináveis (todos provavelmente subornados), o interrogatório dos barbadianos será conduzido de modo a estabelecer justamente o oposto da verdade. Uma cidade capaz de tolerar um homem como Aurelio Rodríguez como um de seus cidadãos proeminentes não terá nenhum escrúpulo em proteger seus assassinos ricos contra acusações. O governo de Lima terá desejo semelhante, a fim de evitar um enorme escândalo internacional. O prefeito dirá: “Vou fazer o que é correto em Putumayo, ou seja, acabar com os bandidos do lugar, mas não posso permitir que as provas que o cônsul tem nas suas mãos sejam levadas embora; tudo vai recair sobre nossas cabeças e, em vez de ser espontânea, nossa ação será motivada pelo receio das alegações dos britânicos”.

[...] Além desses, há um argumento mais forte. Se eu puder sair com toda a evidência intacta, então a ação do governo peruano em Putumayo, sabendo que existe uma série de testemunhas em reserva, será tanto mais vigorosa e honesta. Tentarão nos convencer de que, de sua parte, agiram corretamente, de modo a não sermos forçados a envergonhá-los com a divulgação do testemunho dos barbadianos, ou mesmo com a comunicação desses testemunhos a eles próprios.

Apesar de todas as objeções, do trabalho, da despesa e da ansiedade que terei de enfrentar deixando os homens acampados no Javari por mais ou menos uma semana, acho que é sem dúvida o plano mais

REFLEXÕES XXXVIII

seguro, e, para assegurar que o resultado de minha missão seja um sucesso e não um fracasso, é meu dever seguir esse caminho. É muito desagradável para mim e vai me causar muito trabalho, mas acho que é isso que deve ser feito. Nunca me perdoaria, e creio que o Ministério das Relações Exteriores não me perdoaria também se, confiando na sorte, eu levasse todos eles para Iquitos e descobrisse que os tinha desembarcado exatamente onde os peruanos queriam. Devo ser bem-sucedido, não fracassar, e, para obter sucesso, não devo correr nenhum risco.

Sexta-feira, 18 de novembro de 1910 – A Bordo do LIBERAL

[...] Navegando suavemente Putumayo abaixo. Chamei os barbadianos, um a um, para verificar seus acertos de conta. Todos estão satisfeitos, menos Walcott, fraudado em cem soles de gratificação por serviços em Abisinia – pobre homem! – apesar da promessa de Tizón e Gielgud, que me garantiram que ele seria pago. A não ser por dois deles, todos estão ansiosos para evitar Iquitos e a maioria está ansiosa para sair dali. Oito deles, em todo caso, vão direto para Barbados e espero que o Javari (da linha Booth) chegue a Iquitos a tempo de permitir que eles embarquem.

Chegamos à foz do rio Yaguas (na margem direita) às 10h07min da manhã. Uma bela entrada, muito larga, mas sem correnteza. Entramos no rio e navegamos praticamente em águas paradas durante quase quatro horas até Recreio. Apenas uma casinha num barranco alto, rodeada por uma pequena clareira de fiúca. O rio tem cerca de onze metros de largura, é profundo e tem apenas um quilômetro ou menos de correnteza. Carregamos lenha ali. Uma canoa veio de Triunfo com um homem, uma mulher e quatro rapazes índios, que remavam. Todos vestidos e civilizados. Diz o capitão que os rapazes são uitotos que ele “trouxe” de Chorrera. Um presente do senhor Macedo! Não há índios – yaguas – perto daqui. Esse homem consegue seu caucho, ou sernamby, subindo o rio de canoa durante cinco dias, ou mais, e depois subindo uma quebrada, onde há “pessoas trabalhando”. Para quê, me pergunto? Levamos aproximadamente 5 pélas de sernamby, sendo cada um a carga de um homem. Também levamos muita lenha, a qual será paga pelo

Liberal tanto em dinheiro quanto em cheque. Reigada diz que esse homem vai muito bem. Ele mora na floresta, onde há uma clareira, um rio (com muitos peixes) e os índios. Não deve nada à Companhia e consegue dinheiro em troca de sua borracha. Ficamos ali mais ou menos um quarto de hora e então navegamos até Triunfo, cerca de um quilômetro e meio rio acima. Também ali, na margem direita, numa clareira, há restos de uma cozinha e até mesmo um boi, remanescentes de um antigo moinho de cana-de-açúcar para fazer cachaça, além de vários limoeiros e uma cidreira carregada de frutos quase maduros. Também inúmeras palmeiras de pupunha com frutos maduros. Havia ali várias pessoas – três homens (os chamados *blancos* peruanos) e muitas mulheres da mesma cor de pele – irmãs, primas e tias, além de vários uitotos e outros *muchachos* índios. A casa é um verdadeiro chiqueiro.

Os barbadianos desembarcaram e compraram biscoitos e cigarros com dinheiro de reserva; presumo que seja o dinheiro extra que alguns receberam para continuar trabalhando depois de 31 de outubro, data de encerramento das contas.

Desembarquei com Bishop e Arédomi e tirei uma foto do lugar e das irmãs, primas e tias, prometendo mandar-lhes cópias, para sua grande alegria. Compramos lenha novamente e ficamos um longo tempo para carregá-la no barco. Diz o capitão que, no Brasil, só se consegue pouquíssima lenha, ou mesmo nenhuma, e ele acha ótimo subir o Yaguas para obtê-la.

Fonseca, o homem morto a tiros na região há pouco tempo, era parente do “nosso” Fonseca de Sabana. Bishop tinha ouvido falar dele. Um dos rapazes daqui contou a Bishop que Fonseca foi morto, a uma distância de três ou quatro dias daqui, “vigando os índios extraírem borracha”. Presumo que seja a mesma coisa em escala menor. Agora o prisioneiro – o “rapaz” desse tal Fonseca – está em Iquitos; acho que é um dos cativos uitotos trazidos aqui. Diz o capitão que não há yaguas nem quaisquer outros índios a menos de três dias rio acima. Segundo o proprietário de Recreio, há um *varadero* (trilha na floresta) que atravessa a floresta até Cabalcocha, cujo percurso é feito em dez dias, e, subindo o rio de

REFLEXÕES XXXVIII

canoa durante sete dias, existe ali um *varadero* de dois ou três dias até Pebas. Diz Bishop que, quando veio até aqui no Liberal, em agosto passado, terminando seu contrato, trouxeram sete escravos uitotos, que foram deixados em Pebas.

Diz ele também que Pachiko⁵, morto há semanas em Abisinia por Simón Angulo e Zellada, era um índio ricagaro, cuja esposa fora ultrajada por um dos peruanos e ele havia declarado guerra, como Katenere, e, no espaço de dois anos, tinha matado homens ligados ao trabalho com a borracha e outros mais. Então, cansado de viver caçado, entregou-se em Abisinia e terminou brutalmente assassinado por aqueles dois bandidos, há um mês.

Passamos por Recreio na descida, às 4h27min da tarde, bem 1,5 quilômetro abaixo de Triunfo. A água do Yaguas é como a do Igaraparaná, bastante clara, embora pareça barrenta e amarela vista do convés. Vários regatos de águas mais escuras deságuam no rio próximo a Recreio e Triunfo. Diz o capitão que não há outros afluentes de Recreio até a foz. Calculo que Triunfo fique aproximadamente a 45 quilômetros Yaguas acima, e sete dias de canoa cubram mais 257 quilômetros até atingir o *varadero* para Pebas. O rio tem provavelmente 402 quilômetros de extensão de ponta a ponta e, desses, mais ou menos 96,5 apenas são navegáveis para o Liberal (mesmo quando o rio está baixo como agora) e 193 para barcos menores.

O leito do rio parece ter subido de 2,5 a 3,5 metros. Dois metros e meio a mais seria o nível de cheia; 3,5 metros, provavelmente, seria o nível máximo de enchente.

5. *Parece tratar-se da mesma i gura mencionada anteriormente como “Chico” e “Rochipo”.*

A Fúria de Gusmán

[...] Diz Bishop que Gusmán quer muito aconselhar-se comigo e, acrescenta, tem certeza de que ele pretende criar uma confusão em Iquitos. Ele está furioso com Macedo, que não lhe permitiu trazer sua “garota”. A pobre menina índia foi mandada de volta para a “família” em Último Retiro. Algum outro facínora se apropriará

dela. O principal responsável pelo ódio sanguinário de Pachiko foi um tal de Saldana, que está agora em Iquitos. Saldana costumava abusar das mulheres dos *muchachos* – Pachiko era *muchacho* de Saldana – e, quando sua mulher foi ultrajada, ele e outros se rebelaram contra “a Casa”. Bishop conta ainda que conseguiram cartuchos por intermédio das mulheres dos empregados, que os roubam dos maridos e mandam para os índios rebeldes por *muchachos* amigos, que os apoiam. Eles então matam outros *muchachos* em emboscadas, pegam suas armas e cartuchos, e assim por diante. Pachiko continuou assim durante dois anos, até que se cansou das fugas e azares dessa guerra e entrou em Abisinia para se entregar. Aí vieram os rumores de sua ligação com Diké, outro índio rebelde à solta, e então Juan Celada e Simón Angulo primeiro o açoitaram cruelmente e logo o mataram a tiros.

Havia um olhar de medo no rosto dos três peruanos *blancos*, quando entrei na casa em Triunfo esta tarde. Todos eles sabiam quem eu era, porque o homem de Recreio me chamara de “senhor cônsul”, mas a meu ver não há nada sobre a morte de Fonseca além do relato simples de Reigada de que o rapaz o matou porque “alguém mandou”. Mas, devem ter ocorrido os boatos maldosos de costume e os malandros (todos são mestiços), em sua ignorância, acharam que eu tinha vindo por causa disso. Toda essa gente me olha como se eu fosse uma espécie de inquisidor extraordinário, que sabe tudo sobre todas as coisas. [...]

Arédomi é Picado por Mosquitos-Pólvora

O pobre Arédomi está coberto de picadas e veio me pedir um pouco da loção que o coronel me deu em Manaus antes de partir. Esfreguei a loção no seu peito e nos braços. Arédomi lava pratos e faz outros serviços a bordo, sempre sorridente, muito feliz. Trouxemos de Triunfo uma jovem; acho que é irmã da senhora Azambuja.

Pretendo perguntar a Reigada por que Zubiaur deixou o serviço da Companhia. Whiffen declarou ao Ministério das Relações Exteriores que foi por negociar com estoques de Chorrera, invadindo a seara particular de Pablo Zumaeta e de Macedo. Não tenho dúvidas de que foi isso mesmo, e tenho certeza de que, no atual clima de

confidências, Reigada vai me contar o que quero saber. Todos eles sabem que o jogo chegou praticamente ao fim e, se eu pressionar, vão me contar tudo; um contra o outro. É um belo bando de malandros.

Reentrada no Putumayo

Reentramos no Putumayo às 7h35min da noite. Perdemos nove horas e meia subindo e descendo o Yaguas, mas estou feliz de ter chegado a vê-lo. Parece haver mais palmeiras às margens dos afluentes do que no rio principal. A noite se aproximava e a lua estava encoberta. Meu pequeno chiviclis é muito brincalhão. Deixo que corra livremente o dia todo, e só à noite volta para a horrível gaiola de metal. Vi algumas borboletas esplêndidas hoje – diferentes de todas as que apanhamos no Igaraparaná – uma variedade pequena com manchas redondas alaranjadas e pretas de beleza excepcional; um enorme exemplar alado de tons amarelo-ocre e amarelo-sienna queimado esvoaçou pelo convés em Recreio e Triunfo.

Sábado, 19 de novembro de 1910 – A Bordo do LIBERAL

Chegada à Fronteira do Brasil

Chegamos à fronteira do Brasil às duas da manhã e ali ficamos algum tempo; depois seguimos até o próximo, assim chamado, posto militar brasileiro, onde ocorreu nova demora. Levantei-me e percebi que o rio parecia muito mais baixo do que quando passamos em setembro. Diz o capitão que o Amazonas é bem mais alto. Por seus cálculos, são quinze horas rio abaixo da fronteira brasileira até o Amazonas, ou de 193 a 210 quilômetros. Por esses cálculos de Reigada, a distância de Chorrera até o Amazonas é de cerca de 917 quilômetros. Ele calcula a velocidade em apenas oito nós rio abaixo, mas eu acho que o barco faz mais do que isso, principalmente no próprio Putumayo, onde a correnteza é mais forte do que no Igaraparaná.

Segundo o capitão, perdemos ao todo três horas nesses dois lugares, para comprar lenha no posto militar. Passamos várias moradas de seringueiros, cabanas entre as árvores, quase todos na margem

REFLEXÕES XXXVIII

direita. Um belo rio caudaloso às onze da manhã, o Uruté, e depois um longo braço lateral do rio, por onde navegamos em busca de lenha na morada de um colombiano, uma choupana em uma clareira. Esta é a região dos índios ticunas⁶, que extraem sua própria borracha, segundo o capitão. Um lugar por onde passamos na foz do rio é sua propriedade particular.

É a tolice de sempre sobre “propriedade”. Todos aqueles por quem passamos até aqui são posseiros ilegais. A ligação com o lugar é feita por dois vapores de Manaus. [...] Os homens compraram frutas e cana-de-açúcar. O velho com a esposa mestiça e os dois filhos, segundo o capitão, é um peruano de Tarapoto⁷, mas agora fala português como a maioria desses posseiros peruanos ou colombia-

6. Os índios ticunas ocupavam a floresta na parte norte do rio Solimões. Mencionados pela primeira vez por Cristóbal de Acuña, e frequentemente citados por Bates (op. cit.), eles foram um importante objeto do estudo realizado por Curt Nimuendaju (1883-1945), que, no fim das contas, acabou morrendo quando morava com eles, em 1945.

7. Tarapoto, que fica a 193 quilômetros a sudoeste de Rioja na montanha peruana, é atualmente um centro de produção de cocaína no Peru.

nos. Esqueceram o espanhol, diz o capitão. Não existe vida no Putumayo peruano, mas aqui, no Putumayo brasileiro, passamos por cabanas e clareiras com poucos quilômetros entre elas. Encontramos também várias canoas, uma delas bem grande, subindo a correnteza de vela enfunada; outra descia o rio, com um negro de meia-idade, a mulher e um menino. O homem agitou as mãos saudando-nos. A floresta é muito mais grandiosa do que no Igaraparaná e deve haver muita borracha por aqui, mas “nenhum índio”. [...]

Em Nome da Civilização e do Desenvolvimento Industrial

Levine, a quem mandei chamar hoje, simplesmente confirma as piores histórias contra Normand: índios queimados vivos, crânios estourados e todo o resto. O homem é um verdadeiro demônio. Descubro que nosso amigo Vásquez Torres, conhecido por nós como o bruto de Atenas, que Gielgud, Barnes e eu detestávamos tanto, é

na realidade Alejandro Vásquez, um dos mais infames marginais incluídos no documento de Hardenburg. Collantes acusa-o de cometer crimes revoltantes. [...]

Depois de uma curva do rio, as terras altas da floresta, desmatadas desde a margem até o topo, formam um longo declive, onde aparecem algumas casas. É a primeira vez que vemos um verdadeiro assentamento brasileiro. A fumaça que sai de várias cabanas mostra onde se defuma a borracha. [...] Estamos progredindo bem, diria que fazendo cerca de dez nós, com a correnteza a nosso favor. À noite, lá pelas nove ou dez horas, deveremos estar no Amazonas e nos direcionar rio acima para cobrir o enfadonho percurso de aproximadamente 965 quilômetros até Iquitos, um lugar aonde não tenho a mínima vontade de ir. Interroguei novamente Levine, Philip Lawrence, Batson e Crichlow sobre alguns pontos que li no documento de Hardenburg. Por falar nisso, Lawrence, que está em Chorrera desde 1904, confirma que os índios eram açoitados e espancados quando carregavam ou descarregavam os barcos.

Assassinato dos Ocainas

A matança dos índios ocainas e a queima dos corpos, alguns ainda vivos, ocorreu lá em 1903. Bishop diz que ouviu dizer muitas vezes que Rafael Larrañaga⁸ foi um dos líderes da chacina. Os ocainas eram acusados da morte de colombianos. Não há dúvida de que os documentos de Hardenburg são essencialmente verdadeiros. Há alguns erros de detalhe aqui e ali. Há mentiras e exagero, mas os fatos e acusações principais estão substancialmente corretos. Além disso, ocorreram centenas de crimes que o documento não menciona. Normand, Agüero, Fonseca, Montt, Jiménez, os dois irmãos Rodríguez e Martinengui, em conjunto, assassinaram milhares desses seres desgraçados. Não há dúvidas a esse respeito. Na semana passada, em Chorrera, Tizón admitiu que os dois Rodríguez “tinham matado centenas de índios”, e que Arana lhes dera 50% do produto das estações de Santa Catalina e Sabana. Os homens de Barbados acusam Normand repetidamente de ter

8. Rafael Larrañaga era filho de Benjamín Larrañaga e fazia parte do

REFLEXÕES XXXVIII

primeiro grupo de caucheiros colombianos que entraram nas florestas do Putumayo.

matado muitas centenas. Levine disse hoje “mais de quinhentos”, que ele mesmo tinha visto vinte índios serem mortos em Matanzas, em apenas cinco dias, e os corpos, devorados por cães, exalavam um cheiro pestilento em volta da casa, de modo que ele não conseguiu comer nada. Aqueles sete monstros devem ter matado não menos de 5 mil índios com tiros, chibatadas, decapitação, na fogueira ou simplesmente de fome nos últimos sete anos. Barnes diz que os índios da companhia chegavam a 10 mil quando ele veio para cá e agora não chegam nem perto disso, e ele está aqui há apenas dois ou três anos, no máximo. Fonseca também matou centenas assim como Martinengui.

Os menos criminosos são talvez O'Donnel, Miranda e Alcorta. Do resto, não se salva ninguém, embora Montt provavelmente não tenha a mesma coragem dos outros monstros. E tudo isso é feito em nome da civilização e do desenvolvimento industrial!

Decidi deixar os barbadianos no Javari, *conte qui conte*. Deve haver dois vapores da Booth em Iquitos, o Athualpa e o Javari, e espero que um deles desça o rio, talvez um ou dois dias depois de minha chegada. Terei notícias deles nos lugares onde pararmos amanhã às margens do Amazonas.

Domingo, 20 de novembro de 1910 – Rio Amazonas

Maturas (Amaturá)

Entramos no Amazonas cerca das duas da madrugada e chegamos logo depois à Colônia Rio Jano, no escuro. Assobiamos do meio do rio, mas ninguém apareceu; então, seguimos em frente. Às 6h15min da manhã chegamos a Maturas, onde paramos para buscar lenha. Fui a terra e visitei a igreja. Nenhum padre em três anos, e os dois homens que vieram me mostrar o lugar disseram que havia muitas crianças para serem batizadas. E também os mortos eram enterrados sem os ritos. Disse-lhes que ia ver se alguma coisa poderia ser feita em Manaus. Eles mesmos, pobres almas, construíram a igreja e pediram desculpas por sua pobreza. Todos

são mestiços, principalmente de índio e branco. Não vi nenhum negro, mas alguns brancos puros. O lugar tem apenas uma rua com cerca de vinte cabanas, bem construídas, de madeira e telhado de folhas de palmeira. A igreja tem uma grande cruz na frente, “nossa cruz”, no dizer de um deles, e, do lado de fora, dois sinos em um pedaço de madeira.

Nos últimos tempos, dezessete crianças perfeitamente saudáveis morreram de sarampo. Um belo braço de rio de águas negras – de uns oitenta metros de largura – entra aqui. Eles trabalham com o caucho e a borracha neste rio. Cerca de meia dúzia de famílias de índios puros, mansos, disseram-me, viviam aqui, mas não havia “índios bravos”. Desapareceram há muito tempo, pobres índios bravos, gentis, bondosos e tímidos! Muitas crianças. Um de meus guias me serviu café; seus filhos pareciam felizes. A casa limpa e bem conservada; uma máquina de costura em cada casa; um caixãozinho de criança sendo feito em uma delas. Um de meus guias – homem de cinquenta anos – nunca tinha estado em Manaus; nasceu aqui mesmo em Amaturá. O outro, Clarence, tinha visitado Manaus mais de uma vez e morado lá. [...]

Continuando a Viagem

Disseram-nos que dois vapores ingleses subiram para Iquitos na semana passada. Passaram por Amaturá. Um deles no dia 14, segundo meu guia. Talvez se trate do Javari, que deve chegar lá no dia 15 e partir no dia 21. Falei com Mathias, o oficial da alfândega brasileira, sobre deixar os homens no Javari e ele concordou e vai fazer o melhor que puder, mas não há casas e pouca ou nenhuma comida! Uma bela perspectiva para eles!

Navegamos o dia todo, a maior parte do tempo próximo à margem direita do rio. Vi um bando de ronsocos, na realidade capivaras⁹, logo abaixo de São Paulo de Olivença às cinco horas da tarde, perto da foz do rio Jandiatuba, que entra em um belo rio de cerca de duzentos metros de largura. Ao longo das margens, muitas casas de índios mestiços e, com frequência, índios puros da tribo ticuna, mas todos vestidos como qualquer posseiro brasileiro. De Jandiatuba até São Paulo é quase uma hora e há muitas casas cobertas de folhas de

REFLEXÕES XXXVIII

palmeira ao longo da ribanceira durante aproximadamente três quilômetros abaixo de São Paulo. Passamos perto daquela cidadezinha suja de lembranças horrendas. (Ver descrição de Bates, feita em 1846.)¹⁰ É chocante pensar que essa miserável

9. *Casement provavelmente levou o primeiro casal de capivaras da Amazônia para o zoológico de Dublin.*

10. *Henry Walter Bates, The naturalist on the River Amazons: A Record of Adventures, Habits of Animals, Sketches of Brazilian and Indian Life and Aspects of Nature under the Equator during Eleven Years of Travel. London, J. Murray, 1863, p. 395. São Paulo de Olivença é a cidade de onde Bates foi forçado a retornar para a Inglaterra em virtude de um ataque de malária. Suas impressões do lugar não foram boas: “Os habitantes estão inteiramente envilecidos, os poucos portugueses e outros imigrantes, em vez de se dedicarem ao trabalho, adotaram o modo de vida preguiçoso dos índios, condimentado com a prática dos vícios trazidos por eles. Os principais residentes eram o padre, um homem branco do Pará, que passava os dias e muitas noites jogando e bebendo rum, corrompendo os jovens e dando os piores exemplos para os índios. Fiquei em São Paulo durante cinco meses; cinco anos teriam sido insuficientes para esgotar os tesouros locais de zoologia e botânica. Embora seja um andarilho de florestas com dez anos de experiência, a bela floresta que cerca o povoado me proporcionou tanto prazer como se eu tivesse acabado de desembarcar em um país tropical”.*

aglomeração de casebres não é nada além disso, e as margens sujas e mal cuidadas representam cem anos de cidadania brasileira. Em 1827, o tenente Maw encontrou ali um delegado. A cidade é agora a segunda da Amazônia brasileira, depois de Manaus, mas a sede do distrito foi transferida para Benjamin Constant, às margens do Javari, segundo me conta o capitão, para grande tristeza do povo de São Paulo. Este, segundo o capitão, conserva os mesmos hábitos e costumes descritos por Bates. Quando um barco aporta à praia, uma turma sobe a bordo para beber e jogar, e tentar tirar o dinheiro da tripulação. [...]

Às nove da noite um grande vapor passou muito perto de nós, descendo o rio. Tinha luzes verdes e vermelhas, o que, segundo o

REFLEXÕES XXXVIII

capitão, indica que é um navio que vai para o mar, pois nenhuma das embarcações do rio tem esse tipo de luz. Ele acha que pode ser o Javari, novamente de partida rumo a Barbados e a Nova York. Se for verdade, é uma pena. Acho que não pode ser, apesar dos mastros altos e da chaminé preta. A meu ver, trata-se do navio de guerra peruano América¹¹, vindo, provavelmente, de Iquitos para Putumayo.

Choveu quase o dia todo, uma chuvinha maçante como a neblina escocesa, fina e penetrante.

Segunda-feira, 21 de novembro de 1910 – No Solimões

Preparando para Desembarcar os Barbadianos

Perguntei aos homens hoje de manhã quem desejava permanecer no Javari e quem preferia ir até Iquitos. Todos menos Philip Lawrence [...] desejam agora ficar no Javari e seguir até Manaus no primeiro

*11. América é um barco peruano, construído pela **Cammell Laird Company** com sede em Birkenhead, Liverpool, equipado com dois grandes canhões e que chegou ao Peru em 1905 para patrulhar as águas da Amazônia peruana.*

barco. Somente Bishop e John Brown, com a mulher e o filho, virão comigo e com Philip Lawrence, o ex-cozinheiro de Chorrera. Os dois primeiros não representam perigo se interrogados, e há pouco ou nenhum perigo de que venham a ser interrogados em quaisquer circunstâncias. [...]

A principal dificuldade é a questão da comida, pois concluí que não há o que comer em Esperanza. Mencionei o assunto com o capitão e descobri que ele tem bastante comida de sobra, que pode vender. Trouxe provisões extras que não deixou em Chorrera. Fiz um cálculo do necessário com Bishop, Allan Davis e James Mapp e decidi comprar mais ou menos o seguinte:

- 65 quilos de arroz;
- 37 quilos de feijão;
- 70 latas de carne;

REFLEXÕES XXXVIII

- 100 latas de sardinha;
- 1 barril de biscoitos;
- sal, açúcar, chá e
- 10 latas de leite para as crianças mais novas.

Deixarei Davis e Mapp encarregados do grupo. Escrevi cartas para os capitães de navios que estejam descendo o rio, para que levem os homens até Manaus e recebam o dinheiro da passagem do vice-cônsul britânico em Manaus, e escrevi a este último pedindo-lhe que tome conta dos homens até a minha chegada. Tudo foi feito, portanto, exceto apanhar os cheques dos homens (ou giros) na sede da companhia em Iquitos, e daí estarei pronto para o que der e vier.

História Natural em Palmares

Quatro da tarde; tivemos um dia bem interessante. Às dez da manhã, paramos na margem esquerda do rio, uma escarpa portentosa a bem uns 10,5 metros acima do nível atual do rio, com degraus escavados no topo. É Palmares, uma fileira de casebres, que fica abaixo de Belém. Carregamos lenha e descemos à terra. As duas casas que ficavam nesse ponto eram acolhedoras e bem arrumadas, o máximo de conforto que se poderia imaginar nesse local e para essa gente; o solo, espantosamente rico; todas as plantas pareciam gigantescas. Cana-de-açúcar quase da grossura de um braço e uma grande variedade de frutas, bem como de flores de hibisco. Um tanque de tartarugas, com várias tartarugas, “25 compradas esta manhã”, disse um dos homens. Excelentes mamões, deliciosas pimentas-cereja rosadas e abacaxis tão bonitos como os de Pernambuco. A fiúca, ou mandioca, também magnífica e muitas galinhas e frangos; compramos alguns. Vi lindos papagaios verdes de cabeça azul, de asas não aparadas¹², é claro. Muito mansos; estavam empoleirados em uma das casas. O dono queria quatro libras cada um! Depois um belíssimo mutum¹³ – uma beleza – oferecido por duas libras, mas não aceitei. Finalmente, o dono da casa baixou o preço para uma libra, mas recusei ainda uma vez. Não tanto pelo preço, mas pela distância, e acredito que posso encontrar mais barato no Pará¹⁴.

REFLEXÕES XXXVIII

Quase todos em terra deliciando-se com essa maravilhosa amostra de história natural. A floresta ao redor era linda e a clareira muito pequena, mas cada pedacinho produtivo. Perto da beira do rochedo, a grama crescia luxuriante, uma parte era grande o suficiente para alimentar uma vaca, carneiros ou cabras. Essa gente poderia viver em absoluta abundância, se apenas se dispusesse a trabalhar. Nada fazem, porém, além de trabalhar a borracha. “A borracha paga tudo”, assim como no sul é o “café que paga tudo”. Ali todo o

12. A breve descrição de Casement parece indicar que se trata do amazonas-de-frente-azul (Amazona aestiva aestiva), uma das espécies mais comuns de papagaio da Amazônia.

13. Espécie de galinha pequena do Amazonas.

14. Casement levou para a Irlanda inúmeros pássaros e animais de suas viagens à Amazônia, muitos dos quais doou posteriormente ao zoológico de Dublin. Até hoje, porém, o Pará continua a ser o principal mercado de animais selvagens em cativeiro. Hoje, a maior atividade econômica do mercado negro na Amazônia, depois do comércio ilegal de madeira, é a venda de espécies de pássaros e animais ameaçados de extinção. Em sua viagem ao Amazonas em 1911, Casement trouxe uma arara azul-púrpura, que passava a maior parte do tempo empoleirada em seu ombro e que acabou dando para William Cadbury.

necessário é comprado com o dinheiro do café; aqui se dá praticamente o mesmo, mas, como nem sequer o necessário pode ser comprado, todo o dinheiro é gasto em bobagens e desperdiçado. Em seguida, logo acima de nós vê-se Belém com a famosa igreja que custou 3 mil libras. Corresponde à capela particular de um aristocrata sem o capelão. Não há padres em um raio de 1600 quilômetros e Belém em si é um lugar sem importância, o que na África ocidental chamariam de factory. Não faço objeções à igreja, no entanto, pois é sinal de um lampejo de mente e de espírito fora do comum em todo esse rio melancólico, mas essa gente, em sua grande maioria, quando tem dinheiro, gasta em passeios a Manaus ou em coisas fúteis totalmente desnecessárias. Casas sem camas, nenhum livro ou professor em semanas de viagem, mas acordeões

REFLEXÕES XXXVIII

de dez libras, anéis de diamante e correntes de relógio de ouro para exibir nas calçadas pretensiosas de Manaus, ou, o que é muito pior, montanhas de dinheiro gasto com mulheres vindas da Polônia¹⁵.

A natureza pródiga derrama na porta dessa gente uma profusão nunca vista de vegetais; de outra maneira estariam morrendo de fome, pois não é ao trabalho de suas mãos que devem essa abundância.

[...] À nossa frente, aqui em Palmares, estende-se um dos grandes bancos de areia do Solimões, formando uma ilha. Acredito que tenha mais de dezesseis quilômetros de comprimento. Estende-se a perder de vista e estamos navegando entre a ilha e a margem norte ou esquerda do rio há muito tempo.

Ainda se vê uma grande altura da ilha fora d'água, coberta de gramíneas, da espécie mais curta e macia. Deve haver só nessa ilha milhares de acres deste solo magnífico que durante seis ou sete meses por ano fica lá abandonado.

Feijão e centenas de outras coisas cresceriam ali tão rápido como fogo no mato. Sedimentos de todas as margens e terras até os Andes, trazidos pelas cheias, se depositam ali, e o solo é tão rico como as terras do Nilo. O que falta é apenas a disposição do homem para cultivá-lo. [...]

15. Referência ao elevado número de prostitutas polonesas em Manaus durante o apogeu da borracha.

Mafra, o Magnata da Borracha

Partimos de Palmares às onze e passamos por Belém ao meio-dia. É uma bela clareira, pertencente a um homem chamado Mafra, descendente de italianos, mas, como muitos desses magnatas do Solimões, de nacionalidade peruana. Uma bela casa ladrilhada, grandes barracões de telhados de zinco e uma fileira de casinhas cobertas de folhas de palmeira para os trabalhadores; um pouco além, a foz de um rio. Todo proprietário tem seu próprio rio, com um barco a vapor atracado e muito bem protegido das intempéries. Uma grande clareira circunda as casas e a famosa igreja tem duas

torres. Diz o capitão que o padre, quando vem até aqui, tem um bom lucro, pois Mafra é devoto e promove um verdadeiro espetáculo nessas ocasiões, que acontecem duas vezes ao ano. Ele se ocupa com borracha neste rio e noutra mais além, aonde chegamos às 12h30min.

Este é mais largo, tem por volta de 150 metros na foz, com uma alvenga (ou lanchão) ancorada no meio do curso. Serve para fazer carregamento de mercadoria ou borracha, tanto para carregar como descarregar os barcos que passam, como também para guardar a entrada da quebrada principal de Mafra.

Toda “propriedade” tem seu rio próprio, e pobre do forasteiro ou pirata da borracha que se atrever a entrar. Nosso piloto Manoel Lomas diz que já subiu o rio em um grande barco a vapor durante seis horas, ou oitenta quilômetros, na cheia. Diz ele que Mafra é dono de índios ticunas em todo o rio e são eles que lidam com a borracha. Presumo que nenhum barco do governo brasileiro já esteve neste rio desde o começo do mundo, e só Deus sabe o que acontece por aqui, apesar da igreja com suas torres nas barrancas do Solimões. Mafra pode ser um homem temente a Deus, mas, quando se trata de possuir índios nessas florestas da Amazônia, temo mais pelo corpo dos índios do que pela alma de seu dono.

Um Banco de Areia

O grande banco de areia continua muito além de Belém, limitando por muitos quilômetros nossa vista à esquerda, rio acima. Um banco de terra como este – pois não é areia, mas solo negro rico e fértil –, trabalhado por mil chineses, daria para alimentar um reino. Não há necessidade de derrubar madeira ou abrir clareiras. O grande rio faz isso. Ele acumula milhões de toneladas de sedimento cintilante, rastelado, limpo e brilhante, quando a água recua do topo e deixa tudo exposto ao sol e à chuva, em uma extensão de quilômetros, por tempo suficiente para cultivar duas colheitas anuais. Antes de as águas cobrirem tudo novamente, o solo fica coberto de grãos férteis e, como cada cheia deposita mais sedimento, as partes centrais elevam-se anualmente, e aparecem, então, primeiro as embaúbas ou árvores preguiçosas; depois, gradativamente, toda a vegetação da

floresta até que um banco de areia se torna uma ilha coberta de mata. Essa ilha desaparecerá um dia, quilômetro a quilômetro, em redemoinhos e trambolhões que arrancarão altas árvores e léguas de floresta; lançadas em um novo abismo aberto pelo rio poderoso.

Canais de vinte metros de profundidade, hoje a rota principal dos navios para Liverpool, se fecharão, transformando-se em ilhas no ano seguinte.

O Sonho Milenar de Casement para o Amazonas: Uma Civilização Teutônica

Enquanto escrevo, uma extensão de rio de mais de seis quilômetros abre-se à esquerda e à direita, entre as Ilhas. Tenho certeza de que em uma América do Sul reorganizada, quando a Doutrina Monroe tiver sido desafiada pela Alemanha e derrotada felizmente pelas suas armas, o vale do Amazonas se tornará um dos grandes celeiros da humanidade. Acredito, também, que será povoado por uma raça excepcional. A região fornece praticamente de graça todas as coisas essenciais para a existência humana, e isso em um clima que, em latitude equatorial, é superior a qualquer outro no mundo. Tudo de que se precisa é do toque de uma mão desaparecida¹⁶. Os portugueses (peruanos e outros) exterminaram de modo covarde e vergonhoso os aborígenes, cujo número, caso os jesuítas¹⁷ tivessem prevalecido contra Pombal¹⁸ e os colonos, estaria hoje na casa de milhões de indivíduos. Os assassinos nada puseram no lugar daqueles que destruíram, nem civilização no lugar da selvageria, nem humanidade branca para substituir os homens cor de cobre. Tudo o que podiam fazer e fizeram foi demolir, nunca construir ou criar. Esse rio poderoso, muito além de suas margens neste grande continente, espera a mão da civilização.

Quatrocentos anos do espanhol em suas nascentes e trezentos anos do português em sua foz transformaram-no primeiro num inferno e depois num deserto. Nada poderia ser mais agradável do que ver a bandeira da civilização teutônica avançar floresta adentro. Os americanos têm seu quinhão da América e levarão todo o tempo

16. Breve alusão ao poema "Break, Break, Break" de Alfred Tennyson:

REFLEXÕES XXXVIII

“And the stately ships go on/To their haven under the hill;/ But O for the touch of a vanish’d hand,/ And the sound of a voice that is still!” [E os navios majestosos continuam/ Até seus portos debaixo do monte;/ Mas O! quem me dera o toque de uma mão desaparecida,/ E o som de uma voz que se calou].

17. Em 1608, os jesuítas foram autorizados por Felipe III a cristianizarem os guaranis. Estabeleceu-se uma rede de missões em todo o território do sul do Brasil e do território que é hoje o Paraguai. Cada missão era organizada em forma de teocracia autossuficiente, governada por dois missionários jesuítas, um deles encarregado de assuntos domésticos, o outro, da direção de assuntos espirituais. A despeito de estarem subordinados à supervisão constante dos jesuítas, os índios ficavam, pelo menos, protegidos dos colonos brancos e dos bandeirantes. Em 1759-1760, a Coroa portuguesa, sentindo-se ameaçada pelo poder dos jesuítas, ordenou a expulsão deles de Portugal e do Brasil, e sete anos mais tarde foram expulsos de suas missões em territórios espanhóis. O missionário mais eficiente do Alto Amazonas foi o padre Samuel Fritz (1654-1724). Nascido na Boêmia, foi o primeiro a pregar aos indígenas que viviam entre os rios Nago e Negro e fundou a primeira missão no Putumayo. Ver Samuel Fritz, *Journal of the Travels and Labours of Father Samuel Fritz in the River Amazon between 1686 & 1723* (Londres, Hakluyt, 1922). Casement tinha profunda simpatia pela causa jesuíta e considerava as missões o único exemplo de colonização bem-sucedida nas Américas. Casement expressou essa visão na resenha de um livro para o *Manchester Guardian*, que não chegou a ser publicada, escrita enquanto viajava da Inglaterra às Ilhas Canárias, no final de 1912 – um rascunho da resenha está preservado na Biblioteca Nacional da Irlanda (ms 13,073 [10/ii]).

18. Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo), 1699-1782, estadista e primeiro-ministro português de 1750 a 1777. Considerado o primeiro déspota esclarecido de Portugal, tentou implementar legislação liberal e anticlerical e ordenou a expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas.

de que dispõem para construir sua própria civilização. A Alemanha, com seus 70 milhões de homens viris, tem muito a oferecer à humanidade, além de sua música e espetáculos militares. Que lhe

REFLEXÕES XXXVIII

seja permitido liberar toda a sua energia acumulada neste continente e Deus tenha piedade dos ratos que o vêm roendo por tanto tempo. A lei e a ordem teriam significado; a justiça e o trabalho avançando ao longo desse rio poderoso submeteriam a floresta e fundariam cidades, e tornariam reais, aqui nesses ermos gloriosos, as palavras cintilantes com que Bates conclui seu livro: “pois eu defendo a opinião de que, embora a humanidade possa atingir um estado avançado de cultura lutando com as inclemências da natureza nas altas latitudes, é apenas abaixo do Equador que a raça perfeita do futuro pode atingir completa fruição da maravilhosa herança do homem, a terra”¹⁹.

Partilho a crença de Bates e acredito que o povo certo para a tarefa não é “nem o saxão, nem o italiano”, mas nossos amigos, os alemães. Nem americanos ou canadenses, ou nada que seja latino ou latinizado. A maldição deste continente é sua latinização. Com tudo a seu favor – incomparavelmente melhor do que a pradaria desolada da América do Norte, já habitada por milhões de seres gentis, dóceis e ativos o que fizeram por ele quatrocentos anos de civilização latina? Reduziram os muitos milhões dos platôs andinos a um décimo de seu número e a uma condição de escravização única entre as raças brancas governantes do leste; assassinaram os habitantes mais selvagens da floresta das maneiras mais bárbaras que se possam conceber – não a fim de substituí-los por colonos brancos e agricultores, mas simplesmente a fim de escravizar os sobreviventes em nome do interesse de um punhado de posseiros sórdidos e ignorantes, de espírito mesquinho. E a isso seguiu-se a pilhagem das florestas – a pirataria dos recursos vegetais substituindo a pirataria dos seres humanos, a fim de que a ralé ignorante do Pará, de Manaus e de Iquitos possa visitar Paris ou Lima e alimentar seus apetites sensuais com os vícios oferecidos por ambas²⁰.

19. Bates, *op. cit.*, p. 460.

20. O apoio de Casement à civilização teutônica, em oposição à colonização latina ou britânica, nasceu de sua crescente desilusão com o império britânico e da associação ainda mais intensa com o movimento

pela independência da Irlanda. Mas, na sua época, ele não foi o único a sustentar essa opinião. Em 1911, Casement começou a argumentar que o crescente antigermanismo da Inglaterra levaria o mundo à guerra, uma previsão que se provou correta. No entanto, a ideia de Casement sobre a civilização alemã era excessivamente romântica. Os métodos imperialistas alemães, principalmente em Camarões, no sudoeste e no leste da África, resultaram em crimes ignominiosos contra a humanidade.

Terça-feira, 22 de novembro de 1910 – No Solimões

Desembarque dos Barbadianos

Só chegamos a Esperanza à uma da manhã. Eu tinha ido me deitar havia muito tempo e esperava que ficássemos ali até o amanhecer, a fim de organizar o desembarque dos homens. Entretanto, o capitão me chamou para informar que o jovem oficial aduaneiro encarregado do posto tinha permitido de muito boa vontade que os homens desembarcassem e armassem redes sob a casa. Esse jovem subiu a bordo e, de modo efusivo, caracteristicamente luso-brasileiro, abraçou-me, e eu respondi cordialmente, cada um de nós dando pancadinhas nas costas do outro. Foi um prazer ver o rosto moreno e franco de um brasileiro de aspecto decente e cordial, depois dos tipos com compleição de assassinos a que me acostumara no Putumayo peruano. Ele insistiu para que eu instrísse os homens a não se embriagarem. Desembarcamos uma boa quantidade de provisões e escrevi ordens válidas para qualquer barco descendo o rio e para o senhor Dening, o vice-cônsul em Manaus, para cuidar dos homens quando chegassem e pagar seu transporte.

Vim a saber que, infelizmente, o SS Javari havia descido o rio fazia quatro dias e que o Athualpa subiu para Iquitos no dia 13 – havia oito dias! Vamos levar todo nosso tempo disponível para alcançá-lo.

O Cachorrinho de Bishop

Bishop relatou duas ocorrências típicas dessa gente. Durante a noite, um dos membros da tripulação jogou no rio o seu cachorro – um cãozinho gordo que Greenidge lhe dera em Chorrera. Que ato

covarde! Ele acha que foi o segundo cozinheiro – um peruano de puro sangue branco, alto e desengonçado, o rosto com marcas de varíola, que parece um espanhol franzino. Parece que o covarde havia ameaçado jogar o cachorro no rio se este chegasse perto da cozinha. Às 9h30min da noite o cachorro estava brincando com Bishop, mas à uma da manhã, quando os homens foram acordados para desembarcar, o cachorro tinha desaparecido. Pobre bebê rechonchudo! Teve morte horrível, lutando para não se afogar no grande rio, ou ser devorado por um jacaré. [...]

Tabatinga-Leticia: a Fronteira entre o Brasil e o Peru

Chegamos a Tabatinga, às seis da manhã, com a bandeira verde do Brasil ao vento e os soldados vestindo o uniforme cáqui da “grande República”. O sargento, um caboclo jovem e bonito, com cinco listras vermelhas no braço, subiu rapidamente a bordo, despachou nossos papéis de imediato e desceu.

Estava impecavelmente limpo, de colarinho e punhos engomados e botas lustrosas, escolhendo onde pisar na lama e detritos da margem até a prancha de desembarque. Um verdadeiro tipo de brasileiro – limpo, bem-apessoado e vaidoso, com amabilidade estampada nas feições. Continuamos rumo a Leticia, o posto de fronteira peruano, quase dois quilômetros rio acima, onde ficamos retidos por mais de três horas. Chegamos às sete da manhã e só conseguimos sair perto das onze. Não entendi a razão da demora, pois o capitão me dissera que pretendia apressar-se para alcançar o Athualpa em Iquitos a todo custo. Ele me falou isso quando já estávamos a caminho, dizendo-se envergonhado com a espécie de autoridades que havia em seu país. [...]

Inúmeras borboletas a bordo, algumas que eu nunca havia visto, muito diferentes de nossas lindas variedades caçadas no Igaraparaná. Hoje, especialmente, uma borboleta-cauda-de-andorinha de tons vivos de verde e negro e outra belíssima com anéis brancos e pretos. [...] A clareira onde paramos é evidentemente antiga, a grama rasteira aparada por quatro cabeças de gado.

Nenhum tipo de plantação, mas muitas palmeiras de pupunha, com

frutos maduros. Apanhamos uma porção de frutos – meu moleque Omarino subiu numa palmeira de tronco liso, desbastado e de pontas espinhosas. O rapaz amarrou meu lenço no tornozelo e subiu num segundo. O negro brasileiro, que estava em Providencia quando Mapp e os outros barbadianos seriam emboscados pelos *muchachos* canibais de Agüero, está a bordo, voltando para casa depois de cinco anos de serviço na companhia. Ficou um tempo tirando frutos da palmeira mais próxima com uma vara comprida que alcancei para ele. Afastei-me na clareira para apanhar flores e vi dois belos pássaros pretos e amarelos em uma árvore, ao lado de vários ninhos pendentes. Não levantaram voo, mas ficaram nos olhando. Pinheiro me seguiu e me contou o nome do pássaro – acho que jaura – e daí disse apressadamente que desejava fazer uma “declaração” do que havia visto em Putumayo nos cinco anos que estivera lá. Falou com amargura e deduzi de imediato que era outro dos que, como Guzmán, desejavam denunciar a monstruosidade. Não falei nada a Pinheiro, porém mais tarde disse a Bishop que, se o homem viesse me ver em Iquitos, eu tentaria descobrir os fatos sobre a emboscada dos barbadianos, mas que naturalmente suas declarações teriam de ser feitas diante do cônsul brasileiro. É mais uma testemunha, entretanto, disposta a falar, e isso é positivo. Invadi o covil dos ladrões e agora haverá muitos para apresentar testemunhos fidedignos se o prefeito quiser ouvir a verdade.

[...] Em Pebas, o capitão disse que deveríamos parar para levar gado para Iquitos, mas agora receia não alcançar o Athualpa e não há tempo para a visita. Fiquei aborrecido pois, segundo ele, os índios yaguas da região ainda usam uma vestimenta silvestre feita de fibras – mais ou menos como os vestidos das mulheres bangolas do alto Congo. Eu tenho uma dessas vestimentas, que Tizón me deu em Chorrera, mas ainda não vi nenhum índio vestido assim²¹.

O Primo de Tizón

Como exemplo das coisas estranhas que acontecem por aqui, o capitão me contou que Victor, o menino mestiço que serve à mesa, é primo – primo em primeiro grau – de Tizón! Parece que um tio de Tizón, a serviço do governo, passou por esta região e o menino, com cerca de doze anos (como auxiliar de copeiro), é um souvenir da

viagem. Mãe índia, naturalmente. O menino é muito bonito – um sujeitinho bem-educado. Pena é que o pai nada tenha feito por ele. Reigada disse que Tizón não sabe de nada. O capitão evitou contar-lhe e é possível que o menino não saiba quem é seu pai. É um menino encantador, limpo, inteligente e muito bonito. O cabineiro é quase índio puro, um belo rapaz, magro, gracioso e elegante [...].

Quarta-feira, 23 de novembro de 1910 – Rumo a Marañón, a Caminho de Iquitos

A Indústria da Borracha

Fizemos um bom percurso à noite. Um pôr do sol glorioso ontem em toda a imensa amplidão do rio. Parece-me que o rio está subindo. Grande quantidade de plantas, como lírios-d'água em miniatura, e uma maré de gravetos e árvores pequenas meio submersas são levados pela correnteza, sinal da enchente dos tributários mais acima. Estamos agora bem dentro do Marañón peruano, nos enclaves mais densamente povoados do rio.

21. O vestido de fibra de casca de árvores se encontra preservado no Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Irlanda.

Muitas choupanas e clareiras recém-abertas e, às vezes, uma grande propriedade. Ao meio-dia, passamos por uma dessas propriedades, de nome San Tomás: uma bela construção – uma casa de dois pavimentos com uma serraria nos fundos, e vários outros sinais de atividade. Foi a primeira indicação de indústria que se vê – na realidade a única propriamente dita – penso eu, por milhares de quilômetros nesta grande via fluvial. No mais, a única evidência de atividade se reduz a uma casa ou armazém “à espera da chegada da borracha”.

A chamada indústria da borracha, mesmo quando não acompanhada pelo crime e pela opressão dos índios na Amazônia – no Brasil ou aqui no Peru –, é uma das atividades mais perniciosas a que todo um povo poderia se dedicar. Há muito tempo, todo homem daqui se abandonou a essa busca insana pelo chamado “ouro negro”²². Tudo o mais é negligenciado; nem sequer se pensa em agricultura e no uso do solo; os confortos da vida, as alegrias da vida

REFLEXÕES XXXVIII

em sociedade e o bem-estar da comunidade foram sacrificados em nome da corrida pelo enriquecimento. A desmoralização dos métodos usados pelos espanhóis para lidar com povos subjulgados atingiu aqui um clímax. O trabalho regular, aquilo de que a região mais necessita e a única coisa que teria resgatado as tribos selvagens de seu modo de vida irregular e descontínuo, foi simplesmente ignorado.

Todos os homens correm para conseguir borracha – por bem ou por mal – e os que podem tentam fazê-lo por meio do trabalho de outrem. O pequeno comerciante é o degrau seguinte na escala comercial. Ele compra a borracha dos coletores vicários, roubando a torto e a direito, num processo fraudulento difícil de ser encontrado em qualquer outra parte do mundo. Iquitos, que não tem igreja, tem uma numerosa colônia de judeus. Há também uma grande colônia de chineses e mestiços – isto é, um cruzamento de chinês com índio cholo, que produziu um belo tipo físico. Os judeus são o fator predominante nos negócios em Iquitos e, desde que me aventurei na Amazônia peruana, consegui solucionar uma charada que vinha me perturbando. Em Johannesburgo, antes da guerra, e provavelmente

22. “Ouro negro” era o termo usado para descrever a borracha no auge da exploração.

desde então, os judeus eram, de maneira geral, chamados de “peruanos”, tanto na imprensa como coloquialmente. Nunca ouvi explicação ou motivo para isso – só agora percebo sua força²³.

Caçando Borboletas

Paramos uma vez à procura de lenha, mas sem sucesso. Ficamos algum tempo numa praia agradável, com uma bela casinha escondida por um lindo jardim, rodeado por uma cerca alta. Os homens desceram para comprar laranjas que, segundo o capitão, eram abundantes. Omarino e eu perseguimos borboletas maravilhosas – uma, com manchas verdes e pretas, e outra, rajada de preto e carmim ou escarlata, simplesmente magnífica. Apanhávamos as borboletas de modo displicente, com os dedos. Foi assim que Omarino apanhou uma – branca e vermelha –, mas eu a

soltei imediatamente, e ela se afastou intacta.

Não tive coragem de esmagar entre os dedos o corpinho palpitante.

23. Esse termo, usado com desdém na África do Sul para referir-se aos judeus da Europa central e oriental, deriva provavelmente da criação da União Polonesa e Russa em Kimberley, uma associação judia cujas siglas são pru e que os sul-africanos transformaram em Peru.

SS Clement. Booth Company

Uma tremenda tempestade à tarde – quase sem vento – mas uma chuva violenta e abafada. Disseram-me que devemos chegar a Pebas hoje à noite e fazer uma parada para carregar lenha. Diz o capitão que os yaguas vêm com seus trajes nativos originais – uma vestimenta feita de fibra de chambira²⁴ trançada, fazendo uma peça volumosa que cobre todo o corpo. Tizón me deu uma, mas ainda não a vi no corpo de alguém. Entretanto, não chegaremos a Pebas antes do anoitecer e temo que haja pouca ou nenhuma chance de ver os índios. O mais estranho é pensar como sobreviveram e preservaram seus costumes e trajes nativos, quando, ao longo dos 3.220 quilômetros de extensão do rio, o índio adotou a vestimenta e os costumes de seus assim chamados civilizadores. Ele geralmente veste camisa e calças de brim ou algodão grosseiro, com um tosco chapéu de palha de abas largas. O traje é singularmente inadequado e os belos membros cor de bronze dos homens são tão pitorescos que é um crime substituir o fono, a faixa de casca de árvore que cinge os quadris, por esse traje miserável. [...]

Índios Yaguas Vistos à Luz Elétrica

Não fui me deitar. Fiquei acordado esperando a chegada a Pebas, o que se deu perto das onze da noite, quando entramos pela foz do rio. Homens desceram à praia para apanhar lenha e grandes troncos. Diz o capitão Reigada que o lugar pertence a um velho peruano de nome Julián Ruiz. Este subiu a bordo e foi então que vi dois índios yaguas em seus trajes excêntricos, à luz fraca de uma lanterna na praia. Eles ajudavam a tripulação com os caibros e carregavam vigas enormes a bordo com a maior facilidade. Fiz com que fossem trazidos ao convés fiquei absolutamente estupefato ao vê-los à luz

24. Palmeira típica de região, que pode alcançar 25 metros de altura e é muito útil para as comunidades indígenas por duas razões: seus frutos são comestíveis (cada cacho chega a ter até oitocentos frutos) e sua fibra é utilizada para a confecção de roupa, bolsas, etc.

das lâmpadas elétricas. O traje supera tudo o que eu vira até então. Estava amarrado cobrindo o corpo todo com longas franjas penduradas na parte de trás; o traje é suave e farfalha. O material é tingido em um tom de vermelho-terracota, rico e suave, e as belas feições pálidas dos homens que emergiam desses filamentos eram uma revelação. Um deles era alto, o outro mais baixo, ambos jovens e bonitos. As feições eram extremamente agradáveis, tímidas e modestas. Ficaram de olhos pregados no chão enquanto os examinávamos. A pele era tingida de substância rosa, que presumo ser anato²⁵. Parecia-se com o pó do sândalo africano. O jovem mais alto poderia passar por um príncipe inca: feições regulares, olhos suaves e gentis, boca bonita e o olhar baixo e pensativo. Ergui-lhe o rosto duas vezes para tentar encontrar seus olhos, mas ele sorriu gentilmente e tornou a baixá-los. Trazia nas orelhas dois tufo de penas de papagaio vermelhas. As duas esposas estavam na praia e desci para vê-las, mas ambas abaixaram a cabeça e ergueram os braços para cobrir o rosto e só pude vê-las de relance à luz da lanterna, quando o velho Ruiz a apresentou a mim em yagua. Afirma o capitão que os yaguas são “livres”, mas aqui é preciso definir o termo. Presumo que todos sejam devedores do velho Ruiz. Ele parece ter entre 68 e setenta anos, no mínimo, diz o capitão que nasceu aqui em Pebas, e é “o patrão de todos os yaguas”. É também o “governador” de Pebas. Quando lhe perguntei como é que esses índios não haviam desaparecido ou se transformado no tipo posseiro “civilizado”, como os ticunas e outros ao longo do rio, ele disse que não sabia. Mas a explicação veio logo depois.

Há padres aqui. Uma missão de agostinianos – financiada e mantida, até certo ponto, pelo governo peruano – conserva dois padres no país dos yaguas, o que se dá, aparentemente, há já muito tempo. Acho que essa é a explicação para a salvação dessa tribo nobre e graciosa. A descrição que o tenente Maw fez deles, quando viu a canoa chegar aqui a Pebas, em 1827, se aplicaria ainda hoje.

REFLEXÕES XXXVIII

Foram salvos pelos missionários – parece óbvio. Diz Reigada que poucos yaguas vão a Iquitos e quando o fazem usam trajes comuns.

25. Anato, Bixa orellana, era a tintura usada mais comumente pelos índios da Amazônia, conhecida como achiote no Peru e urucum no Brasil, feita das cascas esmagadas dos frutos arredondados.

Três jovens vieram a bordo depois da meia-noite, quando partíamos, trazendo pacotes mandados pelo velho Ruiz. Ele e os índios foram embora subindo o morro, iluminados por uma lanterna até a casa, escondida na escuridão. Fiquei desolado por não termos vindo aqui durante o dia para poder fotografar esses quatro índios. Dei cigarros para os homens, que fumaram com prazer. Ambos eram aparentemente muito fortes, pois vi o mais alto levantar troncos enormes e carregá-los a bordo com grande facilidade, em passo rápido. O outro homem ergueu quatro dos caibros e trouxe-os no ombro. A tripulação, se tanto, carregava um de cada vez. Suponho que a madeira se destina a construções em Iquitos. [...]

Problemas de Saúde

Estou com medo de ter uma crise de gastrite como tive no Pará, em julho de 1908²⁶. A lembrança tenebrosa não me sai da cabeça e os sintomas que se apresentam hoje lembram o início daquela crise. Sinto um gosto amargo horrível na boca depois de tudo o que como ou bebo. Não importa o que seja – comida ou bebida, pão, chá ou vinho –; assim que engulo segue-se um gosto acre e desagradável, como se minha boca estivesse cheia de quinino. Os sintomas, acompanhados da intensa irritação da pele, que surgiu desde que saímos de Putumayo, fazem-me temer uma nova crise do aflitivo

*26. Depois de passar a maior parte de 1907 como cônsul no porto cafeeiro de Santos, no Brasil, Casement foi designado para Belém, capital do estado amazônico do Pará. Chegou ali a 21 de fevereiro de 1908, a bordo do **SS Clement**: por coincidência, viajou desde Madeira com Julio César Arana, também passageiro da primeira classe. Casement parece ter se dado bem nos primeiros meses no Pará. Dedicou-se com o zelo habitual a reorganizar o consulado, que encontrou em estado lastimável de*

REFLEXÕES XXXVIII

*desorganização e pessimamente instalado, dado o nível dos investimentos britânicos na cidade. No final de abril, viajou para fazer um relatório sobre a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Em julho, teve uma crise aguda de gastrite e, por ordem médica, foi forçado a abandonar o clima do Amazonas, mais suscetível a causar febre, para convalescer em Barbados. Partiu de Belém a 26 de julho a bordo do **SS Cearense** e passou várias semanas em Barbados, antes de retornar a Belém. Finalmente deixou o posto em 17 de novembro de 1908 e partiu para a Inglaterra a bordo do **SS Lafranc**, passando o Natal na Irlanda, antes de assumir sua nova posição como cônsul-geral no Rio de Janeiro.*

problema gástrico que me derrubou durante três meses em 1908. Irei ao médico do Athualpa, assim que chegarmos, e vou eliminar todo tipo de carne, etc., a partir de amanhã.

Quinta-Feira, 24 de novembro de 1910 – Aproximando-se de Iquitos

[...] Nesse momento, sinto-me feliz de chegar a Iquitos, pois estou muito pior e temo que seja uma crise de gastrite. Tive uma crise aguda de gastrite no Pará e não quero outra daquelas aqui, com uma longa jornada pela frente até ter acesso a qualquer coisa que lembre conforto ou cuidado. Ficar doente no Athualpa, desembarcar em Manaus e lá ficar me preocupando com os barbadianos seria a última gota d'água. Se chegarmos a tempo a Iquitos, vou procurar imediatamente o médico do Athualpa.

Hoje está mais fresco. Os marinheiros cholos estão limpando tudo e pondo o barco em ordem para a chegada à capital da região. Dei uma olhada em cartas vindas do Congo e em outras que recebi no dia 9 de novembro; e coloquei-as em ordem para respondê-las quando estiver navegando rio abaixo – espero que no próximo dia 27, domingo – no Athualpa.

Passei o dia sem fazer nada, nem mesmo escrever. Brinquei com meu pequeno chiviclis de manhã; é uma coisinha linda e logo será um animalzinho de estimação tão querido como o que tínhamos no rio Madeira em maio de 1908, que foi lançado na água pelo tremendo tufão que certa tarde se abateu sobre nós e varreu o convés²⁷. À noite, acomodo o bichinho bem coberto em minha

cabine, onde se aninha confortavelmente; de manhã cedo Arédomi ou Omarino vêm e levam-no para fora, e na maior parte do dia ele fica livre para brincar, correr e chilrear; e comer.

27. Algumas semanas após sua chegada como cônsul no Pará em 1908, Casement embarcou numa viagem para relatar o progresso da estrada de ferro Madeira-Mamoré, possivelmente a construção ferroviária mais ambiciosa que já houve. Apesar da perda de milhares de vidas no processo, a construção da ferrovia foi encerrada em 1912, em consequência da crise no mercado da borracha na Amazônia.

Coleta de Borracha no Amazonas Superior

Diz o capitão que o Pongo de Manseriche²⁸, que foi cruzado com sucesso em maio ou junho deste ano pelo *Cosmopolita*, da *Peruvian Amazon Company*, pilotado pelo capitão Lores, não é propriamente uma corredeira, é apenas um estreitamento do Marañón entre os dois últimos paredões no sopé dos Andes.

Depois de passar o Pongo de Manseriche, no entanto, logo surgem correntezas e o rio deixa de ser navegável para os barcos a vapor. [...] Uma companhia peruana, chamada *Cia. Gomera do Marañón*, está trabalhando a borracha e os índios o fazem acima do Pongo de Manseriche. Reigada descreve a operação como “uma lástima”: a Companhia manda a produção para Iquitos em balsas, isto é, jangadas. A *Peruvian Amazon Company*, sem dúvida, tem interesse em ajudar a associação dos Estados Unidos²⁹ a tentar a abertura do rio Santiago, que deságua logo acima do Manseriche, e foi a bordo do *Cosmopolita* que se iniciaram neste ano a inspeção do rio e a “conquista” de suas tribos “hostis”.

Quanto ao futuro de todos esses interesses, só pode haver um: fracasso, fracasso absoluto. Não escrevo aqui as razões, que podem ser resumidas, de modo geral, na falta de caráter dos peruanos, capazes de devorar toda a energia d’além-mar e o controle vicário de diretorias europeias ou dos Estados Unidos. Considere-se, por exemplo, o caso do rio Ucayali, a verdadeira mãe das águas do sistema amazônico, que é ainda o principal alimentador do mercado de exportação de Iquitos. Costumava transportar o caucho – a

REFLEXÕES XXXVIII

borracha da Castilloa ulei, da qual não restou uma sequer – e agora transporta a “borracha”, isto é, o látex da Hevea brasiliensis, ou “Pará fino”, como é chamado.

O caucho foi uma importante fonte de riqueza, mas os caucheros destruíram em dez anos, diz o capitão, todas as Castilloas produtoras de látex no raio das margens do Ucayali. Só Deus sabe quantos índios das tribos ribeirinhas também foram dizimados. Uma indústria inteira destruída impiedosamente em apenas uma década. Exatamente as mesmas características do espanhol do

28. Famoso trecho do Marañon, acima de Borja, onde correntes e redemoinhos traiçoeiros impedem a passagem. É ali que o Amazonas deixa de ser navegável.

29. Consórcio de capitais majoritariamente norte-americanos.

tempo de Pizarro, agindo nos dias de hoje. Putumayo é o testemunho vivo disso. Há uma companhia inglesa; vejam o fruto dessa aliança! A borracha e os índios – a propriedade da Companhia está muito bem – foram destruídos, irremediavelmente arruinados, em menos de dez anos por um sindicato que recebe apoio total das mais altas autoridades do Peru. Os irmãos Arana, assegurou-me o prefeito, tinham “prestado relevantes serviços” ao governo, etc., e era uma agência eminentemente civilizadora. Se for assim, o que dizer do cauchero solitário, que nunca foi alimentado com leite, mas anda atrás do leite da Hevea brasiliensis ou da Castilloa de machete na mão, e ódio mortal no coração? Deus tenha piedade do índio e da árvore que o protege no seu caminho. Existe, também, o problema do roubo – basta ver o sucesso retumbante de Israel com a Companhia Pacaya – sua “propriedade”, por assim dizer, logo acima do Ucayali.

Não vejo nenhuma esperança para a Amazônia sob o controle do Peru, e pouquíssima sob o controle do Brasil. O Peru tem, sem comparação, o povo melhor e mais íntegro; refiro-me à estirpe e ordem dos índios que constituem a população do país, mas as classes governantes são insuficientes, demasiado fracas e corruptas para elevar ou instruir a massa indígena. Apesar da pretensão ao

título de República, o país não chega sequer a ser uma oligarquia. [...]

Iquitos

Sexta-feira, 25 de novembro de 1910 – Chegada a Iquitos

Chegando a Iquitos

[...] Passamos por Nanai, e agora, às sete da manhã, estamos lado a lado com Punchana, vila indígena abaixo de Iquitos, onde vive Simón Pisango. A igreja daqui, também, em ruínas! O Atahualpa, claramente visível, está amarrado ao ancoradouro da Booth & Co. Hurra! Se eu avistasse uma bandeira inglesa, eu a saudaria. Eu! Mais do que nunca, já que não existe uma bandeira irlandesa ainda. Alegro-me pensar que haja uma bandeira – mesmo que vermelha e tudo o mais – que represente hoje a conduta justa e algum espírito cavalheiresco e de ação para os homens mais desfavorecidos.

Já fiz as malas e tudo está pronto para o desembarque e hoje travo meu último embate a respeito da questão do Putumayo. Encontrar-me-ei com o prefeito às 2h30min da tarde, e então lhe será apresentada uma exposição franca, ainda que confidencial, da situação. Deixarei claro que o Peru tem de lidar com esse mal hediondo, ou arcar com as consequências da perda de prestígio e reputação, para não dizer nada da interrupção do fluxo de todos os suprimentos financeiros.

Agora, devo deixar meu diário de lado e ir ao castelo de proa conversar com o capitão.

Sábado, 26 de novembro de 1910 – Iquitos

Passando a Limpo o Dia Anterior

Desembarquei ontem em Iquitos e trouxeram-me todas as coisas até a casa dos Cazes. O senhor e a senhora Cazes estão muito bem, e alojei-me no mesmo quarto quente de antes. Bishop, Arédomi e Omarino ficarão em quartos que aluguei para eles na cidade. A senhora Cazes torce o nariz quando estão aqui e sugere que tomem banho. Eu disse que os índios são, de modo geral, muito mais limpos que os brancos no que concerne ao próprio corpo. Levei os

REFLEXÕES XXXVIII

Dois meninos ao barbeiro – um espanhol – para que lhes cortasse os cabelos, e encurtasse a minha própria juba. O barbeiro encantou-se com o cabelo dos índios: belo, longo e forte.

Recebi a visita do ajudante do prefeito, um jovem *mestizo* que não conseguia me olhar nos olhos, mas golpeava sem cessar seus joelhos com um chicote. O prefeito enviou saudações, perguntando sobre minha saúde, etc., e sobre minha estada em Putumayo, etc. Eu disse que precisava visitá-lo pessoalmente amanhã ou depois de amanhã. Pablo Zumaeta também veio ver-me, mas felizmente eu não estava. Visitei a **Booth & Co.** e desci até o **Atahualpa**. Descobri, para meu desgosto, que não zarpará antes de sexta-feira (2 de dezembro), no mínimo, e provavelmente não antes de domingo, dia 4.

O SS **Clement** deve deixar Manaus com destino a Nova York via Barbados no dia 9, e espero poder embarcar nele com Bishop, Brown e o resto dos homens, e assim despachar todos os que não vão ficar no Brasil.

Punição para os Cholos Bêbados

Visitei Reigada no ancoradouro. Ele estava supervisionando o descarregamento dos chorizos. Todos os pobres meninos cholos de sua tripulação, diz ele, hoje ficaram bêbados e ele os curou colocando-os no compartimento de carga com as escotilhas fechadas, “para suar a bebedeira”, conforme ele disse. Trata-se de um método bárbaro e infame de lidar com homens, e um dos preferidos por esses capitães de barco peruanos. Bishop me diz que Zubiaur, o bruto mencionado com tanta frequência nos depoimentos de Hardenburg, e que agora é capitão do barco de David Cazes, **Beatriz**, pôs um peruano no compartimento de carga do **Liberal** certa vez, e o homem morreu sufocado. Nada se fez contra Zubiaur.

Posso acreditar facilmente que qualquer pessoa morreria, mesmo depois de apenas meia hora no compartimento de cargas de um barco minúsculo como esse, cuja profundidade não é maior do que 1,2 metro, e não há absolutamente nenhum orifício ou buraco de qualquer tipo para a entrada de ar uma vez que se feche a escotilha, e cercado por paredes de ferro, neste clima! Os pobres garotos

cholos estavam trabalhando com a borracha quando os vi, já tendo “suado a bebedeira”, e alguns deles estavam bastante pálidos.

A Homilia de Casement sobre as Virtudes da Bebida

Expliquei a Reigada que os povos que não têm medo de ficar bêbados conquistaram o mundo! Note-se os ingleses, os irlandeses, os escoceses, os teutônicos e os povos do norte em geral, enquanto as raças sóbrias falharam! O homem que não tinha medo de “trair a si mesmo” provavelmente teria um temperamento mais adequado à grandeza do que o outro, mais discreto, que temia *in vino veritas*¹. Enquanto os cavalheiros ingleses iam para a cama, carregados por seus criados, um gabinete de ingleses bêbados esmagava a França e conquistava o mundo! Minha homilia sobre as virtudes da bebida versus abstenção terminou.

(Fiz de propósito, pois Reigada tinha acusado “esses ingleses” – a comissão e eu – de sermos “bebedores de uísque” e só pensarmos nisso.)

Retornei à sede da Booth e tomei um coquetel.

Conversa com Cazes

Longa conversa com Cazes sobre Putumayo; a atitude mental dele não é a desejável. Toda vez que abre a boca a respeito do assunto mostra como sabia muito mais sobre tudo isso do que admitiu ao

1. *Expressão que significa “no vinho está a verdade”.*

Ministério das Relações Exteriores, quando lhe pediram informações. Ele era unha e carne com Arana em Londres na época; sabia montanhas e montanhas de coisas e ainda assim na carta que mandou ao Ministério das Relações Exteriores fingiu que não sabia de praticamente nada, nem mesmo que os escravos uitotos eram trazidos para Iquitos e vendidos aqui. Pois eu já sei de vários. [...]

Bishop contou-me ontem que a mulher da casa onde ele e Brown estão tem uma criada uitota, uma menina, e de manhã ele a ouviu contar a John Brown que a criada lhe tinha custado quinhentos soles peruanos. Brown havia conhecido a menina em algum lugar

REFLEXÕES XXXVIII

em Igaraparaná e perguntou à mulher sobre ela. Esta lhe disse: “Sim, paguei cinquenta libras por ela”.

À noite, outra longa conversa com Cazes. Devo dizer que ele não me inspira muita confiança. Por exemplo, teve a afronta de tentar me fazer engolir que frequentemente vendia bens abaixo do preço de custo em Iquitos. Isso por conta da reforma que a Comissão sugerirá, de acordo com a qual no futuro todos os bens devem passar a ser comprados na Inglaterra e não em Iquitos.

Ele pensa que “uma possível economia de 10%, no máximo 15%, pode ser assim realizada”, não mais! Acrescenta que a casa aqui em Iquitos (Zumaeta & Co.) não compra daqui, mesmo sendo menores as taxas locais. Não fazem nenhum esforço para conseguir os melhores preços obtíveis localmente.

Isso eu já supunha há muito tempo. Eles compram dos amigos. Ele admite que há uma enorme quantidade de fraude interna nesse e em outros aspectos e que os acionistas de Londres não ganham um centavo da borracha. Todo o dinheiro vai embora aqui, ou vai para aqueles que o adiantaram de uma maneira ou de outra.

[...] Ainda este ano, Cazes assegurou ao Ministério das Relações Exteriores em Londres que nada sabia sobre as tragédias de Putumayo e me disse, mais de uma vez, quando vim aqui, que “isso era um livro selado” e repetidamente assegurando-me que, até ouvir as declarações de Bishop e Labadie, ele nada sabia de definitivo. Toda nova conversa que tenho com o homem me convence de que ser comerciante em Iquitos é uma ocupação muito perigosa para a própria integridade e para a capacidade de distinguir entre o certo e o errado.

Fiz com que o médico do Atahualpa me visitasse e ele me deu um tônico e me garantiu que estarei bem em breve.

Sábado, 26 de novembro de 1910 – Iquitos

Nesta manhã, espero encontrar o prefeito de maneira discreta e não oficial, e, se ele quiser conhecer minha visão sobre Putumayo, eu a darei com franqueza. Serei obrigado a levar Cazes como intérprete, pois o prefeito diz que não fala francês, e minhas poucas palavras de

espanhol não me levariam muito longe.

Problemas de Privacidade

Bishop veio me dizer que há dois barbadianos que desejam me ver. Trata-se de algo impraticável, pois aqui só tenho meu quarto (e uma pequena mesa) para escrever, com a senhora Cazes e suas criadas lá fora, e ela é uma intrometida.

Se eu for para o escritório de Cazes, é pior: não há privacidade, seus funcionários à porta (dois deles falam inglês) e os peões martelando caixas de borracha de forma ensurdecidora. [...] Perguntarei à Booth & Co. se posso usar os aposentos privados deles para escrever com tranquilidade em um quarto enquanto estiverem ausentes. É a única coisa em que consigo pensar. [...]

Entrevista com o Prefeito

Fui encontrar-me com o prefeito levando Cazes como intérprete às 10h15min da manhã e fiquei até às 11h40min; uma longa entrevista. Eu lhe disse muito – primeiro dos barbadianos e de como foram maltratados – então, a seu pedido, falei das muitas acusações trazidas contra os agentes da Companhia pelos homens, que os mencionavam por nome, e citei particularmente Normand, Agüero, José Inocente Fonseca, Alfredo Montt e Jiménez. Esqueci de dar a Velarde o que lhe é devido, mas isso pode ser reparado. Disse-lhe que ele poderia, mais tarde, se quisesse, questionar Bishop, e ele gostou muito da ideia, de modo que Bishop irá vê-lo na segunda-feira, às dez da manhã. Ele disse que o fiscal da corte, doutor Cavero², tornou-se primeiro-ministro do Peru e que a comissão de justiça que está prestes a embarcar para Putumayo será composta do doutor Valcárcel³ (como juiz), um escrivão, tropas (da força pública), funcionários e um médico; que a comissão partiria num vapor do governo e seria absolutamente independente da Companhia, e que ele estava apenas esperando instruções telegráficas de Lima para despachar a comissão; que ele, de imediato, telegrafaria a Lima para dizer que tinha estado comigo, que eu confirmara, substancialmente, as piores acusações que haviam aparecido na Truth, e que os crimes mencionados eram revoltantes, e que se deve fazer justiça.

REFLEXÕES XXXVIII

Ele me pediu várias vezes para que não houvesse publicidade, que eu não escrevesse um relatório para publicação, pois isso seria um “peso esmagador” sobre os ombros “inocentes” do Peru. Disse que a Companhia, por sua “negligência criminosa”, merecia punição, que os índios seriam protegidos no futuro e que toda a possibilidade de recorrência dessas coisas estava anulada. Seu principal temor era que ocorresse publicidade, que o governo de Sua Majestade publicasse os fatos, meu relatório, as réplicas do Parlamento, etc. e que expusesse o Peru ao opróbrio internacional. Seria possível evitar isso? Não poderia eu esconder do Ministério das Relações Exteriores as terríveis evidências dos barbadianos? Omiti-las do

2. Doutor Cavero foi primeiro-ministro do Peru durante o governo do presidente Leguía e o ministro peruano mais diretamente envolvido com Putumayo. Embora tenha afirmado sua intenção de melhorar a situação dos indígenas do Peru, pouca coisa saiu dessas promessas.

*3. Doutor Carlos A. Valcárcel foi nomeado juiz peruano oficial para agir em nome da Corte Superior em Lima e chegou a Iquitos em dezembro para começar a investigar a questão. Embora tenha sido intimidado por Arana e sua gangue nos dois anos que se seguiram, ao final do período publicou suas conclusões em um livro que protege o lado oficial do Peru de toda a saga: **El Proceso del Putumayo: Sus Secretos Inauditos** (Lima, Imprensa “Comercial” de H. La Rosa, 1915). O livro foi dedicado ao presidente do Peru, Guillermo Billinghurst (1912-1914), e à Anti-Slavery Protection Society de Londres, em uma edição limitada de mil cópias. Baseava-se em grande parte no **Blue Book** de Casement e no relatório de Paredes.*

meu relatório? Eu disse que não, não poderia, que eu era obrigado a fazer um relatório completo, que as instruções recebidas eram relatar o estado em que encontrei os barbadianos e a natureza das relações deles com a companhia, e que todas as provas que colocaram diante de mim teriam de ser colocadas diante da secretaria de Estado; mas eu disse que, da minha parte, poderia assegurar-lhe que não haveria publicidade, que, se eu tivesse influência ou o humilde poder de sugestão, pediria que as acusações envolvendo o bom nome do Peru em hipótese alguma se tornassem

públicas. Minha ideia e minha vontade, sujeitas, é claro, à permissão da secretaria de Estado, eram escrever dois relatórios: um mais estritamente sobre o tratamento geral dado aos barbadianos pela Companhia e suas possíveis causas de queixa contra ela em um relatório que não afrontasse ou envolvesse o governo do Peru, mas que poderia ser – que possivelmente seria – de leitura dolorosa para a Companhia. Ele expressou sua completa satisfação, exclamando: “Verdade, a companhia merece tudo o que lhe acontecer!”.

Então continuei:

Mas devo retratar fielmente todos os fatos expostos a mim por súditos britânicos, e, neste ponto em que meu relatório deverá forçosamente lidar com acusações bastante incriminadoras contra cidadãos peruanos, comprometendo muitos indivíduos dessa nacionalidade, eu o tornarei confidencial e separado, mediante permissão do Ministério das Relações Exteriores, e tenho real esperança e todas as razões para supor que o governo de Sua Majestade lidará com ele de forma inteiramente confidencial.

Eu disse que, se o governo do Peru desejasse uma cópia desse relatório confidencial e das provas em que ele se baseia, o governo de Sua Majestade em Lima, de maneira inteiramente amigável e prestativa, poderia fornecer-lhes uma cópia. Assegurei a ele que não havia menor dúvida de que o governo britânico jamais buscaria ferir ou afrontar, seja de que maneira for, um país amigo, e que sentia, do fundo do meu coração, certeza de que ele não precisava temer uma campanha pública direcionada contra o Peru. Mas eu disse que haveria perigo se, por exemplo, essa Comissão de justiça fracassasse, por uma razão ou por outra, seja por carência de provas, falhas na obtenção de testemunhos, ou outras possíveis contingências. Então, poderiam temer que outras frentes – não eu mesmo – fizessem declarações públicas. Havia outros, além de mim, que agora sabiam dos fatos. Ele me assegurou várias vezes que a comissão seria legítima, que seu objetivo era reparar os males causados, era punir os malfeitores – ele repetia – e proteger os índios; disse que levaria alguns meses, mas faria uma investigação completa. Afirmou também que a comissão utilizaria intérpretes.

REFLEXÕES XXXVIII

(Aqui está o ponto crucial: como ter certeza da sinceridade do juiz e da propriedade da interpretação?) Ele me agradeceu por falar de maneira tão franca, e eu lhe disse que tudo o que havia relatado tinha o único objetivo de ajudá-lo e a seu governo a fazerem o que é certo.

Prometi mandar-lhe Bishop na segunda às dez da manhã para perguntar-lhe o que quisesse. O circo está pegando fogo! Acrescentei uma última palavra a favor da Companhia e contra Julio Arana. Eu disse que, admitindo que a Companhia fosse culpada, e eu, pelo menos, pensava sinceramente que era, é preciso ter duas coisas em mente. Primeiro, que seria melhor para os índios e para a região estar ali presente uma companhia forte, trilhando “outros caminhos”, de maneira humana e sensata, do que abandonar o distrito ou deixá-lo ser dominado por pequenos comerciantes e portos de “comércio” isolados. Ele concordou, e então eu disse que havia um corolário disso, a saber: que o senhor Julio Arana não tivesse permissão para ter supremacia sobre a região. Se a Companhia havia errado, era ele a base do erro, pois conhecia os fatos, e em todas as declarações da Companhia ao governo de Sua Majestade, e em todas as crenças que a sustentavam, ela agira com base no que Arana lhe havia aconselhado e incentivado, e que, portanto, ele tinha muito mais culpa do que os outros membros do conselho. Assim, para salvar a Companhia, eu acreditava, por bem, ser necessário que se limitasse a influência suprema que ele havia exercido pessoalmente em Putumayo. Espero que o prefeito tenha entendido o que eu queria dizer.

Cazes traduziu de maneira suficientemente fiel, acho eu, embora mais de uma vez eu o tenha surpreendido dizendo muito mais do que lhe pedira para dizer, e em uma situação, com certeza, tenha traduzido errado o que eu dissera, mas foi fácil corrigir. Várias vezes, creio, falou por si mesmo quando deveria ter sido por mim. No entanto, este é um dos problemas de ter de fazer por meio de outros o que eu deveria conseguir fazer sozinho. De toda forma, coisas boas devem advir dessa entrevista. Ela mostrou ao prefeito, de modo mais claro do que ele poderia ter percebido antes, a necessidade de se fazer um inquérito verdadeiro, não um embuste,

REFLEXÕES XXXVIII

uma comissão de justiça de verdade, e não uma de lavagem de tais crimes.

Contei a Cazes que seu capitão Zubiaur havia matado um homem ao colocá-lo no compartimento de carga, e descobri que ele já sabia! E ainda assim dissera à Comissão em setembro, ao alcance dos meus ouvidos, que Zubiaur era “um sujeito bacana”, e que não sabia de nada contra ele.

[...] Contei-lhe do assassinato de centenas por Aurelio Rodríguez em Santa Catalina e do cepo móvel feito por Crichlow sob as ordens desse bruto. Contei-lhe que Normand assassinou e queimou centenas de pessoas vivas, e que Jiménez matou e queimou a velha e o homem bora em junho de 1908. Não mencionei os nomes de Sealy, Chase ou Donal Francis. Pobres coitados, lamento por estarem lá, especialmente por Francis! Contei-lhe que Clifford Quintyne foi brutalmente açoitado por Normand, que Augustus Walcott foi pendurado pelos braços até ficar inconsciente, que Joshua Dyll foi posto no cepo por Montt em Último Retiro. Conforme eu disse a ele, os crimes cometidos eram, sem dúvida, atrocidades e uma desgraça para a humanidade. Ele ficou profundamente impressionado e repetidas vezes disse que a justiça seria feita.

Talvez sua declaração mais importante (além do esforço para me fazer prometer que não revelaria os fatos ao Ministério das Relações Exteriores) tenha sido quando disse que o governo peruano consentira que a comissão de inquérito fosse para Putumayo e, sobretudo, consentira que eu, um cônsul estrangeiro, fosse lá em missão oficial, porque eles acreditavam que todas as acusações feitas por Hardenburg e pela Truth tivessem sido inspiradas por “chantagem”, acreditando que toda a campanha fosse apenas calúnia e difamação e que, portanto, não lhe atribuíram importância. Tivessem eles pensado que havia qualquer fundamento para as acusações, o governo peruano nunca teria permitido que eu ou a comissão da Peruvian Amazon Company fôssemos lá investigar.

Teriam agido eles mesmos; o governo teria formado essa comissão

REFLEXÕES XXXVIII

de justiça há muito tempo! Agora ela se devia ao ato espontâneo do doutor Cavero, levado a isso pela carta de Enrique Deschamps, de Barcelona. Eu não podia lhe dizer que já era tarde demais para sustentar essa atitude com dignidade.

Eles tinham visto todas essas terríveis acusações serem feitas aqui em Iquitos: testemunhas no local, andando pelas ruas, pedindo para serem interrogadas, e nada havia sido feito. Eu não podia dizer que Arana e a Companhia haviam subornado Zapata e os juízes locais, mesmo que soubéssemos todos que isso é fato. Eu não podia dizer que não tinha, de toda forma, escondido nada dele, o prefeito, em nossa primeira entrevista, no dia 1º de setembro, quando discuti com ele, com bastante franqueza, os direitos dos índios e os maus-tratos de que eram vítimas, além de mencionar a carta do Barão von Nordenskiöld.

Fiz isso deliberadamente na época. Ele foi razoável e honestamente alertado de que eu estava, de fato, muito alarmado, e não considerava as declarações meras “fábulas”, como ele então me assegurou serem. Assim, eu havia posto minhas cartas na mesa, e fiz isso por motivos sinceros e honestos, de tal forma que ele não poderia dizer que fui a Putumayo sob “falso pretexto”. Ele foi devidamente advertido. Sem dúvida, minha posição agora é muito mais forte por eu ter sido antes tão franco. Ele sabia muito bem que eu estava com a palmatória diante dele e de seu governo, sendo capaz de apreciar, espero, a extrema amabilidade de tom, consideração e garantias pessoais que lhe dei hoje. Também como prova de boa vontade, estou liberando Bishop, meu criado, para que seja interrogado.

Quando nos livramos do prefeito já era quase meio-dia. O irmão dele entrou uma ou duas vezes na sala. Não gostei dele. Tem um rosto duro, antipático, e parece não só me odiar, como todos os estrangeiros e outros também.

O jovem ajudante e outros “de sangue azul”, trajando uniformes militares, estavam do lado de fora. Essas pessoas devem detestar minha presença. [...]

Noite

À noite, mandei buscar Bishop e lhe disse que queria que fosse encontrar o prefeito na segunda-feira, às dez, explicando-lhe que desejava que falasse com o prefeito como se estivesse falando comigo. Ele entendeu perfeitamente, prometendo contar-lhe toda a verdade, tudo o que sabe, e da maneira mais fiel possível. Perguntei-lhe se John Brown e Stanley Lewis poderiam ser de alguma utilidade, ou seja, se podíamos confiar neles para falarem sinceramente. Ele disse que sim.

Amanhã, domingo, vamos todos a um piquenique oferecido pela Booth & Co. em seu rebocador Manati, rio acima. Convidaram o prefeito e alguns amigos dele. Zarparemos às nove da manhã. Talvez, a bordo, eu tenha a oportunidade de conversar mais com o prefeito, e então aproveitarei para mencionar Velarde e o afogamento do índio em 20 de junho.

Domingo, 27 de novembro de 1910 – Um Piquenique Rio Acima

Um Piquenique

Sob forte chuva, zarpamos no Manati às 9h40min da manhã. O prefeito, seu irmão, Alejandro Paz Soldán e um tenente naval peruano, chamado Bravo, eram os convidados de fora além de Brown, Harrison e Sibley, e outros do pessoal da Booth, inclusive Kaas, capitão do Atahualpa. Subimos o rio cerca de quarenta a cinquenta quilômetros até um lugar à margem direita, chamado Tarnshiako, onde desembarcamos e visitamos uma igreja (de barro). Fomos recebidos com hospitalidade pelos habitantes da vila, que se alegraram muito em ver o prefeito.

A bordo, vi uma boa oportunidade de lhe contar mais a respeito de Putumayo e contei-lhe que Velarde afogou um índio no dia 20 de junho, que Filomeno Vásquez “limpara o caminho” desde Gavilanes, que Joshua Dyall matou dois índios esmagando seus testículos com um porrete sob as ordens de Normand, e mais. Disse-lhe que tinha ouvido que Viacara iria com a Comissão como intérprete e que achava não ser uma boa escolha, já que os membros da Peruvian

Amazon Company o tinham dispensado ao chegar a Chorrera, e certamente não haviam ficado satisfeitos com ele. Enfatizei a suprema importância de uma tradução fiel e honesta e da necessidade de garantir aos índios todo tipo de proteção, caso fizessem acusações contra os brancos. Falei bastante e com veemência. Em seguida, mudamos de assunto e tomamos um prazeroso café da manhã juntos. O tenente Bravo fala inglês bem, pois foi cadete da marinha americana durante cerca de cinco anos, tendo servido em navios como o Illinois.

O irmão do prefeito me contou que tinha trabalhado na Peruvian Corporation⁴ e que gostava muito dos índios, especialmente dos campos⁵. Perguntou-me sobre Putumayo, e se as acusações na Truth eram verdadeiras, e eu disse que, em sua maior parte, sim, e lhe contei uma ou duas coisas do que me havia sido declarado. E também disse que todo o sistema, de cima a baixo, era de escravidão, que nem sequer se disfarçava e que os índios existiam apenas para trazer borracha nos termos dos homens brancos. Ele me pareceu um tanto quanto cético, mas tive dele uma impressão muito melhor do que a que eu havia tido inicialmente, a partir da sua aparência.

Voltamos de Tarnshiaka às 3h15min da tarde e disputamos uma corrida com o Anastasia rio abaixo. Acontecia um piquenique a

*4. Depois de o Peru ser humilhantemente derrotado pelo Chile na Guerra do Pacífico (1879-1883), a **Peruvian Corporation**, empresa registrada em Londres, foi formada em 1885 para liderar a iniciativa de regenerar e reconstruir o Peru. A corporação assumiu a responsabilidade pela dívida externa da República, de cerca de 50 milhões de libras, e, em contrapartida, adquiriu a maior parte dos bens do país, incluindo todas as ferrovias estatais, a balsa do lago Titicaca, direitos sobre a maior parte do que restou dos suprimentos de guano do Peru e cerca de um milhão de acres de terra na Amazônia peruana. Além dessas generosas concessões, o governo peruano prometeu pagar à corporação cerca de 80 mil libras por ano. Apesar dessa aparente entrega do país a financistas britânicos, o pacote – negociado entre o general Andrés Cáceres e o empresário britânico Michael Grace – devolveu o Peru a um período de*

REFLEXÕES XXXVIII

*saudável administração fiscal e levou à gradativa regeneração do país. Também levou o governo peruano e financistas britânicos a criarem uma relação muito próxima. A **Peruvian Corporation** continuou a controlar a maior parte do sistema ferroviário peruano até 1972.*

5. Os índios campas viviam ao longo dos rios Ene, Perené e Apurímac e se espalhavam por todo o norte do Gran Paíonal, entre os rios Pachitea e Ucayali. Ver H.S.I. (Manual de los Indios Sudamericanos, vol. iii, p. 537.)

bordo – J. Lilly & Sons⁶ – e, depois de uma competição acirrada e empolgante, o Manati venceu.

Nossos fonalheiros cholos estavam todos meio bêbados e não conseguiam manter o ritmo a todo vapor, caso contrário teríamos vencido com facilidade. De todo modo, chegamos bem na frente e sempre com uma boa margem de distância. Subi a bordo do Atahualpa e fiquei ali até mais ou menos seis, depois fui para casa.

Descobri que o arco-íris lunar que vimos em Chorrera em 6 de novembro também foi visto por aqui por Cazes e sua mulher, no mesmo dia e na mesma hora. Ela diz “por volta das oito da noite”. Muito curioso! Cazes tinha notado o arco claro, de horizonte a horizonte, e disse que estava bem nítido.

Segunda-feira, 28 de novembro de 1910 – Iquitos

Fazendo Rascunho de um Memorando

Chuva forte durante toda a manhã. Às 6h30min eu já estava de pé e ocupado escrevendo um memorando para auxiliar o prefeito e o juiz em seu trabalho em Putumayo. Farei dele simplesmente um memorando confidencial da minha visão pessoal e de sugestões quanto a lugares onde podem achar provas.

Enviarei uma cópia a Barnes, da comissão da Peruvian Amazon Company, e contar-lhe-ei exatamente o que fiz aqui para a orientação deles. [...]

6. John Lilly era outro comerciante local em Iquitos que tinha uma pequena empresa transportadora de bens para as estações de borracha e os trocava por esse produto, o qual era vendido com grande lucro no

*mercado internacional. Lilly tornou-se o maior aliado inglês de Casement em Iquitos, e, quando Casement voltou para lá em 1911, viajou com Lilly em seu barco, o **Anastasia**. A empresa de Lilly faliu no início de 1912 em decorrência da queda do mercado da borracha.*

Sobrecarregado de Trabalho

Estou sobrecarregado de trabalho e não há mais tempo para o diário. Muitos barbadianos estão me aguardando. Eles querem partir daqui para Manaus no **Atahualpa**. Prometi levar Lewis. Bishop diz que Gibbs daria um bom intérprete para o prefeito, ou possivelmente o próprio John Brown. Decidirei até amanhã. [...]

Mandei buscar John Brown e Lewis e lhes disse que queria que estivessem totalmente preparados para ver o prefeito na parte da manhã. Chuva forte na maior parte do dia. Caminhei em direção a Punchana no final da tarde, mas havia muito barro. Manoel Lomas, o piloto, conversou comigo – ele estava um pouco “de fogo”, mas foi muito educado e me implorou para visitar sua casa.

A Dutch-French Company

Cazes contou-me algumas coisas a respeito da Dutch-French Company, expulsa pelas autoridades locais, e falou do cunho ignominioso do artigo publicado no **El Oriente**, cujos ataques levaram a ameaças de linchamento. O proprietário do **El Oriente** e autor do artigo é o doutor Paredes⁷, um juiz da Corte Superior de Iquitos! No entanto, Cazes diz que o doutor Valcárcel, o juiz que vai para Putumayo, tem boa fama local. Como está aqui há pouco tempo, o prefeito espera que ele tenha poucos laços e associações, e pouco conluio com essas pessoas. Cazes me disse depois do jantar

*7. Editor do principal jornal local, **El Oriente**, e um dos mais respeitados membros da sociedade da região, doutor Rómulo Paredes apoiava o regime de Arana até ser selecionado pelo governo peruano, em detrimento do doutor Valcárcel, no início de 1911, para escrever seu próprio relatório sobre as atrocidades em Putumayo. Quando retornou a Iquitos, em 1911, Paredes havia acumulado uma quantidade volumosa de depoimentos e relatos de testemunhas oculares, sobretudo indígenas, atestando os horrores cometidos. Apesar de suas reservas iniciais em*

REFLEXÕES XXXVIII

relação a ele, Casement e Paredes tornaram-se fortes aliados no ano seguinte, quando Casement retorna a Iquitos e tenta fazer de Paredes representante ativo de um partido local em oposição a Arana – um plano que funcionou bem inicialmente, mas logo virou-se contra o planejador, quando Paredes começou a culpar a interferência britânica no Peru pelas atrocidades cometidas em Putumayo. A história de Paredes é contada em Valcárcel, op. cit.

Que vira (há cerca de um ano) na casa de seu advogado um memorial, enviado a Lima por um dos padres locais, um espanhol que estivera em Putumayo.

Tal memorial solicitava ao governo que agisse. O padre afirmava que não conseguia nem evangelizar nem desenvolver seus trabalhos cristãos devido à condição dos índios e ao tratamento desumano que eles recebiam.

Perguntei a Cazes se ele poderia me dar uma cópia do memorial e ele disse que sim, mas terei de fazer certa pressão. Vou tentar com Vatan, que é um homenzinho muito mais confiável que Cazes e compreende muito melhor as coisas relacionadas ao país e ao povo. Está claro para mim que, como tenho em mãos provas extremamente comprometedoras, assim como testemunhos, o juiz peruano e a comissão terão de agir. O que eles mais temem é o escândalo vir a público. O prefeito confirmou isso. Ele disse que a exposição deles iria “esmagar” o Peru – de tal forma que eu tenho o poder – ou melhor, que o Ministério das Relações Exteriores tem poder e, de fato, tem autoridade, ainda que de maneira bastante amigável, para impor condições, ou, no mínimo, assegurar a cessação dos maus-tratos aos índios.

Terça-Feira, 29 de novembro de 1910 – Iquitos

Um Telegrama do Ministério das Relações Exteriores

[...] Recebi um telegrama do Ministério das Relações Exteriores por mensagem cifrada, enviado pelo correio do Pará, datado de 22 de outubro. É uma advertência de que devo tomar cuidado com a forma como escrevo minhas impressões sobre Putumayo para os correspondentes na Inglaterra, já que estou comissionado e devo

responder ao secretário de Estado. Isso deve ter acontecido em resposta à carta que escrevi a John Harris antes de deixar Iquitos. Acredito que mereço ter sido advertido – embora esteja preparado para justificar a carta – ao menos as razões que sustentam o meu ponto de vista. É claro que, no que diz respeito à disciplina, eu não tenho em que me apoiar, e o Ministério das Relações Exteriores tem total razão, mas acredito que minha causa foi justa e que a sugestão que fiz a Harris foi boa. Algo do tipo era necessário e pode continuar a ser. Essas pessoas (as autoridades peruanas) não farão nada, a menos que sejam forçadas.

A publicidade é o que temem, o terror que os assombra. Seria bom se alguma parte dos documentos de Hardenburg fosse publicada na América. Não se trataria do “golpe esmagador” no Peru que uma declaração oficial do governo de Sua Majestade traria; seria apenas um tipo de lembrete cordial de que nós não apostamos todas as fichas em um único número e de que, sem uma reforma, e uma reforma rápida, da situação em Putumayo como eu lhes dei a conhecer, as mais graves revelações poderiam começar a surgir das mais variadas partes do mundo. [...]

Uma Caminhada até Punchana

Caminhei até Punchana às 3h30min da tarde. Calor enorme, sufocante. Às 4h30m, parei na casa de Manoel Lomas, o piloto. Ele mostrou-me todos os seus filhos, sua mulher, seu jardim, etc., etc. Simón Pisango é seu cunhado, irmão de sua mulher. Ele apertou minha mão várias vezes e disse que esperava que eu voltasse a Iquitos “para os índios”.

Conversa com Vatan

Depois voltei para a cidade, encontrei-me com Vatan e começamos a conversar. Sua conversa é altamente interessante, algo raro em Putumayo. Perguntou-me se eu achava que seu depoimento, prestado em setembro, tinha fundamento. Respondi sem hesitar que sim, que as coisas eram como ele me tinha contado. Não lhe disse mais nada. Ele entendeu perfeitamente. Disse-me também que achava que nada seria feito, ao que retruquei que discordava, pois acreditava que agora muito seria feito e que tinha firme confiança

REFLEXÕES XXXVIII

em uma melhoria rápida.

Ele disse que só me deixaram sair vivo porque eu estava em missão oficial! Eu ri. Ele disse: “É verdade, fosse você um simples viajante e tivesse visto o que viu, eles teriam sumido com você por lá. Sua morte seria atribuída aos índios; sei do que estou falando”.

Ele prosseguiu dizendo que minha vinda nesta comissão da Peruvian Amazon Company não poderia ter esperado nem mais um momento sequer. Minha vinda, disse, influenciaria as coisas para sempre, não apenas em Putumayo, mas em toda a região. Todos se beneficiariam. Agora que a verdade havia sido descoberta – como ele sabia que havia – era possível ter esperança. [...]

Depois ele me contou com algum detalhe a respeito do fracasso da Dutch-French Colonising Company e das medidas ignominiosas adotadas contra ela pelo prefeito, agindo sob a influência da agitação local. Todos haviam sido ameaçados; até mesmo ele, um agente da associação. Contei-lhe que havia lido o artigo em *El Oriente* (hoje mesmo) que se referia a eles, e era um artigo absolutamente deplorável.

Ele forneceu-me muitos detalhes a respeito da associação: seus objetivos e vontades; falou também sobre a hostilidade local. Farei um memorando separado a respeito de tudo isso, dado que é útil lançar alguma luz na suprema inconfiabilidade das autoridades peruanas e é essencial para a melhoria da situação em Putumayo que elas sejam impelidas pelo medo. A honra não as moverá. Vatan me disse: “Você não está sendo otimista demais ao pensar que algo realmente será feito agora? Essas pessoas prometem sem a menor intenção de cumprir, e, quando você tiver partido, tudo irá à m***a”. Eu não disse nada além de que os fatos agora eram sabidos, e por outros além de mim, que esperava que atitudes reais fossem tomadas e acreditava que elas seriam.

Vatan é um homem bastante inteligente. Eu gostaria que o coronel Bertie tivesse pelo menos vindo até Iquitos, pois ele teria gostado de Vatan. Ele disse, a propósito, que as coisas que me contou na primeira vez em que nos encontramos não deveriam ter sido ditas a Cazes; que Cazes, como cônsul, é inútil. Fica cada vez mais clara a

sua indiferença a tudo o que é correto. Só hoje, por exemplo, ele me conta que certa vez viu o jovem Burga espancar brutalmente seu criado índio no Hotel Cosmopolita, no que ele interferiu, protegendo o homem. Burga teria dito: “Qual o problema? Este índio é meu”. Cazes nunca nem mesmo sugeriu esse tipo de coisa a mim (ou ao Ministério das Relações Exteriores, imagino) na primeira vez em que estive aqui. Ele sabia muito a respeito de Putumayo e se calava, como todo o mundo em Iquitos. A influência de Arana era forte demais; e ele era comerciante e um de seus provedores.

Depois do jantar fui à sede da Booth & Co. e depois fui caminhar com Brown em volta da praça até o carrossel, onde vários rapazes indígenas se divertiam. Vi vários membros da tripulação do Liberal por lá.

Quarta-Feira, 30 de novembro de 1910 – Iquitos

Manhã

[...] Conversei com a senhora Paz Soldán, esposa do prefeito, e ela falou de Putumayo e dos maus-tratos aos índios. Então lhe contei muita coisa, principalmente sobre as mulheres e crianças e do trabalho vergonhoso que lhes impingiam. Uma chuva bastante forte arruinou totalmente qualquer plano de sair.

A Hipocrisia de Cazes

Cazes continua a fingir que os maus-tratos aos índios em Putumayo eram excepcionais e que não aconteciam em nenhum outro lugar do Peru. Eu lhe respondi que não tinha como aceitar suas opiniões, que eu preferia acreditar nas provas de Von Nordenskiöld e de todos os outros que atestavam a existência de um regime de escravidão (e coisas piores) imposto aos índios.

Mostrei-lhe a carta que Von Nordenskiöld enviou à Anti-Slavery Society, em relação à qual ele disse: “Sim, isso é verdade!”. Espantoso. E isso depois de afirmar continuamente que essas coisas eram possíveis apenas em Putumayo, o “livro selado” como ele o chamava! Ele admite ser verdade tudo o que Von Nordenskiöld afirma: que as contas são adulteradas, que os índios “pagam mais

pelo que levam e recebem menos pelo que trazem”. Disse-lhe que a carta de Nordenskiöld não era um depoimento isolado, que outros tinham atestado e atestariam de novo as mesmas coisas, e que se esse juiz peruano não agisse corretamente em relação a Putumayo as comportas se abririam. Não considero Cazes nada confiável no que diz respeito às coisas daqui, já que ele se preocupa antes de tudo com seus próprios negócios; qualquer coisa além disso, finge não saber de nada.

Censura às Fotografias de Casement

Após vários pedidos, o fotógrafo devolveu meus filmes revelados, mas sem o filme número um, que tirei de Bolívar acorrentado em Indostán⁸! Recusou-se a revelá-lo, dizendo que tinha sido muito incomodado. Ficou de posse de todo o rolo de filme (dez fotografias tipo “cartão-postal”) desde 11 ou 12 de outubro, e em 30 de novembro esse é o resultado! É claro que a companhia roubou o filme de Bolívar. Cazes diz que todos na cidade sabem que o encontramos acorrentado e que eu havia fotografado a cena. Dublé lhe disse que era “uma coisa lamentável que tivéssemos encontrado esse homem acorrentado”, mas que “deram-se explicações satisfatórias”. Será mesmo? David Brown também me contou que ouviu falar nisso na rua.

Quinta-Feira, 1 de dezembro de 1910 – Iquitos

Uma Visita ao Cinematógrafo

[...] Chuva forte ontem à noite, e de novo esta tarde. Caminhei bastante; fui ao Atahualpa às 4h30min e vi o Adolfo zarpando para Yurimaguas com muitos passageiros. Convidei Brown para jantar

8. Refere-se ao incidente ocorrido em 21 de setembro.

em Bella Vista, e depois fomos para o cinematógrafo⁹ Alhambra, onde havia vários índios e alguns soldados. Brown me contou duas coisas interessantes. Primeiro, que ele também acreditava que os índios eram escravizados, e mesmo em rios próximos a Iquitos. Ele disse que tinha certeza disso e que, quando um branco era morto ou “assassinado” pelos índios, era por causa do tratamento atroz

cometido contra eles. Há menos de um mês, ele disse, o maior cauchero de Iquitos, Vladimiro Rodríguez, tinha sido morto em Madre de Dios por oito índios. Os índios sabiam disso antes que os jornais publicassem a notícia, e ele os ouviu conversar entre si na Plaza antes que o fato se tornasse de conhecimento público. Esse Vladimiro era um dos dois irmãos Rodríguez, que os “tratavam” atrozmente em grande escala no Ucayali, no Marañón e em outros rios. Também me disse que o tenente Bravo, o oficial naval peruano que esteve conosco no domingo, contou-lhe de maneira bastante secreta que o juiz Valcárcel, aquele que vai para Putumayo, não é honesto, e pode ser comprado. Estas foram as próprias palavras de Brown. [...] Brown disse que a comissão era um engodo, estabelecida apenas porque já tínhamos estado em Putumayo de forma que tentavam então salvar a própria pele.

Ele tinha poucas esperanças de que se fizesse algo. [...]

9. O **Alhambra**, um dos dois cinemas de Iquitos situados na praça central, foi fundado por Clemente Alcalá e Francisco de Paula Secunda. Equipado inicialmente com um carrossel de segunda mão comprado de Manaus, ganhou seu primeiro projetor Lumière em 1902, após aquisição por Eduardo Fuller – um inglês. A partir daí começou a exhibir os primeiros filmes mudos em determinadas noites da semana. Em 1905, um peruano, Arnaldo Reategui, viajou para a França e comprou equipamentos de projeção dos irmãos Pathé e Gaumont e, com um abundante estoque de filmes, abriu um novo cinema, o **Jardin Strasbourg**. Pará, Manaus e Iquitos estiveram entre as primeiras cidades da América do Sul a desfrutarem de filmes mudos. Ver Joaquín García, “Rasgos Históricos del Cine en Iquitos y en la Región”, *Shupihui*, vol. 6, n. 18, abr.-jun. 1981, Ceta.

Escravos Uitotos em Iquitos

David Brown diz que há uma multidão de escravos uitotos aqui em Iquitos, um número elevado, e que são vendidos. A esposa do prefeito falou ontem do grande número de seres “gentis e dóceis” que havia aqui – os criados – e do dever que tem o governo de protegê-los. [...] Por que diabos essa comissão de justiça peruana não começa por perguntar a esses uitotos aqui em Iquitos como eles

vieram parar aqui, o que aconteceu com seus pais, mulheres, filhos, etc., e tenta também descobrir quanto foi pago por eles? Um interrogatório preliminar bastante útil poderia ser conduzido dessa forma, se houvesse algum desejo de se descobrir a verdade.

Sexta-Feira, 2 de dezembro de 1910 – Iquitos

Índios Huambisas Matam Peruanos

O Loreto Comercial de ontem trouxe uma carta de Lima sobre Putumayo; uma leitura interessante. Mandeí uma cópia da notícia e da carta de Simón Pisango para a comissão de Chorrera. Consta também este interessante telegrama de Lima, publicado em El Oriente em 12 de novembro:

Ha causado aqui gran sensación la noticia llegada de Chachapoyas, de que los indios huambisas, en el río Santiago, han asesinado a 67 personas¹⁰.

É ótimo ler isso; fico feliz de saber que os huambisas tiveram mais uma vitória e só lamento que não tenham matado 6.700 pessoas! Acredito que a expedição mencionada foi a que subiu com Lores no Cosmopolita e passou pelo Pongo de Manseriche há alguns meses. Esses cavalheiros foram conquistar os huambisas, mas

10. “Causou sensação a notícia vinda de Chachapoyas de que índios huambisas, no rio Santiago, haviam assassinado 67 pessoas”.

Aparentemente descobriram que a tribo ainda é osso duro de roer e consegue ela própria fazer suas conquistas.

[...] O frei Pratt, que falou com o ministro da Justiça a respeito das missões aqui, admite que todos os funcionários foram mortos pelos huambisas por razões que ele não podia adivinhar. Esse deve ter sido o episódio do assassinato de Burga. Reigada me contou que Burga (o comissário efetivo de Putumayo) armou os huambisas para atacarem a missão, e que eles a destruíram, assim como o próprio Burga!

Preciso descobrir mais sobre Valcárcel depois do que me relatou Brown ontem à noite, sobre a opinião do tenente Bravo a seu

respeito. Bravo é tenente da América – a grande lancha de guerra do governo que agora está pintada e pronta para partir – assim que o prefeito obtiver a autorização necessária para incorrer em gastos requeridos.

Casement Enfrenta Cazes

Hoje mandei minha cama de campanha a bordo do Liberal como presente a Tizón, juntamente com uma notinha. Cazes diz que Tizón sabia de tudo e que mentira para eles em julho, quando afirmou que todas as histórias eram falsas! Mas Cazes fez praticamente o mesmo com o Ministério das Relações Exteriores e, além do mais, está claro que ele sabia tanto quanto Tizón ou até mais. Foi o que eu lhe disse no almoço e ele ficou bem vermelho. A verdade é que não há nenhum homem confiável no serviço público nem no comércio em Iquitos; são todos mentirosos, quando não são coisa pior. Os homens mais corretos daqui são Vatan, David Brown e os índios. [...]

Motim da Marinha Brasileira

O Loreto Comercial de 10 de dezembro traz telegramas de Lima dizendo que os encouraçados da Marinha brasileira se amotinaram e que, depois de um fútil bombardeio no Rio, em que uma mulher e duas crianças morreram, foram lançados ao mar com destino desconhecido; boas notícias! Pergunto--me como meu consulado sobreviveu ao bombardeio. Parece inacreditável.

Um mau começo para a presidência do Marechal Hermes da Fonseca!¹¹

El Oriente de hoje traz um artigo sobre o constante roubo de criados, meninos e meninas menores (nove em cada dez são uitotos) das casas de várias pessoas da cidade, e menciona dois casos bem recentes nas casas de Reigada e Zubiaur (ambos capitães de navios em Putumayo). Pensando bem, que bela confissão! Guardarei o artigo como prova adicional.

Percorri parte do caminho para Punchana a pé esta tarde para tentar fazer com que o uitoto Julio do Liberal viesse comigo, mas a

“estrada” estava terrível, com barro e água, e acabei dando meia-volta.

Outra Visita ao Cinematógrafo

À noite fomos todos ao cinematógrafo Alhambra em honra da independência de Portugal, cuja família Bragança livrou o país da dinastia espanhola em 1640¹². E os tolos comemorando hoje ostentam seu execrável vermelho e verde – cores cruas e sedentas de sangue como se vê em Iquitos, em algodão comercial barato – regozijando-se da terrível queda de uma casa real que os livrou da sujeição e deu-lhes um nome histórico e uma “bandeira nacional”;

11. Algumas semanas depois da eleição do novo presidente do Brasil, o militarista e reacionário Hermes da Fonseca, uma série de revoltas navais alarmou a nação. Em 23 de novembro de 1910, os homens que serviam em três couraçados de fabricação britânica e sete navios de guerra decidiram expressar suas queixas e rebelaram-se, matando alguns oficiais. A seguir começaram a bombardear o Rio de Janeiro ao acaso, mas se renderam dois dias depois. Uma revolta mais séria estourou em 9 de dezembro, quando quinhentos fuzileiros navais rebeldes tomaram o arsenal naval do Rio de Janeiro. As revoltas anunciaram uma nova era de violência e agitação social no Brasil e na América Latina.

12. Trata-se talvez de uma ironia, dado que algumas semanas antes a família Bragança havia sido derrubada do trono por um golpe republicano em Lisboa depois de 270 anos de reinado. 1640 foi o ano em que os Habsburgos da Espanha renunciaram aos territórios portugueses, que haviam sido “herdados, comprados e conquistados” por Felipe II, em consequência da insurreição dos Braganças, que devolveu Portugal aos portugueses.

tudo isso eles entregam a uma gangue de “políticos” mercenários de Lisboa e do Porto. Portugal é um país ainda menos apto do que a Irlanda a se tornar uma República; uma República egípcia superaria uma portuguesa e, certamente, uma República turca ganharia pontos nos quesitos de liderança intelectual, firmeza de espírito e pela coragem em seus corações. Os líderes portugueses são não apenas ladrões, mas fainéants¹³, – os pobres são simples, bons e

REFLEXÕES XXXVIII

corajosos – e tão ignorantes quanto os fellahaen¹⁴ egípcios. Uma república irlandesa, ou, melhor ainda, um Estado irlandês que não fosse uma República, caso os protestantes e as classes altas pudessem ser induzidos a fazer parte dele, seria uma bela coisa, mas, com os fazendeiros arrendatários, conselheiros de condados e com a Dublin Corporation no comando, não há a menor chance!

Não havia muita gente no cinematógrafo. Conteí 62 homens uniformizados, incluindo a banda, a chamada banda militar de cholos andinos; sujeitos bem-apegoados, mas um horror como instrumentistas. A barulheira era infernal. Eram os mananciais do Marañón: estrondos e estrépitos de pedras caindo e rochas rolando por despenhadeiros mortais. Tive de suportar todas as “aberturas” e eles abriam e encerravam cada filme. As coisas projetadas eram tipicamente latino-americanas – sedução amorosa e marido ultrajado –, completamente imorais e sujas, a pior coisa possível a se pôr diante de uma plateia composta sobretudo de jovens indígenas, soldados e meninos trabalhadores cuja simplicidade natural poderá ser rapidamente corrompida pelo que lhes é oferecido como representativo da mais alta civilização. Mais alta civilização! Que Deus nos proteja.

Uma vila de índios na floresta é muito mais fina e mais verdadeiramente civilizada do que qualquer coisa que eu tenha visto em Iquitos. [...]

13. *Do irlandês, “preguiçosos”.*

14. *Do árabe, “agricultor”.*

Sábado, 3 de dezembro de 1910 – Iquitos

Depoimento de John Brown

Das oito às 9h30min registrei o depoimento de John Brown. Ele me contou muitas coisas sobre Agüero, Aurelio Rodríguez e os horrendos assassinatos desses patifes em Abisinia e Santa Catalina. Bishop diz que viu Gusmán ontem à noite, e este lhe falou que o prefeito não teve tempo de lhe perguntar muita coisa à tarde, mas que lhe disse para retornar hoje às oito da manhã. Afirmou também

que o prefeito queria que ele voltasse para Putumayo e assegurou a Bishop que não seria subornado. Ai de mim! Nenhum deles fará a coisa certa, nem agirá corretamente nessa questão dos índios escravizados. Fiz uma caminhada às dez e fui ao Atahualpa, que está descarregando lentamente. Há boatos de que não partirá até a próxima quarta, dia 7, uma estadia de três semanas em Iquitos para descarregar 2.100 toneladas!

Cazes não está nem um pouco esperançoso em relação à comissão peruana. Ele disse que ouviu ontem à noite na cidade que ela poderia nem mesmo ser instaurada! Que era, no fim das contas, só um despiste – organizado para enganar o governo britânico e evitar revelações públicas – e que duvidava muito de que algum dos assassinos fosse preso um dia. [...]

Víctor Israel

Agora farei uma caminhada até Punchana, se for possível, ou seja, se a estrada não estiver molhada demais. O juiz Paredes, editor e principal redator de *El Oriente*, é outro dos canalhas daqui. Esse jornal é o órgão da gangue de Arana. Vi Víctor Israel ontem; pareceu-me de fato muito acabado. Tanto Cazes quanto David Brown dizem que ele está com medo de ser processado por sua famosa *Pacaya Rubber Estate*; a empresa é uma fraude absoluta. Dizem que embolsou 70 mil libras em função dela. Inacreditável.

Domingo, 4 de dezembro de 1910 – Iquitos

Uma caminhada até o campo de artilharia militar, tendo Ignacio Torres como guia. Tirei várias fotos do chão, das árvores e do córrego adiante. Voltei às onze – com muito calor – e escrevi um pouco à tarde, embora estivesse muito abafado. À noite, Cazes organizou uma partida de *bridge*, que durou até a meia-noite, e o calor durou a noite toda. Foi uma coisa realmente atroz – nem uma brisa leve sequer –, passei horas deitado tentando dormir; levantei-me e fui escrever, mas os mosquitos interromperam também essa atividade.

Segunda-Feira, 5 de dezembro de 1910 – Iquitos

Uma Caminhada com Ignacio Torres

Outra caminhada hoje de manhã com o mesmo guia. Primeiro até o campo de artilharia e depois para além dele, até a floresta onde várias pessoas – homens, mulheres e crianças – vão para cortar lenha. Quase todos índios e alguns tipos muito belos. Vários soldados limpando e aplanando a estrada. Nenhum oficial no comando. Todos jovens da região dos Andes; Ignacio viu alguns de sua própria terra, Tarapoto. Ele está no Exército há oito meses, tendo saído de Tarapoto em agosto. Agora ele tem dezenove anos e meio; então, deve ter entrado no Exército com mais ou menos dezoito e meio. Ele diz ser de raça espanhola, mas na verdade é quase puro índio e sua língua nativa é quéchua. Que pena que todas essas pessoas queiram se desvencilhar de sua origem indígena e fingir ser parte da raça de seus opressores que, de acordo com Reigada, não deixaram nada no Peru senão seus vícios.

Alguns desses jovens soldados são sujeitos muito bonitos – robustos, com boa constituição física, rostos bem joviais e dentes muito brancos – e sempre sorrindo. Muito diferentes dos tipos do Brasil, onde todos ficam tão pouco à vontade que nem ousam sorrir.

Fui com Ignacio à estação do telégrafo perto da barragem de Itaya e tirei uma fotografia dele e dos soldados cholos trabalhando.

Passagens para o Pará

Esta tarde peguei minhas passagens para o Pará. [...] Estou convencido de que a única chance de melhorar o estado das coisas em Putumayo é fazer com que o governo peruano perceba que, se não fizer isso, nós contaremos a verdade ao mundo. [...]

Terça-Feira, 6 de dezembro de 1910 – Iquitos

Preparando para Partir

De pé cedo, malas prontas para tomar o vapor. Às 9h20min estive com o prefeito para lhe dizer adeus e deixar meu memorando. Cazes me acompanhou. Fui à sua casa e encontrei-o lá com seu irmão e mulher. Disse-me que a comissão teria início no dia 15 ou 20 e que seria formada pelo doutor Valcárcel, um secretário e uma pequena força de doze soldados viajando em uma pequena lancha do governo. Enquanto isso, Dublé, pelo que entendi do que disse,

REFLEXÕES XXXVIII

partiria amanhã no Liberal para demitir os piores chefes da estação, e ele mencionou vários nomes, entre os quais os de Normand, Agüero, Fonseca e Montt. É de fato uma notícia fantástica; a ideia permitirá que os chefes da companhia incriminada partam antes da chegada do juiz, preparem o terreno e, se necessário, aterrorizem os índios e todos os outros. Que bela farsa! Eu não esperava algo assim tão ruim. Evidentemente o prefeito deixou levar-se por Pablo Zumaeta e Dublé, e está praticamente deixando que eles controlem todas as providências da limpeza. Uma vergonha. Bem, isso me livrará de todas as obrigações morais de minha promessa, já que eu disse que, se a comissão cumprisse seu dever, não haveria escândalo, mas me parece que ela não vai nem tentar. Fui direto a bordo e encontrei lá Reigada, Zumaeta, o irmão do prefeito e seu ajudante de campo para me dizerem adeus. Zumaeta falou a Cazes e a mim que está indo para La Chorrera amanhã! A história se complica.

Ele e Dublé juntos serão ótima companhia para passar o Natal. Eles estão indo evidentemente para tentarem antecipar-se à Comissão. Que bando de canalhas, em todos os sentidos; toda uma gangue! A fraqueza do prefeito também é atroz. Cheguei a pensar que ele tivesse realmente percebido a necessidade de uma ação independente – ação independente e firme –, independente do que a companhia pudesse pensar ou desejar. Aqui o vemos permitir que esses dois homens se antecipem à Comissão em duas semanas e praticamente deixem as testemunhas deles prontas. Quem dera Barnes fosse mais forte! Ele é mole como água e não há ninguém em Chorrera com a mínima capacidade de lidar com esses patifes, e Tizón irá juntar-se a seus compatriotas. Começo a pensar que as revelações de Hardenburg não vão corresponder àquelas que eu possa algum dia pedir ou exigir de Barnes, Fox e companhia. A verdade terá de aparecer: o governo peruano é mais culpado que até mesmo os irmãos Arana e a única coisa a fazer é tentar levar o mundo civilizado à ação.

O Athualpa Parte

Depois de muitos apertos de mão e adieux, o Atahualpa deixou Iquitos mais ou menos às onze da manhã. O cais estava cheio de

REFLEXÕES XXXVIII

gente nos degraus, ancoradouro superior e no banco do lado de fora da barreira da alfândega. Esta é a última visão que devo ter da Amazônia peruana – dos índios de Iquitos e de seus simpáticos rostos alegres –, do perfil das casas em frente à vasta, audaciosa extensão do Marañón ao descer de seu trono nos Andes, o mais poderoso rio sobre a Terra a banhar as mais terríveis costas. Quem nos dera se uma boa raça em vez de um povo mau e corrupto tivesse vindo da Europa com a mensagem de mudança para esses povos afáveis há tanto tempo escondidos.

Há vários cholos descendo para Manaus, contratados por vários caucheros para subir o Purus e trabalhar com borracha nos brejos do Acre¹⁵. São todos adolescentes e jovens, alguns índios puros, outros *mestizos*. Falei com vários. Um deles, um sujeito alto medindo cerca de 1,80 metro, diz que se comprometeu com “Don

*15. O estado do Acre havia se tornado o maior produtor de borracha de toda a Amazônia em 1910 e continua até hoje a ter a maior concentração de seringueiros do Brasil. A região era anteriormente parte da Bolívia, mas a migração intensa de nordestinos, despossuídos por anos de seca e fome, começou a povoar a área com dezenas de milhares de brasileiros na última década e meia do século XIX. Tantos se assentaram na região que, quando a Bolívia tentou recuperar a área e controlar a imigração com impostos, a população se rebelou, primeiro em 1899 e depois em 1902. A disputa foi resolvida pelo **Tratado de Petrópolis**, em 17 de novembro de 1903. O número de índios massacrados no processo de colonização não é conhecido, dado que os seringueiros eram iletrados e o processo ficou sem registro. Foi no Acre, na cidade extrativista de Xapuri, que o líder do Sindicato de Xapuri, Chico Mendes, foi morto a tiros por fazendeiros, em 22 de dezembro de 1988.*

Mario” que será seu *patrón* por três anos e que, em todo caso, “ganhará muito dinheiro”.

E assim essa corrida insensata por dinheiro continua e quando eles o ganham não sabem como gastá-lo nem como usá-lo para construir lares felizes ou terem vidas prazerosas. Iquitos é um chiqueiro e ainda assim dá ao governo peruano 300 mil libras por ano em impostos, sendo que nem 2 mil são gastas para atender às

REFLEXÕES XXXVIII

necessidades comunitárias. Um dos meus últimos atos foi fotografar a coisa que chamam de hospital e para a qual o governo de Lima reservou 30 mil libras. Dizem-me que tal soma já foi gasta e não foi feito ali trabalho que corresponda a nem 1 500 libras até agora.

As únicas pessoas por quem lamento em Iquitos e em outros lugares na Amazônia peruana são os índios e aqueles em quem o tipo indígena prevalece. Uma vez que a casta espanhola adquire supremacia, toda a decência desaparece. O índio ainda preserva algo de sua originalidade e moralidade, de sua docilidade de trato e simplicidade de coração. Meu trabalho na Amazônia acabou. Travei uma dura batalha e, tanto quanto é possível para um homem sozinho vencer, posso dizer que venci, mas o que fica para trás ninguém pode ver. De qualquer forma, o grupo de ingleses e o meu próprio levaram alguma luz àqueles ermos obscuros e, conspirem o quanto queiram, cortamos pela raiz esse mal em particular. O problema maior permanece, o futuro dos índios da América do Sul e dos povos nativos em geral.

Para tal é necessário que se desafie a Doutrina Monroe e a exploração dessa fantástica e exclusiva reserva de todo um continente – de dois continentes – pelos menos favorecidos do gênero humano. A Europa, mãe das nações, precisa transbordar como um rio, e aqui está o campo para essa enchente, esperando a corrente que fertilize a vida.

Desço velozmente o rio; portanto, *adieux* à Amazônia peruana. ●

Roger Casement utilizou sua câmera fotográfica para registrar as atrocidades de Putumayo. Quando retornou à Inglaterra entregou cópias de fotografias ao secretário de Assuntos Exteriores, sir Edward Grey. As fotografias aqui apresentadas foram entregues ao Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, em 1912, para solicitar sua intervenção em Putumayo.